

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Tese de Doutorado em História**

***HISTÓRIAS DE ALÉM MAR JÁ ABORRECEM***

**HISTÓRIA E LITERATURA EM CARVALHO GUIMARÃES (1820 – 1846?)**

**VOLUME 2**

**Ana Lize Brancher**

**Orientação: Prof. Dr. José Augusto Avancini**

**Porto Alegre, 2002**

**UFRGS**  
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

**ANA LICE BRANCHER**

***HISTÓRIAS DE ALÉM MAR JÁ ABORRECEM***

**HISTÓRIA E LITERATURA EM CARVALHO GUIMARÃES (1820-1846)**

**VOLUME 2**

**ANEXO II – Transcrição dos romances de Carvalho Guimarães**

**Porto Alegre**

**2002**

## ÍNDICE

ALGUMAS PALAVRAS / 4

**JERONIMO BARBALHO BEZERRA / 5**

CAPÍTULO I / 5

CAPÍTULO II / 9

CAPÍTULO III / 14

CAPÍTULO IV / 19

CAPÍTULO V / 23

CAPÍTULO VI / 30

CAPÍTULO VII / 36

CAPÍTULO VIII / 42

CAPÍTULO IX / 48

CAPÍTULO X / 54

CAPÍTULO XII / 60

**A GUERRA DOS EMBOABAS / 66**

CAPÍTULO I – *O guia narrador* / 66

CAPÍTULO II – *A demora de cinco dias* / 70

CAPÍTULO III – *Continua a narração* / 76

CAPÍTULO IV – *O Rio das Mortes* / 81

CAPÍTULO V – *A cata do morto* / 86

CAPÍTULO VI – *Último assalto – fim do milagroso cerco* / 91

CAPÍTULO VII – *Três dias depois* / 95

CAPÍTULO VIII – *Uma lembrança de Rei* / 99

**A CRUZ DE PEDRA / 107**CAPÍTULO I – *A benção da moribunda* / 107CAPÍTULO II – *Curiosidade satisfeita* / 113CAPÍTULO III – *A família dos dois* / 118

CAPÍTULO IV – [ sem título ] / 125

CAPÍTULO V – *Quem com ferro mata, com ferro morre* / 132

CONCLUSÃO / 138

**OS JESUÍTAS NA AMÉRICA / 139**

## PARTE PRIMEIRA – PROVÍNCIA DE TUCUMAN

CAPÍTULO I – *Três cartas – 1584* / 139CAPÍTULO II – *Uma visita* / 141CAPÍTULO III – *A ceia do Bispo* / 143CAPÍTULO IV – *Sancho de Stalla* / 145CAPÍTULO V – *Projetos* / 147CAPÍTULO VI – *Los Hermanos* / 150CAPÍTULO VII – *Amigos e inimigos* / 153CAPÍTULO VIII – *Cumprimento de palavra* / 156

## PARTE SEGUNDA – PROVÍNCIA DO PERU

CAPÍTULO I – *La ciudad de los Reys – 1585* / 158

## ALGUMAS PALAVRAS

É comum referirmo-nos aos escritores brasileiros de início a meados do século XIX como pertencentes ao romantismo e estes, via de regra, teriam feito meras imitações, com as devidas adaptações locais, do romantismo europeu. Para além dos escritores usualmente citados nessas abordagens, a historiografia e a crítica literária têm resgatado autores nos quais percebemos formas originais de pensar a literatura e o país.

Sem preocupar-nos com o grau de maior ou menor importância de Carvalho Guimarães nas letras nacionais, percebemos em seus romances uma forma outra de entender o Brasil e a literatura. Procuramos trabalhar essa visão ao longo de nossa tese, particularmente no capítulo II.

Como referimos no volume I, os critérios para transcrição encontram-se no Anexo I.

Apresentamos, a seguir, os romances de Carvalho Guimarães, com os votos de uma boa leitura.

A. L. B.

## **JERONIMO BARBALHO BEZERRA**

### **ROMANCE HISTÓRICO**

#### **CAPITULO I**

Quase no fim daquela ladeira do Colégio, que vem acabar no largo da Misericórdia havia em 1633 uma mui formosa casa, distinta entre todas, não só por sua aparência, como por pertencer a uma das primeiras famílias; em uma das salas desta casa, e que ficava ao rés da calçada, entre as 6 e 7 horas da noite de 9 de setembro do ano supra dito, viam-se três mancebos, que por seus trajos mostravam pertencer à classe nobre: bem no meio desta sala; cujas paredes cobriam diversos painéis representando feros guerreiros ascendentes talvez do dono da casa, avultava comprida mesa de grosseiro lavor coberta de iguarias, a roda da qual estavam sentados os três mancebos. Por largo tempo só se ouviu o tinir da baixela, mas logo que de sobre os pratos começaram a desaparecer os cheirosos guisados, ruidosa conversa substituiu o pesado silêncio.

- Sandeu como nunca vi outro!! disse o que estava sentado na cabeceira da mesa, batendo com o pichel vazio; ora vede vós outros se havia mister esse parvo de Lucas da Silva de ir meter-se na boca do lobo?! Tomar mulher aos dezoito anos, e o que mais é tomá-la em camisa!....

- Grossos lhe saíram os dares e tomares que teve com a filha de Pedro de Froes; e aposto 300 dobras valedias, que mala gratia foi ele hoje à Igreja apesar das louçainhas com que o viste, Jorge Ferreira.

- Assim me quer parecer, e não serei eu quem tope contra as trezentas valedias; porem não creias tu, Jeronimo Barbalho, que fosse ele meter-se na boca do lobo, ao viés te contaram o caso: os escarcéus de Pero de Fróes tinham perplexo o governador Rodrigo de Miranda Henriques, mas o grave e reverendo doutor Lourenço de Mendonça, que hoje tomou posse da Prelatura como nós todos sabemos, e cuja língua quer pôr cobro nos desmanchos alheios, sem que seus olhos reparem nos próprios e crescidos, o reverendo doutor disse por Lucas da Silva o que fariseus não disseram por Jesus Cristo; e em sala pública ouvi eu da própria boca do Governador a sentença de condenação do nosso amigo.

- Não sei eu como ele se reteve.

- É porque o tiveram em guarda té hoje que devia celebrar-se o Sacramento.

- Pelo que vejo, foi o nosso bom prelado quem obrigou Lucas da Silva a contrair matrimônio com a manceba Susana de Fróes?

- Nem mais, nem menos; aí está Diogo Lobo que o sabe tão bem como eu.

- É verdade; porém ainda não atendestes a uma coisa, e vem ela a ser que demorassem para noite o ato; medo de nós outros talvez, que dizeis?

- Não; essa demora pediu-a Lucas da Silva envergonhado por certo...

- Olá! Quem bate? interrompeu Jeronimo Barbalho, porque com efeito duas punhadas formidáveis acabavam de soar na porta da rua.

- Nós, por S. Sebastião! disse uma voz forte:

- É dos nossos abra-se a porta.

E um mancebo com os vestidos em desordem, sem chapéu, e com uma espada desembainhada entrou na sala.

- Lucas da Silva! clamaram os três.

- Se vos parece ide dizê-lo aí no meio da rua em voz mais alta para que eles tenham conhecimento do lugar de meu refúgio!

- Pois que, alguém se atreveu a pôr-te mãos?! disse Jeronimo Barbalho adiantando-se.

- Não, como tu pensas; mas como eles queriam bem pouco faltou: dai-me uma vez de vinho, e vos direi tudo isso depois. Ah! que têm pé ligeiro os tais roupetas, e não sei se foi satanás quem pôs asas nos meus, que se algum me põe mão escalado o deixara eu em meio da ladeira, sem lhe valer seu patrono Ignacio.

E segurando um largo pichel de prata, que o vinho transbordava, levava-o à boca a tempo que batiam segunda vez.

- São esses cães que encontraram teu chapéu, e vêm trazer-to, disse rindo-se Diogo Lobo; mas, por minha alma que lhe daremos boas alvíssaras de achado! Fala tu que és de casa continuou, voltando-se para um dos outros.

- Quem sois, e que quereis? disse em tom azedo Jeronimo Barbalho.

- Abri, em nome de *El-Rei!* responderam de fora.

- Olé! Quando foi que o senhor vosso rei Felipe IV vos cometeu tal ordenança? Se chegou frota do Reino, amanhã saberemos notícias; ide-vos a dormir em paz, boa gente.

- Abri vossa porta, se não quereis vê-la saltar lá para dentro!

- Guarde vós! Que só ela vos ampara!! A caminho, perros; e para outra vez lembrai-vos de perguntar primeiro quem mora, antes de baterdes...

E fora por diante com seu falar soberbo e atrevido, se a porta violentamente arrancada nos gonzos não viera cortar-lhe as palavras com o espantoso estrondo que produziu sobre o assoalho. Uma multidão de homens, entre os quais apareciam alguns eclesiásticos penetrou na sala; porém a mesma violência, com que haviam entrado, os fez retrair até à rua: é que lá entre quatro boas e luzentes espadas, que vigorosos punhos sustinham não davam tempo a questões de língua, e um argumento sólido convence prontamente o maior incrédulo. Pela ladeira entre alguns criados, que seguravam tochas acesas, vinha descendo um clérigo já maduro em anos, porém de aspecto varonil; e subia-a açodadamente um padre da Companhia de Jesus, segurando levantada a negra e estreita roupeta para poder galgar mais livre.

- Encontraram-no? disse parando o que descia.

- Aqui bem perto; porém creio que fora o mesmo não o havermos encontrado.

- Como assim?

- Se V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> quer descer mais algumas passadas, verá o porquê; três outros mancebos de famílias poderosas, os maiores libertinos...

- Guia-me, padre; quero vê-lo!

E o acompanhamento chegou à porta, onde se traçavam já planos de escalada.

- Quem será tão insolente, que se oponha às minhas determinações?! disse o clérigo entrando à sala, e olhando com severidade os quatros mancebos; Lucas da Silva, o que fizeste assenta mal em um mancebo de brio!

- E o que vós fazeis, D. Prelado, pior vos assenta! disse Diogo Lobo enterrando duas polegadas pelo chão a ponta da espada; dais-me ares de beleguinação com esta vossa

diligência e aparato: não fora melhor que estivésseis rezando vosso latim por vós e por nós outros, que como podereis ver por estes pichéis vazios não curamos de tal? Se o conheceis mancebo de brio, como lhe fazeis a afronta de o querer casar com uma manceba?!

- E quem a tornou manceba, senhor cavaleiro?! E quem cobriu de infâmia as cãs de um pobre velho, roubando-lhe de suas barbas a inocente filha?! Nós queremos, e o Governador manda; nolens volens casará com ela!

- Então ide a buscá-la, e trazei-a cá; porque Lucas da Silva não vos há de acompanhar! Está em minha casa, em casa de um Bezerra, e só de sua vontade sairá ele; à força vos fico em que não!

O reverendo doutor Lourenço de Mendonça deixou a sala, e os que o acompanhavam foram-se atrás dele pela ladeira acima; o som de suas passadas e vozes foi diminuindo gradualmente, e depois que já se não ouviam;

- Eis aí como se fala com estes senhores coroados no pêlo!! disse Jorge Ferreira largando a espada como fizeram todos os outros; vinho nos picheis, e à última por esta noite, que por minha vida eles tornarão.

- E tu estás com medo? disse Diogo Lobo estendendo o braço para tomar o canjirão, que lhe apresentava Jeronimo Barbalho; de tempos a cá hei notado que és tu o primeiro a abrir caminho quando se trata de perigos, sendo que dantes eras quem com mais bizzarria votava em lances arriscados; ora bebe, e deixa-os, que se vão eles com mais temor, que ousadia: o padre vi eu que em tremuras.

- Talvez de raiva, replicou Jorge Ferreira! Tenho medo sim, tenho-o desses da Companhia hábeis em manhas e artifícios, que muitas vezes valem bem nossas espadas e audácia.

- Pobre mancebo, disse Jeronimo Barbalho em modo escarnecedor; acabe-se o vinho, ou morra eu, se tu não findarás por vestir a roupeta!

- Porém se tens essa tenção, foi-te de má recomendação esta noite, disse Diogo Lobo rindo às gargalhadas; porque enxerguei eu um dos Irmãos que te olhava por cima do ombro com um gesto... Ó Jorge Ferreira, tens tu lá na Companhia algum amigo e conhecido?

- Deus me guarde de tão boa gente! disse o interpelado.

- Então ainda uma vez do sumo das uvas...

- Senhores cavaleiros, interrompeu uma velha saindo lá do interior da casa, peões armados sobem pela outra ladeira apressados; Paulo os viu, que a descobrir novidades o mandara eu.

- Pois deixa-os subir, e se lhes aprouver que desçam por esta.

- Mas isso é uma loucura, Jeronimo! Para quê travarmos contendias com mais famílias, do que as com quem as temos? Cada um desses homens tem amigos, e será em pouco toda a cidade contra nós, que bem poucos somos!

- Jorge Ferreira tem razão, disse Diogo Lobo em ar de zombaria; todos esses peões têm filhas, e algumas bem bonitas; ora para quê havemos de pôr um namorado no aperto de cortar as orelhas ao aborrecido pai de sua beleza? Vamos, fora tudo! Não me cabia hoje a honra de dar-vos gasalhado; porém como nós em comum podemos esvaziar ainda alguns canjirões, seria a maior das loucuras se o não fizéramos por causa de meia dúzia de vilões ruins; fora, fora tudo.

E saíram; não pela ladeira, mas por dentro de casa para o lado da rua da Misericórdia; foram caminhando ao longo desta até a segunda travessa que encontraram à direita e por esta desceram, sumindo-se no escuro e comprido corredor de uma das casas,

que formava o canto, olhando também para a praia. Agora os deixaremos entre o vinho à sua vontade, por acompanharmos o reverendo Lourenço de Mendonça, que em verdade bem tarde nos lembra tal coisa.

Deixara ele a casa de Jeronimo Barbalho com mais indignação, que temor; também não era estúpida e cega raiva de ver-se desacatado quem lhe acelerava as passadas, mas sim o nobre empenho de atalhar tantos males como os que afligiam a capitania; era mister opor uma barreira forte a torrente de escândalos, com que a desenfreada mocidade abalava a nascente cidade; entre todos, distinguiam-se no requinte das maldades, e no descaramento com que as praticavam aqueles que por sua nobreza, ou sua fortuna contavam com a impunidade; começar por estes era melhor e mais seguro caminho, porém mais perigoso e até quase impossível. Todavia como as grandes empresas são para grandes homens, o virtuoso e sabedor Prelado sem esmorecer à vista das dificuldades meteu mãos à grande obra começando por Lucas da Silva, um dos mais ricos, orgulhosos e devassos mancebos dessa época; seus pais sem pertencer à nobreza, mas acatados por sua opulência, haviam negligenciado a educação do filho deixando-o a si mesmo entre os mancebos nobres de sua idade, que soberbos, ignorantes e libertinos depravaram o coração do jovem Lucas da Silva. Inferior a todos aqueles que já haviam assinado seu nome com uma e muitas maldades, último entre seus companheiros, que o não esqueciam peão, via-se o mancebo corrido e apupado porque tremia na presença de uma mulher, porque enrubescia ao som de sua voz; no furor das orgias inflamados pelo vinho, tais motes lhe davam os outros, que mais de uma vez saíra ele com a raiva no coração jurando que na volta traria larga soma de escandalosos fatos com que gloriar-se; e um dia o demônio lhe guiou os passos, e a desgraça trouxe para a rótula de uma pequena casa a mais bonita de todas as moças da cidade. Travaram-se de amores, que não relatarei a Vs. Ms. porque sou fraco em tais matérias, e só expressamos bem o que já sentimos; travaram-se, e em pouco a moça Susana deixou o fuso e a roca, o pai e os deveres domésticos, até um cãozinho predileto, deixou tudo pela rótula, melhor digo pela rua, onde a certas e determinadas horas passava o namorado Lucas da Silva. Muitas e repetidas vezes esquecera este que seus companheiros o esperavam, e isto só por ouvir as doces palavras de sua amada, ou para procurar alguma mimosa flor de seu agrado, ou dices, que lhe ofertava; e tantas foram as vezes, que desconfiados, uns com más tenções, outros por simples curiosidade andaram-lhe nos passos, e vieram a descobrir o que ele não quisera que ninguém soubesse. Correu logo pelas orelhas de todos a causa de seu desaparecimento, e de tão danadas bocas correu pela cidade a comentada nova dos amores de Lucas da Silva, e com ela a infâmia da pobre Susana de Froes, que teve de sofrer os mais duros e terríveis tratamentos do seu pai; - louco e ineficaz modo de chamar à razão uma moça desvairada; pronto e infalível meio de atirá-la na desgraça! De um lado via a desventurada moça o juiz, que a condenava sem ouvi-la; o homem, que deixava de ser pai para ser carrasco: o mundo que infamava nela, o que desculpava em outras, que por mais astuciosas e precatadas sabiam dar cor de virtude a grande crime; via tudo quanto há de mais negro e terrível: do outro, os extremos de um homem, que amava; as grandezas, que lhe ofereciam; a ventura, que ela se fazia ver em tudo isso: e sem ter uma mãe, que a guiasse, ah! quanto, quanto vale uma mãe!... Sem a ter, a pobre moça fechou os olhos, e atirou-se no abismo.

Feliz com a posse daquela que adorava, festejado por seus companheiros de libertinagem, que engrandeciam seu primeiro desvio, e que por este caminho levavam-no a segundo, Lucas da Silva cerrara os ouvidos às admoestações de seus pais e de seus verdadeiros amigos, tendo e mantendo a manceba, sem dar-lhe das lágrimas do arrependido

Pero de Froes, que tarde enxergara o torto caminho por que fora em sua ira contra a pobre, e ainda inocente filha. Nesta conjuntura chegou do Reino o reverendo doutor Lourenço de Mendonça Presbítero do Hábito de S. Pedro, que vinha nomeado por Felippe IV de Espanha, Rei intruso de Portugal, como Prelado de S. Sebastião do Rio de Janeiro; não foi ele o primeiro, nem o único que veio encontrar o rebanho desgarrado, as imoralidades e desenvolturas vinham de muito longe, continuaram em seu tempo, e ainda depois; porém sua ardente caridade não lhe sofreu ver tantos desmanchos, e seu zelo deslembrou-lhes a sorte de seus antecessores, cerrando-lhes os olhos ao perigo e dificuldade da árdua tarefa: meteu mãos a ela, como já o disse a Vs. Ms., e por Lucas da Silva, não que ele fosse o mais perverso, mas porque era o autor da mais próxima perversidade, daquela de que todos falavam. Coadjuvado pelo Governador Rodrigo de Miranda Henriques, requereu o raptor de Susana de Froes para que reparasse o mal que havia feito; porém o mancebo, ou enfadado já da desgraçada vítima, ou instigado por seus devassos amigos opôs uma resistência tenaz às rogativas da moça, não quis atender ao que seus pais lhe ponderaram, e desacatou publicamente o Prelado; foi mister recorrer à força, e retido em uma prisão, só dela saiu para a igreja; chegando-lhe à porta, que há muito tempo não cruzava, como um endemoninhado, que assim o creram muitos, arremeteu com os que o cercavam, e espada em punho abriu caminho por meio deles. Os padres não quiseram tocar-lhe porque o julgaram presa de algum espírito mau, e não estejam Vs. Ms. fungando, que a razão é muito plausível; os padrinhos não estavam com disposição de amarrotar seus vestidos de festa; os outros convidados tiveram em conta os fios da espada, de sorte que Lucas da Silva aproveitando-se do medo de uns, e da condescendência medrosa dos outros foi andando é verdade que um pouco apressado, e de forma que em caminho deixou o chapéu, que denunciou seu coito. Tornados a si os assistentes, e vendo-se cada um deles com a cara tão larga como o arco cruzeiro da igreja, quiseram lavar a primeira nódoa de fracos, e deram a correr atrás do mancebo, seguindo-o de longe, e vagarosamente o Prelado; até que vieram a encontrá-lo, como já fica dito, e que foi o mesmo que o não tivessem encontrado, conforme ponderou o assisado jesuíta, sem valer ao ancião a autoridade do cargo para arrancá-lo das mãos dos companheiros. Deixara o reverendo Lourenço de Mendonça a casa de Jeronimo Barbalho, e subindo a ladeira, mandou por um dos seus domésticos avisar o Governador do que acontecera, pedindo-lhe que ajudasse com alguns homens de armas, que de sua parte viessem prender os criminosos; e em breve espaço bom número de arcabuzeiros cercava a casa; como não era preciso vaivém para lançar dentro a já arrombada porta, leve impulso a desconjuntou segunda vez, e entrando à casa, correram-na de cima abaixo sem que encontrassem o que pretendiam: tornados à rua, tiveram ordem de caminhar para a Várzea, onde moravam os pais de Lucas da Silva: porém um dos peões lembrou que seria acertado mandar alguns soldados a pôr cerco na casa da manceba, que talvez para lá tivesse ele isso.

Partiram, e não os seguirei eu, porque sei que vão mal em sua diligência; se a Vs. Ms. apraz, ficaremos por aqui perto, esperando ocasião de saber o que vai lá dentro dessa casa, onde de espaço a espaço uma gargalhada estrondosa anuncia a continuação da orgia.

## CAPITULO II

Meia noite havia dado há muito, quando uma sombra rápida como o pensamento, tendo-se mostrado no canto da rua veio parar em frente da porta; abaixou-se, como quem

procurava alguma coisa no chão, e depois duas pancada foram lá por dentro estrugindo, e abriu-se uma janela:

- Quem é que a tais desoras vem incomodar-me?!
- Jorge Ferreira Bulhão está aqui? perguntou uma voz argentina.
- E quem sois vós, que o procurais?
- Clara de Esteves, tornou a mesma voz, depois de breve hesitação.

A janela fechou-se; correram-se os ferrolhos da porta, e um índio segurando uma bugia encaminhou a recém chegada a uma grande sala, onde o mais vergonhoso espetáculo se oferecia aos olhos: Hogarth, Hogarth! Falta-me o teu admirável pincel para descrevê-lo: seria atrevimento imperdoável, se minhas mãos tentassem depois de ti pintar o homem no mais abjeto estado a que pode conduzi-lo a intemperança! Não, minhas mãos não farão a caricatura de teus quadros, e já que me falecem forças para pintar o meu, fique-se em sombras na imaginação de Vs. Ms.

Clara de Esteves caminhou com visível repugnância até o meio da sala, procurando com tristes olhos entre os quatro mancebos sujos de vinho e descompostos aquele que ali a trouxera:

- Jorge! disse ela, vendo que nenhum levantava a pesada cabeça.

- Que voz é esta? disse Jeronimo Barbalho, esfregando os olhos empanados, e fazendo esforços para levantar-se; que voz tão suave, que parece uma música do céu! Ó maldito Diogo Lobo, tu me atraíste com teus canjirões descompassados!

- Jorge!! bradou segunda vez a moça agarrando por um braço o mancebo que despertara com o falar do outro; foge daqui, vem comigo; Jorge Ferreira levantou a cabeça, e ficou bom pedaço olhando o alterado semblante da moça, como que juntando as confusas idéias, e depois estendendo-lhe os braços:

- És tu, Clara! Porém, onde estou eu?! disse, olhando admirado à roda de si.

- Em meio de um grande perigo, meu querido, sobre um vulcão quase a arrebentar! Foge daqui, Jorge Ferreira; em pouco esta casa ficará cheia de soldados, que o Governador em pessoa vem prender-te, prender-vos todos, ah! Vem comigo, Jorge, vem comigo!?

- Quem fala aí em soldados!? disse com voz trêmula Lucas da Silva; que é da minha espada! Cortarei as orelhas do... E caiu sobre a mesa oprimido pelo vinho, como Jorge Ferreira, tinha feito, sem poder um e outro dar um passo.

Clara, vendo que o mancebo não se levantava para segui-la, agarrou-o por um braço, e conseguiu levantá-lo:

- Jorge, meu querido Jorge, o tempo corre, e os soldados não tardam! Vamos, encosta-te sobre o meu ombro, que te ajudarei, vamos!

E foi conduzindo-o devagar para a porta da sala; porém antes de chegar a ela cem archotes iluminaram a rua, e ouviu-se o pisar compassado dos soldados .

- Tudo está perdido! disse Clara de Esteves com desalento, porque Jorge Ferreira faltando-lhe o amparo da moça, que involuntário terror afastara dele, caiu redondo no assoalho; porém sem demorar-se um instante corre a trancar portas e janelas, armada de forças sobrenaturais, arrasta para um próximo gabinete o sonolento mancebo, e à primeira pancada que soou na porta da rua, saiu ela para a sala vestida com as roupas de Jorge, e encontrando um chapéu enterrou-o nos olhos, e foi tomar o lugar que o mancebo havia ocupado; porém ao assentar-se deu com os pés na espada de um deles, e baixando-se tomou-a bem como os outros três: acabava de o fazer quando o ruído das passadas se fez sentir numa sala próxima.

- Não é mister que entreis todos, disse ela contrafazendo o som da voz; basta que o Governador entre, que não pretendemos resistir às suas determinações.

E tendo ele entrado:

- Se quereis prender-nos, senhor, aqui estamos, aqui estão nossas espadas; porém fazei que se vão vossos soldados, ficando apenas alguns para conduzir-nos à prisão sem este aparato, que porá em alarme todas as ruas por onde passarmos.

- Foi preciso que o vinho vos pusesse mansos!? disse o Governador com severidade; há quanto tempo fecho eu os olhos sobre vossos desvarios?!

- Senhor, nós estamos presos; atalhou a moça que via com desassossego começar uma repreensão justamente merecida.

- Sim, estais presos, e eu serei tão rigoroso convosco agora, quanto tenho sido indulgente: olá, Alvaro de Esteves...

- Senhor, por quem sois, não façais vir esse homem para prender-nos!! É meu inimigo, e não me entregarei à prisão em suas mãos!

- Eu sou quem mando, disse o Governador atirando com as espadas ao meio da outra sala: Alvaro de Esteves, seis homens de armas, e tu para conduzirdes estes senhores a melhor pousada!

- Meu Deus, salvai-me!! disse baixinho a moça, levantando para o céu as mãos.

No mesmo instante entrou na sala um homem agigantado, cujo rosto coberto por espessas barbas e bigodes tinha tão fera aparência, que faria gelar de susto qualquer dos nossos meninos de hoje apologistas dos barbudos e *bigodeados* donzéis; era tal gigante um desses homens como hoje não se encontram, um desses que seguravam montantes e vestiam saios de malha, homens de ferro como as armas que os cobriam, Alvaro de Esteves, que assim se chamava, o qual segurando por um braço Jeronimo Barbalho, levantou-o de sobre a mesa, e falando para os companheiros:

- Vós outros, Paulo e George Bayão segurai aquele que ali está inda atracado ao pichel; vós, irmãos Frisões, aquele outro, e vós, meus filhos, tereis conta neste: para mim quero o que está vivo, quero aquele vergonhoso, com o seu chapéu enterrado até os dentes. Ah! Senhores fidalgos, que bem pouca vergonha tendes quando se trata de furtar, ou seduzir uma pobre rapariga!

- Que diabo queres tu?! disse Lucas da Silva dando um encontrão no soldado que o segurava.

- Levar-vos a descansar em boa cama, senhor cavaleiro, respondeu Alvaro de Esteves, que as tem preparadas o compadre Gonçalo Tachóx vosso hóspede, que será; vamos rapazes!

E saíram, sendo a última Clara Esteves, que como Vs. Ms. hão de ter reparado parece ter parentesco com o comandante da escolta? Eu creio que sim; porém não é tempo de investigar isso agora, mais adiante o saberemos.

Foram caminhando vagarosamente, porque os três mancebos não davam lugar a mais, e já tinham percorrido a travessa e rua, quando ao chegar ao largo da Misericórdia um alabardeiro do Governador se chegou a eles, entregando a Alvaro de Esteves um papel lacrado.

- Valha-me S. Braz! Como é que hei de ler essas palavras com este escuro? Adiante, na prisão o faremos.

- E se for uma ordem de soltura, para que chegar lá? disse Clara de Esteves com a esperança no coração.

- Ordem de soltura?! Estais a gracejar, senhor Cavaleiro; o Governador não desfaz com os pés o que fez com as mãos; demais eu não tenho vista de gato.

- Porém vosso compadre Braz Fialho mora ali...

- Olé! Como conheceis vós os meus? E o mais é que jurara eu pela salvação de minha alma, que não é esta a primeira vez que vos ouço falar; desenterrai esse maldito chapéu...

- Lede a ordem! disse Clara afastando-se, porque Alvaro de Esteves acompanhara as palavras com certo movimento que quase a descobriu.

- Ora vá! Acordemos o compadre, para fazer a vontade ao senhor cavalheiro; porém se a ordem for contra vós?

- Haveis de cumpri-la, qualquer que ela seja.

E dando mais alguns passos pararam junto de uma pequena casa.

- Quem bate lá de fora? perguntou rouca voz de mulher.

- Eu, Alvaro, senhora Brigida dos Santos; abri, e tende paciência, que poucos instantes vos furtarei de sono.

Abriu-se a porta, e um como fantasma embrulhado em roto lençol de estopa com um barrete de dormir que talvez por ser de noite não parecia branco, apresentou-se a receber as visitas:

- Roldais por aqui esta noite, senhor compadre?!

- Não: vou levar à boa cama estes amigos: porém recebi este papel em caminho, e quisera saber o que ele me diz; ó senhora comadre, chegai para cá essa bugia.

E leu:

- “ Mando-vos, que deixeis ir livremente os reteídos Jeronimo Barbalho Bezerra, Jorge Ferreira Bulhão e Diogo Lobo; tendo em boa guarda o que é nome Lucas da Silva...

- Lucas da Silva! repetiram a uma voz os dois velhos compadres de Alvaro de Esteves.

- Vós o conheceis? perguntou este.

- Se o conhecemos!? É o Criado da nossa filha Eufemia; pobre moça! E que fez ele, senhor Alvaro, para que seja reteído em boa guarda pelo Governador?

- Eu não sei; mas estou bem contente por o conhecerdes, que por vida minha, nenhum quererá ser Lucas da Silva; vinde cá fora mostrar-mo. E saiu.

- Ó Braz, salvemos pobre moço?! disse a velha, puxando pelo lençol em que estava embrulhado o marido, e que quase, quase fica como um S. Sebastião sem flechas.

- Mulher, isso não é possível! Seria preciso enganar o compadre...

- Pois fica-te aí, e deixa correr isso por minha conta...

E saiu atrás de Alvaro de Esteves.

- Ora olhai a cara deste, senhora Brígida; será o tal?

- Eu... Parece-me que não... Ah! não é este, senhor compadre; vede que sou eu quem o digo, não é meu marido!

- E este, será?

- Não, este não; por Santo Antonio vô-lo asseguro.

- Ora vede este, deve de ser por certo?!

- Não, não! Este não é Lucas da Silva, o filho de Matias da Silva, o Criado de minha filha!

- Então, já eu sei qual ele é.

- Que dizeis, senhor Alvaro!? exclamou a velha aterrada, julgando que tinha sido descoberta a fraudulenta mentira.

- Digo-vos que o conheço agora; é aquele magano, que ali está com o chapéu enterrado até os queixos: bem me queria parecer que tanta vergonha era fingida e que se escondia para o deixarem mais à larga, e poder escapar-se: segurai-o bem rapazes!

- Porém, eu não digo que seja ele replicou a velha tremendo; e pode ser que vos enganeis...

- Diabo! Eles são quatro; entre eles está Lucas da Silva, que vós conheceis muito bem como acabais de dizer; daqueles três não é nenhum; quem pode ser, senão este?! Porém vamos sempre ver-lhe cara...

- Não vos chegueis para cá! disse Clara arrebatando a espada de um dos soldados; eu mostrarei meu rosto, porém ali dentro, e só a vós, senhora Brigida, ou a vosso marido.

- O que ele pede é justo, senhor compadre; deixai-o entrar, que nós vos responderemos por ele.

- Pois que entre; desconheço-me hoje com tantas indulgências.

E a moça entrou; o que lá passaram não sei, porém Braz Fialho chegou à porta e disse para o compadre, que altercava com um dos presos:

- Senhor Alvaro um desses três mancebos é Lucas da Silva; eu vou mostrar-vo-lo.

- Não é preciso meu compadre, aqui o tenho, que disse por sua boca o que eu pretendia saber: o relento pôs-lhe fim à borracheira, já temos homem conosco, ficai-vos com Deus, que me vou eu a levá-lo.

E partiram; Alvaro Esteves continuava pela rua adiante, levando em meio de dois soldados Lucas da Silva, os outros retrocederam, carregando às costas Diogo Lobo e Jeronimo Barbalho, depois de lhes haverem despejado as algibeiras para não irem tão carregados. A porta da casa de Braz Fialho, que se havia fechado logo que Alvaro partira, abriu-se novamente, e a tia Brigida dos Santos lançou o delgado pescoço cá para fora observando se ficara alguém por perto.

- Nada vejo, Clara, disse ela voltando-se para dentro; podes sair, e que o Senhor te guarde até que chegues a casa, e sempre! Porém espera; Braz, por que não vais tu acompanhá-la?

- Não, eu irei só; disse Clara de Esteves saindo.

- Vê as conseqüências de uma mentira no que tu ias fazendo! disse Braz Fialho para sua mulher logo que esta fechou a porta; mentindo, não salvavas o mancebo, porque amanhã se conheceria o erro, e ele seria novamente preso, e perdias sem remédio essa pobre moça; que se meu compadre sabe que sua filha anda por estas horas da noite fora de casa mata-a certamente, eu o conheço bem. Tresloucada, rapariga! Deixar-se perder de amores por um mancebo que não casará com ela, e que há de fazer sua desgraça mais tarde, ou mais cedo...

- Que dizes tu!? Pois não é ela bem bonita?

- Ai, é um dote bem pequeno para soberbo fidalgo, e bem funesto para ela!

- Ora deixa-te de profecias, que bem poucas mulheres há tão loucas, que como eu se queiram casar com ninguens.

- Ah! Eu sou de teu parecer, e ainda vou mais longe; porém a desgraça é não haver muitos alguens, que se casem com mulheres do povo só por seus olhos bonitos; Brigida, eu sempre ouvi dizer: - Lé com lé, e cré com cré! Vamos a dormir, que é melhor.

- Vai tu, que eu não tenho sono.

- E se vou; fica-te aí lamentando a sorte das mulheres loucas, que se casam com peões como eu.

Clara de Esteves, que numa só noite vira tantas vezes o abismo prestes a devorá-la, chegou a casa sem fôlego; e como não bastassem tantos avisos e mortificações, ainda a esperavam aí novos perigos: seus dois irmãos, que haviam conduzido Jeronimo Barbalho, chegaram primeiro, e altercaram à porta. A moça retrocedeu sem parar, e foi por longe buscar o muro de um pequeno jardim, que partia com a horta de sua casa, que galgou com extrema dificuldade: alguns minutos depois, veio abrir a porta a seus irmãos, que sem reparar na vermelhidão de suas faces, e arfar do peito, foram deitar-se depois de lhe haverem dirigido virulenta apóstrofe porque os fizera esperar tanto tempo. Clara sentou-se; seus olhos procuraram diversão às repreensões que a consciência lhe murmurava, e foram encontrar um painel de Santa Margarida de Cortôna, donde ela os desviou logo, dizendo tristemente:

- Criminosa, como tu foste, sou eu! Porém quando chegará para mim a hora do arrependimento?!...

Mas por debaixo do painel, e em cima de uma mesa encontram eles aberto um Amadiz de Gaula, livro em que ela estava lendo, quando vieram chamar seu pai da parte do Governador para ir prender os quattros mancebos; sua mão foi vagarosa até ele, e trouxe-o aos lábios:

- Oh! Tu me deste coragem para salvá-lo! disse ela apertando o livro contra o peito.

Vejam Vs. Ms. como um livro pode tanto! E aqueles que tiverem em sua guarda moças bonitas, porque as feias guardam-se a si mesmas, aqueles que as tiverem bonitas, tenham conta em arredar-lhes das mãos, não aquele, porque é inocente (e ainda assim fez mal!), porém outros, que por aí há modernos, os quais não só dão coragem para cometer loucuras, e praticar crimes, mas até o ensinam detalhadamente.

### CAPITULO III

Na manhã do seguinte dia não se falava em outra coisa, que senão nos acontecimentos da véspera à noite, relatando-os cada qual a seu jeito, adulterando-os uns por conveniência, outros por costume; entre os cronistas de mais fé contava-se a tia Brigida dos Santos, que levava toda a noite a concertar seu romance, apresentando-o logo bem cedinho a sua vizinha Engracia, quando esta, como saía todos os dias, viera à sua porta para pedir fogo: só havia sido respeitado um nome, o de Clara de Esteves, porém seus destinos relataram-se porque eram mui curiosos para que se lhes perdoasse, mas esta circunstância necessária, foi de terríveis conseqüências porque abriu largo campo à maledicência. Descaía o sol por detrás das montanhas, que ao poente fecham o formoso vale, por onde em todas as direções se estende hoje esta Cidade, quando três cavaleiros pararam no alto do monte do Desterro, pouco mais ou menos ali pelo lugar, onde vemos hoje o Convento das freiras de Santa Teresa, e o que ia na dianteira porque o caminho não dava para que fossem dois emparelhados, voltando o rosto sobre o ombro esquerdo ficou imóvel um instante, e depois exclamou, estendendo o braço:

- Lá o vejo, senhores, a tremular com a viração da tarde! Diogo Lobo tiveste uma feliz lembrança!

E os dois companheiros voltaram-se para o mesmo lado.

- Sim, sim! disseram ambos; um galhardete vermelho caído pela muralha, e tão comprido que quando o vento o deixa quase vem beijar as ondas. Mas, continuou o que primeiro falara, se daqui até as onze da noite o tiverem removido para a Cidadela?

- Nesse caso não servirá o galhardete porque o não enxergaremos com o escuro da noite; porém teremos na praia de Santa Luzia, três fogueiras, que nos verificarão esse teu pensamento; duas, se o Governador o tiver mandado para onde primeiro esteve, e uma, se o lugar para onde o levarem for tão oculto, que o não possam descobrir seis penetrantes olhos, que vigiam os passos de Rodrigo de Miranda, e de Lourenço de Mendonça.

- Bravo! exclamaram os outros dois; e continuaram a andar.

Depois de haverem caminhado bom espaço, encontraram-se com alguns homens de pé, que pareciam aguardá-los; e deixando a vereda da chapada começaram a descer o monte pelo lado do sul, caminhando adiante deles os peões que com foices cortavam aqui e ali algum ramo, que embaraçava a estreita, tortuosa e íngreme picada: quando chegaram à fralda do monte, já a lua se havia levantado no céu e sua luz pálida atravessando por entre os ramos das árvores vinha quebrar-se sobre as armaduras polidas dos cavaleiros, que caminhavam vagarosos, levando os peões os cavalos à brida para que não se desviassem do carreiro perigoso e único caminho entre o tremedal, que foi esse Campo do Machado e Laranjeiras. Depois que chegaram à Praia do Sapateiro que nós hoje chamamos de Flamengo, homens de pé e cavaleiros apertaram o passo, e em pouco alcançaram o extremo, onde sobre as pedras ardia uma vastíssima fogueira; um assobio perlongado fez sair dos matos, que cobriam o monte da Glória, vinte homens, metade dos quais estavam armados de espadas e rodelas, os outros traziam remos.

- Que tendes para contar-nos? disse um dos cavaleiros para os homens de armas.

- Nada, senhor cavaleiro, respondeu um dentre eles.

- E a praia?

- Até agora, que são nove da noite, tem-se conservado cega; ninguém olha de lá para nós.

- Então canoas ao mar, e Deus conosco; mãos à obra rapazes.

Os cavaleiros apearem-se, e os peões puseram a nado três compridas canoas, onde se embarcaram todos ficando apenas dois dos que haviam acompanhado os cavaleiros segurando os três cavalos, e um mais que já aí estava arreado e pronto.

Tendo as canoas largado a praia, fizeram-se ao largo por um pouco; porém como se uma resolução súbita tivesse mudado o pensamento daqueles que as guiavam voltaram-se rapidamente todas três para a esquerda e dando a popa à barra partiram como flechas em direitura ao Forte de São Tiago, a cujas muralhas em breve se atracou uma com temeroso recato ficando as outras duas largas, mas em pequena distância do Forte.

Ainda um dos remadores da proa buscava com as mãos na muralha uma fenda em que pudesse encastalhar o gancho de um cabo para amarrar a canoa, quando do alto se desenrolou uma escada de corda, cuja extremidade veio cair o mar junto dele, e a pouco espaço um homem desceu por ela:

- Cia! disse em voz baixa um dos cavaleiros, que vinha dentro da canoa, a qual perlongando-se com a muralha recebeu dentro o que descia, e que não era outro que senão Lucas da Silva.

Fizeram-se ao largo outra vez; e depois emproando com a terra desembarcaram no mesmo lugar, onde haviam ficado os cavalos, e pelo mesmo caminho voltaram ao monte do Desterro, que desceram, e em vez de tomar o caminho da Cidade, endireitaram por uma senda que havia na raiz do monte, e que se chamou Mata-Cavalos por ser de difícil trânsito.

Caminhavam apressados quanto era possível, porque o que deixavam feito devia ter feias conseqüências, e o dia aproximando-se faria com que os reconhecessem, apesar de que dentro de tão cerrados matos mais depressa se encontrariam animais ferozes, que criaturas humanas; caminharam, e com a primeira luz do dia chegaram a uma soberba lagoa, que deixaram à direita subindo pela encosta de um monte, torneando-o sempre em ziguezague já com o sol fora; pela volta do meio dia fizeram alta em uma clareira, e depois de breve refeição tornaram a caminho: era noite fechada, quando pela segunda vez pararam, tendo caminhado mais de seis léguas em todo o dia para chegar à fralda do Andarahy-Grande. Aqui os deixarei, para voltar com Vs. Ms. à Cidade, onde a fugida de Lucas da Silva, pressentida logo de manhã cedo, havia inflamado todos os espíritos. Muitas casas foram cercadas, dando-se-lhe rigorosa busca; o Governador e Lourenço de Mendonça fizeram miúdas indagações; porém como o murmúrio popular nascia de afetos diferentes, a diligência das autoridades calou uns, e satisfez a outros, de sorte que dentro de um mês todos se haviam esquecido das cenas da noite de 19 de Setembro, da fugida de Lucas da Silva, e do desaparecimento dos outros três mancebos, que não deixavam saudades a pais e maridos: só uma pessoa não pudera varrer da memória a lembrança de um deles, Clara de Esteves, pobre moça!! Com desassossego vira ela seu pai sair uma e muitas vezes nas diligências que o Governador mandara fazer, e terríveis horas de angústia passou até que ele chegasse, trazendo-lhe notícia alegre e consoladora; este estado de contínuo receio era uma diversão para sua alma cheia de amor; porém depois que decorreram alguns meses, e que ela viu seu amante fora de perigo, a saudade veio assaltá-la, a saudade espinho do coração, que seca a existência. Assim como no princípio desejara ardentemente que fosse tão oculto o esconderijo dos cavaleiros, que ninguém desse com ele, assim se desesperava agora por descobri-lo, interrogando todo mundo em sua desesperação e inadvertência:

- Não se me dava de apostar, disse um dia seu pai, a tempo que ela pedia aos irmãos novas dos cavaleiros, não se me dava de apostar que Susana de Froes sabe onde eles se alparam!!

Clara fez que não tinha ouvido a exclamação de seu pai, e logo que pode correu à casa da manceba de Lucas da Silva.

- Inda há neste mundo um ente, que me procure?! Um ente que não se envergonhe de ouvir minhas falas, de olhar para meu rosto?! disse a desgraçada Susana, levantado meio corpo de sobre a miserável cama, onde a retinha uma febre lenta, que a minava.

Clara tapou com ambas as mãos o rosto; tapou-o, porque lhe vieram ao pensamento mil coisas, tais como a infâmia que morava dentro dessas paredes, e que parecia enterrar-lhe suas compridas e recurvadas garras; os desvarios, e agora a miséria dessa vítima da desgraça, e até os seus próprios.

- Quem és tu e que me queres? continuou Susana de Froes.

- Consolar-te, já que ninguém se chega para ti: acompanhar-te em tuas lágrimas, porque sou tão desgraçada como tu mesma!

Susana abanou com a cabeça, apontando para um banco meio quebrado:

- Sentai-vos, e dizei-me como é que a compaixão, que por mim mostrais ter, penetrou em vossa alma; porém não gasteis palavras em consolar-me, porque há chagas, onde o remédio não aproveita.

Clara de Esteves sentou-se, e contou-lhe como amava Jorge Ferreira; pintou seu desespero com exaltação, e acabou rogando-lhe que se sabia onde se ocultavam os cavaleiros lho descobrisse.

- Desgraçada! Como é que tendo em mim tão terrível exemplo não abres os olhos ao perigo, não enxergas que igual sorte te aguarda?! Eu não sei onde essas feras se acoitam, porém se o soubera, não seria a ti, inexperta moça, que eu o diria; seria ao Governador...

- Que! Pois entregarias Lucas da Silva ao carcereiro?!

- Ao carrasco o entregaria eu!

- Porque nunca o amaste, disse Clara de Estevaes levantando-se para sair.

- Nunca o amei!? O que tu não sabes como fere no íntimo da alma o desprezo de um homem, que amamos, e que nos abandona! Ouve-me, não te vás, sem que eu tenha arrancado de tua alma essa paixão, que te fará desgraçada toda a vida! Não corras à tua perdição, ouve-me!

Porém Clara já tinha saído, e não lhe ouvia as palavras. Susana ficou muito tempo imóvel com os olhos pregados na porta, como que esperando que ela voltasse; depois deixou cair a cabeça para o peito.

- Assim fui eu, disse por fim despreendendo um profundo gemido; assim fui insensata e amante: porém esta não chorará, como eu choro hoje! Não que a salvarei, apesar seu das unhas desses monstros. A morte, que tantas vezes tenho chamado, não me tocará antes de salvá-la.

E atirou-se fora da cama, revestida de forças sobrenaturais; vestiu seus andrajos apressada, e saiu sem saber para onde fosse, porque essa, que queria salvar, encobriria-lhe o nome, e tampouco lhe dissera onde morava. Cansada de correr ao acaso, sentou-se na soleira de uma casa, e ou porque o exercício violento que havia feito agravasse a enfermidade que a matava, ou porque sendo o entusiasmo que lhe dava forças, e destruindo-o a inutilidade de sua busca prevalecesse o corpo molesto sobre a alma enfraquecida, como quer que fosse, Susana ia perder os sentidos, quando um braço vigoroso a susteve:

- Estás doente, pobre mulher? disse o que a segurava; é talvez fraqueza, porque estás tão magra... Ó Clara, dá-me um copinho de vinho para esta pobre! Entrai cá para dentro; não se diga que Alvaro de Estevaes deixa morrer na soleira de sua porta os desgraçados, e que seu coração condiz com a ferocidade do semblante. Porém Susana recusou a segunda oferta, embrulhando a cabeça no esfarrapado manto para não ser reconhecida por Clara de Estevaes, que lhe apresentava o copo com vinho, que aceitou, e bebeu; o licor e a alegria de haver encontrado o que procurava deram-lhe novamente forças, e partiu, apesar das rogativas de Alvaro e de sua filha, que a queriam reter por mais alguns instantes: sua miserável casa tomou um novo aspecto, foi varrida e arejada, os móveis apesar de quebrados foram postos em ordem, e ela procurou em que ocupar-se para ganhar o pão de cada dia, que as idéias de infâmia e de morte haviam sido substituídas por outras mais nobres; ela queria viver para salvar essa pobre moça, e o Senhor as tinha feito encontrarem-se para que mutuamente se socorressem. Passaram-se muitos dias e meses: Susana que havia recuperado completamente a saúde do corpo, e à força de trabalho afastado a miséria, mudara-se para uma pequenina casa fronteira a de Clara de Estevaes sem contudo dar-se a conhecer, porque conselhos não venceriam a obstinação da moça, portanto eram desnecessários e perdidos, e Alvaro, se lhe soubesse o verdadeiro nome sem remissão lhe fecharia sua porta.

Um ano ia findar-se depois dos acontecimentos que havemos referido, e Clara, que em todo ele procurara saber novas de seu amante, sem que a mais pequena lhe chegasse, desesperou de encontrá-lo, e deixou-se cair em profunda melancolia, moléstia, que deu que fazer aos mais abalizados discípulos de Hipócrates daqueles tempos; a viúva Marta, que

este nome havia tomado Susana de Froes, muitas e repetidas vezes lhe perguntara a causa, sabendo-a; porém a triste moça sem esperança guardou consigo seu segredo, pretendendo levá-lo à sepultura:

- Não sei mais que hei de fazer, minha boa vizinha! dizia o velho Alvaro com as lágrimas nos olhos; sabedores mestres tenho chamado, mas nenhum lhe atina com a moléstia, e minha pobre filha vai-se para a cova a passos desmarcados!!

- Eu o vejo, senhor, e como vós sinto-o dentro da alma...

- Já me quis lembrar senhora Marta, que algum rapaz lhe tivesse desandado o juízo; porém erreí, que não pode ela ouvir falar de homens diante de si.

- Pois se fosse eu diria que tinha acertado, atendendo a essa circunstância.

- Que dizeis?!

- É uma lembrança minha.

- Porém ides enganada; não passa de bruxaria que lhe fizeram: hei de mandá-la ao Hospício...

- Olhai, aí vem ela.

- Triste sempre, não, minha vizinha? Eu nem quero olhar-lhe para o rosto, que me corta o coração.

- Não, não! Alegre, com o riso nos lábios; não ouvis sua voz?

- Pois é ela, quem canta?!

No mesmo instante Clara de Esteves entrou pela porta adentro trazendo numa mão um ramalhete de flores, e na outra um pequeno embrulho; e sem reparar em seu pai, e na vizinha Marta que a observava com desinquietação, ia fechar-se no seu quarto, quando Alvaro a chamou abrindo-lhe os braços, ela voltou-se e correu para abraçá-lo; porém como se uma mão de ferro a segurasse em meio do caminho, parou, seus joelhos dobraram-se, e caiu com as mãos tapando o rosto.

- Meu Deus! Que tens tu, Clara?! disse o velho correndo a segurá-la.

E a moça não podia responder-lhe, tantas eram as lágrimas que lhe rolavam pelas faces, tantos os soluços, que lhe embargavam a fala.

- Ai, senhora Marta! disse o velho logo que a filha deixou a sala, cuidei que a minha Clara já estava boa, porém minha alegria só durou um instante!!

Porém a fingida viúva não dava atenção ao que dizia Alvaro de Esteves; em sua cabeça rolava um triste pensamento, ela julgava ter adivinhado a causa da súbita mudança de Clara de Esteves, e desgraçadamente acertara: o coito dos cavaleiros havia sido descoberto pela moça, e perigosa e estranha tenção lhe entrara na cabeça: a posição suplicante que tomara, ouvindo a voz de seu pai, era já motivada pelo remorso do engano que maquinava, e aos olhos penetrantes de Susana, a confissão circunstanciada de seus desenhos criminosos e loucos.

- Adeus, senhor Alvaro, disse ela levantando-se; tende conta em vossa filha, que me parece em mais perigo, do que nunca!

- Sim, sim, minha boa vizinha! Eu vou a correr ao Hospício falar com o P\*\*\*

E no outro dia Clara de Esteves foi ao exorcismo; porém a bruxaria, que levara no corpo, tornou com ela, sem que as palavras hebraicas do Reverendo tivessem poder contra as de um pajem de Diogo Lobo, que fora quem instruíra a moça do lugar de refúgio, onde estavam os cavaleiros: Alvaro de Esteves aplaudia sua lembrança, porque a dissimulação de sua filha cegava-o. Correu vagarosa uma semana, vagarosa para Clara de Esteves, que esperava o Domingo com impaciência; porém o desejado dia, chegou, o dia em que Alvaro de Esteves costumava ir à fortaleza de Santa Cruz da Barra visitar um amigo, que aí fazia

contínua assistência: partiu de sua casa no quarto de alva alegre e satisfeito, sem pensar na desgraça, que o aguardava na volta.

A viúva Marta, que de há muitos dias se levantava a iguais horas, viu-o sair, e sentiu um aperto no coração, que não pôde explicar; seus olhos acompanharam-no até o fim da rua, e depois voltando-os para defronte, viu um vulto, que se estendia pela janela da casa de Alvaro, como que vigiando o que passava: recolhendo-se, a pouco espaço segunda vez se abriu a porta, e um homem com trajos militares saiu por ela: fechando-a sobre si atirou a chave por debaixo, e caminhou em sentido oposto àquele, por onde se fora o velho de Estevaes. Susana, que vira tudo isto, lançando mão de seu mantéu pôs-se na rua, e foi seguindo o incógnito em seu caminhar apressado.

#### CAPITULO IV

Deixemos em silêncio um ano inteiro os quatro cavaleiros porque sua vida de um dia foi a de todos; a montaria ocupava-os todas as horas de sol, e as noites passavam-nas a dormir porque o vinho era escasso entre os matos, e não havia por perto moças belas e inocentes, que se deixassem seduzir: de tempos a tempos vinha um à cidade a saber novas, porém levava-as sempre tão más, que se resolveram a esperar outro Governador, porque Rodrigo de Miranda mostrava-se inflexível a todos quantos iam pedir o perdão dos quatro desterrados voluntária, ou forçadamente, como a Vs. Ms. aprouver. Contavam-se 8 dias do mês de Setembro do ano 1634, e seriam 5 para 6 horas da tarde, quando uma matizada de cães e pisar de cavalos se sentiu no terreiro espaçoso, que ficava em frente da casa, que habitavam os cavaleiros; chegaram eles de uma caçada: duas antas, uma queixada, e diferentes outros animais escorrendo sangue às costas dos peões bem mostravam que o dia tinha sido feliz, e as ruidosas risadas dos quatro mancebos anunciavam sua alegria.

- Juro-vos pelas barbas de meu trisavô, que comeria metade dessa queixada, que Lucas da Silva matou, se bem assado estivera ele!

- Que valem juramentos pelas barbas do velho que morreu lá em África às lançadas com agarenos?! Tu não comerias um quarto, Jorge Ferreira, apesar de tua fome, que bem sei é grandíssima.

- E se o comera, que perderias tu?

- Tudo quanto me vier hoje da Cidade, e vede que não aposto bagatelas, porque Braz Fernandes deve trazer-me um almude de vinho entre outras coisas.

- Aceito! disse Jorge Ferreira rindo-se a rebentar: e como o meu pajem também para lá foi, tudo o que vier para mim te pertence se ganhares.

- E eu, mais Diogo Lobo apostamos em como tu perderás, Jorge Ferreira, devendo ser dividido entre nós três o que topares.

- Vá feito.

- Mas também apostamos que Lucas da Silva há de perder...

- Como diabo é isso ?!

- Sim, é uma aposta, em que sempre ganharemos, quer perca um, quer outro.

- E sem arriscares nada!? disserem os dois.

- Está bem visto.

- Porém eu é que não estou muito conforme com vossas apostas, disse Diogo Lobo, porque não esperarei que se apronte o quarto do queixada com esta dor no estômago.

- E o mais é que tens razão; Jorge Ferreira, darás tua prova de comedor no quarto de veado, que nos sobrou de ontem, que dizes?

- A ele!

E sentaram-se de redor da mesa, e todos comeram, como se todos houvessem apostado; Jorge Ferreira especialmente movia os queixos com tanta ligeireza, que a todos pareceu pouca coisa a formidável perna de veado para tão largo estômago; porém a fome diminuindo-lhe a cada bocado, fazia-o esmorecer na liça.

As risadas dos companheiros animaram-no largo tempo, mas o estômago prevaleceu contra a soberba e estultícia do mancebo, arrojando-lhe pela boca fora o que não podia conter:

- Perdeste! disse Lucas da Silva; será meu quanto te mandarem hoje da Cidade.

- Alto com isso! Será de nós três.

E em lugar de acudir ao companheiro, disputavam entre si o incerto e mal-ganhado prêmio. Porém suas risadas e ditérios foram interrompidos súbita e temerosamente pela aparição de um arcabuzeiro, que encostado no umbral da porta olhava para eles, sem dizer palavra: foi tal o susto, que se derramou entre os quatro, que nem repararam no abatimento do recém-chegado, e que para ter-se nas pernas mister lhe fora o umbral da porta; só viam seus olhos brilhantes como duas brasas em meio do afoguedo rosto, sua boca descerrada mostrando dupla ordem de alvos dentes, e uma das mãos estendida sobre a catana, enquanto que a outra o peito buscava talvez um punhal.

- Não me conhecesses, Jorge? disse o arcabuzeiro, ou Clara de Esteves, que um e outro fazem um só e mesmo indivíduo; são estes vestidos, que me desfiguram, e não o teu esquecimento e indiferença quem te retém nesse banco, não é assim meu querido?!

Porém se com dificuldade podia expressar-se Clara de Esteves, oprimida pelo cansaço e alegria, também o espanto dos cavaleiros lhe amarrara a voz na garganta; porém depois que o formoso granadeiro se aproximou da mesa, e que tirando a barretina seus compridos cabelos lhe caíram em ondas pelo rosto e ombros, uma risada geral pôs fim ao terror que no primeiro intróito lhes inspirara a aborrecida farda.

- E como pudeste saber que aqui estávamos?! disse Jorge Ferreira com azedume para a moça, que se havia sentado junto dele.

- O meu amor te buscou um ano, porém venceu, e sou feliz.

- Porém fizeste mal em vir; porque poderiam seguir-te, e descobrir-nos.

- Ah! Ah! Ah! Vede vós Jorge Ferreira arrepelando-se porque perdeu a aposta! Confessai que não terias dito tal coisas, se a tiveras ganho?!

- Havia de dize-lo, porque tenho muito respeito às casamatas de Santa Cruz da Barra e São Tiago! E se tu lá passas bem, Lucas da Silva, eu que nunca lá dormi uma noite, não quero experimentar.

- Vede que prudência! Mas, por felicidade nossa chega-lhe sempre depois de fazer as loucuras; vamos, Jorge Ferreira, supõe que perdi, recebe o que me trouxe Braz Fernandes: porém o prêmio de minha aposta não o largo das mãos.

E lançou um braço ao redor do pescoço de Clara de Esteves, que repelindo-o indignada, olhou com espanto para Jorge Ferreira.

- Não vieras cá onde te não chamaram, disse este com indiferença levantando-se.

- Jorge!! clamou a moça, enxergando o espantoso abismo aberto debaixo de seus pés.

- Não o acuseis, disse Jeronimo Barbalho chegando-se para perto de Clara: não vedes sua desesperação? Ele é vítima de sua palavra, tende paciência, minha bela.

- Não vos chegueis, senhor!! Vede que seria vil e infame...

- Dar um beijo em uma moça bonita como vós?! Estais gracejando.

E Clara de Esteves ia levantar-se, mas os três mancebos a seguraram.

- Pois já vos quereis ir? disse Diogo Lobo sorrindo-se; já me fizestes uma visita, porém estava eu tal nessa noite, que vos não pude receber dignamente...

E não acabou seu aranzel, porque uma formidável bordoadada no alto da cabeça o atirou sem sentidos sobre a mesa, rolando esta pelo chão com tudo quanto tinha em cima. Lucas da Silva e Jeronimo Barbalho largaram assustados os dois braços da moça, que retinham, a qual vendo-se livre correu para a porta.

- Segue-me, Clara! disse uma voz ao ouvido da moça, que em sua perturbação não atinava com a saída da casa; no terreiro estavam dois cavalos arreados:

- Monta! disse o anjo da guarda de Clara de Esteves.

E esta sem querer saber quem tão generosa e oportunamente viera em seu auxílio, montou, e partiu. Seu cavalo açoitado sem piedade voava sobre o terreno desigual, que muitas vezes a pôs em risco de cair; porém ela sentia atrás de si o pisar de algum que a seguia, e chamava, e só depois que suas forças começaram a abandoná-la é que deixou o cavalo a passo, encomendando-se a Deus.

- Estamos fora do perigo! disse o cavaleiro, que seguia Clara de Esteves; não é preciso correremos a rédea solta, porque as pernas desses miseráveis não valerão as de nossos cavalos, e os animais, que lhes lá ficam tarde os hão de encontrar para apanhar-nos.

Clara voltou-se, e apesar do escuro da noite reconheceu que quem a seguia, e salvara fora uma mulher.

- E quem sois vós?!

- Marta, vossa irmã, vossa mãe em amor e devoção!

- Marta! Oh! Minha irmã, e minha mãe, sim!! disse a moça caindo sobre o arção da sela banhada em lágrimas; e eu não quis ouvir o que me dissestes uma vez, louca e imprudente!

- Vamos, toca o teu cavalo para que o dia não nos apanhe ao entrar na Cidade; apressemo-nos para que, se ainda é possível, teu pai não sofra a crua dor, que lhe causará tua criminosa imprudência.

E continuaram a caminhar, entrando à Cidade com o primeiro alvor da manhã; porém Clara não pôde passar tão livremente, que não suspeitassem dela os curiosos vizinhos; porque seus irmãos, que estavam de serviço ao Governador, vindo bater à porta no domingo por tarde não a encontraram, e se não fora a viúva Marta, que asseverou a Alvaro de Esteves ter sua filha passado o dia todo com ela, a pobre Clara ficaria perdida.

- Minha boa vizinha, disse Alvaro, eu vo-la entrego daqui por diante: irei descansado para onde me mandarem, sabendo que fica em vossa guarda: tenho reparado em que cada dia remoçais, porque quando vos vi pela primeira vez de minha vida parecestes-me uma velha: porém tenho reparado também que se vosso rosto remoça amadurece-vos o juízo. Olhai, que não são lisonjarias isto que vos digo, e a prova é que ponho em vossas mãos o que tenho de mais precioso.

- E eu o guardarei bem, senhor.

- Não tenho desconfianças de minha filha; porém ela é moça... Ó senhora Marta, não vos parece o Governador aquele homem, que para aqui se dirige?

- É ele mesmo, senhor Alvaro; adeus, que pode ser que venha a falar-vos.

- Ah! Não é possível, disse o velho acompanhando até a porta a viúva, que saía.

E Rodrigo de Miranda apeando-se entrou com efeito em sua casa.

- Alvaro de Esteves, tenho que cometer-vos uma diligência de importância, para a qual é preciso tento e força; amanhã ireis a minha casa, e sabereis o que de vós quero.

- Irei, senhor, irei

E o Governador saiu.

- Então, que vos dizia eu, senhor Alvaro? disse Marta entrando novamente.

- Adivinhastes, senhora Marta; e o mais é que, aqui em segredo, de algo importante se trata: porém como o Governador precisa tanto de meu siso, como de meu braço, deixai-me ir pôr a minha boa espada, que se está concertando; aí vem Clara, ficai-vos com ela, senhora vizinha.

- Clara, tu foste a casa do Governador?! disse Marta, logo que esta entrou.

- Fui, e então?!

- A vingança é indigna...

- Oh! Quando recebemos desprezo e afrontas em troca de amor...

- Cala-te! Dize antes que nunca o amaste.

- Ó Marta, quem amaria, como eu amei esse miserável!?

- E quem amaria, como eu amei um deles?

- Tu, Marta!

- Eu, Susana de Froes, a quem tu condenaste em teu desvario de amor, sem querereres ouvir a desonra, a desesperação, a desgraça, que te falavam por minha boca! Eu, que do fundo do abismo é que pude conhecer a diferença que vai entre uma vilã pobre, e a soberba altura dos ricos e poderosos.

- Marta, perdoa-me!

- Oh! Tu eras inocente e crédula, amante e cega, e disse-mo aquela palavra, que noutra ocasião me traspassara o peito, porém que a razão ouviu em teu benefício; meus crimes, que levaram a sepultura meu desgraçado pai, ralavam-me a alma, e eu queria morrer, porém tu apareceste, e jurei salvar-te, porque uma boa ação junta ao arrependimento poderá alcançar-me o perdão de Deus e de meus pais, que me vêem lá do céu, se não me alcançar o dos homens: não te crimino pelo que fizeste, porque naquela época eu faria outro tanto; hoje pois que reconheço ser quando menos tão culpada como ele foi em minha desventura. Porém o que fizeste está feito, e será uma fortuna, que o Governador os mande para uma fortaleza, que só estando eles debaixo de ferros terá alívio esta Cidade; se tu souberas, Clara, quantas desgraçadas por aí gemem no silêncio!

E continuaram a conversar por muito tempo, relatando Clara de Esteves em como se oferecera ao Governador para guiar os soldados, que deviam prender os quatro mancebos, consentindo-se-lhe ir mascarada e vestida de homem; Susana quis tirar-lhe da cabeça semelhante intento oferecendo-se para ir em seu lugar, mas só pode conseguir que a acompanharia. No seguinte dia Alvaro de Esteves esperava na entrada de Mata-Cavalo pelo guia, que devia conduzi-los através dos matos; eram oito horas da manhã quando apareceram dois cavaleiros mascarados, que deram sinal para marchar, depois de se haverem colocado um na frente, outro na retaguarda. Pelas seis horas da tarde, o cavaleiro, que caminhava na frente, voltou-se, e fez sinal com a mão para que parassem; desmontou, e perdeu-se numa volta aos olhos de todos, voltando logo depois.

- Então? disse o outro cavaleiro, que sabendo a causa por que haviam parado, se passara adiante dos homens de armas.

- Tudo está fechado; temeram que os denunciássemos, e fugiram!

- Talvez que não; a caça ocupa-os todos os dias, esperemos.

- Clara, já não tens desculpa, que me dares! Temos guiado os soldados até aqui, pouco mais falta...

- Pois então esperemos, Susana; deixa-me ver esses miseráveis amarrados, caminhando a pé para a Cidade!

E estavam nesta discussão quando se ouviram latidos de cães, que denunciaram a chegada dos quatro mancebos.

- Senhores cavaleiros, que é preciso fazer-se? disse Alvaro de Esteves, adiantando-se.

- Fazei entrar no mato por um e outro lado parte de vossos homens de armas, e o resto caminhará para diante conosco.

A ordem foi executada; pouco depois ouviu-se um tiro do arcabuz, e os soldados investiram com a casa: Clara de Esteves atirando-se do cavalo ia entrar também, mas Susana retendo-a:

- Onde vais tu, louca?! Queres expor-te a ser reconhecida!...

Acabava de falar quando uma porta, que ficava fronteira, se abriu, e Jeronimo Barbalho saiu por ela correndo.

- Pára, miserável! disse Clara apresentando-lhe a ponta de uma espada.

O mancebo, sem perder o acordo na presença do perigo, afastou-se e correu para o mato, seguindo-o de tão perto Clara de Esteves, que duas vezes o alcançou com a espada ferindo-o na cabeça e ombro.

- Fugiram-nos!! disse Alvaro ardendo em raiva; porém não irei hoje para a Cidade sem fazer bater estes matos.

Clara de Esteves olhou para Susana, que voltando-se para o velho disse-lhe.

- Pois ficai, que nós iremos, por que é desnecessária aqui nossa presença.

E partiram ambas.

## CAPITULO V

Terão Vs. Ms. ouvido dizer muitas vezes - que o diabo guarda os que o servem. E é uma verdade; porém eu entendo que só os guarda ele enquanto que os não tem seguros no caminho do inferno, depois deixa-os correr livremente porque cada um de seus passos leva-os à perdição eterna: ora bem, como vimos no capítulo antecedente, veio o diabo em socorro dos quatro mancebos, pois que só ele poderia tirá-los de tão apertado lance, e nem o rancor das duas moças, nem as diligências de Alvaro de Esteves e de seus arcabuzeiros valeram contra o poder do anjo das trevas, que levantou altíssimas montanhas entre os soldados e os quatro cavaleiros, abriu profundos abismos, soprou nuvens de poeira, e até tomou formas de animais horrendos para protegê-los, não podendo todavia ter mão na espada de Clara de Esteves, que arranhou sofrivelmente um de seus quatro protegidos; são coisas estas, que se não podem explicar, e Vs. Ms. hão de acreditá-las por fé, se quiserem. Porém Lourenço de Mendonça, ou porque tivesse suas razões para não acreditar nas maravilhosas narrações dos expedicionários, ou porque tivesse pouco que fazer, começou de espalhar que o Governador protegia abertamente os mancebos, mandando para prendê-los soldados imbecis, ou comprados, o que revoltou Rodrigo de Miranda, e ainda Alvaro de Esteves e seus companheiros, alguns dos quais tinham ficado bem escalavrados das espadas dos cavaleiros, e das pesquisas no mato feitas por ordem de seu comandante em

toda a noite de 8 para 9 de Setembro: os jesuítas, a quem o Prelado protegia escandalosamente, tomaram a peito a defesa do que este dizia, e o povo, que os aborrecia do fundo do coração não sei por que causas, levantou-se contra Lourenço de Mendonça e contra eles, não perdoando uns e outros maneiras e modos de se ofenderem, e defenderem. Muitos meses se volveram nestas encarniçadas e perigosas lutas, esquecendo-se por uma nova rixa os motivos de antigos ódios, de sorte que os quatro cavaleiros, se não passeavam ainda pelas ruas da Cidade não era porque lhes estorvassem, mas porque ignoravam o estado dos ânimos a seu respeito: Susana de Froes, que todos asseveravam ter embarcado para o Reino, não podia mais autorizar as reclamações justíssimas do Prelado, que desde muito as deixara, refletindo que o povo insolente não deixaria passar tão seguro motivo para vingar-se dos jesuítas e dele mesmo; o Governador ofendido pela injusta argüição de Lourenço de Mendonça, tinha assinado o perdão dos mancebos, atendendo primeiro ao seu amor-próprio, depois às instâncias das famílias dos desterrados, e em terceiro lugar ao desaparecimento da manceba; ora, sabendo tudo isto Clara de Esteves e a viúva Marta, quebravam a cabeça em conjecturas, supondo uma em sua raiva, que as feras haviam devorado os cavaleiros, a outra que fugindo para o sertão os índios os haviam aprisionado; sem que uma e outra acertassem. Os leitores que desapaixonados terão feito a coisa por menos, desejarão saber o que foi feito deles depois do formidável susto, por que passaram, e eu vou relatar quanto me chegou à notícia.

Desde a fatal noite das apostas, em que Diogo Lobo pagou por todos, Jorge Ferreira insistia com os companheiros para que se entranhassem no sertão, desconfiado, não tanto da que mais havia de temer, senão da que mais temerosa se fizera, porque Susana de Froes havia sido reconhecida.

- Olhai que essa mulher nos há de ir denunciar! dizia ele em tom profético; sua raiva, aí tendes uma boa amostra na cabeça de Diogo Lobo, sua raiva não deve contentar-se com tão pouco, os soldados virão, e os calabouços de Santa Cruz da Barra nos esperam!

Porém os companheiros incrédulos e destemidos respondiam com chascos aos prudentes avisos e advertências de Jorge, e um dia chegou, em que se verificaram, sem valerem os feros e roncarias, com que nesse mesmo dia haviam sido respondidos. Acossados ainda nos matos pelos arcabuzeiros de Alvaro de Esteves, só depois de três dias tiveram leve descanso e puderam reunir-se; um rancho de palha, que no centro da floresta lhes servia para ponto de reunião nas caçadas, serviu-o também agora que eram eles, não montadores, porem monteados, e depois de passarem aí o quarto e quinto conhecendo quanto valia um pedaço de pão seco, que um servo por acaso deixara, desesperados com fome voltaram à casa resolutos a trocar pela vida a liberdade; eu digo - trocar pela vida a liberdade,- porque sua inaptidão cegava-os a ponto de não verem, e aproveitarem os mil recursos que lhes oferecia a pródiga natureza, chorando os mimos, que mesmo no desterro lhes chegavam da Cidade, e tendo que levar de má passadio muitos dias a oito era mais insuportável, do que o mais escuro e fétido calabouço: depois, as feridas de Jeronimo Barbalho, cuja gravidade não podia ser apreciada por eles, davam-lhes sérios receios, e por isso voltaram. Tudo aí se achava no mesmo estado, em que o haviam deixado, menos a ceia, que os soldados haviam capturado para que se não perdesse de todo a diligência: também haviam desaparecido algumas moedas do ouro e prata, que naturalmente levaram as gambás e tatus, porque se tinham esquecido de fechar as portas; o mais tudo estava no seu lugar quando o cavaleiros chegaram, um dos quais foi com repugnância servir de cozinheiro enquanto escolhiam dentre os dois, que ficavam, um que partisse para Cidade, e a todo o risco trouxesse um esculápio, que remendasse a cabeça do mal aventurado

Jeronimo Barbalho, que febricitante fazia rir os companheiros com os mais engraçados disparates.

Pensadas as feridas de Jeronimo Barbalho, sabendo os companheiros pela boca do Mestre Fernão Egas Feiteiro, que de pouca monta eram, sem detença se puseram a caminho para o sertão contra a vontade do ferido, que ardia em desejos de vingança; e o mais que puderam acabar com ele foi que ficasse deferida para dali a alguns meses, consentindo na partida: seguiram em direção a Jacarepaguá, que apesar de ocupado por uma tribo, verdade é que de pacíficos selvagens, escolheram para assento, convidados pela amenidade do lugar, e grossura da terra e abundância de caça, que fazia no desterro sua delícias. Aqui passaram muitos meses a mesma vida que dantes ensinada agora por seus hóspedes, se é que são eram eles mestres no ofício de vadios; aí passaram muitos meses e tantos que se escoou todo ano de 1635 e já corriam dias de Março de 1636:

- Nossa caçada de amanhã será formidável! dizia Jeronimo Barbalho pela porta de sua abandonada casa de Andarahy; amanhã não temos necessidade das pernas de nossos corredores, nem a besta e os galgos nos servirão de muito; outros mastins, e outras armas careceremos, e tenho-os eu de bom faro, e tenho-as bem formosas!!

- Mas não te acompanharei eu na caçada, por aqui me ficarei.

- Fica-te Jorge Ferreira, ficai-vos todos, que vos não hei mister! Eu recebi a afronta, corri o perigo, curti as dores, assanhei o desespero, e dirigirei a vingança; eu que tomei sobre mim o ódio de Rodrigo de Miranda e desse vil padre por salvar-te Lucas da Silva!!

- E já te disse eu que não iria à Cidade hoje?!

- Pensei-o bem, porque sempre tens sido dos primeiros em contratar minhas tenções...

- Porque são loucas, atendendo à causa que lhes dás; ouve-me pela última vez, que falarei a tal respeito; aborreço, como tu, Lourenço de Mendonça!; não o defendo por conveniência, pois que de nós todos sou eu o que ele mais odeia; porém não posso acreditar contigo que fosse ele um dos cavaleiros mascarados, que acompanharam os soldados, e muito menos, que fosse quem te feriu com sua espada: o Prelado é altivo e colérico, mas não chegaria a tal ponto sua ira.

- E quem, a não ser ele, poderia esconder-nos o rosto?!

- E quem pensas tu, que seria o companheiro de Loureço de Mendonça? disse Jorge Ferreira.

- Um dos da companhia, um desses que tanto temes. E que o povo comigo despreza e aborrece!

- Pois olha, eu juraria por minha salvação que os dois mascarados foram Clara de Esteves e Susana de Froes...

E uma risada geral acolheu a lembrança de Jorge Ferreira...

- Podeis rir quanto quiserdes; porém eu que conheço bem Clara de Esteves, que tenho mesmo um exemplo de sua intrepidez...

- Ora cala-te, que toda essa história que nos contaste, foi o vinho de Diogo Lobo quem lhe deu origem; conheces muito pouco as mulheres, elas só sabem chorar e arrepear-se quando as deixamos.

- Pode ser; porém eu não irei.

- Melhor, que teremos um cozinheiro diligente às nossas ordens; fica-te; e prepara-nos um bom almoço para amanhã.

E os três outros mancebos depois de descansarem breve espaço montaram outra vez e partiram na direção da Cidade, chegando ao extremo da azinhaga de Mata-Cavalos ao pôr

do sol, onde esperaram que escurecesse para entrar nas ruas da Cidade. Seriam 7 para 8 horas da noite, quando um pajem de libré rica foi bater à portaria do Colégio dos Jesuítas, onde o doutor Lourenço de Mendonça pousava:

- Que o façam entrar, disse o reverendo Prelado a um noviço, que lhe trouxera a notícia de que alguém o procurava.

E o pajem entrando, apresentou-lhe respeitosamente um papel dobrado que Lourenço de Mendonça leu com grande atenção.

- Ide, pajem; disse ele acabada a leitura; ide, que dentro em um credo estarei onde me chamam.

- Porém, senhor, eu tenho ordem de ficar para acompanhar-vos; pode ser que com o escuro não acerteis a casa, e minha ilustre senhora talvez não possa esperar-vos duas horas neste mundo; não vô-lo diz aí nessa escritura seu capelão?

- Sim, sim; pois vamos.

E saiu, acompanhado de um só de seus domésticos, e do mensageiro pajem; desceram pela ladeira que vem acabar no beco do Cotovelo, e apenas lhe tinham chegado à raiz, quando um homem tendo adestro uma mula arreada, lhes saiu ao encontro convidando-o para que montasse, o que ele fez prontamente. Algumas gotas de chuva, e um vento impetuoso de sudoeste anunciavam próxima tormenta:

- Bastarão dez minutos para tornar impraticáveis os caminhos, reverendíssimo senhor, disse o pajem que caminhava na dianteira já em meio da rua, que se estendia em frente da ladeira; eu creio que será melhor descermos para a praia, que mais seguro terreno pisaremos.

- Por qualquer deles o Senhor nos acompanha; vamos por aquele que julgais melhor.

- Não meu padre! disse o pajem baixinho consigo; o Senhor se esqueceu de ti esta noite, e é o diabo quem te acompanhará por este.

E havendo chegando ao largo que hoje se chama do Paço em frente do Hospício, ou antiga capela de Nossa Senhora do Ó, tomando as rédeas da mula o pajem atravessou-o escontra ao mar:

- Por onde vais tu, pajem? disse o Prelado sofrendo a besta, que continuou a caminhar deixando-lhe nas mãos as rédeas partidas.

- Vamos buscar a área molhada, que é mais sólido caminho; não vedes que está prestes uma tormenta de água, e se caminhamos afastados da praia...

- Não! Deixai vosso medos, e voltemos; eu o quero.

- Porém vos não tendes querer agora, meu padre.

- Que dizeis!?

- Bem pouco, que deveis caminhar para onde vos levam, sem replicar porque isso apressaria vosso fim.

- Antonio! disse Lourenço de Miranda voltando-se para trás.

- Foi buscar-vos um sombreiro e uma capa, que o mandei eu, descansai.

O Prelado olhou para o céu carregado de nuvens borrascosas; nem uma estrela que deixasse passar até Deus sua súplica, se vislumbrava; carregado e temeroso estava ele como para anunciar ao pobre enganado a sorte que o esperava na terra. Caminharam para o mar ainda um pouco; depois voltaram sobre a esquerda, e tão rente da água que muitas vezes uma onda mais forte vinha alagar os pés do pajem, que parecia nem senti-la: teriam caminhado pela praia fora cerca de um tiro de besta distante do lugar, onde está hoje a fonte. quando o pajem parou, entregando o Prelado a quatro homens que pareciam aguardá-lo neste lugar:

- Aí o tendes; fazei o que vos ordenou meu amo, e sempre será bom que vos lembre que pagareis com a cabeça qualquer indiscrição ou negligência.

E o Prelado conheceu, que não valeriam rogativas, que não haveria piedade para com ele; por isso deixou-se do corpo e cuidou na alma; como o tivessem feito descavalgar, ajoelhou-se na areia e rezou, enquanto o pajem montando aterrorizava os miseráveis que deviam tirar-lhe a vida.

Depois que desapareceu o pajem, e enquanto Lourenço de Mendonça se preparava para o terrível momento, discutiam os quatro celerados a forma por que dariam cumprimento às ordens sanguinárias de Jeronimo Barbalho, votando um, que estrangulassem a triste vítima, verdadeiro mártir lhe pudera eu chamar; outro, que o apunhalassem, deixando o cadáver enterrado na praia; um terceiro, que fosse levado no barco até meio da baía, e aí lançado no mar amarrado a uma pedra, enfim o quarto, mais piedoso e compassivo lembrou, que com efeito fosse metido no barco, porém que tirando os remos e furando-o, afastado para o mar, deixassem que a tempestade próxima a rebentar acabasse a obra que lhes fora encomendada: o alvitre foi aceito e o desgraçado entrou no barco, que devia servir-lhe de túmulo, e com os olhos no céu e as mãos postas nem sequer reparava na distante praia, no raio, que atravessava o espaço, e no ribombo do trovão que abalava os montanhas! De mãos postas e com os olhos no céu esperava a morte com a calma do justo, e o tempo que o barco correu à vontade da furiosa tomenta passou-o ele como se estivesse em lugar seguro, e livre das garras da horrorosa morte, que em cada vaga lhe mostrava a foice. Porém o Senhor havia determinado que ele vivesse para confusão de seus inimigos, destinando-lhe também novas provas, que purificassem de todo sua alma; e já sobre a madrugada o esquife de uma embarcação fundeada no Poço salvou-o, enchendo-se de água o barco, em que ele tinha vagado toda a noite seco e enxuto, querendo Deus mostrar que não tinha leve acidente e acaso tão grandioso milagre. Recolhido na embarcação, que em breves dias ia dar à vela para Portugal, todos lhe rogaram que deixasse entregue a seus crimes e desvarios o perdido rebanho; porém o virtuoso varão com um zelo verdadeiramente apostólico, levantando um braço para o céu disse:

- Acolá é que se descansa sem sofrer: aqui embaixo deve trabalhar o homem sempre, e quanto mais suado for o trabalho tanto maior será seu prêmio!

Os marinheiros o trouxeram à terra passados alguns dias, e este horroroso atentado olhou-se com tal indiferença, que mais parecia fora cometido por todo o povo, que por um, ou dois desalmados; o Governador sobretudo mereceu as mais justas repreensões, que um, ou outro no silêncio de sua casa lhe fez, pois que em vez de devassar do fato, e castigar severamente os culpados, voltou-se sanhudamente contra o Prelado, dando ouvidos a enredos e aleives, que o mortificaram, e com tal arte arrançados, que o levaram daqui preso a Lisboa para responder ao Tribunal do Santo Ofício, que o julgou livre de culpa e pena, apesar da boa vontade, que tinham seus inúmeros inimigos. Deixando em princípios de 1637 esta Cidade, onde tão rudes tratamentos sofrera, recomeçaram os libertinos mancebos sua antiga vida, que pouco tempo fruíram porque logo a 3 de Abril deste mesmo ano, tomando conta do governo da Capitania Salvador Correia de Sá e Benavides, bem viram eles que não seria tão indulgente como o havia sido Rodrigo de Miranda Henriques:

- Que vos parece do novo Governador? dizia Jorge Ferreira Bulhão aos mancebos reunidos em casa de Diogo Lobo para seus costumados exercícios.

- Parece-me, disse Jeronimo Barbalho, parece-me que será um déspota, basta-lhe o sobrenome de Sá, que o não fará desmerecer de seus antigos; a soberba aninha-se debaixo desse apelido dos Sás, e de tal forma, que teve o atrevimento de dizer publicamente o pai

desse arrevesado, que o Senhor Rei só encontrou para nos mandar cá, atendendo talvez à costela estrangeira que lhe dá o *Benavides*, Martim de Sá, pai do nosso muito amado atual Governador, disse bem alto que esta Cidade era dos Sás porque a ganharam, edificaram, fortaleceram, e governaram sempre, não sei como se não lembrou de dizer o estonteado velho que a governarão até o fim dos séculos: vêde agora de que raiz vem este rebentão, tendo em conta que é de enxerto espanhol.

- Eu só tenho em conta as boas ausências que nos farão aqueles que quiserem entrar com o Governador, disse Jorge Ferreira.

- E eu, que és um poltrão! replicou Jeronimo Barbalho encolerizado; que te importam as ausências?! Queres algum posto?

- Quero que me deixem sossegadamente...

- Furtar as moças, semear a desordem entre os casados, não? Ah! ah! ah! Não se apanham trutas a barbas enxutas, meu jesuíta sem roupeta! Só te lembras de Santa Barbara, quando há trovoadas?

- E tu, nem quando te cai o raio aos pés!

- Decerto; chorar é para as velhas e meninos.

- E também para os Bulhões, disse Jeronimo Barbalho, que não perdia ocasião de instigar o ânimo de Jorge Ferreira.

- Vamos! disse Lucas da Silva; trata-se de saber quem temos em casa, de conhecer o galo, e vós estais mordendo-vos uns aos outros?!

- O galo é de raça dos da Índia, altivo e brigador.

- E por que não dirás antes, valoroso e nobre? replicou Jorge Ferreira; o comboio que de Pernambuco levou à Europa tendo pouco de 20 anos, passando através das naus holandesas a salvamento...

- Mostra que foi feliz uma vez.

- E o recontro do Espírito Santo? E a restauração da Bahia, que ele ajudou seu braço, e com soldados, que sua atividade levantou em S. Vicente?

- São bagatelas.

- Também o serão o desbarate dos Calequins, e a batalha do Palingaria, onde recebeu doze feridas?

- E que lhe valeram por coroa de triunfo uma castelhana bem bonita, bem nobre...

- E bem soberba, como o pai e o marido, meu Lucas da Silva! Também te encarregas de sua apologia?

- Eu respeito a virtude.

- E eu aborreço a altivez, detesto a tirania! Já me tarda ver um Bezerra no poder...

- Para te chegar também a tua vez de ser altivo e tirano?! Ora não infames nos outros tuas próprias ações; vamos amanhã fazer nossas saudações ao sol, que se levanta, que nos chegará a ocasião de o apedrejarmos no ocaso.

- Ide vós, eu não irei, disse Jeronimo Barbalho com arrogância.

- É uma asneira sem necessidade, e perigosa.

- Perigosa, como?

- Porque Salvador Correia julgará que o temes, que o saber ele nossas cavalarias é infalível.

- Temê-lo eu?! Pois bem, irei.

E foram; o Governador recebeu-os cortêsmente, e com capa de mercê enviou-os fora da Cidade em diferentes empregos, que eles desempenharam melhor do que podia

esperar-se de tão péssimas antecedências; as famílias respiraram sossegadas 4 anos, que tantos estiveram eles longe desta Cidade.

Jeronimo Barbalho, cansado e aborrecido da espécie de desterro, a que o condenava Salvador Correia de Sá, foi o primeiro que voltou, deixando sem autorização o lugar que ocupava; o Governador instruído de tal coisa, mandou chamá-lo à sua presença repreendendo-o asperamente, ao que ele respondeu em termos menos próprios, seguindo o castigo à insolência, o ódio ao sofrimento, ódio que devia rebentar um dia temeroso, violento e encarniçado. Já não eram desvarios de mancebo, que até lhe pesaram; era a ambição, quem o movia, uma paixão substituíra a outra, o amor e a ambição, capazes de grandes virtudes de grandes crimes. A mesma revolução se operara no ânimo de seus antigos companheiros, que mais prudentes, ou mais sofridos esperaram do tempo a realização de seus desejos, e quando em 1643 Luiz Barbalho Bezerra tomou posse do governo da Capitania das mãos de Duarte Correia Vasqueanes, que governou em ausência de Salvador Correia, julgaram todos que seria ocasião oportuna para satisfazer ambições; porém a probidade e rigidez do Governador, e pouco depois sua morte em 1644 lançou-os outra vez em esperanças.

Enviado para o Reino em 1637 o venerável Lourenço de Mendonça entre afrontosas cadeias, sucedeu-lhe no pesado e perigoso encargo o Doutor Pedro Homem Albernaz, que já antes deste seu antecessor havia servido por nomeação do Clero, na vacância de Frei Maximo Pereira, sofrendo antes e agora tão duros tratamentos, que bem se pode dizer que o demônio se havia metido no corpo da gente vil desse tempo, pois que nem um só dos Prelados que administraram a igreja de S. Sebastião desde 1560 até 1682 deixou o cargo sem ter passado os maiores vexames, e acerbíssemos desgostos; sofreu Pedro Homem Albernaz até que teve sucessor no Reverendo Antonio de Marins Lourenço, que tomou posse a 28 de Junho de 1644, e foi o mais infeliz de quantos administraram esta Prelazia como vamos ver.

Clara de Estavaes, que por morte de seu pai fora morar com Susana de Froes para subtrair-se às cruas perseguições de seus irmãos, vivia numa pequenina casa no alto de S. Januario, onde com fama de santas uma e outra eram consultadas pelo povo em suas necessidades e revezes; a viúva Marta e sua irmã Clara respeitadas por nobres e peões viviam em reclusão completa, deixando de sair mesmo para buscar alimentos, se bem que lhos levava a devoção de algumas almas caritativas; mas como ninguém tinha necessidade de andar apregoando seus benefícios, a gente simples acreditou que elas se sustentavam na graça de Deus, e daí, e de muitas outras coisas nasceu a veneração, em que eram tidas: e todavia, as maravilhas, que lhes atribuíam seus crédulos vizinhos, seriam o menos que nelas se devia venerar; seu desprezo para com as coisas deste mundo, sua penitência contínua, sua beneficência desinteressada e oculta fugia dos olhos do povo, que só via nas duas irmãs duas santas por seus milagres fantásticos. Quanto à elas, julgaram-se felizes em seu recolhimento; os dias passavam-nos a trabalhar para si e para os pobres como elas, as noites em exercícios de piedade; só de tempos a tempos vinha assaltá-las uma nuvem negra, era alguma terribilíssima notícia de assassínios, de roubos, de maldade de toda a casta praticadas pelos irmãos de Clara de Estavaes, que se haviam depravado depois que o velho Alvaro se finara. Assim viviam há 8 anos, quando uma noite tormentosa e por desoras se ouviram gritos tormentosos lá dentro da casa das santas mulheres; acudiram os vizinhos à porta, porém como ninguém se movia lá de dentro para abri-la, embaraçavam-se com o dizerem alguns que as duas beatas se disciplinavam, e que por isso seria um sacrilégio estorvar-lhes suas devoções; diziam outros mais ajuizadamente que se estivessem em

disciplina não dariam tão altos gritos porque o sofrimento sem queixume constituía o mérito do sacrifício, e que tampouco pediriam socorro: venceu o dizer destes, e a porta caiu arrombada para deixar ver em lastimoso e ímpio quadro a mais moça das duas irmãs quase nua porque seu vestidos haviam sido rasgados, bem como suas carnes, pelo açoite, que empunhava um desmesurado e feio demônio, que só cessou seu mister de carrasco no instante em que o povo entrou de roldão pela porta; a mais velha amarrada de pés e mãos com uma mordaza na boca aguardava talvez a mesma sorte. A primeira coisa, que fizeram, os que haviam entrado, foi o sinal da cruz uma e muitas vezes; mas como o demônio ficava sempre em meio da casa sem se desfazer em labaredas de pestífero cheiro, alguns dos mais animosos foram pondo-lhe a mão com receio, e talvez disto procedeu lançá-los ele de si como se fossem leves palhas, amarrotando-os contra a parede da casa, e também disto nasceu a fúria com que segunda vez foram sobre ele amarrando-o bem seguro, enquanto outros socorriam as duas santas, mártires agora. Como elas pertenciam mais a Deus, que ao mundo assentaram os vizinhos que o malvado não devia aparecer diante do Governador e justiças seculares, e levaram-no perante o Administrador Eclesiástico, que arbitrariamente o mandou castigar com tanta crueldade como em verdade merecia o crime; porém, alguns que menos entusiasmados pelas coisas da Igreja, de má vontade contra o Prelado só haviam enxergado seu despótico arbítrio, clamaram altamente contra o Reverendo Antonio de Marins Lourenço, não só por isto, mas porque com os jesuítas queria estorvar certo negócio pouco lícito e de muito interesse, qual era o tráfico de escravos negros e índios: o Governador, que então era por segunda nomeação Duarte Correia Vasqueanes, instruído de tudo, e vendo quão apertado era o lance, reclamou o criminoso, a quem deu a liberdade para contentar o povo amotinado, e por ter já sofrido castigo; porém os Padres, que tinham talvez suas tenções de sumi-lo nos cárceres da Inquisição de Lisboa, enfureceram-se com a determinação do Governador, e o Prelado acompanhou-os em seus desatinos, saindo da Cidade em visitação a S. Paulo e ao Espírito Santo.

## CAPÍTULO VI

Esqueceu-me dizer a Vs. Ms. no capítulo antecedente quem era o malvado, que tão desapiedada e inumanamente tratara as duas irmãs Marta e Clara, e bem me pesa ter de dizê-lo, porque se os crimes são aborrecidos e as virtudes amadas independentes de pessoa, certos crime porém aumentam de gravidade quando praticados por certos sujeitos; chamava-se o execrando algoz e vil carrasco Fausto de Estevaes, irmão mais velho da triste vítima! Nós voltaremos alguns anos atrás para tocar ligeiramente em algumas circunstâncias, pelas quais passamos com mais rapidez, do que prometia o interesse e clareza desta minha história.

Terão Vs. Ms. em lembrança o estranho e terrível successo, acontecido com o Reverendo Doutor Lourenço de Mendonça, e de como um pajem o trouxe com artificiosa maldade até a praia, que ficava no fim do largo em frente do Hospício, pouco mais, pouco menos ali por onde fica hoje a Praça do Mercado; e de como aí o deixou entregue a quatro assalariados monstros, que tinham por comissão tirar-lhe a vida; ora bem, este pagem improvisado tinha nome Alonso de Estevaes o Comprido, e o homem que trouxera a besta, que o Prelado montara, e que os seguiu de longe até a praia, era seu irmão Fausto de Estevaes o Quebra-Espadas. A força e coragem que lhes herdara a Natureza começaram eles a empregar desde tenra idade em maldades, de sorte que nas desordens e assuadas eram

sempre procurados como primeiros e importantes; estragados e perdulários, pois que um só vício gera infinitos, mal lhes chegava o soldo para extravagâncias, que para as necessidades atinham-se ao do pobre pai, indulgente para com eles, porque em seu errado ajuizar certas virtudes tais como a castidade, a vergonha, a bondade do coração, a temperança e a modéstia só pertenciam às mulheres, e nisto ia de acordo com o pensar de muitos pais de hoje em dia, louvando como ele a audácia, descaramento e soberba, que nos filhos sobram. Afeitos a gastar sem peso, conta e medida, quando o dinheiro lhes faltava, haviam-no por qualquer forma, preferindo sempre a mais pronta e fácil, ainda que não fosse a mais lícita; por isso despejaram eles as bolsas dos cavaleiros naquela certa noite, e achando-as bem recheadas absolveram-nos em sua consciência de tudo a desculpa presente e passada, futura mesmo, se continuassem a ser ricos; aqui tem Vs. Ms. o diabo que levantou altíssimas montanhas, cavou fundos precipícios soprou nuvens de poeira, tomou a forma de certos animais horrendos, redondinhos, de cor amarela, ou branca, animais, que não era muito assustassem pobres soldados, quando põem muitas vezes em tremuras bem boa gente. Este segundo encontro votou os dois de Esteves ao serviço dos quatro cavaleiros, e particularmente ao de Jeronimo Barbalho Bezerra, que em pouco tempo lhes cometeu a facção diabólica, que executaram contentes não só pelo ouro de que careciam como em vingança da incredulidade de Lourenço de Mendonça para com suas fabulosas narrações. A morte de seu pai acontecida pouco depois daquele sucesso deixou-os livres em sua carreira de crimes; porém a chegada do Governador Salvador Correia de Sá e Benavides atirou-os para S. Paulo, onde continuaram a mesma vida, cuja relação estranha à nossa história ficará em silêncio até seu tempo: não sei que motivo, mas devia ser poderoso, trouxera Fausto de Esteves a esta Cidade, onde além de sua irmã não tinha mais parentes; o acaso, ou diligência fez-lhe descobrir o retiro de Clara, e apresentando-se foi recebido com os braços abertos, porque um irmão, ou um filho mesmo que mau seja sempre é filho, ou irmão, e a paga do afetuoso gasalhado, que recebera, nós a vimos no capítulo antecedente, sendo a causa de tal maldade não terem as duas pobres mulheres dinheiro para lhe dar, desnaturado e infame!!

Não é possível ser mau impunemente, e Vs. Ms. viram como foi castigado com severidade Fausto de Esteves, sem que eu tome o trabalho de acusar, ou defender a competência do juiz confessando todavia a justiça da imposição da pena; solto a requerimento da alguns, que tão bons deviam de ser como ele, o Quebra-Espadas, jurou por suas façanhas antigas, que Antonio de Marins teria pior sorte que a de Lourenço de Mendonça; livre como a ave de rapina, que onde encontra caça aí faz seu assento enquanto a devora, não tendo negócios que dispor para partida, sem eira, nem beira como se costuma dizer, correu a S. Paulo sobre os passos do Prelado, e de tal sorte se houve, que alvorotou a gentilha com a relação dos recentes acontecimentos do Rio de Janeiro, alterando a verdade a seu jeito, fazendo com que o povo negasse a obediência ao Administrador Eclesiástico dispondo-se a prendê-lo, para o que cercaram com sentinelas o Convento de Santo Antonio daquela Cidade onde ele residia: com infinito trabalho e perigo se livrou o Prelado da fúria dos amotinados, recolhendo-se a esta Cidade de S. Sebastião, para onde o seguiu o implacável Fausto de Esteves. Passados alguns meses, partiu Antonio de Marins Lourenço para o Espírito Santo, e seu inimigo presa de terrível enfermidade, quase nas mãos da morte, não esqueceu sua vingança e juramento; um servo do Prelado encarregou-se de uma carta para Alonso, o Comprido, que vivia naquela Capitania, de sorte que na mesma mala de Antonio de Marins ia sua sentença de morte.

- “Lá vai o meu benfeitor muito querido, dizia a carta, cheio de virtudes, que lhe valeram em S. Paulo tão caridoso gasalhado como o que lhe fizeram lá o ano que passou; vai agora ver o Espírito Santo, e creio eu que errou no caminho, porque só no céu poderá encontrá-lo: eu te encomendo, irmão meu, que o ponhas de pés para diante no caminho dos sete palmos, que, se esta febre me deixar com vida, irei agradecer-te ou ajudar-te.”

No mesmo dia em que Alonso recebeu a carta devia partir para esta Cidade em companhia de Diogo Lobo, que o tinha a seu serviço: ela veio portando destruir suas tenções de viagem, metendo-lhe entre mãos o infernal projeto de seu irmão Fausto, que sem maior exame começou logo a pôr em prática: como ficava sem abrigo, e porque era mais seguro para seus intentos deu traça a entrar no serviço de Antonio de Marins Lourenço, que sabendo que o cavaleiro o deixava pô-lo não querer acompanhar ao Rio, recebeu-o em sua casa com avantajada paga. Mais de um ano gastou esta víbora em meditar e dispor seu horrendíssimo atentado, e o trato que tivera com os índios por muito tempo no sertão do Rio de Janeiro, tendo-o feito conhecedor de finíssimos venenos, auxiliou-o na execranda empresa; mas um escravo negro, de quem o Prelado se fiava inteiramente, impediu muitas vezes, sem o saber, os desenhos do assassino, até que vítima ele mesmo por causa de sua fidelidade, com a morte abriu caminho sem tropeços à maligna tenção de Alonso.

- “Tens andado muito devagar com a minha encomenda, dizia Fausto a seu irmão em uma outra carta; por esta terra fala-se na próxima vinda do fugitivo de S. Paulo, e eu quisera bem que ele por aí ficasse: apressa-te, ainda que seja preciso usares do ferro, em vez de erva: e manda-me para o céu esse anjo, que não pode viver entre os demônios deste mundo.”

Foi desnecessária esta segunda recomendação, porque, quando chegou, a maldade estava já executada; Antonio de Marins Lourenço havia sido envenenado, perdendo em lugar da vida, o juízo, e assim arrastou muitos anos uma existência de tormentos, até que se embarcou para o Reino, onde foi acabar no mais compassivo e lastimoso estado, que pode imaginar-se.

Não foi, porém, o crime tão oculto, que não houvessem veementes suspeitas de quem fora seu autor: o inopinado desaparecimento de Alonso, o Comprido, e o encontro das duas cartas acabavam de confirmá-las, e o Quebra-Espadas esteve por um cabelo dançando na corda, valendo-lhe suas boas pernas, e a proteção de Diogo Lobo e Jeronimo Barbalho, aquele em atenção aos bons serviços que do irmão havia recebido, este ao pacto, que entre os dois havia: foi ele encontrar-se com Alonso de Estevaes na Capitania de S. Paulo levando cartas para Lucas da Silva e Jorge Ferreira Bulhão, em que os de cá do Rio o recomendavam particularmente, prontos sempre em ajudar os maus, que com eles iam, e os serviam.

A notícia destes acontecimentos ia obscurecer e mortificar a compassiva alma de Clara, a quem Marta com suas exortações piedosas dificilmente consolava; ambas com jejuns e disciplinas sacrificavam ao Senhor pelos crimes de tantos monstros, que aceitando-lhes o holocausto em próprio benefício, preparava-lhes mais rudes experimentos: nova tempestade se levantava sobre suas cabeças, tempestade terrível, que lhes devia valer a coroa do martírio, e a entrada triunfante da glória eterna, prêmio de tantas dores e amarguras, que a terra lhes havia dado.

Morava próximo da humilde casa das duas irmãs o Mestre Fernão Egas Feiteiro, aquele mesmo que há bastantes anos remendou em Andarahy a cabeça de um dos nosso conhecidos, de Jeronimo Barbalho Bezerra; sabedor em sua arte, segundo rezam as crônicas

do tempo, não tinha mãos para tantos como os que o procuravam, a fortuna o bafejara; porém a fortuna tem os pés sobre uma roda, que não só anda, como desanda, e uma vez chegou, em que ela desandasse para o Mestre Fernão, que pouco paciente e indagador de causas por ofício e costume, não se contentou com o – *paciência!* de sua velha criada: começou de indagar para onde lhe fugiam os fregueses, e veio no conhecimento de que as rezas das duas beatas, e a credulidade do povo curavam todas as enfermidades. A reputação das irmãs Marta e Clara crescia espantosamente em prejuízo do Mestre Feiteiro, que só por amor da ciência e filantropia resolveu acabar com as curandeiras desacreditando-as na opinião cega do vulgo ignorante; cada vez que se oferecia ocasião as duas pobres eram vítimas de sua língua ferina, e o Governador, com quem o Mestre privava, ajudou-o até com ordenanças, tolhendo as irmãs Clara e Marta empregarem ervas, ou quaisquer substâncias para curar aqueles que à sua casa fossem: porém as determinações do Governador não tiveram efeito porque só empregavam elas na cura de seus doentes remédios espirituais, e as declamações, insultos e calúnias do Mestre Fernão Egas vieram sobre ele mesmo arredando-lhe da porta esses poucos, muito poucos, que ainda o procuravam. Porém sua desesperação e violento ódio cresceu, se era possível, com o fato, que passamos a narrar: a mulher de um dos mais ricos e nobres moradores da Cidade, depois do feliz nascimento de uma filha, caíra numa moléstia, que ninguém podia reconhecer e classificar; de jovem e refeita, que dantes era, tornava-se de dia para dia um esqueleto, cobrindo-se-lhe a cabeça de brancas, e alterando-se-lhe por tal forma o semblante, que à primeira vista todos lhe davam cem anos, quando apenas teria uma quarta parte; e o mais espantoso era que não havia modo de fazê-la entrar em curativo, porque se lhe falavam em remédios, e em Mestres, respondia dolorosamente, que para ela só havia remédio na sepultura: seu marido, que a amava em extremo, não poupava diligência e ouro para curá-la; todos os abalizados na arte de curar foram consultados, mas desesperaram de vencer não só a moléstia, que não conheciam, como a rebeldia da doente, que de nada se queixava, porque Vs. Ms. sabem que se não disserem ao médico onde lhes dói, estão bem livres de que ele o adivinhe; mas vamos adiante, seu marido o capitão Jeronimo Barbalho Bezerra particular amigo do Mestre Feiteiro não se esquecera de consultá-lo na moléstia de sua mulher, porém debalde porque tanto aproveitou a ciência de Fernão Egas, como tinha aproveitado a de muitos outros, e vendo este pelo estado da doente que poucos dias teria de vida, lembrou ao seu amigo as bruxarias das santas mulheres, segundo ele dizia, asseverando-lhe que só elas poderiam curar a doente, e que quando o não fizessem seria ou porque o não queriam, ou porque talvez fossem elas mesmas quem a haviam posto em tão piedoso estado, valendo-se o malvado deste infernal dilema, que perderia irremissivelmente as irmãs Clara e Marta, porque bem certo tinha ele para si que não curariam a mulher de Jeronimo Barbalho. Sendo chamadas as duas santas mulheres com promessas e boas palavras, uma delas, Marta, chegou a ver a doente, asseverando antes, muitas e repetidas vezes que só com orações podia valer-lhe, e que por isso desnecessário era que a visse; porém o danado Feiteiro fazia destas escusas argumento contra as pobres mulheres, e Jeronimo Barbalho insistia, e Marta veio; por fortuna para a doente não estava em casa seu marido, nem doméstico, ou servo acerca dela, e este isolamento casual, ou, o que mais verdadeiro parece, a vontade do Senhor abriu a boca e alma da enferma:

- Então, que vos parece da enfermidade de minha mulher? perguntava Jeronimo Barbalho para Marta que ia saindo; tendes algum remédio que a salve?! Eu vos darei em troca quanto me pedirdes!!

- Já vos disse que só Deus pode muito; pedirei por vossa mulher em minhas orações, e o Senhor me ouvirá, tende confiança nele.

E Jeronimo Barbalho julgou o receituário muito simples para a enfermidade de sua mulher: mas sua admiração foi extrema quando ao entrar-lhe o quarto de dormir, donde havia muitas semanas que ela não saía, achou-o vazio de sua pessoa, as janelas abertas, e ela passeando no jardim tendo pela mão a filha, que de espaço a espaço apertava ternamente nos braços: correu ao seu encontro cheio de alegria, mas na frieza, com que costumavam recebê-lo as duas, se havia mudança, era tão pequena que mal se distinguia, e Jeronimo estava contente apesar disso porque sua mulher falara-lhe, mandara mesmo a filha que abraçasse seu pai, certo que mudança havia, pequena que fosse. Porém a noite veio destruir as melhoras da pobre senhora, porque provindo elas de uma consolação momentânea, de uma esperança incerta, de uma certeza abalada, sozinha porque Jeronimo Barbalho saía todas as noites, recolhendo-se sobre a madrugada, porque sua filha dormia o sono da inocência, longe de Marta, que lhe dera sossego todo aquele dia, a desgraçada vergou outra vez sobre peso de sua imaginação escandescida, de sua fantasia exaltada, sob o peso da enfermidade, que lhe secava a existência, a melancolia:

Marta, deixando a casa de Jeronimo Barbalho, correu a encontrar-se com sua irmã Clara, que desde muito a esperava inquieta:

- A tua demora fez-me sofrer terríveis angústias, Susana! Pesava-me no coração haver-te deixado ir só, e se soubera onde mora essa pobre que foste socorrer, eu teria ido em tua procura: há tantos anos que não nos separamos, que esta manhã toda me pareceu um século.

E elas se abraçavam, chorando, como se depois de largos anos de ausência se encontrassem; santa amizade, tu és na terra o consolo do homem aflito! Tuas palavras são as delícias de opressa alma – amici consiliis anima dulcoratur; - são elas como o perfume suavíssimo que dilata o coração! Como seria pesada a existência, principalmente para aqueles, que longe dos seus pela eternidade, ou espaço arrastam o tormento, que chamamos vida, se a voz de um amigo não viesse em seu auxílio?! Ó bendita sejas tu entre todas as virtudes, amaldiçoado o que te traiçoa, desprezado e aborrecido quem te não busca, ou nega!!

E elas abraçaram-se chorando de contentamento porque eram duas amigas, e sua amizade devia ser duradoura, eterna porque havia começado na desgraça, pedra de toque onde se lhe conhece o verdadeiro quilate – amicus certus in re incerta cernitur!

- Todavia, disse Marta, a minha demora, além de precisa, há de trazer-nos muita satisfação, minha irmã; ela nos põe no empenho de socorrer uma pobre mulher, que sofre como nós sofreremos, uma mulher que ama com toda a sua alma, vendo-se, ao que ela diz, desprezada e esquecida; a minha demora trouxe-nos mais uma irmã, que assim como esses quatro miseráveis se ligaram entre si para desgraçar quantos inexpertas lhes caíam nas garras, assim nos devemos nós as vítimas unir e abraçar para nos consolarmos mutualmente: é a mulher de Jeronimo Barbalho Bezerra, quem venho de consolar; a desgraçada sofre muito, e caminha a largos passos para a sepultura, mas a causa de seu tormento creio eu que nasce mui longe do lugar, que ela lhe assina; Jeronimo Barbalho mudou como todos, e não são novos amores quem o afasta da esposa, é a ambição.

E ela contou a Clara de Estevaes, com essa minuciosidade que as do sexo empregam quando narram, os tormentos da triste que acabava de consolar, e de como lhe havia prometido vigiar os passos do infiel marido:

- Perigoso empenho é este que nos cometemos, porém grande prazer nos dará, se o vertermos, pondo em calma o coração de nossa terceira irmã; hoje mesmo darei princípio a obra, e tu, Clara, hás de ajudar-me com vontade, não? Sempre te acho pronta em dar auxílio aos que o precisam.

E consultavam entre si os meios de levar ao fim seu empenho, saindo ambas ao sol posto a encontrar a casa de Jeronimo Barbalho Bezerra, que bem pouco as fez esperar saindo como era seu costume quotidiano: seguiram-no de longe as duas irmãs, e a poucos passos chegaram às praias da Cidade, onde num barco que aí o aguardava, se embarcou ele.

- Meu Deus, aqui findou tudo! disse Marta com tristeza.

- Que dizes, minha irmã?! Pois terás medo do mar? Vamos caminhando ao longo da praia, que encontraremos também um barco.

- Não, minha irmã! Tu és mais corajosa, que prudente; quem sabe para onde vai esse homem...

- É isso o que nós queremos saber.

- Eu o sei; porém talvez que o lugar para onde ele vai não possam nossos pés tocá-lo sem grave perigo.

Estavam assim falando, eis que uma canoa ligeira como a flecha veio atracar à praia, não longe delas; e Clara antes que sua irmã lhe pusesse impedimento, corria para ela.

- Vós por aqui? disse um dos homens, que dentro na canoa vinham.

- E com tenção de embarcar-me convosco, se o quiserdes.

- Eu vos pediria que a tocásseis só com a ponta de um dedo, tornou o homem apontando para a canoa, quanto mais impedir-vos que lhe entreis dentro minha santa; vinde, vinde, que o Senhor vos traz para me benzerdes este madeiro, que sustenta minha mulher e meus filhos.

- Olhai, Anselmo, nós queremos ir no caminho daquele barco, que lá vai ao longe, vede-o?

E o canoeiro deu um passo atrás, largando o chapéu.

- Que dizes!? disse ele com os olhos arregalados de medo; vós também quereis ir lá, senhora Marta?

- Pois corremos perigo? disseram as duas irmãs.

- Ai, eu não vos posso dizer nada porque minha mulher ficaria sem marido, e os filhos sem pai, se o soubessem; porém posso dizer-vos uma coisa, e é que não vades lá; vinde para aqui, disse ele afastando-se da canoa, onde estava outro canoeiro, lá em S. Gonçalo juntam-se muitos homens todos armados, e o que eles fazem, e dizem não sei eu, juro-o pela Virgem Santíssima; ora quereis vós ir a S. Gonçalo?!

- Não, meu amigo, disse prontamente Marta, não, porque isso vos comprometeria sem necessidade; ficai-vos com Deus.

- E que ele vos acompanhe, replicou o canoeiro, rogai-lhe por mim, que vos atenderá.

Marta foi no outro dia ver sua doente, e achou-a desfalecida na constância, desesperada no remédio; porém sua presença reanimou-a, e, eu não sei o que ela lhe disse, mas a doente a contar desse dia foi cada vez a melhor, recuperando senão inteiramente a saúde da alma, ao menos a do corpo, com grande espanto de todos especialmente do Mestre Fernão Egas Feiteiro, que até preparara seus vestidos de dó para assistir-lhe no saimento. Cura tão maravilhosa e rápida deu novo lustre à crescida reputação das duas irmãs, que os Mestres apregoavam como feiticeiras, ou bruxas, importando-se bem pouco, o que havia sido curado por elas, da qualidade do remédio, que o livrara das dores; porém afrontar os

que podem foi perigosa coisa em todos os tempos, e assim as duas santas mulheres tiveram que sofrer a fúria de Fernão Egas, cabeça de todos os ofendidos em sua reputação decaída: um dia foram encontrá-las todas duas mortas como duas santas que eram, e mártires porque as haviam estrangulado! Alguns dias depois tendo-se espalhado pela Cidade certos boatos, a velha ama do Mestre Feiteiro foi dar com ele morto negro como um carvão estendido no meio do quarto, asseverando os vizinhos que os demônios o tinham assado em um grandíssimo espeto servindo de lareira o assoalho da casa, que edificara à custa dos pobres, de brasas bom número de dobras, que lhe valera sua filantropia.

## CAPÍTULO VII

Os graves acontecimentos, que acabamos de narrar no capítulo antecedente, ou porque caíram depois de tantos e tão crescidos horrores, como os que por estes tempos eram ordinários em todo o Novo Mundo, ou porque outros ainda mais graves ocupassem e distraíssem os habitantes da Cidade e seu distrito, ficaram no olvido dentro em poucos dias; e se havia quem pensasse neles, se a falta das duas santas mulheres se fazia sentir entre os pobres e aflitos, afogavam-na eles com suas lágrimas e gemidos no silêncio da desesperação: apoucados e humildes para que seu brado soasse ao longe sobre a terra despertando a justiça dos homens, contentavam-se em pedir ao céu vingança de tão atroz delito, vingança dos monstros, que lhes haviam roubado sua consolação, remédio último. Porém de todos aqueles que sofriam, quem mais sentia a morte das irmãs Clara e Marta era sem dúvida a triste mulher de Jeronimo Barbalho Bezerra; seu conforto, sua esperança de salvação como que haviam desaparecido com elas sob a mesma terra que as cobrira, e a pobre senhora só via como limite a seus sofrimentos o túmulo, que ardentemente desejava: e todavia, mais de uma vez seus olhos do muito que haviam chorando rebentavam novamente em rios de lágrimas à vista da inocente filha, que lhe estendia os bracinhos, sorrindo-se como um anjo de redenção; mais de uma vez lhe passaram na mente contristada estas palavras da viúva Marta: - Não é só para nós, que vivemos sobre a terra, - e então suas idéias mudavam, lembrando-se também da abnegação, virtude santa e sublime com que Susana de Froes salvara das garras do opróbrio e miséria uma estranha:

—E tenho eu tão pouca força, que me deixo ir à sepultura, sem lembrar-me de minha filha? dizia ela cheia de entusiasmo; deixa-la-ei entregue ao desamor, ou descuido de seu pai?! Não, eu não quero morrer, e não morrerei!!

Assim são todas as mulheres; ou tímidas como a harda, que foge ao rugir da folha seca despegando-se da árvore, fracas como o bichinho, que roja imperceptível entre o pó debaixo de nossos pés; ou então altivas como a águia sobre o píncaro da serra, afrontando o tufão e o raio, fortes como o leão do deserto: não espereis que um novo tormento venha abalar sequer resolução tão assentada, ela é mulher e é mãe; prepare-lhe a desgraça negras horas, aflitíssimos dias, lá está sua vontade de ferro que vencerá tudo.

Jeronimo Barbalho, que depois de casado parecia ter esquecido sua vida passada, afastando-se da sociedade, com quem passara os primeiros anos, rebentou subitamente do isolamento em que vivia, e as mudas salas de sua casa encheram-se de homens, ou ficaram vazias da sua pessoa por muitas noites seguidas; porém estas reuniões diferiam muitíssimo das antigas; agora nem picheis, nem risadas, ou morno silêncio, ou violentas discussões se sentiam dentro das salas cuidadosamente fechadas para que ninguém fosse perturbá-los em

seus saraus misteriosos, que se prolongavam muitas vezes até horas mortas da noite. Seriam quatro para cinco horas da manhã do dia 30 de Outubro de 1660, quando Jeronimo Barbalho Bezerra abriu a porta de uma de suas salas, fechada toda a noite, e por ela foram saindo para os corredores, e daí para a rua doze homens embrulhados em capas por debaixo das quais se enxergava uma espada, ou a coronha de um mosquete quando um passo mais largo as entreabria: contra seu costume, o dono da casa seguiu-os, e tornaram todos pela rua de S. José em direitura ao mar, onde se embarcaram para o outro lado da baía; muitas embarcações haviam largado de diferentes praias da Cidade, todas com a proa em direção à Ponta do Brabo, outros largavam no instante, de sorte que grande festa parecia haver em S. Gonçalo para que tanta gente se passasse à outra banda; mas, folguedos deviam de ser bem estranhos, pois que homens só, e esses armados, despejavam as embarcações nas praias de além, onde em pouco tempo se ajuntou crescido número deles, não só aí moradores, como dos que a espaços chegavam, recebidos com vozes e alaridos, congratulações e gritos sediciosos, que redobraram com a chegada de Jeronimo Barbalho e seus companheiros, nossos antigos conhecidos, a saber: Diogo Lobo Pereira, Lucas da Silva, Jorge Ferreira Bulhão, e estes que conheceremos de agora em diante: Clemente Nogueira da Silva, Fernão Tarello Homem, Simão Botelho de Almeida, Euzebio Dias Cardoso, Jorge de Sousa, Antonio Forte Vallongo Gonçalves, Mateus Pacheco de Lima e Pedro Pinheiro. Postos em terra, caminharam para uma casa pouco afastada da praia, onde entrou Jeronimo Barbalho, e Jorge Nogueira, desfazendo-se a multidão dos outros em magotes, que presidiam algum dos que acima nomeamos, ou que trouxessem notícias, ou que fossem principais e maiores; assim estiveram por muito tempo, até que Lucas da Silva e Diogo Lobo, foram chamados dentro e saíram pouco depois trazendo um papel escrito, que começaram a ler para os de fora, dividindo-se a multidão em duas partes para ouvi-los; acabada a leitura, que foi interrompida cem vezes pelos aplausos dos amotinados, tornaram a entrar os dois .

- Então que diz o Povo? perguntou Jorge Ferreira.

- Aprova os Capítulos, muitos dos quais nem chegou a ouvir ler, respondeu prontamente Lucas da Silva; aprova a nomeação dos quatro Procuradores, que em seu nome tem de apresentá-los a Tomé Correia de Alvarenga, e aprovará tudo quanto fizermos e quisermos porque lá estão entre ele nossos amigos para dispô-lo a quanto nos aprouver!

- Todavia, interrompeu Jeronimo Barbalho, é preciso vigilância, força e presteza; que se adormecermos sobre o vulcão, nossa perda é certa e irreparável; a execução de nossos intentos tem o seu maior contratempo na demora; sustenta-nos a ira do Povo, convém pois alimentá-la, fazendo partir sem demora os Procuradores que serão presos, ou não atendidos, eu o espero.

E partiu logo para a Cidade uma embarcação ligeira trazendo os Procuradores, que vinham por mandado do Povo apresentar a Tomé Correia de Alvarenga, que governava a Capitania em ausência do general Salvador Correia de Sá e Benavides, não uma petição, que petições não se fazem com espada em punho, mas uma ordem; ao cair da noite dispersaram-se todos, ficando ao longo da praia, e de junto da casa muitos sentinelas, que de espaço a espaço se revezavam sem formalidades, porque todos sabiam o que era mister guardar, cada uma vigia de si mesmo, e só do mar podia vir perigo: assim passou toda a noite e as seguintes, que foram sete, juntando-se o povo de dia para ouvir novas da Cidade que sempre chegavam, até que na tarde do dia 6 de Novembro voltaram os Procuradores a dar conta de como não foram ouvidos pelo Governador, porquanto umas vezes se lhes negava ele, outras remetia para mais longa o recebê-los e por fim declarou abertamente não

ter que diferir a tão loucas e atrevidas pretensões, quais eram as dos alevantados e rebeldes. Estas últimas palavras produziram tal agitação entre o Povo, que não havia contê-lo.

- À Cidade! À Cidade!! bradavam todos a uma voz, arremessando-se uns por cima dos outros contra os batéis atracados na praia, onde se precipitaram de roldão; vamos mostrar-lhe quem são os alevantados e rebeldes às ordenanças de Senhor Rei D. Afonso VI, cujos leais vassallos somos!

Porém uma voz forte, que dominou todos os gritos da plebe, suspendeu os remos no ar, as passadas daqueles que se iam ainda para a praia, e os alaridos que se ouviam:

- Aonde vos ides?! gritou Jeronimo Barbalho, estendendo os braços como para sustê-los; à Cidade! Que fazer lá, dizei? Se vos não presto para nada, ide-vos, que eu não irei hoje: bem sei que é preciso ir à Cidade...

- E por que não deixas caminhar o Povo! interrompeu Jorge Ferreira, que lhe ficava perto; por que não aproveitamos sua raiva?

- Porque não quero que sejamos recebidos na ponta das lanças E espadas dos da Cidade: porque é mister dizer aos de lá, ao que vamos, e a estes ao que vão. Não sabes que em São Tiago e na Cidadela dormem arcabuzeiros comandados por Sás? Um dia me basta para concertar meus planos, e demais espero esta noite avisos pelos irmãos de Estevaes, que estão nos fortes da Cidade; amanhã por noite embarcaremos, vai dizei-o ao povo...

E as ordens do caudilho foram prontamente executadas, desembarcando uns e afastando-se todos da praia; no dia seguinte o Povo armado se apresentou em frente da casa, esperando as determinações do cabeça da revolta, que por seu adjuntos lhas transmitiu ordenando que à meia noite estivessem prontos para embarcar.

Amanheceu o memorável dia 8 de Novembro do ano do Senhor 1660, dia marcado com pedra negra nos anais da Capitania do Rio de Janeiro; às 5 horas da manhã inumerável multidão cercava a casa da Câmara, dando estrondosos vivas a El-Rei, e vociferando contra as autoridades constituídas; rebeldes nos lábios e no coração, leais no coração e nos lábios: depois que assim estiveram alguns momentos, uma voz se levantou do meio deles chamando por seus nomes os oficiais que de presente serviam na dita Câmara, os quais sendo avisados do chamamento do Povo correram logo a ver o que se lhes mandava; reunidos que foram, rebentou segunda vez a multidão em espantosos gritos, e logo um homem se adiantou e disse:

- Nós outros, muito leais vassallos do Senhor Rei D. Afonso VI, que Deus guarde, vos representamos em como no dia 30 de Outubro passado nos ajuntamos da outra banda desta Cidade, onde chamam a Ponta do Brabo, e daí nos pretendíamos passar acá magoados, queixosos e oprimidos...

- Sim, sim!! clamou o Povo; oprimidos das vexações, tiranias, tributos, fintas, pedidos, destruições, de fazendas, que nos há feito o general Salvador Correia de Sá e Benavides!

- Ouvi o Povo! recomeçou o primeiro que havia falado; ouvi-o que não pode mais sofrer um Governador que só trata de sua conveniências, sem atender ao bem comum, Governador insolente, que nos afronta em vós mesmos com palavras injuriosas, precipitando, vexando e oprimindo a todos nós que lhe estamos sob o poder; o Povo recorreu a Tomé Correia de Alvarenga, que de presente está governando esta praça por ausência do dito general, que se foi às minas das capitánias de baixo, mas os seus Procuradores não foram ouvidos porque Tomé Correia é dos Sás, família que dá homens para todos os cargos importantes da República. nova tirania que inventaram soberbos!! Ora o Povo cansado de sofrê-los, vem em pessoa pelas sobreditas razões, a excluir e

remover, como com efeito exclui e remove, ao dito general Salvador Correia de Sá e Benavides, do cargo e posto de Governador desta praça, o que Sua Majestade haverá por bem, pois que é em benefício e conservação dos moradores dela seus vassallos, a quem deve amparar, e não oprimir.

- É isso, é isso!! gritaram de novo os alevantados; venha Tomé Correia!... Chamai-o a este tribunal para que aprove a resolução do Povo!... Venha Tomé Correia!!

Quem seria tão louco e atrevido, que se aparecesse com débeis forças à fúria da plebe desenfreada? Como suster as águas impetuosas do gigantesco dique roto em mil partes?! Todos se curvaram à vontade do leão que os espremia entre as garras, e o mesmo Governador Tomé Correia, se ousou afrontar a cólera do povo mandando dizer-lhe por escrito que não podia convir no removimento e expulsão, é porque se julgava seguro dentro das paredes do Mosteiro de S. Bento, adoçando todavia suas palavras com o requerer-lhe em nome da Majestade, que não houvesse entre ele desinquietação, e que tudo que fizesse fosse com muita paz e sossego; prudência, e não vergonhoso medo, parece ter sido a divisa de todas as autoridades dessa época, prudência, que de alguma forma verteu em benefício dos rebeldes, que se homens exaltados tivessem as rédeas do governo, a revolta não teria começado, progredido, e enfim acabado sem correr rios de sangue: a bondade do Soberano é o melhor e mais seguro meio de trazer à razão súditos alevantados; a prudência de seus ministros o melhor exército que devem pôr em campo; maldição aqueles ambiciosos, que por conservar o mando, que lhes foge não duvidam sacrificar centenas de vidas de prestáveis cidadãos, cujo maior crime é a ignorância! Porém continuemos a nossa história.

Encostado a um dos umbrais da porta Câmara via-se um homem, cujo rosto, espelho de alma danada, mostrava horroroso conjunto de maldades; com a barba sobre as mãos, que descansavam na boca do mosquete parecia indiferente ao motim que o cercava, porém seus olhos pequenos e de fogo, como que seguravam em seus lugares os Oficiais da Câmara, volvendo-os constantemente de uns para outros, e depois indo parar com eles em Jeronimo Barbalho e Jorge Ferreira, que com um sorriso, ou inclinação de cabeça lhe agradeciam a vigilância; já assim estava havia muito tempo, porque fora ele dos primeiros, que chegaram, quando uma velha furando por entre o aperto se chegou à porta, e tirando-o pelo braço:

- Foi Deus quem vos pôs aqui! disse ela consertando os farrapos que a cobriam; foi certamente, senhor Fausto de Esteves, porque já me falta o alento para acabar de atravessar estas ondas de Povo, que me esmaga

- E que é do homem? Pudeste vós achá-lo, tia Brigida dos Santos?!

- Nem S. Pedro dera com ele, Senhor Fausto, mas eu o descobri; ide chamar Lucas da Silva, que lhe quero dizer.

E Fausto voltou-se, fazendo um sinal a Jeronimo Barbalho que veio à porta prontamente.

- Aqui tendes esta boa mulher, que diz saber onde ele se oculta.

- Sim! disse o caudilho com vivacidade; então dissei-o.

- Sou vossa serva, senhor cavaleiro; porém eu quisera falar com Lucas da Silva, convosco nada tenho.

Jeronimo Barbalho ia responder-lhe talvez desastradamente, esquecendo assim de que a popularidade só se ganha de duas formas, ou com bondades, ou com baixezas, infâmia e descaramento, sofrendo caladinho qualquer liberdade de pé-rapado, que tem isso?! Mas Jeronimo Barbalho ia responder-lhe, quando entraram os Procuradores do Povo, que tinham

ido chamar Tomé Correia, e com eles vinha o Tabelião Antonio Francisco da Silva, que portou por fé ter ouvido dizer ao Governador que não convinha no removimento, e expulsão como já disse a Vs. Ms. mais acima. Aqui foi que o Povo mostrou quem era, e quanto valia! Um chuvaireiro de insultos caiu sobre o Governador, e sobre quantos iam com ele, e todos a uma voz aclamaram que elegiam, e queriam, como com efeito disseram, e elegeram por Governador da Praça e seu distrito ao Capitão Agostinho Barbalho Bezerra, Fidalgo da casa de Sua Majestade, Comendador da Ordem de Cristo, e filho do defunto Luiz Barbalho Bezerra, Governador que havia sido em 1643; e logo assim congregado e junto, correu desatinadamente às casas onde morava o mesmo Agostinho Barbalho, sem ouvir, nem atender Lucas da Silva, que com toda a força de seus pulmões lhes bradava que parassem, até que cansado de gritar seguiu a turba até as ditas casas, que estavam vazias.

- Ao Convento de S. Francisco! bradou Lucas da Silva, em meio já dos amotinados.

- Ao Convento de S. Francisco!... bradaram todos já em movimento, e em breve espaço a ladeira de S. Antonio, e o pátio, ou eirado da igreja encheu-se desta multidão, chamando a grandes brados pelo refugiado, depois de o aclamarem por Governador, ao que ele se escusou sempre, até que entraram dentro, e insolentemente o trouxeram à força para fora, e daí à Câmara, onde Agostinho Barbalho forte com a presença dos oficiais prorrompeu nestas vozes:

- Que razão e que causa me dais vós para que aceite a levantuosa nomeação, que haveis feito? E que causa e razão haveis para o fazer, tendo como tendes, Governador em Tomé Correia de Alvarenga, a quem eu reconheço como tal, e que vós deveis obrigar que continue no governo?!...

- Pois se não aceitais, haveis de morrer!! replicou o Povo a uma voz; haveis de aceitar a nomeação do Povo, ou perder a vida; aceitai, que nisto fazeis grande serviço a Sua Majestade, e será em bem comum de nós outros!

Agostinho Barbalho voltou-se para um e outro lado como buscando um meio que lhe salvasse a vida, sem comprometer a honra, que ele julgava arriscada aceitando a nomeação, que o Povo fizera: e vendo-se a braços com o rancor e insolência da plebe só e sem apoio para contrariá-la e repeli-la, considerando em como se arriscava a Praça, por servir Sua Majestade, remir a própria vida, e por quietação do Povo aceitou o cargo de Governador, debaixo de todos os protestos.

E logo toda a multidão gritou que dava preito e homenagem ao novo Governador, o qual pondo ambas as mãos sobre um Missal, em que estavam os Santos Evangelhos, disse por esta forma:

- Prometo a Sua Majestade El-Rei D. Affonso, como leal vassalo seu de ter e manter esta Praça, e a defender com cautela e sem engano, guardando em tudo o serviço do dito Senhor, até pôr a própria vida por ele, e entregá-la somente a ordem do dito Senhor Rei.

Tendo acabado de prestar homenagem Agostinho Barbalho Bezerra, o Povo deu por levantada a que Tomé Correia de Alvarenga havia tomado, mandando que se lavrasse um auto, em que o ocorrido fosse exposto, e pelo qual o davam por desobrigado dela, e do governo da Praça; este auto fez o tabelião Antonio Francisco da Silva em presença do novo Governador, dos Officiais da Câmara, e dos tabeliães Sebastião Serrão Freire e Antonio de Andrade, sendo assinado por cento e doze homens, além do Governador eleito e eclesiásticos, e porque não era possível que todo o Povo o assinasse, elegeu como procuradores *ad hoc* Jeronimo Barbalho Bezerra, Diogo Lobo Pereira, Jorge Ferreira Bulhão e o alferes Lucas da Silva.

Sabeis vós como um homem descendo acelerado por uma ladeira íngreme, tendo em vista parar em certo ponto, desce, desce, mas a sua mesma violência leva-o, onde não queria apesar de sua vontade? Pois assim é o Povo em uma revolução; assim é ele quando põe de lado o trabalho, ou a paciência, quando se levanta rei esfarrapado e descalço, rei cego, tirano, estúpido e temível; assim foi este Povo do Rio de Janeiro em 1660, porque mal findavam uma violência, entraram noutra, constringendo o Ouvidor Geral Pedro de Meitre a abrir o pelouro para nomeação de nova Câmara, que, a que estava, não merecia suas simpatias, criminosa só por haver sido eleita em outros tempos! Ora, sendo costume abrir-se os pelouros no primeiro de Janeiro, manifesta ia a violação da Lei: mas quando foi que amotinados quiseram saber de outras leis que não fossem as de sua fantasia, apesar de clamarem os de todos os tempos, que por guardá-las, se levantam! Nunca, e mentem! O Povo amotina-se, ou faminto, ou farto e ocioso, e a ociosidade e a fome não conhecem leis, nem deveres. Violaram a Lei fazendo abrir o pelouro, e o Povo entrou na eleição de seus novos representantes, nomeando para juizes Diogo Lobo Pereira e Lucas da Silva; e para vereadores a Clemente Nogueira da Silva, Fernando Tarelo Homem, Simão Botelho de Almeida, e Procurador Euzebio Dias Cardozo, vociferando e clamando todos, que usando do seu direito aprovavam e ratificavam aquela eleição, e que só por ela estariam.

Porém, o ódio não estava satisfeito com a deposição de Tomé Correia de Alvarenga, era preciso mais alguma coisa, e as casamatas da Fortaleza de Santa Cruz da Barra abriram-se para recebê-lo, depois de lhe haver sido intimado o auto revolucionário, para que mais não usasse do cargo de Governador da Cidade e seu termo, ao que ele respondeu, que não encontrava a ação do Povo por entender ser assim serviço de Sua Majestade, paz e quietação da República, porém que o fazia salvos todos os protestos, e violentado; mas nem esta determinação o salvou da afrontosa prisão, para onde o arrastaram juntamente com o Provedor-Mor Pero de Sousa Pereira. Se mesquinha era a sorte de Tomé Correia, não era também para desejar a de Agostinho Barbalho Bezerra, porque ambos eles tinham um mesmo pensamento, ambos consideravam com horror o termo e paradeiro da tantos excessos, afadigando-se por encontrar-lhe uma barreira; desesperando de encontrá-la chamou este à Câmara o Sargento-Mor do Presídio Martim Correia Vasques, aos capitães, e o Auditor da gente de guerra e Ouvidor geral o doutor Pedro de Meitre Portugal, que acudiram prontamente, sem embargo dos insultos e ameaças do Povo, que em vozes e alaridos lhes lembrava de Tomé Correia que haviam prendido já, se não reconhecessem como legítima a nomeação de Agostinho Barbalho, ao que eles anuíram, malgrado seu, e só por não trazer sua oposição mais horrores, do que os grandes que se viam. Vendo os amotinados reconhecida por todas as autoridades a nomeação de seu Governador apresentaram certos capítulos, cujo deferimento ele cometeu para adiante; o que sofreu mal Jeronimo Barbalho e outros, reunindo-se todos na noite de 15 Novembro, discutindo largamente os interesses de cada um; na manhã do seguinte dia, e em vereança, foi lida, aprovada e remetida para a Câmara de S. Paulo uma carta cheia de embustes e falsidades, digna ata da sessão noturna do dia antecedente, e que dizia assim:

- São tantos os aspectos, ou melhor dizer tiranias, com que o mau governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, e seus parentes têm oprimido a toda esta Capitania que não podendo já suportá-lo por mais que se intentou, resolveu-se assim a nobreza como o clero, ainda a este povo conformes, unanimemente a deitar de si a carga com que já se não podia findar a justificação, que esperam fazer ante os pés de Sua Majestade, das causas que tinham e os moveram, e em que se fundaram para depor ao dito Salvador Correia de Sá e Benavides, e a Tomé Correia de Alvarenga do governo em que por sua ausência o deixou;

tirando também de seus postos ao Sargento-Mor Martim Correia Vasqueanes, e ao Procurador Pero de Souza Pereira, que todos ficam presos nas fortalezas desta Cidade, pois todos estes senhores reconheciam esta miserável Capitania com outros parentes seus por governadores dela, tratando só de seus acrescentamentos, e por muitas vezes da nossa destruição; de que os moradores dessa Capitania, que a ela vêm com suas drogas, são boas testemunhas, pois experimentaram o rigor com que se lhes tomavam, e o não pagamento que delas tinham, acudindo-nos como tão bons vizinhos com o ordinário sustento de quanto aqui necessitamos, devendo ser diferentemente correspondidos ao benefício que nos fazem, como será daqui por diante sendo Deus servido: suposto isto quiseram com toda a verdade representar a Sua Majestade entre outras coisas e procedimento, com que o administrador geral das minas Pero de Souza Pereira se tem havido nelas em razão dos estancos que lá mandam fazer de aguardente, vinho, e outras fazendas, para com eles comprar ouro, e mandá-lo a Sua Majestade com o título de que era rendimento dos quintos, afim de ir sustentando o muito que tinha prometido ao dito Senhor que pretendia tirar das sobreditas minas; e também o que nessa Câmara se tem acatado sobre o mineiro Jaime Cosme, do qual corre aqui que fora violentamente morto em respeito de haverem mandado a Sua Majestade em nome do dito Cosme alguns aviso fantásticos para se ir continuando com o mesmo engano. Pedimos a Vs. Ms. nos queiram mandar informação certa de tudo o sobredito pois também Vs. Ms. fazem nisso serviço à Sua Majestade, que tanto deseja saber com certeza o desengano destas minas, e de todo e procedimento delas, fazendo também, se a Vs. Ms. parecer, aviso ao dito Senhor, enviando-nos as cartas, para por nossa via se lhe remeterem, etc... etc.

Esta carta atrevida e manhosa, pois foi feita com intenção de conhecer o ânimo dos Paulistas a respeito de Salvador Correia, teve sua resposta em 18 de Dezembro, e como ela não chegou às mãos e conhecimento dos alevantados senão em 23 de Janeiro de 1661 para não antecipar os acontecimentos em seu tempo a daremos também a ler a Vs. Ms.

## CAPÍTULO VIII

Logo que os Paulistas receberam a carta da Câmara do Rio de Janeiro, e depois que a ela responderam de forma a não deixar em dúvida seus sentimentos de lealdade, e afeição a Salvador Correia, escreveram também a este, rogando-lhe por mercê quisesse assistir na vila de S. Paulo, ao que ele se escusou dizendo, que o chamavam ao Rio diferentes negócios, sendo de muito peso a obra de certos galeões, que ali estava começada; e porque o principal fundamento desta obra era na Ilha Grande por haver aí muitas madeiras, taboados, estopas e imbés para amarração, ia-se para a Vila de Angra dos Reis, sem embargo da lembrança que lhe faziam de estar ela tão chegada a Cidade do Rio de Janeiro: quando à oferta de suas pessoas e fazendas, com que se diziam aparelhados para acompanhá-lo, lhes agradecia, por estar certo de que os habitantes daquela Cidade se teriam sossegado à vista do bando, que no 1º de Janeiro de 1661 mandara lançar ao som de caixa, perdoando aos alevantados seus excessos; declarando todavia por inconfidentes ao real serviço os oito Procuradores, quatro da nobreza, Jeronimo Barbalho, Jorge Ferreira, Pedro Pinheiro, e Mateus Pacheco; e outros quatro dos oficiais Matias Gonçalves, Manoel Borges, Antonio Dias e Antonio Fernandes Vallongo, ao Sargento-Mor, capitães do presídio e ministros dele havendo-os por reformados e inábeis, condenando-os por toda a vida para a

conquista de Benguela e mais penas que Sua Majestade fosse servido dar-lhes, e aos Procuradores, como cabeças de motim, em pena de vida e perdimento de bens, se acaso não obedecessem prontamente a seu mandado, que vinha a ser Governar o mesmo Agostinho Barbalho Bezerra em sua ausência, sem embargo de haver sido eleito pelos amotinadores; outrossim que o vereador mais velho que servisse na Câmara, fizesse juntamente o ofício de Provedor da Fazenda, e que dos casos em que o Capitão-Mor não pudesse resolver por si só o fizesse com assistência dos oficiais Câmara, Ouvidor Geral, e dois letrados, que o Povo houvesse de eleger, evitando-se o novo modo de parlamento. Porém os amotinadores nem à bondade do general Salvador Correia de Sá, que até lhes concedeu parte das condições, ou capítulos, que haviam apresentado a Tomé Correia, nem ao desengano e fidelidade dos Paulistas curvaram a frente rebelde e altiva! No dia 23 de Janeiro chegou a esta Cidade a resposta da Câmara de S. Paulo, monumento de lealdade, que junto ao de Amador Bueno, quando não houvessem outros muitos, bastava para fazer o elogio dos valentes e intrépidos filhos da Província; era a sobredita carta concebida nestes termos:

“De 16 de Novembro é a carta que aqui recebemos de Vs. Ms., cujo cuidado presente sentimos grandemente, e muito mais as causas dele. Deus nosso Senhor, que nos maiores trabalhos costuma dar por meios suaves alegres fins, se sirva concedê-lo assim a este de Vs. Ms., para que em breve vejamos a esse povo restituído na posse de seu antigo sossego, para lhe darmos os parabéns, como agora lhe damos os pêsames dos seus enfados.

A informação que Vs. Ms. me pedem dos estancos, que o administrador das minas Pero de Sousa Pereira mandou fazer dos vinhos e aguardentes, não podemos satisfazer, porque nesta vila nunca os pôs; e se nas outras o fez, pela razão de que lhe ficavam elas em via para a jornada das minas, é tão fora de mão como esta; as Câmaras delas devem informar a Vs. Ms. neste caso da verdade que ignoramos. Quanto à morte do mineiro Jaime Cosme, suposto que ao princípio a fama, como em outras coisas publicou que fora violentada, todavia em contrário se praticou depois, e entre nós serve a esta Câmara quem com curiosidade perguntou pelo sucesso a pessoas que foram presentes, as quais lhe disseram que fora a morte casualmente desastrada, porque indo a mudar-se com passo mais largo o dito mineiro para outra pedra, por haver antes sentido o ruído, escorregara, e caindo se despenhara na cata, ou alta cova que se fazia: também disso podem ter mais plena notícia os que são vizinhos ao lugar onde sucedeu o caso. Em razão do general o Senhor Salvador Correia de Sá nosso Governador, experimentamos tanto pelo contrário as mal fundadas queixas desse povo, que com todos os dessa Capitania juntas mal lhe pagaram parte do muito que por eles há feito, e a esses estranham a novidade do sucesso, a que Vs. Ms. devem acudir com o remédio, para que Sua Majestade fique melhor servido, e nós não faltaremos à obrigação que temos de seus leais vassallos...”

Do conteúdo desta carta, e de outras notícias tiraram as cabeças da sedição novos motivos para atrevimentos novos, propondo em vereança de 21 de Janeiro que se tomassem rigorosas medidas por haver certeza de vir o Governador expulso, para o que estava ele congregando gente em S. Paulo; e se dizia que por mar pretendia fazer sua entrada, pela calçada do monte, a tomar uma das fortalezas da barra, para dali conseguir o seu intento: por isso requeriam a eles oficiais da Câmara, que logo com toda a brevidade e cuidado fizessem aviso ao Governador Agostinho Barbalho para que no mesmo dia guarnecesse as ditas fortalezas com cinqüenta soldados mais em cada uma, além dos que já tinham, com ordem e instruções aos capitães delas do como receberiam o dito general, se acaso as acomettesse; e mais, que por terra se pusessem espias em certas paragens, que deviam ser demandadas, caso o acometimento fosse por terra. Seguiu-se a execução ao aviso e

requerimento, porque Agostinho Barbalho temia com razão algum excesso nos populares desatinos; assim no dia 25 partiu o capitão Agostinho de Figueiredo com sua companhia a tomar conta da fortaleza de S. João, onde estava preso o Sargento-Mor Martim Correia Vasques, e para a de Santa Cruz dezesseis soldados e um cabo às ordens do capitão da mesma Antonio Nogueira da Silva; e porque a saída desta gente desfalcava muito a guarnição da praça, foram mandados vir de recôncavo três companhias, a saber, uma de Jacarepaguá, outra de S. Gonçalo, e outra de Suruí.

Nestes e noutros preparos de criminosa resistência gastaram os amotinadores o restante do mês de Janeiro, reunindo-se todas as noites em casa de Jeronimo Barbalho Bezerra de onde saíam preparados e discutidos os atos forçados da passiva autoridade do governador; porém estes armamentos e diligências tinham segundas e ocultas vistas: certo descontentamento, que começava a lavrar surdamente entre os da ínfima plebe, dominada pela voz poderosa do Quebra-Espadas, dava sérios receios aos influentes, que por se desembaraçarem dos dois irmãos Estevaes mandaram-nos como espias para o interior, enquanto as fortalezas da barra recebiam como reforço da sua guarnição alguns mais atrevidos em suas falas: ora, não foi sem grande sobressalto, que foi ouvida por Jeronimo Barbalho a notícia de que Fausto de Estevaes chegara à Cidade, pois que por qualquer motivo que fosse, a sua presença era de mau agouro; maior foi ainda, quando no mesmo dia 31 por noite o Quebra-Espadas se apresentou no clube armado até os dentes:

- Eis-vos aí todos conversando bem, descansados, senhores cavaleiros! disse ele, depois de olhar para um e outro lado com ira e despeito.

- E eis-vos aí, que assim sabeis desempenhar o que vos cometem! respondeu Lucas da Silva caminhando para ele; porém, estacou em meio do caminho, porque Fausto de Estevaes levava rapidamente a mão direita ao seio.

- Aqui vereis se desempenho, ou não o que me cometem! retrucou ele retirando-a dentre a veste, e mais um papel embrulhado, que apresentou a Jorge Ferreira.

E o papel correu de mão em mão, até vir parar na de Lucas da Silva, que tinha gasto todo o tempo, que os outros levaram a lê-lo, em concertar-se do susto porque passara com o movimento não esperado do mensageiro.

- Ao Senado da Câmara compete indagar da traição...

- Ao Senado da Câmara?! interrompeu Fausto de Estevaes; e por que não há de ser ao povo? Nós temos de tomar contas aos senhores padres de certa escritura de transação, amigável composição e renúnciação, que eles fizeram conosco em 25 de Julho de 1640, pela qual desistiram da procuração, execução e publicação da Bula de Paulo III nosso santo Padre, que Deus tem; o povo quer visitar os reverendos padres, senhores cavaleiros, deixai-o com sua vontade, que fará bem: é preciso mostrar-lhes nossa afeição pela bondade, que tiveram com nós outros, e demais o povo quer ouvir o seu nome nas ordenanças!! Só ouvimos: - O Governador... O Senado da Câmara... Os procuradores do povo... Senhores procuradores do povo, procurais para vós, ou para ele?!

- Sois...

- Um pateta! disse Diogo Lobo interrompendo a Jeronimo Barbalho, cujos olhos chamejavam; tomai lá esta bolsa pela vossa diligência, e esperai amanhã no Senado para ouvirdes se o povo manda e ordena, ide! E o tribuno vil arrefeceu com o contato do ouro, e deixou a sala; no outro dia pela manhã, primeiro de Fevereiro de 1661, gritava pelas ruas da Cidade um pregoeiro nestes termos:

- Ouvi o mando, que manda o povo desta Cidade e seu recôncavo, que toda a pessoa de qualquer quantidade, que seja parente, ou não do general Salvador Correia de Sá e

Benavides, criado, amigo, afeiçoado, que se quiser ir para sua companhia, se irá manifestar ao Senado da Câmara, para se lhe dar licença, e toda a boa passagem que lhes for necessária para se partir, para que dentro em dois dias o possam fazer sem se lhes fazer ofensa alguma; e passado o dito prazo sem se virem manifestar, e constando ao depois por qualquer via se carteia com o dito general, ou segue sua voz, será preso e degradado por dez anos para Angola, e haverá mais a pena que o povo lhe quiser dar.

- Eis aí o segundo efeito de meu atrevimento! dizia um homem de fera catadura para o povo, que se havia acercado do pregoeiro; veremos agora, continuou ele apontando para o monte de S. Januario, veremos agora se nos deixam ir lá em cima, que senão à fé que das mãos dos senhores procuradores há de sair a procuradoria.

- Tende conta com os ditos, amigo Quebra-Espadas! disse o Licenciado Antonio de Barros, que também havia parado para ouvir o pregão, homem sabedor e amigo declarado do povo; tende conta não vão eles fazer algum conchavo com os jesuítas – pro bono pacis, como eles padres costumam; adeus, meu valente!

- Deixai-os todos comigo, jesuítas e procuradores do povo, que lhes farei boa cama!

- Mas, senhor Fausto, qual é o outro efeito do seu atrevimento? Que se este bando é o segundo, por certo há de haver um primeiro.

- Ora vá-se com satanáas, senhora Brigida dos Santos! Está Vs. Ms. com essa sua cara encarquilhada e amarela como um velho pergaminho crestado, as costas arremedando aqueles monte lá ao longe, cujo nome tomou seu marido depois de certo aguaceiro de bordões no arruído de Março, e não há motim, ou ajuntamento, onde a não vejam?! Vá-se a rezar nas contas por sua alma, que em pouco terá de dar apertadas contas de alguns desvios que eu sei, e de outros que só Vs. Ms. sabe.

- Ladrão, carrasco e traidor! disse a velha afastando-se; deixa-te estar, que boa cama te farei eu a ti: Lucas da Silva saberá quem tu és!!

Enquanto o bando caminhava pela Cidade, concertavam os oficiais da Câmara a seguinte carta, que dirigiram ao Reitor dos Jesuítas:

- “Os procuradores do povo me fizeram queixa, hoje neste Senado, do padre Antonio de Mariz, superior da aldeia dos Índios de S. Bernabé, de que tinham por notícia e era certo, e disto sabedores, de que o dito padre estava fazendo muita gente de Índios da terra, amotinando-os para servirem e acompanharem ao general Salvador Correia de Sá e Benavides, obrigando-os e excitando-os com palavras e promessas de que o dito general os há de libertar, porque o povo os quer cativar, sentindo muito a mal destas ações do povo, o que lhe tem dado grandíssimo escândalo; nós o fazemos saber ao padre, e lhe requeremos da parte de Deus seja servido mandar recolher o dito padre superior, e pôr outro em seu lugar, com a advertência que trate das coisas que estão a seu cargo, e que não se meta nas da República, porque assim fique este povo satisfeito e quieto, e o padre em paz. Guarde Deus ao padre. Em Câmara ao 1º de Fevereiro de 1661 anos. – Lucas da Silva, - Diogo Lobo Pereira, - Fernão Tarello Homem, - Simão Botelho da Cruz.”

Era tão sem fundamento semelhante imputação, e só levantada para cobrir os interesses e vistas do caudilho da plebe, dando-lhe um motivo para regressar à Cidade, e satisfazer seus infames intentos que os mesmos oficiais da Câmara bem o mostram na languidez desta carta, porque de tão grande crime só pediam como satisfação o removimento do superior da aldeia; ainda que na resposta do Reitor se entreveja algum motivo para desconfianças, o padre Mariz tinha dado à língua com efeito:

-“*Pax Christi*. Consultei com todos os padres deste colégio, respondeu o Reitor, o ponto sobre que Vs. Ms. me escrevem, e achamos que é impossível que o padre Antonio de

Mariz faça gente Índios da terra, amotinando-os para servirem e acompanharem ao general Salvador Correia de Sá e Benavides, obrigando-os e investindo-os com palavras e promessas, sentindo muito mal das ações do povo; e porque seria grande infâmia do padre e da Companhia condená-lo logo a ser traidor ao povo no tocante ao fazer gente, que no que toca a sentir mal, e dá-lo a entender por palavras parece coisa dificultosa, visto terem posto preceito de obediência e outras penas que não se reprove o que o povo faz, pois isso não nos pertence, nem convém que folguemos e falemos mal de suas ações; porém não é tão impossível como o primeiro, porque inadvertidamente pode escapar uma palavra que advertidamente não se diria, e talvez os que ouvem trocam as palavras, e calam algumas circunstâncias que mudam os sentidos e as palavras, pelo que nos parece, que alguns dos senhores procuradores, ou dos senhores desse nobre Senado e eu vamos à aldeia, e saberemos o que, na realidade se passa; e achando o padre culpado resolveremos com os ditos senhores procuradores do povo o que for bem e mais conforme ao gosto de Vs. Ms.; os padres acordarão facilmente em que lá se ponham clérigos e virão os padres, porque estamos moralmente feitos que os mal afetos da Companhia a cada passo hão de informar a Vs. Ms. e aos senhores procuradores do povo, conforme o afeto que têm, e quando menos mal informados dos Índios, que quando estão com vinho levantam mil mentiras, como eu experimentei muitos anos, e os padres não podem andar com estes sobressaltos. Guarde Deus a Vs. Ms. Colégio, em 1º de Fevereiro de 1661 ano. O padre Antonio Fortes.”

Acabada esta carta, e remetida ao Senado, entrou o Reitor dos Jesuítas em penosos cuidados de como se livraria e os seus de algum excesso da populaça, desconfiado que suas razões não fossem atendidas pelos procuradores do povo; e como as portas e paredes de seu Convento, ainda que fortes e bem seguras, não bastassem a defendê-los, resolveu-se a procurar socorro nesses mesmos, que temia, indo buscar os capitães Garcia da Gama e Alexandre de Castro por meio dos quais ofereceu boa soma de dinheiro aos soldados de suas companhias para que em caso de algum acometimento os tivessem propícios: ora quando o Reitor saía da casa de Garcia da Gama, reparou numa velha, que o seguira desde a portaria de seu Convento, e que como de propósito ficara esperando-o; seguindo caminho para casa do segundo capitão Alexandre de Castro levou-a sempre de olho, e ao sair encontrou ainda a velhinha que o esperava:

- Não, isto não pode ser acaso! Ou eu me engano muito, ou esta maldita velha segue-me os passos e é uma espia; manha com ela, e saberemos a verdade.

E o jesuíta voltou atrás, e chegando-se para velha:

- Boa mulher, disse ele com esse tom que os da Companhia tinham inventado, ou ao menos apurado, boa mulher sabeis onde mora a capitão Salvador Correia...

- Que serve na companhia do defunto Antonio Correia não é, senhor padre?

- Esse mesmo.

- Pois mora na rua da Misericórdia ao pé de casa dos Coqueiros que foi dele muito tempo.

- Tenho eu uma carta para entregar-lhe, porém tenho-a lá no Convento, e estou tão cansado, que não terei forças para subir duas vezes a ladeira; quereis vós levá-la, pagando-vos eu vosso trabalho?

- Pelo amor de Deus vô-la levava senhor padre, quanto mais por alguma coisa que me deis, que sou tão pobre!

- Pois vinde comigo.

Chegados no alto de S. Januário, o jesuíta entrou no Convento. para escrever ao capitão Salvador Correia, participando-lhe a imputação que haviam feito ao padre Mariz,

rogando-lhe de avistar-se com os Oficiais da Câmara para certificá-los do falso de semelhante acusação; depois chamou um índio inteligente para seguir a velha de longe, a qual deu o escrito.

A tia Brigida dos Santos, espia de Lucas da Silva e portadora da carta do padre Antonio Forte, mal que desceu a ladeira correu a entregar a mensagem nas mãos do criado de sua filha, contando-lhe como vira o jesuíta entrar nas casas de Garcia da Gama e Alexandre de Castro.

- Bem está, minha avó; porém as novas que me trazeis, já são velhas para outros e para mim; desta carta não sabe o Quebra-Espadas por certo, mas que o Reitor dos padres visitou os capitães sabe-o ele, e até o que disseram entre si !!

- Maldito Quebra-Espadas, que sempre me vence! murmurou a velha; e vós fiaí-vos dele, senhor Lucas? Se soubésseis o que esse tratante diz de vós outros, que libertastes o povo?!

- Sim, sim! É um demônio perigoso, que além de tudo nos é preciso; ele faz do povo quanto quer, e nós temos alguma: já me disseram que os que vão com ele, pretendem nomear novos procuradores, e falam em Ambrosio Dias e outros; ide indagar disso, e voltaí, seja a que hora for da noite.

Os receios de Lucas da Silva eram bem fundados; no dia seguinte, muito antes de começar a sessão da Câmara, ondas de povo furioso desembocaram de todas as ruas, e em breve fizeram de cerca da casa um muro tão compacto, que os Oficiais mal puderam atravessá-lo para entrar na sala; na soleira da porta com o arcabuz carregado o Quebra-Espadas movia o povo a sua vontade; um pouco desviado dele via-se em grupo Jeronimo Barbalho, Jorge Ferreira, Lucas da Silva de Manoel Borges; e lá no fundo da sala alguns dos Oficiais, que vinham chegando, e tomavam seus lugares.

- É preciso contê-lo! dizia esbravejando Jeronimo Barbalho; nós o deixamos tomar conta da vontade do povo, porque assim nos convinha; porém já não precisamos dele, e seja como for, deve desaparecer o ídolo da canalha, que nos embarça!

- Pois eu digo, que é melhor contentá-lo, disse Jorge Ferreira; que monta para nós a reforma dos três capitães e da tropa? É mesmo uma medida de segurança, porque todos eles são parentes, ou aderentes do geral Benavides.

- É verdade! acrescentou Manoel Borges; e até pelas fortalezas é que deve começar a justiça; Antonio Nogueira da Silva, que está na do Registro, é casado com uma prima de Salvador Correia de Sá: Afonso Gonçalves Mattoso que manda a de S. João, é afilhado do mesmo; as de São Tiago e S. Sebastião não têm piores nem mais seguros amigos do general, de sorte que o povo viu melhor do que nós outros, e a reforma de uns, e suspensão de outros é necessária.

- Eu bem sei o que é necessário e não preciso que aquele miserável me lembre! retrucou Jeronimo Barbalho; de mais, que vem fazer cá Ambrosio Dias, que lhe quer nomear como procurador do povo?

- Que vos importa isso? Andará entre nós como uma folha seca ao gosto do vento, deixai-o comigo; eu vou tomar assento e logo que chegue o resto dos vereadores proponde vós a reforma, que vereis o povo satisfeito, e o povo é tudo.

Completa a Câmara, foi proposta a reforma dos três capitães Garcia da Gama, Alexandre de Castro e Salvador Correia, bem como a suspensão dos capitães de fortalezas e nomeação de outros, de que lavrou auto o tabelião Antonio Ferreira da Silva; e sendo levado ao Governador para o confirmar este respondeu à Câmara que por estar sangrando e de cama não podia ir ao Senado; que se a utilidade pública pedia a relatada resolução,

quisesse a Câmara com os procuradores do povo tratar em sua casa o que melhor conviesse ao serviço de *El-Rei* e bem do povo. Ouvida pelos Oficiais a resposta do Governador replicaram-lhe com o capítulo 12º dos que o povo havia apresentado a Tomé Correia, assim concebido.

“Que o Governador que hoje governa, e ao diante governar, não chame à sua casa os Oficiais da Câmara em corpo de Câmara; e quando quiser alguma coisa, vá, ou mande propor por pessoa que lhe parecer for capaz do conselho do negócio que tratar, para que os Oficiais da Câmara livremente possam resolver: o que não podem fazer livremente em casa com a presença do dito Governador.”

## CAPITULO IX

Paciência, o que és tu? És a oposição aos desejos e vontade do homem. Ou a incapacidade de obrar com voto livre? Se és a primeira, não podes durar muito, e por isso diz judiciosamente o vulgo que te gastas; se és a segunda, não me admira o homem paciente: és uma virtude, bem o sei, porém há instantes na vida do homem, em que poderias ser um grande pecado. Foi, pensando assim, que Agostinho Barbalho indignado com a réplica, que como vimos no capítulo antecedente a Câmara lhe enviara, e olhando para sua dignidade sem temer as conseqüências ulteriores, protesta não confirmar semelhante auto pois que por ele se usurpava a jurisdição real; mas espalhando-se pela Cidade as palavras do Governador, o povo com o mesmo calor e atrevimento do dia antecedente, correu a sua casa, e o teriam feito pedaços, se lhe não fora apresentado um papel, onde com mal segura mão Agostinho Barbalho escrevera estas palavras.

- “Confirmo as nomeações de capitães de ordenanças, e mais reformação de infantaria, sem embargo do que eu tinha feito na forma que S. Majestade me tinha ordenado, e a que se me oferece: confirmo, com o protesto de me não prejudicar, porque o faço violentado, e por entender ser mais serviço de sua Majestade, do que pagarem os mais. Rio de Janeiro 3 de Fevereiro de 1661. Agostinho Barbalho Bezerra.

Esta violência abalou-o tão fortemente, que por três dias teve mui contingente a vida: na tarde do dia 7 uma mulher cuidadosamente embrulhada em seu manto, requereu falar-lhe, mas os Práticos, que lhe assistiam noite e dia quiseram impedi-lo; então a mulher, sem mostrar o rosto, escreveu num pedaço de papel algumas palavras, e dobrando-o entregou-o a um dos Mestres para que debaixo de juramento o entregasse ao Governador, sem o ler, e logo. Um instante depois todos saíram da câmara do doente, e a mulher teve audiência.

A doença, e ainda mais os trabalhos por que passara desde o começo da revolução tinham desfigurado por tal forma Agostinho Barbalho Bezerra, que a recém chegada ao vê-lo não pode reter sua admiração, e sentimento:

- É compaixão, ou horror, que vos causo, senhora? disse ele com voz triste e desfalecida; a desgraça como que se empenhou contra nós ambos!

- Sim, sim! Porém vós em pouco ficareis tranqüilo; eu... Um futuro horroroso me aguarda... Já tendes notícia do bando, que o general Salvador Correia fez publicar nas vilas de S. Paulo?

- De nada sei!

- Pois aqui vos trago uma cópia.

E a mulher tirou do seio um papel, que depôs nas mãos do Governador.

- Perdoados! exclamou ele em meio da leitura; homem generoso e humano... A mão do Senhor está sobre nós, que tantos crimes começados e concluídos sem sangue...

- Vossa bondade vos alucina, disse a mulher tristemente; começaram, progrediram, mas não acabarão sem sangue.

- Que dizeis?! Pois não vedes o perdão assinado pelo general?! Temeis acaso que ele falte ao prometido?

- Não; porém, se recusarem o que se lhes promete?

- E quem será tão insensato!?

- Jeronimo...

- Desgraçado!

- Salvai-o, salvai-o!! Que a voz do sangue se levante, já que a minha, ó meu Deus... Já que o pranto de sua mulher e de sua filha nada pode! De rastros a seus pés o rogo desde ontem, e não quer ouvir-me... Vede-me agora de joelhos diante de vós, ouvi-me em nome de vossa mulher e de vossos filhos...

- Não vos ouvirá, por certo, como quereis! disse Jeronimo Barbalho, que encostado no umbral da porta da câmara ouvia as súplicas de sua mulher.

- Jeronimo, disse o Governador tu és a vergonha de nossa família! Fostes mau filho, és mau esposo e pai, vassalo rebelde...

- Porém, não traidor, não traidor!... Em quê sou eu a vergonha de nossa família? Nobre sou, mas inimigo de tiranos e soberbos nobres! E se é preciso quebrar o brasão de fidalgo para conservar meus sentimentos, quebro-o!!

- Louco homem...

- Seja; acaso temos nós obrigação de pensar uniforme? Não será livre o homem sequer pelo pensamento!?

- Mas pensar e obrar são coisas diferentes; pensa como te aprouver porém cala-te: não condenes nos outros aquilo em que te louvas.

- E fui eu que forçou o povo a sacudir o jugo tirânico, que lhe pesava?

- Foste!

- Pois fui, então?

- És um amotinador, um rebelde!

- Sou, e então?

- O cadafalso e a infâmia te espera; a maldição de teus filhos e as lágrimas desta desgraçada te pesarão além da morte, e a posteridade renegará teu nome!!

- Embora.

- Miserável, miserável!!

- Agostinho Barbalho, eu não venho aqui como réu para ouvir sentenças; não venho como filho ouvir paternos conselhos, vinha trazer-te a cópia do bando, que já leste; diz-me, que decides?

- Recebo a autoridade de Governador interino pela nomeação do nosso general Salvador Correia de Sá e Benavides, e intimo-te que sob pena maior te recolhas em casa e dela não sairás antes de três dias.

- Como és fragoso; pois não pesará com a doença a autoridade do cargo? Queres sempre continuar com o peso do governo que te deu o povo?...

- Não; porém começarei a governar pela nomeação...

- Não também, meu amigo! O povo é que manda nesta Cidade do Rio de Janeiro, e não Benavides; queres governar pela voz do povo?

- Não!

- Pois amanhã serás deposto.
- Jeronimo! bradou o Governador levantando-se na cama.
- Não sou eu quem o manda, é o povo.
- Espera, ouve-me! Repara no abismo que se abre debaixo de teus pé, desgraçado! E vai-se sem ouvir-me...

.....

Às dez para onze horas da noite desse dia, dois homens embrulhados em compridos mantos repassados de água porque chovia à cântaros atravessavam o pequeno largo em frente da igreja de S. José, sumindo-se velozmente pela viela, que ficava ao lado esquerdo da mesma igreja; iam tão preocupados e com tanta pressa, que não procuravam caminho, fazendo saltar às paredes a lama e água das poças, de que seus pés não se arredava, até que pararam quase no fim defronte de uma pequena casa enfumaçada, cuja porta se abriu sem ruído ao leve encontro que lhe dera o que ia diante:

- Mestre Abraham, quantos somos? disse para dentro o que caminhava atrás, segurando o manto do companheiro.

- A casa do mestre é segura, meu irmão, disse o primeiro, deixando cair o pé além da soleira, e voltando-se; entremos, que estou caindo de faminto e cansado, e bem trabalhoso será o dia de amanhã... Olhai, ali o tendes a dormir como um porco, por isso nos não falou ele... Ó mestre do diabo, assim guardas tua casa? continuou ele dando forte empurrão num velho que dormia debruçado sobre humo mesa.

- Então que é lá isso! disse o velho levantando-se estremunhado; não faço barbas de noite; ide aí adiante...

- Judeu, quem te falta em barbas? Vai buscar vinho e pão, e guarda o teu sabão e a tua água.

O velho levantou-se, e ficou por um pouco olhando para os dois hóspedes; depois ia tornar a sentar-se, quando uma voz de mulher o chamou lá do interior da casa.

- Lá vou, Ruth; mas que quereis vós? disse para os dois, como se então tivera acordado.

- Alguma coisa para comer, judeu de mil demônios!

- Fausto, como tu falas a este homem! Não sei que tenho hoje que tudo me faz medo...

- Ah! Tu foste sempre assim, meu irmão; depois, a corrida, que nos deram esta noite da qual tu saíste arranhado, e o que temos para fazer amanhã, tudo isso te põe a cabeça azoinada, és um pobre rapaz.

- E não viste como o mestre nos olhou de acolá da porta, quando se foi?

- Ora deixa-o olhar como quiser; tenho aqui minha espada, e ninguém quererá experimentar-lhe o fio; demais, que poderia fazer esse cão velho?

- Ladrar, Fausto, ladrar!

- És um pobre rapaz já to disse; o judeu, Mestre Abraham falar? Quem lhe dá de comer, desde aquela alhada do Prelado? A bacia pendurada na porta, aquelas navalhas, o sabão e a toalha é uma impostura; o judeu há de ouvir e calar-se porque nem só com os ricos e poderosos se ocupa o Santo Ofício nesta terra; um judeu pobre serve de principal figura em um auto de Fé, onde se queimam cristãos ricos, entendes? Mestre Abraham e sua filha Ruth não quererão tornar a ver Lisboa.

Alonso levantou-se, e foi à porta do fundo observar se alguém os escutava:

- E se ele andar mais ligeiro? disse tornando para junto do irmão.

- Amanhã teremos uma romaria de urubus para fora da Cidade; e os familiares não serão os últimos: hoje tenho por mim esta espada...

- Que de pouco te valerá! disse uma voz rouca; e num abrir e fechar de olhos abre-se a porta da rua e a pequena loja enche-se de homens armados.

- Agora o veremos! Fausto de Estevaes não se deixa prender com uma espada na mão.

E travou-se desesperada luta entre os soldados e os dois irmãos, que de costas um para o outro se defendiam com valentia; um bote de lança, que Fausto não pudera desviar, alcançando-o pelo antebraço, embaraçou-lhe a espada, e assim descoberto recebeu tão forte pancada na cabeça, que foi a terra sem movimento.

- Acabo-o? disse um soldado encostando-lhe a ponta da espada sobre o peito.

- Só temos ordem para prendê-lo, respondeu um homem mascarado, que saíra lá do interior da casa; amarrai-os ambos, (porque Alonso tinha sido desarmado também) amarrai-os fortemente, e na cadeia esperem o dia de amanhã, que tanto desejam!

E os soldados iam sair levando-os, quando apareceu na porta do fundo Mestre Abraham.

- Não quereis que lhes pense as feridas senhor cavaleiro?

- Na prisão o fareis, mestre; ide com eles, e voltaí logo que vos aguardo aqui.

E depois que saíram, fechou a porta, desprendeu a máscara e sentou-se:

A luz amortecida de uma candeia apenas deixava distinguir a forma dos objetos, e o vento penetrando através da frestas da porta, punha-a em contínuo risco de apagar-se; o cavaleiro levantou-se talvez com tenção de ir reguardá-la, porém perlongado e agudo assobio, a que do interior da casa responderam logo, reteve-o em seu assento; um instante depois ouviu-se leve ruído de passos no corredor, uma mulher atravessou a loja e abriu a porta:

- Quando somos, mestre Abraham?

- Quantos vindes, respondeu a mulher.

- Quem és tu? replicaram de fora.

- Ruth.

- E teu pai onde está?

- Dorme.

- Enquanto que nos enregelamos nós outros aqui; assim é que é o fazer; ora vai acordá-lo, e trazei-nos uma luz que temos receio de tropeçar por aí nas navalhas do mestre.

A mulher atravessou novamente a loja, e o cavaleiro pondo a máscara seguiu-o às apalpadelas.

- Quem me segue? disse Ruth, parando em meio do corredor.

- Calai-vos! Sou eu, o cavaleiro da máscara.

- Viestes com eles, senhor?!

- Não, estava na loja.

- E meu Pai?

- Foi com os presos.

- Com os presos!

- Sim, falai mais baixo, e ouvi-me: é preciso prevenir meus soldados; subi ao muro do adro, dentro do qual estão eles, e dizei-lhes que cerquem a rua por um e outro lado; trazei alguns convosco aqui por dentro: ide breve, que vos fico esperando!

- Sim... Eu vou... Senhor cavaleiro; disse a judia com voz abafada; eu vou, acrescentou ela já longe, vou desfazer quanto fazes, miserável! Como me pagarias tu a traição de entregar em tuas mãos esses homens? Como pagaste a meu pai... No cárcere!!

E, com passo largo, Ruth ganhou a estrema de um largo e lodocento pátio; subiu ao muro, e debruçando-se para dentro do adro da antiga igreja de S. José, fingindo um temeroso receio, bradou pelo mestre do terço, e assim lhe disse:

- O cavaleiro da máscara, vos manda dizer por mim, que vos vades todos no maior silêncio para o fim da Várzea; e tereis conta em não deixar que se aproxime de vós outros pessoa alguma, nem tão pouco consentireis que atravessem o largo...

E depois a judia abaixou-se esperando que os soldados despejassem o adro, e apenas o fizeram, saltou dentro, correu à porta e dando volta pelo largo veio meter-se entre os homens, que da parte de fora da casa praguejavam mestre Abraham, porque tão cedo se deitara.

- Má cama tem ele hoje! disse em meia voz a judia apertando violentamente o braço do ferreiro Braz Safim seu vizinho; má cama, tio Braz, por ser dura e fria como pedra que é; nas lajes da cadeia dorme ele senhores! disse Ruth voltando-se para uns e outros, observando o efeito de suas palavras.

- Nas lajes da cadeia! disse o ferreiro abaixando sua cabeça até o rosto da judia para certificar-se de que era a filha do barbeiro, a moça Ruth.

- Falai mais baixo, tio Braz, que aí está dentro quem me mandou buscar soldados para prender-vos, e quem...

- A ele! gritaram os de fora; é dos inimigos do povo, quer seja da facção do traidor Agostinho Barbalho, quer seja dos Sás!

E entraram pela porta, levando adiante das espadas e chuças quanto encontravam, a tempo que a judia levando consigo Braz Safim, e outros escalava o muro do pátio, onde prenderam o cavaleiro da máscara, que ouvindo os gritos de fora da porta, fugira em direção ao adro.

- Tira lá essa máscara, disse o ferreiro insolente, brandindo a espada junto da cara do cavaleiro, tira-a para vermos quem é que nos quer privar do direito que nos assiste de tirar o mando a um traidor e cobarde, que o povo elegeu para o guardar e livrar das tiranias dos Sás!

- E não será este dos protegidos dessa odiosa família?! grita um dos da turba, arrancada violentamente a máscara, e chegando-lhe do rosto uma candeia que a judia trouxera.

O exame do rosto do cavaleiro encheu-os de confusão; olhavam uns para os outros entreditos, e maior foi ainda seu espanto, quando Mestre Abraham, chegou entre eles, Mestre Abraham, que não esperava encontrá-los soltos dentro de sua casa, depois dos ajustes que havia feito com o cavaleiro; não saberei eu dizer a Vs. Ms. qual de entre todos era o menos admirado, começando pela judia, que julgara o pai a bom recado nas enxovias da cadeia, e findando por Mestre Abraham, que tendo culpas em cartório juntava o medo à confusão, e terror ao espanto.

- Senhora, quereis perdoar-nos tão grande desacato?! disse o ferreiro para o indivíduo desmascarado; quem poderia pensar que vos encontraria aqui!! É verdade que em vésperas de tão trabalhoso dia como será o de amanhã muito há de ter o chefe que fazer, e talvez que vos encarregasse de nos trazerdes seus mandados, como pessoa que tão junta lhe sois... E nós outros, gente rude mal podemos compreender os pensamentos de vosso marido... Depois esta rapariga, a quem vós talvez não quisestes descobrir onde se fora o

Mestre, assustada com a ausência do pai, que julgava preso, daí a causa de nossos desatinos...

- Desatinos! disse a mulher de Jeronimo Barbalho, o cavaleiro da máscara; desatinos chamais vós ao nobre desejo, e justa indignação que deve causar-nos a traição e a tirania!? Se fora um traidor, ou um tirano quem se ocultara debaixo dessa máscara que me cobriu o rosto, deixa-lo-feis vós sem arrancar-lha, e exterminá-lo?! O que vós chamais desacato era necessário para bem do Povo e sua segurança; o que dizeis vosso desatinos era vosso dever, e mal faríeis se assim não fizésseis...

- Ora aí está como são as coisas! disse Mestre Abrahamn transido de pasmo; eu que julgava que íeis com...

- Silêncio, Mestre! disse com prontidão a mulher de caudilho, que viu por um instante descoberta sua fingida simpatia pela causa dos rebeldes; sim fizeste o vosso dever. E se vos deixardes levar por atenções, nosso inimigos arteiros e prevenidos frustrarão nossos desenhos.

- Deixai-os conosco amanhã, que lhes mostraremos a uns e outros como se paga a traidores, e qual é a sorte dos tiranos!!

- E sabeis vós, que donde menos receávamos, daí nos vem maior perigo?! Jeronimo Barbalho, o amigo do Povo, e seu defensor, vos manda dizer que da outra banda além, na Ponta do Bravo, onde começou tão ditosamente a liberdade do Povo desta Cidade e seu termo, lá mesmo foram os traidores com promessas e dádivas corromper aqueles que em princípio se ligaram a nós, e nos ajudaram!!

- Quem pensaria tal! disseram os levantados cheios de indignação.

- Quem pensaria tal! disse também Mestre Abraham, porém diverso era o sentido de suas palavras.

- Ora, o que julgais vós será preciso fazer? disse tremendo a mulher de Jeronimo Barbalho.

- Correr a castigá-los, e já porque...

- Que vais tu dizer, mestre João de Almendral?! interrompeu Braz Safim; não sabes tu que o chefe tem boa cabeça?... Dizei-nos vós senhora, o que ele nos manda que façamos.

- Que vades lá, e breve! disse a mulher do caudilho respirando largamente como se tivesse até compressos os pulmões; ide embarcar na Várzea, que lá achareis tudo pronto.

E os levantados saíram todos, e só ficou Mestre Abraham repetindo sem cessar suas exclamações - eis aí como são as coisas! Quem pensaria tal! Ruth acompanhou a mulher de Jeronimo Barbalho, que a chamara, e depois de conversarem na loja, cujos mochos, espelhos, bacias, toalhas, tudo estava pelo chão despedaçado, foi a moça ter com o pai, enquanto o cavaleiro da máscara a largos passos fazia por ganhar o largo do Paço, que chamamos hoje e nesse tempo a Várzea.

Como fica dito, muito antes que a mulher de Jeronimo Barbalho deixasse a casa de Mestre Abraham, tinham-na deixando os levantados, indo como lhes ordenara esta embarcar-se no cais da Várzea para a outra banda, estratégia, que julgara destruído a inventora logo que a moça Ruth a instruíra do caminho que fizera tomar aos soldados, e das ordens apertadas que lhes dera; a idéia de que sua lembrança poderia fazer com que, encontrando-se os rebeldes com os soldados, se batessem, magoava-a por tal sorte, que desatinada corria talvez para um grande perigo: porém não são lembranças de homem que mudam vontades de Deus, e a revolução dos habitantes da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro contra seu legítimo governador não devia findar no outro dia, como tinham premeditado Agostinho Barbalho Bezerra, e a mulher do caudilho. A noite de 7 de

Fevereiro de 1661 não podia ser a última, porque os acontecimentos do dia 8 eram mais uma página de horrores para a história das quatorze revoluções, motins, assuadas, ou arruídos, que tantos até essa época se contavam!

Não é grande a extensão de terreno, que medeia entre o largo de S. José e o do Paço, que como já o disse a Vs. Ms. nesse tempo se chamava a Várzea, todavia o cavaleiro da máscara, indo a bom correr, não pudera topar em caminho os amotinados, nem tampouco enxergara os soldados que ela supunha encontrar por defronte do Hospício as informações da judia; é porque para muitos a Várzea era toda a extensão compreendida entre o morro de S. Bento e o de S. Januário estendendo-se pouco para o poente por causa dos brejaes; e os arcabuzeiros de Agostinho Barbalho às ordens do cavaleiro da máscara por desgraça ou felicidade haviam ido lá para bem longe, deixando a praia em frente do Hospício livre para o bem concebido plano da corajosa mulher de Jeronimo Barbalho Bezerra, que sem saber para onde guiasse as passadas, se encostara a uma cruz de pedra, levantada em frente da porta da Igreja: bom pedaço assim esteve, até que um ruído de vozes e passadas do lado da praia chamou para lá a atenção.

- Se a desgraça minha permitiu que fosse descoberto o engano antes de amanhã, disse entre si a mulher do caudilho estremecendo, se *eles* voltam que será de minha pobre filha!! Ó maldita seja a ambição, que te arrastou ao abismo, *infeliz homem...* Já me faltam as forças e a coragem, que desde ontem me anima para fazer o que não cabe em forças de uma mulher...

- Porém eu vos ajudarei, senhora, para reparar de alguma forma o mal que vos ia fazendo; meu pai, como vós ordenastes, foi à casa do Governador, e eu se levei tanto tempo em vir ter convosco, é porque não havia razões que vencessem sua obstinação pois quer por força que sejais dos rebeldes...

- Que creio ali vêm, Ruth; vai, certifica-te e volta breve... Mas ouve... Se fossem eles... Vai, vai! E volta breve.

## CAPÍTULO X

A noite, elogiada e requerida dos poetas, e que alguém disse *tempo em que maior número de idéias filantrópicas tem sido elaboradas pelos amigos da humanidade*; a noite, digo eu, é também o tempo em que muitos maldades se concebem e executam, e assim, a noite e o dia é no correr da vida do homem uma e mesma coisa, porque, não é a existência um encadeado de trabalhos, sofrimentos e gozos? Não se ligam eles com o dia e noite? Ou pensa alguém que aquele que sofre profundamente tenha grande alívio nas sombras, ou que mitigue seu sofrer o brilhantismo do sol? A noite de 7 de Fevereiro de 1661 se foi muitas vezes propícia às intenções santas e heróicas da mulher de Jeronimo Barbalho, também serviu não só para levar adiante os planos criminosos de seu marido, como para destarte, empecer e destruir tudo quanto ela fazia com espantoso trabalho, que não quero encarecer eu a repugnância com que uma senhora de sua esfera entraria por horas feias da noite numa casa tão ordinária como era a de Mestre Abraham, lidando com soldados, e caminhando por ruas solitárias, só com sua resolução e amor; assim, como a deixamos encostada à cruz de pedra viu ela passar por perto de si sem mover-se os amotinados, que com pragas e blasfêmias queriam provar aos chefes da revolta a verdade do que lhes acontecera em casa de Mestre Abraham.

- E depois dizia o ferreiro encolerizado, como queríeis vós que adivinhássemos que vos tínheis ido a S. Gonçalo, não a punir traidores, mas a buscar companheiros?! Às onze e meia devíamos estar juntos no adro da Igreja passando para ele por casa do Mestre, e são três da manhã quando vos encontramos em meio da baía remando para a Cidade; se lá tivéramos ficado, por Deus, que a mais de um lembrara a possibilidade de uma traição, não cometida por vossa mulher, senhor cavaleiro, mas por algum que tivesse esquecido a causa do Povo...

- Razão tendes vós, mestre! replicou Antonio Forte Vallongo, um dos procuradores do Povo, que sendo de ofício e não da nobreza, era bem aceito por todos; razão tendes, continuou; e não é o senhor Jeronimo Barbalho quem vô-la quer negar: porém custa-lhe a acreditar, bem como a nós outros, que da outra banda fomos, que fosse uma mulher, e ainda mais a dele, que vos falasse na casa do Judeu: traição, houve-a, mas o traidor...

- Não foi outro, que senão a mulher de Jeronimo Barbalho! E a prova aí a tendes nessa judia que não o nega... Isto é que diz ser uma mulher mascarada com quem falamos, e para reconhecê-la, com mil demônios, aí havia além destes meus olhos, muitos outros!

- Eu fui um, disse Matias Gonçalves.

- E eu outro, disse Manoel Borges: quantas vezes não fomos nós à vossa casa, senhor cavaleiro? Pois com tantas não ficaríamos com as feições de vossa mulher?...

- Mas, que pretendeis concluir daí? disse meio irado Jeronimo Barbalho.

- Que se não fosse o acaso, que nos fez encontrar-vos em meio da Baía, amanhã não teríamos partilhado a vossa boa fortuna nos acontecimentos que terão lugar.

O caudilho aplacou-se.

- O que vos espanta, continuou Manoel Borges, é não saberdes que vossa mulher esteve ontem com Agostinho Barbalho, quem sabe se não é por nós o marido, e contra a mulher?! Um dos práticos, que assiste à manhosa doença do Governador, recebeu um papel escrito por ela no qual se dizia que uma pessoa bem conhecida dele Agostinho Barbalho, lhe trazia importantes e graves notícias a cerca dos negócios atuais da República: ora, se soubésseis disto, talvez...

- Que ainda assim duvidasse, como duvido, pois que a ida de minha mulher à casa do Governador sabia-a eu; que ela lhe pediu me desviasse da causa e voz popular até o ouvi...

- Pois estivestes ontem com o Governador Agostinho Barbalho?! interrompeu Lucas da Silva, como admirado.

- Por boca de quem soube a Câmara, que o Governador, esquecendo que a autoridade lhe vinha do povo, atendeu aos mandados de Salvador Correia de Sá, e pretende seguir sua voz?!

- E é por isso que não queremos mais Governador! disseram uns poucos dentre o Povo: vamos já tirar este que elegemos por sugestões, que nobres mal sabem governar.

- Quem sabe se enquanto aqui nos demoramos, disse Manoel Borges, não nos transtornam nossos planos? Quem sabe se os traidores não os divulgaram, e que o dia de amanhã, que deve ser para triunfo do Povo, não seja para sua completa escravidão?!

- E que fazer por estas horas da noite? replicou Jeronimo Barbalho; não temos aqui a Câmara conosco? Que pode ela fazer agora!? Vamos a dividir-nos para nos reconhecermos, e os amigos do Povo, aqueles mesmos que vós elegestes para vos representar vos dirão o que temos resolvido para de uma vez acabar com a tirania.

E dividiram-se em mangas, que presidiam os influentes; a judia Ruth foi trazida perante Jeronimo Barbalho, e o cavaleiro da máscara desapareceu por um trilho, que ia de

junto da Igreja do Hospício ter à lagoa de Santo Antonio, e de lá à casa do Governador Agostinho Barbalho, que ficava por meio da rua, que hoje chamamos da Ajuda. Adiantada ia a noite, porém a porta do Governador existia aberta, e o arcabuzeiro, que fazia sentinela, meio adormecido, mal pode responder às perguntas do cavaleiro mascarado, que o interrogava.

- Dorme o Governador? Ihe perguntava ele arfando de cansado; alguém o procurou esta noite?

- Não vos posso responder com certeza, senhor cavaleiro; entrai vós a sabê-lo, que a senha, que me dais vos franqueia a entrada.

- A senha!... disse em voz baixa o cavaleiro; Mestre Abraham não a trouxe, e por sem dúvida que não falou com o Governador...

E foi subindo um lanço de escadas apressadamente, levantando o reposteiro vermelho que cobria a entrada da larga porta, que ficava em frente; uma senhora já entrada em anos tinha deitada em seus joelhos uma menina ao parecer de 8 para 10 anos, que com o pisar do cavaleiro despertara.

- Pobre filha! disse a mulher de Jeronimo Barbalho desprendendo a máscara; dorme vosso filho? continuou dando profundo gemido, e falando com a matrona.

- Como está alterada vossa voz, que nem vossa filha vos reconhece, senhora! respondeu sentidamente a mãe de Agostinho Barbalho; meu filho não dorme, que assim o quer este povo mau, que por fim o há de matar... 5 dias há que não dorme, que não come, e sempre trabalhando com o pensamento nas coisas do Senhor Rei, que Deus guarde, mas que não há de premiá-lo por tantos trabalhos... Olhai, continuou ela levantando-se, quem mais trabalha, menos...

- Porém, não poderei eu falar com vosso filho?

- Se podeis! Bem passa ele quando tem perto de si algum estranho com quem possa alargar-se em conversas; porque com os de casa, comigo, por exemplo, não há fazê-lo falar...

- Se vós quisésseis conduzir-me a sua presença?...

- Vinde, vinde; eu sei que vosso marido anda nestes arruídos, do que vós não gostais. Nem eu tampouco; porém os homens... Deixai-a ficar, que adormeceu novamente, continuou ela, porque a mulher do caudilho ia tomar a filha pela mão para pôr fim à interminável conversa da velha senhora.

E entraram na câmara de Agostinho Barbalho Bezerra, que meio deitado sobre uma cama rasa lia à luz de uma tocha que um pajem segurava, diferentes papéis, queimando-os depois logo. As duas senhoras pararam no limiar da porta para não o interromperem; porém a curiosidade do pajem denunciou sua chegada.

- Entrai senhora, disse o Governador, pondo os papéis de lado; entrai vós também minha Mãe; predei naquele anel essa tocha, pajem, e ide-vos. Acabo de ler vossa participação, continuou voltando-se para a mulher de Jeronimo Barbalho, e por ela tudo ia bem como desejávamos, porém cartas de outros, que também velam pela conservação do Estado, destroem nossas esperanças... Vosso marido partiu esta tarde para S. Gonçalo, e voltará...

- Voltou hoje, esta noite, senhor.

- E a gente da Ponta do Brabo?...

- Segue-o

- Não há mais esperança... Vós vereis a guerra civil rebentar amanhã, sem que haja meios de contê-la, porque a tropa começa a encostar-se à voz do Povo, e se ela nos falta

para conter a fúria dos rebeldes, e a cobiça da plebe sempre pronta a cometer roubos, vereis que o sinal começará pelo monte de S. Januário, os jesuítas serão as primeiras vítimas; a riqueza dos Padres, não satisfará sua sede, e esta Cidade vai ser um caos de horrores! Mortes, incêndios, roubos... Oh! Como severo me pedirá contas o Senhor Rei de tanta destruição!... E Deus sabe que no fundo do coração detesto a revolta, apesar do mau governo de Salvador Correia de Sá, porque se ele errou com suas medidas, se Tomé Correia, mais paisano, que soldado faltando às obrigações do seu cargo e deveres do posto, deixou tomar a revolta o caráter feio que lhe vemos, quer um, quer outro perderam-se por bondade; um, cumprindo sem exame dos meios as ordens da Majestade, o outro, temendo o derramamento de sangue, se para acomodar o popular tumulto empregasse força armada. Louco homem, que não viu correr o sangue de seus concidadãos pela frenética e sanguinária mão da plebe desenfreada e terrível... Mortes, incêndios, roubos... E eu Governador desta muito leal Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro...

E Agostinho Barbalho calou-se; tinha o rosto contraído, e a respiração afadigada; suas mãos descarnadas apertavam com força o punho da espada, que por acaso tinham encostado ao leito:

- Sabeis, continuou ele, sabeis vós senhora o que diz o Povo de mim? Que o atraíçoei, ligado-me com os Sás!... Sabeis o que diz Salvador Correia de Sá e Benavides! Que aquele acaso da voz comum que me elegeu, foi direção minha, e que o afã, que hei mostrado pela conservação da ordem é calculo para que em vez do castigo me premie o Senhor Rei... E então?! Não choreis vosso marido! Ele é rebelde, e se for castigado, fica-lhe a consolação de que seu intento foi reconhecido por todos, que uns o louvam, e outros o castigam; porém eu...

- Esperemos, disse a mulher de Jeronimo Barbalho com uma voz que bem mostrava ser seu esperar sem esperança.

- Esperemos... Esperemos pela facção dos de Estevaes, malditos irmãos, que nasceram para horror da humanidade, e castigo desta Cidade! Esperemos pela facção dos dois Procuradores...

- Quem vos trouxe essa carta minha? interrompeu a mulher do caudilho.

- Um arcabuzeiro, senhora.

- E não vos falou de minha parte um judeu, Mestre Abraham?

- Mandei-o preso por suspeito; suas palavras desarranjadas, sua obstinação por falar-me fez com que a guarda desconfiasse dele, e prenderam-no: vinha ele de vossa parte.

- Trazia-vos a notícia de que os dois irmãos Estevaes estão presos...

- Ainda nos fica a Câmara, Jeronimo, e os dois Procuradores, ultimamente nomeados; ainda nos fica o Povo já pouco dócil aos mandados dos chefes da revolta; ainda nos fica a tropa, acrescentou o Governador em voz mais havia, a tropa, mal paga, e mal vestida! As fintas, que Salvador Correia lançou para pagar-lhe alborotaram o Povo, que as não pagou, e há de revoltar a soldadesca, porque não pode cobrar-se com que pagar-lhe; o ouro que vosso marido tem gasto em seduzir homens para o motim chegava para contentá-los até providenciar-se; porém Jeronimo Barbalho, a quem um mês antes de rebentar o motim propus tão assinalado serviço, respondeu-me de tal forma, que bem compreendi seus desejos... Sou talvez criminoso porque não sacrifiquei sua loucura à tranqüilidade de tantos...

- Denunciando-o? interrompeu a mulher do caudilho.

- Era um só que sofria, senhora!

-Tendes razão, tornou ela levantando-se, era ele só quem sofria, éramos nós também, eu e minha filha; porém, ninguém mais havia de sofrer: depois, o castigo da tentativa seria menor, talvez do que aquele que o espera no fim da revolta, que sabe Deus quando será.

- Não vai longe, senhora, não vai! Porém revesti-vos de coragem, que se sofreis enquanto ela dura, mais tereis de sofrer quando lhe chegar o termo, e eu que vos serei companheiro no desgosto e trabalho. Não vades para vossa casa, que não estareis aí segura; ide para a minha roça, que ficareis longe dos horrores...

- Perdoai-me, se recuso vossos oferecimentos; porém, é meu dever ficar... O que é a resignação se nos furtamos à desgraça?... Jurei na presença de Deus partilhar sua sorte boa, ou má; e terei forças para sustentar meu juramento... Só vos peço que dos acontecimentos de amanhã me mandeis relação fiel: vós sabeis se terei ânimo para ouvi-lo. Outra coisa, mandai soltar Mestre Abraham, porque não estejam pai e filha em ferros por servir-nos; a filha em mão dos revoltosos, indo por mandado meu reconhecê-los; o pai, que vos mandava com notícias, também e por nós mesmos preso: talvez que sua cabeça meio desarranjada, se perdesse inteiramente... Quantos males poderiam ter sido remediados com os sofrimentos de um, de três entes...

.....

A noite passava demorada para uns, e veloz para outros; em frente do Hospício a multidão dos rebeldes, que à medida que fugia a noite engrossava prodigiosamente, estendia-se, alargava-se e retorcia-se para tornar a estender-se, a alargar-se e a retorcer-se: subitamente em uma das extremidades do largo ouviram-se uns gritos agudíssimos, e toda a multidão voltou-se para esse lado, depois abalou-se para junto da cruz, formando um só e grande grupo, do interior do qual continuavam a sair os gritos e gemidos.

- Que morra nos tratos, se não quiser confessar! clamava enfurecido Jeronimo Barbalho; que vale uma judia?! Confesse, ou morra!

- Esperai lá! disse uma voz do meio da turba; esperai, que não se mata assim uma mulher do Povo diante dele mesmo, sem que se saibam seus crimes.

E a multidão abriu-se para deixar passar o ferreiro Braz Safim, que com sua ameaçadora chuva fazia partes de baliza em frente do regimento.

- É isso! murmuraram todos; a judia é uma mulher do Povo; é judia, mas ainda assim é uma mulher do Povo, e por isso queremos ouvi-la.

- Que veio ela fazer aqui entre nós?! disse Jeronimo Barbalho encruzando os braços com mal sufocada raiva; terei eu sempre de mover minhas passadas ao vozear da plebe!... Vós sois como as crianças, e deveis ser tratados como cães... Trateai-a, que nós temos necessidade de saber por miúdo os mistérios do cavaleiro da máscara, trateai-a!!

- Ides mal com isso, senhor cavaleiro, retrucou o ferreiro; ides mal porque essa mulher nada sabe, eu respondo por ela; não vos contei eu que esta rapariga nos denunciou o cavaleiro da máscara? continuou Braz Safim desatando dos dedos de Ruth uns ferros, que quase lhos haviam quebrado; mal fizestes, senhor cavaleiro, e se ele não fora em vossos desejos de beneficiar o Povo, havíeis de responder por ele... Olá, quanto achais vós outros que valem as mãos desta rapariga? Vede que eram sua única fortuna, eu o sei porque dia e noite a via trabalhar... Vede lá quanto valem suas mãos, que de hoje em diante não poderão mais trabalhar?

- Valem...

- Valem...

- Podem valer...

- Em? Podem valer... Valem, valem quatrocentos cruzados, que nós hoje lhe daremos, e mais vinte cruzados por ano de que lhe faz mercê este cavaleiro, disse Braz Safim.

- Duzentos cruzados! disse Jorge Ferreira Bulhão.

- Quatrocentos!... disse Jeronimo Barbalho, que compreendera o pensamento do companheiro; mais vinte por ano... Acrescentou voltando-se para o ferreiro; julgais que se fiz mal o não haja reparado?

- Sois um cavaleiro popular, senhor Jeronimo Barbalho; e amanhã vos mostrarei eu, Braz Safim, como é que um ferreiro sabe agradecer o caso que se faz de seu ditos. O Povo não sabe governar, como querem os dois de Estevas; a Câmara só, não sei se fará como Agostinho Barbalho; só os Procuradores, quem sabe o que farão eles? Todavia o que vós disserdes, isso se há de fazer.

- Mas sem exame... replicou um licenciado, com tenção de estropiar um pedaço de latim de Tácito, ou de Salustio.

- Sem nós sabermos... disseram alguns.

- E que diabo sabemos nós?! bradou Braz Safim; sabemos, eu malhar sobre o ferro; tu, levantar e abaixar os remos de tua barca...

- Mas aí estão outros...

- Também aí está esta chuça para meter nas goelas de alguns que está falando por boca de outros, disse o ferreiro voltando-se para o lado, onde estava Lucas da Silva; o dia vai aparecendo, vede vós se começais com voltas, e que as arcabuzeiros nos apanhem um a um!... Ouvi! continuou ele estendendo o pescoço como quem escuta, e apontando, ouvi, que os temos perto.

E com efeito o toque da alvorada veio interromper Braz Safim; o dia começava de abrir-se pouco e pouco; um dia formoso, como esquecendo-se o céu do que ia passar-se na terra.

- Para o largo em frente da Câmara! bradou Jeronimo.

- Em frente da Câmara! disseram muitos; e todos sem ordem para lá se dirigiram, marchando na dianteira o ferreiro, seguido pelos amigos, que sem grande exame tinham tomado voz por Jeronimo Barbalho. Logo atrás iam os descontentes para observá-los de perto; depois os indiferentes aos dois, ou três partidos, e que só pelo desejo tão natural e inseparável da plebe de verem coisas novas, caminhavam; atrás finalmente os que esperavam, colher a rede que os pequenos lançavam, costume antigo e que passará por todas as gerações sem alteração alguma. Os arcabuzeiros começaram também a mover-se no mesmo sentido, e quando passaram perto do Hospício a judia sentada nos dois degraus do cruzeiro, levantou-se e caminhou para eles.

- Saí de diante! bradou o Mestre do terço que os comandava.

E a judia, com as mãos escorrendo sangue, fazia sinal para que parassem, presa a voz na garganta prodigiosamente inchada e negra.

- É a moça, que nos trouxe as ordens do cavaleiro ao adro, disse um soldado.

- É como eles pagam a quem os serve! disse outro, quiseram esganá-la para que não desse com a língua nos dentes: se houvesse, quem me imitasse, largava as armas!

- Eu, e nós todos! Quanto nos pagam por isso? Nada; pois tanto recebemos nós por trazê-las às costas.

A revolta da tropa começava na vanguarda; o comandante vendo que as repreensões dariam a conhecer aos outros o motivo da desordem das primeiras filas, dá ordem para carregar às fileiras da retaguarda; e sem que deixasse um segundo entre a primeira e segunda ordem, manda contramarchar, embocando o caminho, que levava o cavaleiro da máscara por junto da Igreja do Hospício tirando dos olhos dos soldados o espetáculo triste da pobre Ruth.

A aurora afogueava o horizonte, o sol ia nascer para alumiar a Cidade rebelde; em frente dos Paços da Câmara toda a multidão dos revoltosos silenciosa e queda esperava talvez um sinal para como uma mina rebentar em estragos e mortes.

## CAPÍTULO XI

Pode asseverar-se sem receio de engano, que quase todos os habitantes desta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro foram complicados na revolução de 1660; uns por se unirem ao primeiro movimento sedicioso, e estes foram muitos; outros, porque não manifestaram seus sentimentos de simpatia pela causa popular, e por isso alcunhados e reconhecidos por inimigos, perseguidos e odiados; enfim, aqueles que julgavam boas as medidas vexatórias e opressivas de Salvador Correia de Sá e Benavides, e estes foram bastantes.

Historiando os acontecimentos dessa época é nosso dever destruir parte do ferrete, que pesa sobre os nomes que figuram em tais acontecimentos; sem criminalizar Salvador Correia, ilustre por muitos títulos, sem louvar o espírito revolucionário, que tantas vezes por esses tempos manifestou o povo do Rio de Janeiro, já contra os governos civis, já contra os eclesiásticos, podemos todavia afirmar que o movimento popular de 1660, criminoso porque não havia no povo direito para tais excessos, que esse movimento teve causa principal nas tiranias de Salvador Correia, e não em particulares ódios e vindictas, como o mesmo General em cartas representou ao seu soberano, depois de ter fim a revolta: depostos os Vereadores, que o povo escolhera; quando no Limoeiro em Lisboa depois de quatro anos gemiam ainda os conspiradores em apertados ferros, lembrar-se a Câmara do Rio de Janeiro, Câmara imparcial porque servia com novo Governador, e na qual não figurava um só nome dos que na revolta foram primeiros, lembrar-se a Câmara de 1666 de escrever ao Rei dizendo-lhe que não se julgara a bem do país e felicidade do povo a continuação do serviço do General Salvador Correia de Sá, representando-lhe a miséria em que viviam por efeito dos ódios e vinganças do Governador, que aproveitando-se da distância os oprimia com o furor de suas paixões, lembrar-se ela de fazer semelhante representação era mister que lhe assistisse todo o atrevimento da desesperação e toda a justiça; sabe-se o que foram governadores e Vice-Reis nas conquistas e governos da Ásia, África e América: Vice-Reis, se um saiu de Portugal, e esse não veio infelizmente para o Brasil, foi D. João de Castro, o pai do povo! Salvador Correia foi muitas vezes injusto; valente e cavaleiro, generoso e fiel; porém cegou-o muito aquele desejo de servir o Rei em prejuízo dos vassallos, e não lhe será desdouro para a memória o que vamos dizendo, porque este defeito tiveram-no muitos, e muitos o têm, fazendo executar sem réplica medidas, que o soberano desaprovava mesmo havendo-as ordenado, se eles ministros exeqüentes quisessem dar-se ao trabalho de informar a impossibilidade de sua execução... Porém continuemos nossa história.

Eram dez horas da manhã do dia 8 de Fevereiro do ano do Senhor 1661; aberta de par em par a larga porta da casa da Câmara; e os Vereadores silenciosos em seus assentos, e o povo junto e apinhado em frente da porta e cerca da casa quedo, e mudo; e eram dez horas do dia 8 de Fevereiro, que para tantos devia de ser mau, para todos! Cá no meio do largo, no coração da turba, Jeronimo Barbalho Bezerra e o ferreiro Braz Safim, um com palavras, outro com atrevimentos e gestos significativos resolviam a multidão; de quando em quando, o caudilho alongava o pescoço e a vista por sobre aquele montão de cabeças, desconfiado e satisfeito com a ausência dos dois irmãos de Estevaes; depois voltava-se para o ferreiro e dizia:

- Eles não vêm meu amigos...

-Eles não vêm! repetia Braz Safim, voltado para o Povo: atraçoaram-vos cobardemente dois homens... Dois homens do povo! Que vos dizia eu antes de nascer o sol? Os dois de Estevaes vendem-se por dinheiro, e não terão escrúpulo de vender-vos a vós outros que tanto encareceis de sua vontade de servir a causa popular... Aí tendes verificadas minhas palavras! E olhai o que vos digo agora... Os dois de Estevaes venderam-se, e venderam-vos aos tiranos.

- Então que fazemos?! bradou a multidão conchegando-se para ouvir.

- *Salus populi suprema lex!* bradou o Licenciado Diogo Mendes, levantando-se sobre as costas de um homem...

- É verdade! disse o ferreiro caminhando para o lugar onde estava o orador, mas encontrando com tal violência quantos encontrava em caminho, que a tribuna e o tribuno foram por terra; é verdade o que dizeis, senhor Licenciado, apesar de não saber eu o que quer dizer o vosso latim; porém escolhestes má ocasião de vir arengar entre nós, quando tratamos de remediar danos, que nos causam. Se não sois bem alto, para que quereis falar ao povo, pesando sobre o povo?! Se começamos a servir-vos de escada, ou púlpito aqui na praça...

- Mestre Braz Safim, interrompeu o Licenciado, vós deixastes de ser do Povo, servindo nobres...

- Viva Deus, que estou fidalgo, senhor Diego Mendes! Mas olhai esta mão é de ferreiro sempre...

E o Licenciado rojou pelo chão com os dentes quebrados, e cheio de sangue.

- Olhai, continuou o ferreiro, quando alguém quer dizer a um popular que ele tem razão de sacudir a miséria que lhe faz pesar sobre as costas o mau governo do General, fale na sua língua; e não lhe vem *salus populi*, que ele não entende; porque, ninguém me tira cá isto da cabeça, e vem a ser que se alguém me fala de maneira que não posso entendê-lo, vai com intenção de enganar-me: que dizeis vós outros?!

- De que nos serve o latim do Licenciado?! disse um.

- Não há de ser esse togado quem nos livre dos impostos sobre o vinho, porque o não bebe em quantidade, disse outro.

- Pois então acabemos de esmurrar-lhe os narizes para não vir meter-se entre nós! replicou um terceiro, chegando-se do licenciado.

- Alto lá! bradou Mestre Braz; deixai-o ir, que não vai mal convidado.

- Mas, a que viemos nós?! perguntaram alguns dentre a multidão.

- A tirar o governo das mãos de Agostinho Barbalho Bezerra, que não quer ser mais governador por nomeação do Povo, mas sim pela de Salvador Correia! Vede que é o ferreiro Braz Safim quem vos falta, e não um traidor como o é Fausto de Estevaes e seu irmão; porém vede que se Agostinho Barbalho continua a governar com a voz do General,

há de meter-nos a todos na cadeia, porque tendo sido do motim por ficar bem com os seus pagaremos nós outros as custas deste pleito, em que vamos de tirar aos grandes o direito em que estão de nos empobrecer.

- Pois sim, Mestre; porém que faremos? perguntaram de novo.

- Esperai, esperai? Ali está o senhor cavaleiro, que, aqui para nós, não se parece nada com os seus soberbos; ali está o senhor Jeronimo Barbalho consertando o mandado e resolução de nós outros o Povo, pelo qual não teremos mais nada com Agostinho...

- E quem será que nos governe? bradou a multidão com mal reprimida curiosidade.

- Algum nobre, que faça o mesmo, que Agostinho Barbalho; algum do Povo, que não saiba onde tem os narizes?! Isso seria de uma cabeça como a vossa; esperai, que sereis satisfeitos, quem o diz, sou eu Braz Safim...

- Mestre, olhai que vos chama o cavaleiro, disse um dos populares.

E o ferreiro foi rompendo por meio da multidão até onde estava Jeronimo Barbalho, que chegando-se junto dele leu em meia voz um papel. Braz Safim endireitou o barrete sujo e roto, pôs as mãos na cintura, e começou de menear a cabeça até o fim da leitura.

- É isto, senhor cavaleiro!! Por Santa Maria da Victoria, que um popular não seria capaz de fazer sobre o papel melhores coisas, do que vós... Olá, rapazes! Abri os ouvidos e ouvi o ... o...

- Ouvi o mando, que manda o povo desta Cidade e seu Recôncavo; leu Jeronimo Barbalho: hoje 8 de Fevereiro do ano de 1661, o povo junto em frente da casa do Senado da Câmara, e com o mesmo Senado juntamente ordena e manda, que Agostinho Barbalho Bezerra, que governa por sua nomeação, deixe de governar desde já; porquanto, em modo de traição disse e fez patente não querer governar pela voz do dito povo, que o exclui o remove da governança...

- Que o Senado venha para ouvir ler o bando! grita uma voz dentre a multidão.

- Quem foi esse, que veio meter-se em brincos?! disse o ferreiro com voz carregada e amarga.

- Que o Senado venha, disse Jeronimo Barbalho dobrando o papel; é ele quem convosco ordena... Portanto, que ele venha.

- Não façais caso do que diz esse biltre, senhor cavaleiro!...

- Venha o Senado! tornou Jeronimo: o povo assim o quer... Faça-se a vontade do povo...

E os Vereadores chegaram à porta da Câmara; e Jeronimo Barbalho começou novamente a leitura do papel, até aqueles palavras: disse e fez patente não querer governar pela voz do dito povo, que o exclui, e remove da governança...

- Então?! bradou o ferreiro: quereis mais alguém para ouvir ler vosso mando?!

E Jeronimo Barbalho continuou a ler:

- Agora o povo nomeia muito de sua vontade e livremente para governá-lo ao Senado da Câmara. Que de presente serve, e juntamente os oito Procuradores, que por diferentes vezes, e para diversos misteres tem nomeado.

A multidão pareceu satisfeita com a leitura, e logo o pregoeiro, tomando dos mãos do caudilho o bando, correu as ruas da Cidade, parando em cada esquina para recitar pausadamente o novo ato arbitrário; o Senado, junto com os procuradores tomaram a si o governo da Cidade, e a turba desmanchando-se em magotes correu por toda a parte dando vivas ao Rei, vociferando ameaças contra Agostinho Barbalho, Tomé Correia de Alvarenga e Salvador Correia de Sá: dia vertiginoso e de alaridos foi esse; porém não correu sangue, porque todos fugiram de levar ao abismo a mal-segura Cidade fazendo oposição à torrente

ameaçadora. Nesse mesmo dia, por noite, tudo estava queto e pacífico, de tal sorte, que o estrangeiro que percorresse as ruas desertas e silenciosas mal diria, que eram de uma cidade sem governo, porque o poder do Senado era quase nulo, e o de Jeronimo Barbalho contingente.

Assim continuou todo o mês de Fevereiro, e o de Março; em princípios de Abril, o Governo da Cidade, corpo sem cabeça, máquina, cujas peças mal ajustavam entre si, começou de partir em pareceres diferentes, em diferentes questões, sendo a principal e maior o modo por que impediriam o castigo que os ameaçava; porque cartas da Bahia davam já em caminho a Alçada, que presidida pelo desembargador Antonio Nabo Pessanha vinha devassar dos acontecimentos: por outra parte o general Salvador Correia, que, como em sua carta aos Vereadores de S. Paulo havia dito, se partira para a Ilha Grande, constava estar já perto da Cidade, e bem resolvido a punir severamente os culpados. Os dias sucediam-se e o Senado não dava providências: os Procuradores do povo, que pertenciam à classe baixa haviam como o povo esquecido os sofrimentos e tiranias, com a volta do general e notícias da Bahia; dos quatro da nobreza, só Jeronimo Barbalho, ou como mais atrevido, ou como mais temeroso do justo castigo trabalhava por impedir a entrada do General e Alçada, dispondo-se a receber um e outra na boca dos mosquetes e ponta das lanças; porém o povo não secundava seus intentos, e a revolta corria a seu fim.

Amanheceu o dia dez de Abril sobre a Cidade ainda rebelde; porém estava muito longe o sol de sua maior altura e já o corpo de Guarda principal, a Torre da Pólvora, as fortalezas de S. Sebastião e São Tiago estavam em poder de Salvador Correia de Sá e Benavides, desembarcada a gente de Mar e formada a Infantaria por ordem do general e Almirante: e assim findou em poucas horas uma revolução, que poderia ir mui longe e ter feias conseqüências. Parte da Câmara, quatro Procuradores do povo, e outros muitos, que no motim haviam entrado, foram sem perda de tempo apresentar-se ao general, que os recebeu como a vencidos humilhando-os com palavras descorteses, e duras; de sorte que cada um se foi com a incerteza no coração, esperando uma ordem que os arrebatasse de sua casa para uma fortaleza; o resto dos conjurados havia-se refugiado em S. Francisco, onde a Alçada os foi descobrir e prender, e estes foram os cabeças Jeronimo Barbalho Bezerra, Jorge Ferreira Bulhão, Lucas da Silva e Diogo Lobo Pereira; a Alçada, especialmente enviada à Bahia para sindicar, prendendo os quatro réus e tentando remetê-los para Lisboa, o não pôde fazer a mais de três, ficando nas mãos do vingativo e terrível Salvador Correia de Sá e Benavides o caudilho, que teve de responder a um conselho de guerra, ou comissão militar composta do general Manoel Freire de Andrade, seu irmão o almirante Francisco Freire, o Auditor e Ouvidor Geral Sebastião Cardozo de Sampaio, presidida por Salvador Correia.

Às três horas da tarde desse mesmo dia dez de Abril de 1661 em casas do general governador, onde se achavam reunidos, além dos que compunham a Junta, o desembargador Antonio Nabo Pessanha, os três réus Lucas da Silva, Diogo Lobo Pereira e Jorge Ferreira Bulhão, as testemunhas Brigida dos Santos, Alonso de Esteves e seu irmão Fausto, a judia Ruth e seu pai Mestre Abraham, compareceu Jeronimo Barbalho Bezerra com seu uniforme de capitão que era, pálido mas desembaraçado e arrogante; um dos capitães do Presídio Affonso Gonçalves Mattoso, que servia de secretário da Junta perguntou ao réu, que vinha responder, seu nome, idade, e naturalidade, ao que ele nada respondeu; e depois de feitas outras perguntas, que da mesma forma não tiveram resposta, o general governador fez interrogar as testemunhas:

- Como vos chamais? perguntou o Secretário para a primeira, depois que os outros deixaram a sala por ordem de Salvador Correia; como vos chamais, e qual é a vossa idade?

- Ruth é o meu nome, e tenho vinte cinco anos feitos.

- Conheceis o cavaleiro Jeronimo Barbalho Bezerra?

- Não o conheço.

- E o réu presente?

- Também não, disse a judia, depois de olhar por bom espaço para o caudilho admirado dos respostas de Ruth.

- Na noite de 7 de Fevereiro deste corrente ano pelas onze horas da noite não fostes presa na Várzea pelo amotinados e levada perante o cabeça de motim, que vos pôs em tratos?

- Tudo isso é verdade; porém não sei se aquele perante quem fui levada era o cabeça do motim.

- Porém não vos ficou desse homem lembrança alguma?

- Nem a mais pequena.

Affonso Gonçalves olhou para o Governador, que mal podendo reprimir a cólera fez sair a testemunha, que as lágrimas da mulher de Jeronimo Barbalho haviam comprado. O judeu Mestre Abraham compareceu perante a Junta:

- Como vos chamais? perguntou o General com voz sufocada.

E o judeu olhou para todos os lados com vista espantada sem proferir uma só palavra. Na porta da sala apareceu um granadeiro que informou da parte do carcereiro que a testemunha havia enlouquecido na cadeia, tendo sido recolhida na noite de 7 de Fevereiro, havendo no dia 8 ordem para soltá-la, que não se executou. Vieram depois as três testemunhas Brigida dos Santos, Alonso e Fausto de Estevaes, que sem discrepância narraram todos os passos do caudilho, seus planos e ordens, que ele não contestou, logo que para fazê-lo lhe foi dada faculdade. Mudo e com terrível sangue-frio ouviu Jeronimo Barbalho todo o interrogatório; sem perturbar-se, ouvia a exposição de seu crime e das penas que eram impostas aos réus de crimes tais; e se era possível cresceu sua indiferença ao ouvir ler a sentença que o condenava à morte... Porém um tremor convulsivo agitou-lhe todo o corpo, o suor inundou seu rosto coberto de palidez mortal, quando ouviu que sua cabeça iria para o pelourinho... Infamante!!(\*) Um grito doloroso veio ferir seus ouvidos, e logo sua mulher, e sua filha debatendo-se entre os guardas vieram cair-lhe nos braços desfalecidas; foi então que sua coragem o abandonou de todo, porém um instante, um só instante, porque levantando-se com a mulher sem sentidos num braço, e pondo a mão sobre a cabeça da filha, que de joelhos o abraçava, pausadamente falou assim para os que o haviam condenado:

---

\* (\*) *Lê-se em algumas memórias, que Jeronimo Barbalho fora preso e remetido para Lisboa, onde morreu em prisão; porém de uma carta de Salvador Correia, em que noticia ao soberano os acontecimentos, que levamos referidos, vê-se claramente, que foi executado aqui no Rio de Janeiro. Baltazar da Silva Lisboa em seus Anais, diz que Agostinho Barbalho fora preso, e falecera no cárcere, o que também é menos exato, porque a carta régia de 19 de Maio 1661 o nomeia, Administrador das Minas de Paranaguá, e como mercê dos serviços prestados na revolução.*

- Aquele ódio tão antigo que me tendes, e que vos tenho, Salvador Correia de Sá e Benavides, vai acabar-se... Aquela vontade de nos ferirmos mutuamente chegou-me, onde não podia sustê-la... E feri-te!... Um dia... Duas horas... Um instante destruiu a minha obra, e chegou a tua vez: aproveitaste-a, Benavides! E eu vou morrer infamado!!!... É pouco para tua ira e vingança ver morrer o inimigo, ver a desesperação de sua família... É pouco, homem justo! Queres também a sua vida além do túmulo na terra, e se puderas vinganças no outro mundo, nem lá poderia escapar-te. Mas olha, tu me feres em minha família com a infâmia, e Deus há de vingar-me na tua!... Desses que tu serves cegamente não de pagar-te com castigos o mal que fazes ao povo, e no fim de teus dias verás escurecer tua glória e feitos sangrentos com a prisão e o desterro, e então chorarás o mal sem remédio. De vós outros só me queixo, porque como meninos vos deixais levar pela vontade de um tirano; eu antes, em vez de queixar-me, desprezo-vos, porque desonrais o ser de homens consentindo que outros pensem por vós!! Olá guardas! continuou ele sustendo nos braços a mulher ainda desmaiada, levai-a... Esta primeira vítima do implacável ódio de vosso amo, não vos dará talvez mais trabalho, do que este... E o céu me ouça para furtá-la a maiores dores...

Depois voltando-se e dando com os olhos na filha:

- Miséria e infâmia para ti pobre inocente, eis o que te herda teu pai!!!... Oh! Que se tu foras homem, o sangue de Jeronimo Barbalho Bezerra não seria derramado impunemente por cobardes e miseráveis... Se tu foras homem, se eu te pudesse encarregar... Mas, se o foras não cairias hoje vítima desses monstros?... Levai-a, também!...

E sentou-se; morno silêncio reinava entre todos; Salvador Correia tão pálido como o condenado, procurava na mente qual seria a primeira palavra, que de seus trêmulos lábios saísse: pesava-lhe o rigor da Lei, que levava ao cadafalso Jeronimo Barbalho, menos por ele, a quem aborrecia, do que pela triste mulher e filha, cujo espetáculo de dor havia quase enternecido; os outros juizes esperavam uma palavra do Governador para perdoar ao réu os crimes, que a irreflexão praticara: porém, era preciso um exemplo, e Salvador Correia tenaz em seu primeiro aviso, deu ordem para que a execução se fizesse na mesma tarde.

Às cinco horas, pouco mais ou menos, foi fusilado nesta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro o Capitão Jeronimo Barbalho Bezerra, chefe e motor principal da revolta de 1660; sua cabeça, como ordenava a sentença, colocou-se no pelourinho por três dias.

Os outros três réus, remetidos para a Bahia e daí para Lisboa, foram perdoados pela carta régia de 6 de Fevereiro de 1667, menos Jorge Ferreira Bulhão, que morreu na cadeia de Limoeiro.

E assim findou esta revolução, que prometia ir mui longe, e ter sérias conseqüências.

---

Tem acontecido muitas vezes tornar-se um pouco fastidiosa a narração de nosso Romance por causa da prisão que nos fez a verdade histórica; não só porque é esta a nossa primeira composição neste gênero, mas porque sendo também este o primeiro Romance histórico publicado no Brasil, modelos que nos guiassem só os pudemos encontrar estranhos: é leve desculpa, bem o sabemos, porém, não deve haver indulgência para aquele que primeiro trilha um dos ramos da literatura, que nem sequer ensaios terá apresentado? Todavia ei-lo aí exposto à critica; só uma coisa diremos de nós, e é que em português vai ele escrito.

# A GUERRA DOS EMBOABAS <sup>1</sup>

## ROMANCE HISTÓRICO

### CAPÍTULO I

#### *O Guia narrador*

Quem diria, em tanto sossego, que uma má tenção os levava?!  
Essa multidão de homens corria à vingança!...  
(Rui Vaz Pinto, inédito)

Era uma noite quente e abafada; num vale rodeado por altas montanhas cobertas de matos virgens viam-se para mais de cem fogueiras, e de cerca delas muitos homens armados, uns fumando, outros comendo, e outros conversando; era um espetáculo de por medo a quem freqüentava as estradas solitárias destes medonhos sítios, porque a idéia mais favorável, que poderiam fazer de tal ajuntamento, seria a de que fosse algum bando de ladrões e assassinos; e ainda mais, se houvesse alguém tão atrevido, que enxergando da altura das montanhas aquela multidão descesse à raiz para observar o que faziam tantos homens juntos, aquele primeiro incerto pensamento se havia de tornar em pavorosa certeza, tão feias caras havia de ver e tão terríveis, tantas as chuças, mosquetes, espadas... Porém, um abandono tão seguro, uma segurança tão livre, que faziam desandar a cabeça a dois homens, que cá na montanha que ficava ao oriente, a mais baixa de todas, sobre os cansados muares não tinham vontade de descer até o vale.

- Eu aposto que são ladrões, dizia um deles para o companheiro.

- E eu digo que não, tornou o outro; uma tropa também não pode ser; porém as estradas são limpas... Oito dias há que muitas arrobas de ouro aqui passaram a salvo, e se fossem ladrões...

- É uma asneira, que estás dizendo! Porque há oito dias aqui passaram muitas arrobas de ouro a salvo, não pode isto ser uma cáfila de ladrões?!

- E se fossem, que mal nos ia em passarmos perto deles? Quanto levas aí para te furtarem? Olha, eu vou a eles, porque ainda que me dêem conta da pele, tanto faz morrer na boca de um mosquete daqueles que lá em baixo reluzem, como nos dentes de alguma onça; demais, como subimos, e escoteiros, pouca cobiça lhes farão nossas malas.

- O que tu dizes é de razão, disse o companheiro chegando os acicates à barriga da besta vendo que ficava sozinho; mas olha, se forem ladrões...

- Ai, que me parece trazeres por aí alguma coisa, meu velho raposa?!

- Valha-me Deus... Sempre trago hum bocadinho, que nos há de ajudar lá nas Minas...

<sup>1</sup> "Este nome Boaba, quer dizer na língua dos Índios desse País galinha, ou galo de pernas cobertas de penas, ou calçados; e porque naquele tempo todos os homens do Reino usavam de calções chamados de rolo, e descidos estes cobriam a maior parte das pernas, chamavam por este motivo Boaba, ou para melhor dizer - Pinto-calçado." (Rev. do Instituto Hist. Vol. II pág. 76)

- Nesse caso é prudente não descermos; ou antes, eu vou só, porque indo mais leve menos perigo corro, menos perigo correremos.

- E eu fico só aqui?! Nada, vão-se os anéis e fiquem os dedos, vamos ambos.

E deram de esporas, descendo vagarosamente até junto da primeira fogueira, que ficava em meio da descida, retirada muito das outras. Bom pedaço desviado dela, o mais moço dos dois viajantes pôs pé em terra, e cosendo-se com o mato foi devagar até que pode ouvir o que se falava.

- Dobrado caminho, com os diabos!! dizia um dos que estavam ao fogo; cá se me ficam as pernas desta feita, e a S. Paulo não tornarás, Braz dos Anjos queridinho. Ó irmão da cova, como te foi hoje na dianteira?

- Menos mal...

- Então, não te vai gosto de ficares comigo outra noite cá no rabo da tropa?!

- Não que tenha medo; mas gosto de descobrir campos, e depois meu lugar...

- Valha-me S. Pedro, que bem sei eu qual é ele: o guia no coice havia de ser engraçado... Mas não te falo nas horas de marchar, de noite é que te queremos e as tuas histórias.

- E por que não vieste ontem ao arrancharmos no morro? disse um terceiro, metendo-se na conversa.

- Ó Paulo, não fales nisso ao guia, respondeu o que primeiro falara, e tinha nome Braz dos Anjos; não fales nisso ao guia, continuou rindo-se às gargalhadas; que boa história não há de ele fazer quando estivermos de volta, se os Boabas nos deixarem a pele, o que Nossa Senhora há de permitir, e a minha chuça... Que boa história, guia?!

- Mas, o que foi? disse um.

- Sim, a noite de antes de ontem? disse outro; aqueles tiros... Que barulho foi aquele?

- Ah! Ah! Ah! Suponde vós que uma onça grande como os diabos ia comendo o nosso guia e narrador...

- Mas como foi isso?

- Ora... Pois ouvi lá: foi antes de ontem pela meia noite, pouco mais pouco pouco menos; fazia escuro, como a cara de um negro dos de Amador Bueno; frio, como nunca se viu na terra, e por isso havíamos nós arrumado uma fogueira de mais três braços em comprido. Ora bem, tinha-se acabado toda a lenha, e só havia um largo braseiro, que estava chamando por boa posta de veado... E nós todos a dormir num ranchinho de sapé que ficava bem defronte do braseiro, bem defronte; o guia também a dormir junto de mim cansado de dar às pernas naquelas boas quatro léguas de morros, que nesse dia fizemos, e cansado de dar à língua naquela maravilhosa história de *Roncesvalles*...

- Mas, vamos à história do guia, disse um impaciente.

- Estou com ela, rachador! Estávamos a dormir todos; eis se não quando sinto eu uma fósca nas palhas do rancho... Levanto-me, e vejo uma garra de onça encastalhada numa das casas da vestia do guia, e uma das patas tão perto da cara dele, que parecia levantar-se o peito com o respirar; estive quase deixando o negócio correr seu termo porque naquela noite era este dorminhoco quem fazia sentinela, porém lembrando-me, que ainda não tinha acabado a história do *Roldão em Roncesvalles*, e demais com vontade de experimentar como cortava a minha faca em pele de onça... Arrumei tão boa facada, que passando o sapé foi toda no peito do bicho...

- Assim mesmo! bradaram todos.

- E o diabo, que eu esperava em cima de nós, revira-se, e vai aos saltos cair sobre o braseiro, que ela julgava lá para si havê-la arranhado...

- Como te safastes por milagre de tamanho perigo! disse o rachador.

- Enganas-te; aí é que foi o perigo; porque o guia berrava tanto ou mais do que o bicho em cima das brasas; e toda a gente estremunhada pegava dos mosquetes e despejava fogo por todos os lados em risco de nos diminuirmos antes de chegar à vindima lá nas Minas, que há de ser machucha...

- E depois, a onça?

- A onça torcia-se, dobrava-se, mordida-se, pulava e uivava, como um *possuído* nas mãos e espáduas do demo: e eu carregava o mosquete para acabar de uma vez com tanto alarma; fui-me a ela e despejei-lhe duas balas bem entre os olhos, que pareciam dois carvões acesos, e ela aquietou-se...

- E de manhã...

- Só restavam as cinzas.

- É uma boa história...

- História!? interrompeu Braz dos Anjos, com enfado; alto lá, rachador! Disto fará o guia uma historia, mas por ora é um caso verdadeiro, e acontecido... Vai muito diferença de um caso, a uma historia.

- Pois seja caso ou história, disse o rachador; o que nós queremos é que o guia comece a história, ou caso da terra, que nos prometeu; histórias de além mar já aborrecem...

- Pois conta alguma maroteira dos Boabas, com os diabos! disse Braz dos Anjos, dando formidável murro no ombro do guia; e lembra-te que se não fora tua habilidade em contar histórias, estarias hoje no bucho da jaguára.

E todos se chegaram para junto do guia; e o moço viajante, que agachado entre umas moitas ouvira o *caso da onça*, levantou-se nos joelhos por um instante, e depois tornou de rastos para junto do companheiro.

- Vamos, guia; aqui tens vinte orelhas, e dez çaras todas voltadas para ti; começa.

E o guia, tirando o cachimbo da boca, começou nestes termos:

- Descobertas aquelas ricas e celebradas Minas, para onde nos vamos de caminho, deram tão violento abalo nas povoações de beira mar, e ainda nas de além dele muito longe, que tudo se despovoava para correr aos sertões em busca de fortuna; muitos ficaram pelas estradas mortos de cansaço, ou de fome, porém alguns chegaram a pôr as mãos no pó amarelo, e de volta à sua terra a cobiça enlouqueceu outros...

- Este guia dos diabos parece que não é paulista! interrompeu Braz dos Anjos.

- A contar histórias, disse o rachador; porque quando se trata de aliviar um Boaba, ou viagem perigosa e incerta atrás do *desejado*, não fica para a banda, é dos primeiros.

- Deixa contar o guia!! disseram alguns.

- Já não sei onde caminhava...

- Sim, sim, muitos foram atrás do ouro, e que tem isso? Vamos à história, isso já nós sabemos.

E o guia continuou:

- Havia, pois, nas Minas um homem, que viera como todos em busca do pó amarelo, mas tinha a língua tão atrapalhada, que mal se entendia uma, ou outra palavra, e essa mesma dizia-a como o seu nariz, que era grande como a orelha de um macho, vermelho como o sangue de cabrito; chamava-se o tal gigante, porque haveis de saber que era ele de uma altura prodigiosa, chamava-se Jaime Cosme, e diziam uns que era judeu, porque não ia à missa como todos; porém, assim mesmo feio, era querido de muitos. direi mais, de todos,

pela grande sabença que tinha das coisas de mineração, e era tão grande, que onde ele dizia: - Aqui há ouro! Aí havia ouro, muito ouro!... Mas tende conta que não dizia ele; *Aqui há ouro*; era uma trapalhada, que verdade é muito bem se entendia; bem que o entendi eu muitas vezes...

- Pois falastes com ele? perguntou um.

- Então é um caso, que nos estás contando?! disse o rachador piscando os olhos em mofa de Braz dos Anjos.

- Cio! Cio! Deixa narrar o guia! bradaram todos, vendo que uma alteração ia começar entre os dois.

- Jaime Cosme, prosseguiu o guia, procurado por todos em razão do seu tino para coisas de lavra, foi empregado pelos ricos enquanto era pobre, depois começou a trabalhar para si, e com tal sucesso, que dentro de alguns meses tornou-se rico, muito rico; soprou-lhe o diabo na cabeça o desejo de ser administrador das Minas, e de concerto com *alguém*, que secundava seus intentos mandou ao Senhor Rei amostras de ouro, e certos enredos que fizeram crer depois que seu fim desgraçado não fora accidental, mas forçado, o que é grave erro, ou nojenta mentira; porque eu assisti ao sucesso, e não sou capaz de dizer uma coisa por outra...

- Isso é verdade! exclamou Braz dos Anjos; o guia não é capaz de mentir, se lhe perguntarem pelo estômago.

- Temos dois contadores de histórias no lote... disse o rachador entredentes.

- Cio! Deixa o guia narrar!! disseram outra vez todos; se vamos assim só na volta da jornada ouviremos o resto...

- E os que ficarem por lá nas mãos dos Boabas, esses quando ouvirão o fim do *caso* ou da *história*?

- Maldito rachador!... murmuraram alguns.

- Se lhe chamais falador por Deus que na crisma ganhou ele...

- Leva de falar! disse o guia com autoridade; se quereis ouvir a história, só eu sou quem fala.

E continuou nestes termos:

- Tinha o tal Jaime Cosme, como acabo de vos dizer, uma mineração por sua, e era das mais ricas; além de alguns escravos seus, ocupava índios pobres dos aldeados, que levamos de S. Paulo e de outras partes; entre estes havia um velho, que trabalhava por três homens robustos e moços, e se trabalhava assim a matar era porque tinha duas filhas, lindas como duas santas, não comparando: ora o judeu, ou o que quer que era o tal Jaime Cosme, viu um dia as duas índias, e sem mais cumprimentos mandou-as buscar para sua casa, o que sofreu mal Jaguarassú, que assim chamavam o índio. Começou entre os dois uma guerra de morte, em que acabou mal o índio porque um dia foram achá-lo rebentado em fundo rego de minerar, do que tiveram tal paixão as duas raparigas, que se deixaram finar de fome e sede; ficou o judeu muito fresco no negócio, porque ninguém lhe tomou contas... Mas quando ele mal pensava, os *três* vieram tomá-las, e ele pagou com usura, como veremos mais adiante. Não se trata agora dos embustes dos Franciscos de Taubaté, com o seu frecheiro enterrado<sup>2</sup>...

- Alto lá, guia! disse Braz dos Anjos; eu vi com estes olhos o defunto, feia coisa! Tinha um olho aberto, e era o direito, se me não engano...

<sup>2</sup> É histórico, veja-se a vida de Belchior, de Pontes, Lisboa, 1752.

- Também eu o vi, replicou o guia; mas por que em uma sepultura aparece um diabo de índio ressecado, com um joelho em terra, o braço esquerdo estendido em ar de quem atira; por que em sua vida este homem ferisse um sacerdote com uma bala, deixando despedaçada uma imagem de Cristo, que o sacerdote segurava, por que isto aconteceu no instante em que nós chegávamos à vila, lembrar-se um Frade de gritar-nos que deixemos a Deus a vingança de nossas injúrias?! Quem sabe se tudo isso não foi arranjo dos Boabas?! Esperai que em Guaratinguetá, onde chegaremos amanhã, há de haver novo acontecimento; cá dentro mo está dizendo o coração, e o vereis.

- Mas a história? Vamos a ela, disseram os outros ouvintes.

- Bem cedo, prosseguiu o guia, bem cedo, se dermos às canelas de outra maneira que não temos feito até aqui, porque nos vamos com quarenta e nove dias de caminho, e estamos bem longe do termo de nossa viagem; mas, bem cedo como eu espero, passareis vós, e eu também num lugar deserto e triste, retalhado em todas as direções: aí vereis uma grande e profunda cova, que se chama: - *A cata do morto*<sup>3</sup>, onde muitos dizem que em certos dias do ano, por horas feias da noite, se ouve tal matinada, que só com ouvidos de fino aço se pudera alguém aproximar da boca. Muitas braças ao longe não se encontra uma erva enfezada sequer, e os pássaros fogem deste sítio, como de um lugar empestado e mau; e com efeito, é medonha a solidão...

- Safa! E para que nos levas tu, guia de todos os diabos, por tão ruim sítio?! disse o Rachador.

- Maldito sejas, rachador! Com as tuas asneiras; ficará a história em meio, disse um levantando-se.

- É isso! Fica sem lhe ouvirmos o melhor, disse outro levantando-se igualmente; grande sono tem Amador Bueno para mandar já que tocassem a recolher.

- Olha lá, guia, disse Braz dos Anjos segurando o narrador por um braço, olha que fica a história em meio; amanhã não te vás encafiar na tenda do general em conversas cabeludas, deixando-nos a esperar toda a noite.

- Será o que Deus for servido, replicou o guia; demais que a história está quase acabada...

- Pois bem, disseram todos; sempre lhe queremos ouvir o fim.

E levantaram-se uns após outros, indo cada um buscar meio de passar o resto da noite comodamente. Quanto aos dois viajantes, esses depois de uma larga disputa, tornaram a subir a montanha e não sabemos que fim levaram.

## CAPÍTULO II

### *A demora de cinco dias.*

The king asked me, whether a man's house might not better be defended by himself, his children and servants, than by half a dozen rascals picked up at adventure in the streets, for small wages, who might get an hundred times more by cutting their throats?

<sup>3</sup> Histórico: veja-se Jeronimo Barbalho, carta dos Vereadores desta Cidade para os de S. Paulo, e sua resposta.

(*Gulliver's Travels.*)

Ovem lupo committere.

(Terencio.)

- Vinha vendendo azeite às canadas! Amigo Braz dos Anjos; corria no ruço andador como os diabos: nunca vi o guia com tanta pressa em dias de minha vida...

- E o que mais me espanta, é que não o deixou ainda Amador Bueno; quem sabe se os boabas quiseram poupar-nos o trabalho de ir às Minas?!

- Quem, os boabas? Não sabem os de Guaratinguetá como lhes fazemos a ronda e sentinela? A estas horas vão eles por esses sertões dentro com tudo quanto roubaram, e quando chegarmos ao Rio das Mortes, onde eu pretendia tirar desforra do desastre de meu bisavô, quando lá chegarmos só havemos de encontrar...

- Olha o guia! Como está coberto de tijuco o pobre... Ó guia do diabo! Onde te vais ainda à cavalo?

- Vai largar o ruço no pasto, que é aquele o caminho; vamos encontrá-lo na volta, rachador.

- É preciso amarrá-lo para esta noite, se não, só acabará a história em S. Paulo...

- E as novidades que nos trará da correria de dois dias?...

- Três e meio, Braz dos Anjos! Olha que se foi ele do acampamento desde que prendemos o velho, que parecia um espião.

- É verdade... E o moço, como foi ligeiro em cima do cavalo do general, deixando-lhe em troca um burro velho e cadeira?!

- E se tu ouvisses o velho a praguejá-lo, porque lhe levava o fardel...

- Com boa soma de loiras, que o basbaque tinha escondido, ladrão que furta a ladrão tem cem anos de perdão: ambos são boabas, lá se entendam.

- E que é do velho?

- Queria o rachador amarrá-lo; porém Amador Bueno deu ordem para que se não molestasse todo aquele boaba, que largasse as armas, por isso nos opusemos aos bons desejos de alguns como o rachador, que não foi só ele.

E assim nestas conversas iam quatro homens, que uns diriam militares, outros não, por causa do estranho vestuário, que levavam, meio de soldado, meio de paisano; iam-se por uma rua, ou estrada de Guaratinguetá para fora da vila, e na direção que levava o guia: depois de terem caminhado um pedaço, pararam, à espera de um outro que com um cabresto na mão vinha encontra eles.

- Ficam os burros descansados, disse um dos quatros; porque assim como o guia nos entretém à noite com as suas histórias, e nos parece, que mal podemos passar sem ele, assim os animais que levamos de carga mal podem estar sem o ruço andador, que os amadrinha...

- Ontem fui eu na porteira do pasto, disse Braz do Anjos, e não vi um só de meus burros; tudo estava esparramado, e foram canses para arrebanhá-los: quem sabe se o ruço não conta também histórias?

- Sempre tendes na língua trocadilhos, e remoques, disse o guia aproximando-se dos quatros; nem mesmo na véspera do perigo ficais sérios como homens, que sois...

- Então, temos outra jaguára esta noite? perguntou rindo-se um deles.

- Teremos amanhã um *tigre-loiro*, ouvis! Amanhã... Eu bem dizia que tantas delongas em partirmos daqui haviam de trazer novidade; e demais, é preciso que em todas as vilas haja de quê nos refrescarmos...

- Ó guia, interrompeu Braz do Anjos, não venhas tu com histórias de entre-meio; acabarás hoje a da terra, e amanhã se quiserdes, ouviremos essa outra, cujo intróito começa...

- É uma história esta, em que tu hás de fazer figura, meu amigo; uma história que se tornará feia, ou bonita segundo o gosto de cada um, e mais as disposições dos dois cabeças de pensamento...

- Vai-te com falas para sataná! Que nos importa as tuas cabeças de pensamentos...

- Apronta o mosquete esta noite, e amanhã me dirás se o guia te engana, rachador; as duas cabeças de pensamento não de nos dar que fazer talvez.

- Maldito guia! Quando ele começa com estes mistérios, é capaz de fazer desesperar um santo.

- Eu sei o que ele quer, disse Braz dos Anjos; quer que o roguemos...

- Mas hei de lhe fazer largar este sestro com dois murros, disse o rachador; todas as vezes que ele começar com palavras de jesuíta, esmurro-lhe os narizes...

- Queira o céu que os teus não sofram amanhã, meu valente.

- Que homem! Que tem o dia de amanhã conosco? Há de ser como todos de folgança...

- De folgança? Talvez, se de bom ânimo vier Antonio de Albuquerque Coelho...

- O governador! interrompeu Braz do Anjos com espanto; pois não está ele no Caeté com os da súcia?!

- E o meu cavalo como vem espaduado, vistes, rachador? Estou a pé, disse o guia voltando-se de costas para Braz, que segurando-o pelo braço fê-lo desandar outra vez.

- Então que perigo há em se te espaduar o andador? Não tenho aí três burros, um cavalo, uma égua...

- Sim, é verdade; mas de que me serve cavalgadura de outrém, se tenho de bater a canela...

- Ora deixa-te disso, guia; tu precisas, e eu sou teu amigo.

- Por hoje, que sei novidades... disse o guia entre-dentes; e depois ajuntou alto: muitas graças, senhor Braz; porém suponde, que tenho de fazer amanhã dez léguas de caminho, depois oito e meia, no outro dia nove e um tirãozinho...

- Ora, isto é nada, interrompeu Braz dos Anjos arranhando a cabeça; fortes animais que são os meus... Mas passando de uma coisa a outra, com que o tal melcatrefe...

- Porém ficamos justos, amigo Braz; eu aceito o lazão, e de hoje come milho por minha conta... Quantos dias?

- Sim... Mas o ruço está de todo?

- Qual, dois meses de descanso... E nesse tempo toma carnes... Há de ficar bonito para as cavalhadas do Espírito Santo... E conta com ele, que to empresto.

- Vá feito, disse Braz chegando os calcanhares um ao outro como para pagar-se da estafa que o lazão havia de sofrer.

- Leve o diabo o ruço e o lazão! disse o rachador impaciente; fala, guia, quem é esse *coelho*, que temos para o almoço primeiro?

- Sois um desalmado falador! Pois isto são coisas que todos saibam? Amanhã o verás...

- Mas conta-nos, de donde vens hoje, e por que há tanto que te não vemos no acampamento?!

- E esta?! Quereis que dê com a língua nos dentes em grave risco de minha honra?! Vós sois uns faladores...

- Menos eu.
- Cá por mim...
- Ora suponde que vos digo muito em segredo...
- Morreu! Está dito, o rachador não fala.
- Eu fico por ele, acrescentou um dos quatro.
- E quem me há de ficar por ti, caminheiro; teu pai, que Deus haja, não falo mal dos mortos, mas olha que, sempre to digo, era...
- Aqui está, interrompeu Braz dos Anjos, fico eu por todos.
- Bem, falo tudo quanto tiver no bucho, e fico sossegado; pois se não fôra a segurança do meu amigo Braz, não haveria poder na terra que me fizesse...
- Já sabemos isso, vamos às novidades.
- Devagar, rachador! Não é por ti que falo...
- Bem o sei, porque não tenho lazões... Mas por mercê de Deus ouviremos todos.
- Sim, ouvireis por mercê do Sr. Braz dos Anjos, meu amigo.
- É isso, mas vai falando.
- Ora ouvi lá, e sentido com a língua; porque não quero perder a entrada que tenho com Amador Bueno, tendes entendido? É hoje quinta feira, e por esta razão três dias e meio estive fora do acampamento; isto é, parti dois dias depois que chegamos a esta terra, e agora vos direi por que parti. Quando largávamos do vale, em que principiei a contar-vos a mui verdadeira história de Jaime Cosme...
- A propósito, onde nos fica a tal Cata do Morto? perguntou o rachador.
- Não se trata agora de histórias, disse o guia com enfado, e prosseguiu: largávamos do vale pelas quatro horas da madrugada como vós tereis em lembrança, quando na subida do morro enxergamos dois cavaleiros que se tornavam para baixo, ou que descessem, ou que por nos enxergar não quisessem subir; mandou-me reconhecê-los Amador Bueno nosso chefe, e ordem que se fossem boabas lhos trouxéssemos sem lhes fazer dano...
- Asneiras de Amador Bueno.
- Mas era uma ordem, e tu fizeste muito mal em ir contra ela, rachador; estes que sobem...
- São como os que lá estão, deixa-te de sermões de padre, e anda com as tuas novidades.
- O guia fez uma careta, e já remunerava uma descompostura, mas o amigo Braz dos Anjos com sua autoridade de quem dá, que se parece com Deus, aplacou o descontentamento do narrador, que continuou nestes termos:
- Trouxemo-los, que eram eles dois pobres pintos calçados que subiam para as Minas; chegaram à presença do general cheios de medo pelas fanfarronadas de algum que comigo ia... E deles soube Amador Bueno, que o governador Antonio de Albuquerque Coelho subira para as Minas, e estava no Rio das Velhas, e Caeté compondo umas discórdias que entre os moradores destes sítios e Manoel Nunes Viana, o patrono dos boabas, governador levantado por eles, e boaba também, se haviam originado; mas que, sendo Antonio de Albuquerque Coelho reconhecido por governador das Minas, e havendo-se retirado para as suas fazendas do Rio de S. Francisco Manoel Nunes Viana, como certo podíamos ter que de caminho encontraríamos Antonio de Albuquerque...
- Queira Nossa Senhora que sim!
- Também assim digo, porque te quero ver nas mãos dos boabas com essa valentia, meu rachador de paus, quero-te ver rachando *neles*.
- Vamos, guia, deixa-o falar.

- Amador Bueno, que sabe quem eu sou para coisas de segredo, tomou-me de parte, e disse-me; André Goyaba, meu amigo, vai já arrear teu cavalo, que te quero mandar até o Rio das Velhas para observares os passos do governador; silêncio com o que te digo, e brevidade com o caminhar, que aqui te fico esperando. Quis eu lembrar ao chefe que a demora nos faria mal e que pelo menos gastaríamos uma semana; mas já estava pensando em outras coisas e não me ouviu...

- Ah! Ah! Ah! Não te deu ouvidos.

- Silêncio, deixa o guia falar!! disseram todos.

- Cheguei no posto, arreei o ruço, e ao meio dia larguei do acampamento; no segundo dia de minha viagem encontrei como uma cavalgadura de sete pessoas, e eram elas o governador Antonio de Albuquerque, dois capitães, dois ajudantes e dois soldados...

- E que fizeste tu? perguntou um com ansiedade.

- Fiquei tremendo de susto como tu, meu amigo; não te faças amarelo...

- Sete para um...

- Mas, se não ia com tenção de bater-me com eles, que me importava o seu número?! Passei bem junto deles, cortejei-os com urbanidade e fui-me por onde eles vinham; porém logo que foi noite voltei sobre passadas, cheguei aqui há pouco, estafado como estais vendo, e mais o meu ruço que largou três ferraduras num tijucal bravo, que aí adiante temos.

- E o corego do ferro dá passagem?

- O levar suas águas, leva; mas eu passei-o

- Amador Bueno e os outros quê disseram?

- Que haviam eles de dizer? Que já que nós topávamos em caminho, esperássemos o governador para lhe fazer todas as honras e cortesia que lhe são devidas...

- Eu não sei entender Amador Bueno da Veiga! disse o rachador enterrando o chapéu até os olhos; ele que em S. Paulo esbravejava com as notícias, que todos os dias chegavam das Minas, de mortes e roubos; ele que foi o primeiro a armar-se, quando nos armamos todos; ele enfim com mil e trezentos homens bem armados espera um boaba que nos vêm dar ordens, espera-o para lhe fazer honras e cortesia, espera-o para nos mandar para S. Paulo...

-Estás aí dando à língua sem saber o que dizes; pois saímos de S. Paulo para vir só a Guaratinguetá?!

- Veremos para o quê deixamos S. Paulo! Veremos para quê perderam nossos filhos seus pais nas mãos dos boabas!! Veremos o que rende a demora de cinco dias para fazer cortesia a um governador!!!

- O rachador está de fogo! disse o guia sorrindo-se.

- Mas, como sabes tu, que Antonio de Albuquerque vem a Guaratinguetá!

- Eu o sei porque assim o dizia a sua comitiva; e ainda mais por a estrada que trazem para o Rio é a que passa por aqui.

- Pois que venha; se o general lhe quer fazer cortesia, eu farei o que for de meu gosto aos dois boabas, que ele traz de criados, e quem sabe o que farei mais.

- Então, tens medo dos quatro das fardas finas? Não quero falar do galo mestre, que esse só a vista te há de por medo.

- Assim mesmo; os grandes, que se havenham entre si, eu cá me haverei com os outros.

- Não sou do teu voto, replicou Braz dos Anjos; se houver chamusco, os primeiros, que alinhavam são os grandes...

E assim dizendo, foi interrompido por uma formosa salva de mosqueteria, e outras a seguiram.

- Ei-los! disse o guia, vamos chegando para a vila, por que se não diga que nos pomos de fora da festa, se a tivermos.

E endireitaram para a vila, onde tudo fervia desassossegado; a presença dos paulistas, que faziam conter alguns descontentes, homens cordatos, não pôs impedimento a muitas reclamações, que com a chegada de Antonio de Albuquerque Coelho apareceram; porém o governador, com singular acordo, não quis deferir sem primeiro falar com Amador Bueno, e os principais, a quem polidamente cometeu paz, prometendo justas satisfações. Porém Amador Bueno, muito resolvido a não aceitar proposta alguma, remeteu o caso para um conselho, ou junta, que no outro dia devia celebrar-se, para que Antonio de Albuquerque Coelho ouvisse e presenciasse as falas atrevidas, e as manifestações de ódio que arrastavam os paulistas por tantas léguas longe de seus lares e famílias. Reunidos no seguinte dia aqueles que deviam falar no conselho, o governador com diplomática sutileza corou de tal forma os desvios dos boabas, e afeou com tal negrura a desobediência dos paulistas, que só muita determinação, muita raiva e desejo de vingança conservou na primeira resolução aquela turba de cegos e alevantados homens. Consta que ante o governador assim falara Amador Bueno:

- Deve o senhor rei aos intrépidos e destemidos filhos de S. Paulo, a melhor parte das riquezas que do Brasil chegam todos os anos a Lisboa, devem-lhe o descobrimento das Minas: são eles mui leais vassalos, e muitas vezes o temos mostrado por forma tal, que só isso bastara para nossa glória e galardão, que nos deve fazer aquele a quem servimos; isto mesmo têm confessado seus ministros: pagando os paulistas o quinto, ou capitulação do ouro que em mineração tiram, o imposto dos diamantes, eles tanto, ou mais do que outros têm direito de assistir nas Minas; e é o que não querem os homens do reino, como todos confirmarão a menos que não queriam mentir: ora, se não temos o direito de tomar satisfação de nossas injúrias, como eu confesso, se nossas petições, rogos e lágrimas perdendo-se na vastidão e profundidade dos mares não podem chegar ao trono do monarca, será bem que nos deixemos assassinar barbaramente como tantas vezes tem acontecido?! Como havemos de entrar em S. Paulo, quê diremos às viúvas e órfãos daqueles que a traição e desumanidade de Bento do Amaral sacrificou ao seu ódio?! *O Rio dos Mortos e o capão da traição*, eis aqui monumentos de glória para os forasteiros; em Minas haverá também um lugar que os nosso filhos mostrem com o dedo àqueles que lhes lançaram em rosto a cobardia de seu pais. Que podem valer-nos as autoridades, que acabais de nomear, os soldados que arregimentastes? Mais seguras estarão nossas casas, se as defendemos com nossos filhos e servos; mais seguras nossas fazendas e vidas em mãos de Deus, do que nas desses lobos, que fizestes pastores. Vamos, senhor, vamos às Minas, e só a morte nos poderá quebrar a vontade que temos de lá chegar; a demora de cinco dias em Guaratinguetá foi só para obsequiar-vos, porque não querendo cumprimentar-vos de passagem, não sabendo onde poderíamos encontrar-vos, tivemos por melhor aguardar-vos aqui, porém amanhã seguiremos. Antônio de Albuquerque em todo o tempo que tão larga fala gastou, mil vezes mudou de semblante; e logo que Amador Bueno cessou de falar, vendo que todos os paulistas a uma voz apoiavam seu chefe, levantou-se, e com voz alterada falou nesta substância:

- Quem foi, e em que tempos se vos contestou os brasões de glória, que orgulhosos apresentais a todos os olhos, sem refletirdes que assim perdem muito de seu valor e brilho?! Foi, ou não de interesse próprio que sempre vos mostrastes leais ao rei, que nunca esqueceu

vossos serviços?!! Como é que o leão faminto e cervo hão de pastar no mesmo prado?!!! Vós ides às Minas a vingar injúrias, pois ide lá senhores; mas ouviu que sois bem poucos para tanto!...

Um motim, que ia nas ruas, e a desaprovação de quanto dissera o governador manifestada por um sussurro na sala impediu de ouvir-se o mais que Antonio de Albuquerque pudera ter dito; um instante depois saiu da sala acompanhado pelos seus, e foi cercado pelos paulistas, que haviam determinado prendê-lo, e o fariam, se Amador Bueno o não obstasse, fazendo-o acompanhar a alguma distância, até que ganhou a estrada, recolhendo à cidade do Rio de Janeiro por Parati.

### CAPÍTULO III

#### *Continua a narração*

Death is the king of terrors.  
(W. and W.)

Começava a escurecer em Guaratinguetá, e as ruas cheias de homens armados desde pela manhã iam pouco e pouco ficando desertas e silenciosas; só a espaços uma mulher, ou criança atravessava de um para outro lado, mas com tais precauções e ligeireza, que bem mostrava o desassossego em que estava a povoação depois da chegada dos paulistas: aqui e ali por dentro das rótulas viam-se dois olhos desconfiados e perscrutadores que acompanhavam até bem longe qualquer viandante, e se este por acaso parava, ouvia-se um ruído como de porta que se fecha com medroso recato, e desapareciam. Ao sul da vila na fazenda de \*\*\* aquartelava-se um troço de trezentos homens; a casa apesar de ser vasta, e as muitas dependências eram pequeno espaço para conter tanta gente; por isso cá no terreiro em magotes mais de quarenta deles altercavam sobre os acontecimentos do dia: haviam-se partido em dois pareceres, que eram representados pelos dois cabeças o guia e o rachador, o primeiro apoiava a determinação de Amador Bueno, e dos que o seguiam; o segundo desaprovava tudo quanto não fosse aliviar boabas, como ele dizia.

- Ora eu que não sei nada do que estás dizendo, gritava ele com toda a força de seus pulmões, sei muito bem que temos deixado ir muito em paz mais de *trezentos*; e é por isto que nos caçam como animais bravos, lá nas Minas, sendo que mansos e pacíficos somos, contra minha vontade...

- Mas que tem o governador conosco? perguntava um dos da banda do rachador; que ele passasse, e de caminho lhe fizéssemos cumprimentos, é coisa natural; mas aguardá-lo ...

- É assim! Nós todos à espera do governador, à espera de um boaba!...

- Se eu tivera ido na guarda dele, por Deus que não havia de chegar a Parati, nem à cidade do Rio.

- Serias como um ladrão de estrada, ou pior ainda! disse o guia; pois se Amador Bueno te entregasse um depósito, havias de roubá-lo, homem?!

- Não sei disso; mas o boaba despachava-o, tão certo como estar eu aqui.

- Vocês são como os burros, que não dão a orelha...

- Burros??! disse o rachador dando um salto para diante do guia; ó contador de histórias, cautela...

- Cio! Cio! Basta de falar; deixa o guia em paz que nos está devedor: que fale só... Que descarregue, porque o meu lazão há de amanhã sofrê-lo.

- É verdade, a história de Jaime... Do mineiro sabedor.

- Era ele boaba?! perguntou um, que antes queria ver um sarilho de socos, que ouvir histórias de mineiros; porém os ânimos tinham sofrido diversão, e foi mal recebida a lembrança.

- Fora o engraçado! disse Braz dos Anjos com certa autoridade.

E o cabeludo urso, que fizera a pergunta, deixou a companhia, antes que mais algum se lembrasse dela; e todos se conchegaram para junto do guia, que depois de muitas faceirices continuou nestes termos a interrompida narração:

- Ora abri bem os ouvidos, e nada de me quebrar o fio da história com desalmadas perguntas. Como já vos disse, ou dei a entender, o tal Jaime Cosme enviou para a contracosta o pobre velho Jaguarassú, que tinha duas filhas bonitas...

- Isso já nós sabemos, disse o rachador entre dentes.

O guia voltou-se para ele, e quando todos esperavam violento soco, ou amarguíssima apóstrofe:

- Centopéia! Centopéia!! Centopéia!!! disse, batendo nas mãos, e levantando a voz à medida que o rachador pulava e se torcia como um danado. Ah! Não te lembrava amigo Fernão Vitelo, continuou o guia, não te lembrava dos nosso ajustes?? Pois aí tens...

- Mas o que é? disseram alguns espantados olhando à roda de si.

- É *uma história*, ou *um caso*? disse Braz dos Anjos, segurando a cabeça do pobre Fernão Vitelo que vomitava tudo quanto comera em todo o dia.

- Uma história de trombas, respondeu o guia, se quereis que vô-la conte?

E havia quem a desejasse, porém o rachador levantou olhos tão suplicantes para o temeroso narrador, e tão bom coração tinha este que não só guardou consigo o segredo, que como Vs. Ms. têm observado tinha para com o vingativo Fernão Vitelo a propriedade da poaia, mas até lhe cederia metade da ceia, e o que mais é, sua opinião respeito à questão de Amador Bueno; e por isso foi continuando a interrompida narração.

- Jaime Cosme não ia à missa como fica dito, nem queria saber de coisas de santos e santas; e se alguém falava diante dele em almas do outro mundo, finava-se de riso, ou dizia tais horrores, que, fariam encrespar o cabelo de qualquer de nós, que o tem bem liso...

- Vamos adiante, disse um enterrando o chapéu até os olhos.

- Não falo consigo, sete-vidas; pela alma de meu pai to juro.

- Vamos com a história.

- Sempre é preciso desculpar-se a gente, amigo Braz...

- Porém anda com a narração!!

- Aqui vou, meu amigo... Dizia o tal mineiro horrores, quando se lhe falava nos que voltam acá; ora bem, tinha ele em casa uma velha criada, ou não sei que, e pelo mesmo tempo que apareceu Jaguarassú morto, e se finaram de paixão as duas filhas do índio, deu tal breca na boa da velha, que começou a encolher-se, a encolher-se, a encolher-se, que ficou do tamanho de uma mosca...

- Oh! De uma mosca? disse o rachador já restabelecido.

- Não, enganei-me, respondeu o guia com malícia, do tamanho de uma centop...

- Basta, basta!! Do tamanho de uma mosca... Pode ser muito bem, entendo... Do tamanho de uma mosca, e que mais?

- Pois sim, do tamanho de uma mosca, prosseguiu o narrador; e começou ela de encolher-se uma sexta-feira às trindades, e só parou noutra sexta-feira às mesmas horas, segundo afirmam pessoas respeitáveis, a quem o mesmo Jaime Cosme o contou: muito bem, logo que se escoou o último instante depois das trindades dessa sexta-feira começa a velha a desencilher-se, mas de um modo tal, que antes das dez horas da noite já não cabia na sala, às onze ia pelo corredor fora e à meia noite... Á meia noite quando o mineiro vinha dobrando um tope, que ficava meia légua distante da casa topou com dois troncos de arabutã que saíam dos lados de uma serra, que o apertaram e ao cavalo...

- Mas, se Jaime Cosme não estava em casa...

- Cio! Ouve e cala-te, basbaque! resmoneou o guia baixo; e levantando a voz continuou a história... Pois sim, Jaime Cosme não estava em casa, a coisa é simples; vinha de fora, também se entende, e logo que ele se viu nas talas que o apertavam, e a seu cavalo, levantou a cabeça, e divisou no meio da serra três buracos como três fornalhas a despejar fogo, e que não eram nada menos do que os dois olhos e a boca da velha; continuava esta sempre a desencilher, ou mais a crescer, porque ela já não desencilhia o que encolhera, continuava a crescer, e em vez de ser por cima do vale, e das montanhas, era pelo coração de uma altíssima serrania toda semeada de catadupas e cavernas, e que pertencia a uns ricos mineradores, que não a trabalhavam, apesar da grande abundância de pó amarelo, que em si continha; à medida que a velha e Jaime Cosme iam entrando pelas entranhas da serrania, este último lançando os olhos ora para a direita, ora para a esquerda, observava a terra cortada e recortada por veios de ouro tão grossos como fueiros de carro, e estes eram os muitos, porque havia alguns poucos troncos de árvores... Porém no que se lhe ficaram os olhos foi numa palheta, que segundo o seu cálculo devia pesar para cima de quarenta arrobas... E ele andando sempre, sem poder pôr-lhe a mão. Lá no fundo do caminho subterrâneo para onde a velha o levava, ouvia-se um ruído surdo como de pilões de esmagar pedra, e uma luzerna avermelhada e azul, que saía dentre nuvens de fumo negro... E a velha sempre a andar escontra a tal claridade, até que lhe chegou perto, e Jaime Cosme enxergou um largo maior do que todas as praças juntas de S. Paulo; por todos os lados desciam rios de enxofre ardendo, nos quais lavavam cascalho muitos homens nus e muito feios, feitorados por demônios com pés de cabra, e chifres retorcidos; ora no tempo que Jaime Cosme estava entretido vendo a mineração infernal, deram-lhe tão violenta pancada, que se não estivera tão seguro nas mãos da velha, havia de morder a poeira, e voltando-se viu perto de si duas mulheres com umas correntes de ouro ao pescoço, que se pareciam com umas de ferro, que ele pusera nas duas índias filhas de Jaguarassú. As duas mulheres, tomando-o cada uma por seu braço, arrastaram-no para baixo do cavalo, e depois de o terem amarrado bem com as correntes, que estavam em brasa...

- Sem se derreterem? perguntou Braz dos Anjos muito sério.

- Está bem visto, se elas só eram de ouro na aparência... Mas como eu ia dizendo, depois que o amarraram bem, foram levando as correntes por mão até lhes chegarem ao cabo, e logo deram tão forte sacudidura, que o mineiro foi ao chão redondo, e assim a rastos foram-se com ele para junto de uma alta escavação... Que deveis de saber não era feita pelo chão dentro, mas sim na espessura da parede, e subia por aí acima até perder de vista; largaram as correntes e como ele se fosse levantando em pé, ouviu por sobre sua cabeça uma matizada de gritos e injúrias, súplicas e pragas... E depois um ruído... Um ruído horroroso, não pelo barulho, mas por uma certa coisa, que não se pôde explicar, e ele afastou o corpo para dar lugar ao que descia. Porém as duas mulheres esticando as correntes, uma para diante, outra para trás, fizeram-no levantar a cabeça para cima e ele viu

que vinha pelo ar um corpo humano, que encontrando na descida as saliências da Cata, dava saltos, e fazia movimentos, que arrepiavam os cabelos... E o homem veio descendo até lhe cair em cima da cabeça...

- É diabo! disse um arredando o corpo, amarelo como uma cidra madura.

- Vai ouvindo, que isto é nada; no mesmo instante que o tal corpo caiu, veio logo um demônio, e levou-o para junto dos rios de enxofre, e dando-lhe um cesto, ou batéia, obrigou-o a carregar cascalho para a lavagem; mas, o tal que viera pela Cata abaixo, e que não era outro que senão o índio Jaguarassú...

- Pois o desgraçado também tinha ido para o inferno!

- Talvez que tivesse feito das suas quando era rapaz... Porém eu creio que estava lá por empréstimo, e só para atanzar o desalmado Jaime Cosme. Como quer que fosse, Jaguarassú em vez de levar sua batéia de cascalho para junto dos do rio, veio com ele para o *acorrentado*, e atirou-lha no rosto... E as mulheres, que eram as filhas, lançaram-no por terra, gritando – Há de morrer! Há de morrer!! E logo os que estavam junto dos rios de enxofre, os demônios, a velha e as mulheres, gritaram em coro – Há de morrer por todos os séculos! Por todos os séculos dos séculos!! E o índio foi buscar nova batéia de cascalho que vazou sobre Jaime Cosme: e as mulheres bradaram novamente; e o coro respondeu-lhes; e assim continuaram por muito tempo, até que ficou debaixo daquele monte, que não só lhe pesava horrorosamente, mas que parecia atravessar-lhe as espáduas até o coração, e ele tanto braceou que perdeu o conhecimento, e quando deu acordo de si estava sobre a cama em seu quarto...

- A estas horas o tal Jaime Cosme sonhou tudo isso, disse o incrédulo rachador.

- E a velha feiticeira, ou bruxa danada? perguntou um.

- E o cavalo? perguntou outro.

- Como devia ficar o tal Jaime logo que começou de escurecer no seguinte dia! disse entre si Braz dos Anjos.

- Nada de perguntas, disseram alguns ansiosos por ver o fim da história.

- Eu vos satisfaço a todos, continuou o guia; se Jaime Cosme sonhou, rachador, mau sonho teve ele por fim como veremos; quanto à velha tornou a encolher-se, e ninguém lhe pôs a vista em cima por alguns dias; o cavalo estava no pasto...

- Bem digo eu que o mineiro sonhou, e sou capaz...

- De vomitar outro meia hora, se o guia se zanga, disse um gaiato.

- Deixai-o comigo, que lhe sei o fraco; mas, vamos ao caso... Quanto ao susto que poderia ter de avizinhar-se a noite, amigo Braz, ficareis todos admirados quando vos disser o que repetia o tal judeu àquelas pessoas que lhe faziam a mesma observação: dizia ele que só tivera medo duas vezes, a primeira, no instante em que a velha o apertara, porque sendo o cavalo chucro, viera-lhe ao pensamento o risco de uma queda pelo morro abaixo, em que poderia ir-se deste mundo... A segunda, quando ouvira aquele certo e medonho ruído, que levantando os olhos enxergara o pobre índio aos saltos pelas escabrosidades da Cata, e que viria de certo rebentá-lo...

- Maldito seja semelhante homem! disse um batendo com o pé.

- Era de raça de um maldito boaba que meu avó matou, disse outro.

- Então, só tinha o tal judeu medo de morrer? perguntou Braz dos Anjos; quanto ao mais... Os tormentos, o inferno em que ele estivera...

- Qual! Dizia Jaime Cosme, que se não fora os dois sustos, que rapara, e ainda assim mesmo, desejara ter segunda vez a mesma folia: era um demônio com pele de

gente... Nunca passei noite mais satisfeito!! disse-me ele na sua algaravia, porque a vista de tantas riquezas valera bem os tormentitos, que me fizeram passar.

Não será mau que vos diga, que lhe ouvi estas palavras dois dias depois que o tal judeu tivera a satisfação de estar no inferno... Mau gosto que ele tinha; ou antes, não tinham acertado bem as vítimas no gênero de tormento, que deviam aplicar-lhe; porém depois amargou: decorreram alguns dias, sem que o mineiro tivesse quê contar-nos: porém chegou a sexta-feira, e por mal de meus pecados tinha-me ele convidado para o jantar, que se estendeu até a noite; seriam seis horas pouco mais, quando chegou à porteira o feitor dos negros da lavra, e entregou-lhe um grosso embrulho, que ele guardou com grande cuidado em um esvão entre duas portas.

- Ora haveis de beber mais um copo à saúde da minha colheita! disse rindo-se para mim.

- Vá feito, lhe tornei eu, descobrindo o fundo do copo; e segundamos-lhe, de sorte que já não era jantar, mas ceia, porque as oito da noite haviam dado seguramente; assim estávamos, eu muito descansado, quando ouvimos repentinamente um galo negro, que no meio da casa batera as asas, cantar tão desmedidamente alto, que me ficaram os ouvidos chiando bom pedaço, além das pancadas que dava o coração no peito... Jesus, santo nome de Jesus! Ainda me parece que o estou vendo ali...

E todos se voltaram com os cabelos arrepiados, frios de terror; ninguém falava, nem mesmo o sarcástico e incrédulo Fernão Vitelo: o guia continuou:

- Sim, muitos anos passaram, e sempre que vem a ponto esta parte da história, que vos conto, sempre me parece estar na sala do judeu, e enxergar o galo negro batendo as asas... Era feio o tal bicho! Não sei o que foi feito de mim; não me lembro se fugi pela janela, se pela porta; o que sei é que em menos de um credo estava no lombo do meu ruço, e a bom correr para casa do meu amo: lá deixei o mineiro, e mais a sua nova visita, sem tenção de voltar-lhe à casa, apesar do bom vinho, que lhe abundava na adega...

- Nem eu lhe havia de fazer mais fama à porta! disse Braz dos Anjos limpando o suor.

- E eu também!! disse o rachador.

- Assim fiz, porém alguns dias depois ouvi dizer, que Jaime Cosme estava nas últimas; e como era alto dia, fui-me até à lavra para saber do feitor que era nosso patrício, novidades do judeu: eis aqui palavra por palavra tudo quando ele me contou, pelo ouvir da boca de seu amo.

Logo que o galo acabou de cantar, bateu novamente com as asas e saltando em cima da mesa, num abrir e fechar de olhos deu com tudo no chão, deixando a casa escura como um prego; depois foram saindo das entranhas da terra muitos negros, cada um com seu facho, e à medida que iam saindo, assim se alargava e alteava a sala, de sorte que em breve espaço ficou como um grande rocio; então os negros formaram uma dança diabólica, e cada um deles veio por sua vez encostar o facho na cara do mineiro, dizendo-lhe cada um o seu nome, e eram todos tão esquisitos, que Jaime Cosme não pôde ficar com um sequer; acabada a estranha contradança, o galo negro bateu novamente as asas, e em vez de cantar abriu o bico vomitando um embrulho semelhante àquele que nessa mesma tarde recebera o mineiro: depois vomitou outro, e depois outro, e assim muitos até o número de cento e quarenta e quatro, que tantos Jaime Cosme guardava no esvão entre as portas, começando a esgaravatá-los e a espalhar o ouro que dentro tinham, e com tal rapidez, que não pôde impedi-lo. Então os negros chegaram os fachos aos grãos de ouro, que como se fossem de pólvora arderam em uma só labareda, chamuscando ainda o diabo do judeu, que

estava volvendo na cabeça o trabalho que teria no outro dia para ajuntar o seu tesouro; depois começou a dança outra vez, no meio dos gritos e pragas de Jaime Cosme, a quem doía menos o atanzamento dos fachos, do que o seu ouro feito cinza.

Quando mais assanhada ela ia, o galo negro bateu as asas, e ficou tudo quedo, mudando-se ele num velho com a língua de fora quase meia braça, o pescoço roxo, inchado monstruosamente, os olhos saídos da cara, e ele todo negro, ainda que tivesse sido branco neste mundo, como se conhecia bem nos cabelos corridos; abriu-se também no mesmo tempo uma porta das do interior da casa, e saiu por ela a velha, que se havia encolhido, porém com suas carnes, que eram bem poucas como particularmente me asseverou o feitor.

- Que vos leve o demo a todos dois! disse o judeu para os velhos, que haviam sido os donos da lavra, que ele minerava; que vindes cá fazer neste mundo, se há mais de um ano tu, Paulo, te foste; e tu velha, que tanto levastes a morrer...

- Pois Jaime Cosme contava isso? perguntou um dos ouvintes, com mui razoável curiosidade.

Porém no instante em que o guia abriu a boca para responder-lhe, ouviu-se o toque de recolher, e os oficiais começaram a rondar o terreiro para que sua presença apressasse os soldados.

## CAPÍTULO IV

### *Rio das Mortes*

Aí onde foram quebradas as carroças, e se afogou, o exército inimigo, aí sejam contadas as justiças do Senhor.  
(*Juízes, cap. 5<sup>o</sup> V. 11<sup>o</sup> Cant. de Débora*)

Era uma sexta-feira dos princípios de agosto de 1709; a vila do Rio das Mortes apresentava o mais estranho espetáculo, que pode imaginar-se; as casas despejavam-se de seus móveis, e de seus moradores; as ruas entulhadas de gente, que chorava e corria de um para outro lado sem rumo certo, levando nos ombros aquilo que mais precioso tinham; aqui era uma mulher, que perdera o filho, ali um enfermo, que mal podia levantar a cabeça de sobre a escada em que o carregavam, mais longe uma criança em pranto... Era um feio espetáculo tudo quanto se representava aos sentidos. E em tanto perigo, ou desgraça toda esta multidão de homens, mulheres e meninos, velhos e enfermos, se uma incerteza lhe movia as passadas dentro da vila, não era assim apenas saía no campo, porque tomando para o lado de uma eminência, que fica a um tiro de pedra da vila, ia a demandar o alto, onde a pressa e necessidade havia levantado um fortim, não sem algumas luzes das regras da arte; vasto para poder contê-los, mas estreito para os acomodar, aquele recinto apresentava ainda a mais triste cena, que a da vila quase abandonada, e que antes de escurecer o ficou de todo. Que noite cruel e de ansiedade para todos eles! Qual o homem, a mulher, que o sono aliviou dos trabalhos do dia? Se algum houve, foi o que não tornou a ver a claridade do sol, cujos olhos o demasiado trabalho no transporte apagou para todo sempre. E se cruel foi a noite, a primeira luz do dia alumando os arredores desde o cimo das serras até a fundura dos vales, porque olhos de quem teme vêem seu perigo mesmo nas

sombras, com a primeira luz do dia fugiu a esperança daqueles corações aflitos, na esperada e temida presença de um volumoso corpo de tropas, que se desenrolava por uma encosta fronteira ao fortim; porém Vs. Ms. sabem que a esperança é um sonho vão da fantasia, e assim no instante, em que mais cobertos de luto se viam aquelas almas, nesse mesmo foi que raiou uma réstia de consoladora luz, porque cá do fortim saíram muitos homens armados, levando uma bandeira branca, e também uma vermelha, sinais de que a paz lhes era cara, mas que não os intimidava a guerra.

E, quem eram aqueles que pela encosta vinham descendo, e estes outros que do forte iam a encontrá-los? Como é que as terras do Brasil tinham por estes tempos inimigos que falavam todos a mesma língua, e adoravam o mesmo Deus? Aqui o vereis agora, e que vos não espante. Aqueles homens tão resolvidos e raivosos, que vêm a descer escontra a povoação do Rio das Mortes, são filhos de S. Paulo, que oprimidos e expulsos pelos forasteiros nas minas vêm para vingar-se; e estes que saem do fortim são os boabas valentes e determinados, como quem se propõe a coisas extremas; esta multidão que fica compõe-se das mulheres, filhos e próximos destes últimos.

Sempre nestes momentos de aflições públicas aparece um, ou mais entes, de uma esfera superior, que a vontade de Deus cria para servir de unidade ao todo; e foi nesta ocasião a mulher de um pobre forasteiro, Ana Bragança, cujo era seu nome; esta, enquanto se abriam as portas da fortaleza, e se dispunham os boabas a sair, rompendo por meio de todos com uma imagem nas mãos, e os cabelos em desordem levantou a voz com estas palavras.

- Ide e voltai, que vos digo eu nada fareis, e acabareis com eles; hoje descubro eu que nem Deus será por nós, nem por eles; mas ao diante, passados que sejam dias e noites... Grandes pecados vão por esta terra, e só pelos pequeninos escaparão alguns grandes, porque, se Deus parece ter esquecido nosso males, como é que os Santos hão de pôr olhos em nós outros?! Vedes vós este que aqui está? continuou ela, levantando aos ares uma imagem de Santo Antonio, há de ser nosso protetor; mas... Não quer falar... Não quer dizer-me qual será o termo desta desgraça, que vem sobre nós... Ide e voltai, que não será este dia infeliz nem para nós, nem para eles.

E uns tendo em pouco o que ela dizia, prestando-lhes outros atentos ouvidos, foram saindo para a banda donde vinha o corpo de tropas, que fez alta em certa distância; e depois que os boabas chegaram a tiro de besta adiantaram-se dois dos melhores, e foram propor seus capítulos de pazes aos paulistas, que não quiseram estar por ele: então prepararam-se todos e começou uma brava escaramuça entre eles, que só apartou o cair do dia retirando-se os forasteiros para o fortim, sem mais perda que a de alguns cavalos de uma e outra parte, ficando a povoação em poder dos paulistas. De sobre os muros da fortaleza estava Ambrosio Caldeira, que os boabas tinham elegido para governar, vendo a referta em que pouca vantagem apesar de muito esforço ia para os dois bandos; e vendo que quando os seus se retiravam, os contrários se encaminhavam do lado da povoação, pôs em conselho o que melhor se faria, porque de os paulistas se senhorearem das casas vinha grave dano para todos; o que sendo reconhecido, houve logo cinco valentes e destemidos forasteiros, que se ofereceram para ir lançar fogo na povoação; lançados do muro foram torneando a cava até, que subindo se chegaram às casas, fingindo-se paulistas, que haviam escapado do forte: passaram os primeiros postos avançados sem dificuldade em razão do disfarce, e um deles com maior ousadia, que acordo arremeteu com uns vinte homens, que à entrada de sua casa comiam e bebiam folgando, o que sendo visto pelos companheiros, sem mais consultas, ou demora atearam o fogo, retrocedendo com precipitação tão

desgraçada, que descobertos e apontados foram todos mortos, sem escapar um só, que levasse a notícia do desastroso feito. Correram logo a dar conta ao general Amador Bueno do acontecido, e ou que o militar discurso dos inimigos lhe abrisse os olhos, ou que experimentado nas coisas da guerra conhecesse o mal que poderia fazer uma tentativa semelhante nas casas do forte, mandou este chamar João Falcão ordenando-lhe que em uma eminência vizinha da fortaleza fabricasse uma guarita, ajudado pelo escuro da noite, o que se obrou com estranha cautela; amanheceu o dia, e com ele o perigo para os cercados, porque da guarita de João Falcão começaram de atirar para dentro do forte tantas frechas acesas, que em pouco tempo era o terreiro uma vasta fogueira, e os miseráveis, que se haviam recolhido ali como um lugar seguro pela força que lhe dava não a grossura dos muros, mas o forro dos peitos devotados de pais, filhos e parentes, os tristes em prantos e alaridos faziam confusão com o mandar dos cabos, que dispunham as baterias contra o inimigo, e as ordens do general, que se esforçava por atalhar o incêndio: muitos destes ficaram reduzidos a cinzas, poupando-lhes a morte mais longos padecimentos. Enquanto os da guarita lançavam suas frechas ardentes para dentro do forte, os companheiros arremetiam ao muro, sendo recebidos pelos de cima na ponta das lanças e espadas, voltando muitos estropiados com mais pressa do que aquela com que tinham subido: era geral o assalto por todos os lados, e tão encarniçada a batalha, que outra mais pelejada nunca se viu nas Minas, e assim o contam memórias e escritos daqueles tempos. Num ângulo de muralha, que olhava para o norte, sobre duas escadas alguns homens faziam por entrar a fortaleza pelejando esforçadamente; no sopé do muro uma multidão deles com as vozes e o exemplo os incitavam, inda que sem necessidade, porque os das escadas como leões cegos e cheios de furor mais olhavam em como haviam de ofender do que em defender-se; estavam nesta porfia, eis que uma das escadas estala, caindo os que em cima batalhavam, não sem dano também dos que por baixo os favoreciam com seus tiros: é difícil em uma peleja particularizar os diversos acontecimentos, porém são de todo o exército dos paulistas estes que caíram aqueles únicos, que eu e Vs. Ms. conhecemos, por isso não parecerá inverossímil, que de tantos quantos deviam ser os acidentes deste dia eu só trate deste, que bem fatal ia sendo. Devia de ser o peso quem originou a desgraça, porque não sei se já fiz ver aos leitores, que o nosso conhecido Fernão Vitelo, era um formidável touro; depois Braz dos Anjos... O guia, ambos eles, todos três faziam uma tripeça de ver; estavam eles cada um com o seu pensamento e desejo de ver a extensão que teria o terreiro do forte, e os olhos nas chuças dos boabas, quando o desastrado poleiro veio ao chão amassando-lhes as costelas. Seriam dez horas da manhã quando teve lugar este acontecimento, que para ser mais singular pôs fim ao assalto deste dia, mandando Amador Bueno tocar a recolher levando alguns mortos e feridos.

Dentro do forte, que muitas vezes julgaram perdido seus defensores, ia a raiva dos combatentes e a aflição dos inúteis; Ana Bragança, ora como soldado, depois como capitão junto dos parapeitos animava, combatia e ordenava; outras vezes conduzindo feridos para fora da peleja, reprendia as lástimas tardias, ou inúteis das de seu sexo, obrigando-as com razões a deixarem de mão as queixas pelos socorros aos feridos; conta-se dela que passando perto da muralha vira um sobrinho degolado jazer por terra, e que passando adiante se ajoelhara perto de um estranho, que ia fazer seu passamento: e passando acaso seu marido lhe perguntara porque não dava sepultura ao filho de seu irmão; ao que ela tornou dizendo;

- Quando aqui cheguei só havia aí um pouco de terra, no entanto que esta alma ia aparecer diante do Senhor talvez bem negra com as dores do corpo. Ajuda-me tu agora a enterrar um e outro.

- Vou-me à cortina de norte, lhe tornou o marido, onde por duas escadas os paulistas ameaçam de entrar o forte.

- Ficai-vos, que neste instante vai uma delas quebrada, e os inimigos vão recolher-se às casas da povoação.

Era extrema a confiança que todos viam nas palavras desta mulher, mas como sucede sempre com aqueles que vaticinam, ninguém podia tirar vantagem das misteriosas falas de Ana; que ela sabia antecipadamente o resultado de quanto se emprendia, foi coisa que ninguém contestou; e a prova é que no instante mesmo que os do forte saíram para lançar fogo às casas, o que tão desgraçado foi, ela dissera para o marido:

- Vai despedir-te daqueles, que não voltarão: e o que eles vão a fazer não o farão.

E como lhe perguntassem em modo de repreensão, porque não patenteava ao general, quanto sabia respeito àquela guerra, figurou com o dedo no chão uma roda, ou círculo, e disse para os que a interrogavam:

- Qual de vós outros sabe começa esta figura, e onde acaba?

Ao que ninguém respondeu pelo não saber, e ela continuou:

- E todos vós sabeis que fui eu quem a fez, e lhe vedes a forma, e compreendeis que teve princípio em algum lugar, onde foi começada; ora se o Senhor me patenteia o que tem de acontecer é para que eu o venha a desfazer, se isso cabe em minhas forças? De que serve mostrar eu ao general que serão de nenhum efeito suas ordens e mandados? O que tem de acontecer há de acontecer; e assim eu me contento e retenho vendo a forma das coisas, e sabendo quem as faz. Depois grandes pecados temos nós outros e aqui nesta terra, que parece amaldiçoada, e cujo nome lembra os de nossos passados, aqui pagaremos os nossos para que indo com o andar dos anos este nome de Rio da Mortes ao conhecimento de nossos filhos, saibam eles que os crimes de uns, se não foram pagos por outros, ao menos sempre houve justiça no julgar de delitos, e aqui onde nossos avós mataram morreremos nós outros, não réus desse crime, porém de nossos mesmos crimes.

Logo que os inimigos deixaram em breve descanso os cercados recolhendo-se às casas da povoação, que puseram em estado de defesa, retirou-se Amador Bueno com metade dos seus para um alto, onde como atalaia vigiava e provia no que era necessário; e como as casas perto do forte eram de muita importância, quis cometer o guardá-las a pessoa de reconhecido esforço e confiança mandando chamar Francisco Bueno, Luiz Pedroso, Fernão Vitelo e o guia; e como chegassem os dois primeiros deu-lhes suas ordens, que eles foram executar cheios de alegria, porque o general os tornara distintos confiando-lhes a guarda dos mais perigosos postos: ao tempo que se retiravam entrou Fernão Vitelo com a cabeça embrulhada em um pano, e o rosto tinto em sangue.

- Olá arranharam-te os boabas, amigo rachador? Dá-me gosto isso, porque vejo que lhes andastes por junto; tinha eu para cometer-te um negócio, porém como estás molesto...

- Vou a eles esta noite, general! Sem medo... Sem medo da velha feiticeira, que os diabos partam em mil fatias!!!... Mas custa a ouvir certas lérias de alguns, que nem sequer tiveram uma beliscadela, o que não é grande recomendação cá para mim; mas vamos ao que serve, de que se trata, general? Alguma surpresa? Estou pronto, e contai que não serei só... Três bem decididos, quereis mais? Eu, Braz dos Anjos, o guia...

- É um mau soldado! interrompeu Amador Bueno.

E o rachador deu um passo atrás:

- Mau soldado, general?! Pois quem se bate como ele em escalada com esses diabos de forasteiros, que são valentes, quem se bate cinco horas, e só porque quebra uma perna...

- Quem? O guia quebrou uma perna?!

- Pois não o sabeis?

- Agora o sei; e é esse talvez o motivo porque não veio ainda ao meu chamado.

- Mas sempre vos direi, general, que se o guia é mau soldado, bem mal estou eu, e outros muitos...

- Não, não!! Desdigo-me, porque minhas palavras disse-as o pensamento de que se negava ele ao que tinha para encomendar-lhe; porém como foi ferido, e numa perna, razão tem de tardar.

- Ah! Quanto a isso descansai, general; porque a perna não foi bem quebrada, ele move-se, ainda que um pouco engraçado, mas anda... Foi uma de todos os demônios, porque Braz dos Anjos quebrou um braço, mas não foi bem quebrado também: e eu parti a cabeça, mas ninguém lhe enxerga o furo... Maldita velha feiticeira! Porém, que tendes a ordenar-nos general?

- Queria entregar-te, e ao guia as casas perto do fortim, para as guardardes; porém estais feridos, e é de justiça que outros tomem esse encargo, que há de ser trabalhoso.

- Nós o tomamos, general; porque como já vos disse, não são graves, as feridas, e mesmo nem eu sei como elas são... Maldita velha, que se não fora ela estávamos a estas horas dentro do forte, e os boabas todos passados a fio de espada... Que força, general! Dois braços magros, ressecados quebrarem uma escada daquelas!!...

- Que estais dizendo? Parece-me que vos transtornou o golpe...

- Assim dizem todos, general; mas Braz dos Anjos e o guia que não foram feridos na cabeça, e devem estar com juízo em forma, esses dizem como eu, e viram-na como eu...

- Mas quem foi que viste, e quem foi que eles viram?

- A velha feiticeira, meu general, aquela que partiu a escada quando já não havia quem nos impedisse a entrada.

Amador Bueno arrependeu-se de ter falado em confiar-lhe a guarda das casas, e estava quase para mandá-lo recolher ao hospital, quando o guia veio confirmar as palavras do rachador insistindo em que fora uma velha quem rebentara a escada que eles tinham arvorado, e sustentavam; o general tendo como impossível o fato narrado, mandou chamar alguns, que estavam perto da escada, e estes acabaram de fazer-lhe virar o juízo dizendo que ainda os três vinham pelos ares, e já se queixavam da velha, porém que todo o arraial tinha como fabuloso tal acontecimento.

- Bem, tende conta que a velha não venha lançar-vos dos postos que vos entrego; porque a cabeça vos responde por eles.

- E que tal está Amador Bueno? disse o guia saindo; maldita velha feiticeira!!...

- Está ele como todos, disse o rachador; e a mim me parece, que será melhor não falarmos mais em semelhante coisa; porque ninguém nos acredita, e nós nos desacreditamos.

- É verdade; parece impossível que uma velha quebrasse uma escada daquelas... Mas tu a viste, não, rachador?

- Se a vi?! Com um lenço embrulhado na cabeça, e... Talvez tu não reparasses, guia? Vistes que tinha na mão esquerda um santo Antonio de barro?

- Se reparei; até eu havia de jurar que o santo meneava a cabeça.

- Tanto não digo eu, mas que ela o tinha na mão, isso é verdade; porém ouve, guia, não falemos mais nisto, porque Amador Bueno esteve hoje a ponto de entregar a outrém a guarda das casas: e vede que desar nos ia com semelhante coisa! Maldita velha feiticeira...

E assim conversando foram tomar conta de seus postos, juntando-se-lhes Braz dos Anjos, que como companheiro na comum desgraça não os quis deixar agora em novo

perigo, atrás deles foram muitos, uns que levava a curiosidade, outros o desejo de se avantajarem em perigos; de sorte que bem reforçado ficou o posto, porque mais de cem pessoas se dividiram pelas casas que os quatro deviam guardar sós. A noite ia correndo, e como não podiam dormir uns, e outros não tivessem sono, foi lembrado o acontecimento da escada; porém Fernão Vitelo não deixou que Braz dos Anjos satisfizesse a vontade dos companheiros, e como era preciso gastar o tempo em alguma coisa, o guia se encarregou de concluir a interrompida narração de sua maravilhosa história da *Cata do morto*.

## CAPÍTULO V

### *A cata do morto*

E foi ele como sempre  
Caminho da perdição;  
Mas sojigou-lhe as passadas  
A sua condenação:

E foi visto morto e negro,  
Mais negro que um carvão.  
Entre pedras, entre ervas  
Fora de povoação;

E não teve sepultura,  
Nem siquer teve oração;  
Su' alma caiu no inferno,  
Ele apodreceu no chão.

(Trovas populares.)

- Em que ponto íamos nós, quando foi interrompida esta mui verdadeira história que vos estou contando?

E todos abriram a boca para responder ao guia; mas como esta pergunta manhosa só tinha por fim apreciar o grau de atenção dos ouvintes, e dar-lhe uma idéia da felicidade de sua memória, o goiaba, sem atender ao que diziam, prosseguiu:

- Bem sei eu que todos estamos na obrigação de responder àquelas perguntas que se nos fazem; porém amigo Braz dos Anjos, aquela que me fizestes é tão fora de razão...

- Como fora de razão! Pois querer alguém saber se Paulo, Sancho, ou Martinho... Ora suponde vocês todos que eu contasse uma história...

- Já sei o que é, interrompeu o rachador; o lazão está doente, o guia zangado, e tu com pouca vontade de ficares a pé dando-lhe a tua praça... Porém tudo isso não tem coisa alguma com o mineiro judeu, e com a velha que se encolheu oito dias, o que me custou bem a engolir... Mas como ela aparece agora com suas carnes naturais, vamos com o caso e nada de enfados.

- É isso, disseram alguns; porém houve no rancho quem resmuneou meia dúzia de chascos pesadetes em louvor do interesseiro goiaba.

- Ora não quero eu que se tome em má porte o que disse; e sempre vos direi por me desagrar que muitas vezes tenho dito que falei, e conversei com Jaime Cosme...

- Que não era lá para dar muita honra tal amizade.

- Nem digo menos, Fernão Vitelo; mas quero que vos lembreis do que digo, ou do contrário ficareis sem ouvir-me.

E como a cortesia já vem de longe, houve tal matinada de cumprimentos, que abafaram a voz do guia.

- Bem, bem! É isso... Nem mais nem menos e fique de hoje em diante na vossa cabeça que quando vos eu disser *é verdade*, podeis meter as mãos no fogo: vamos à história. Como vos eu ia dizendo, o judeu ficou um pouco desconcertado com a visita; e depois que lhe fez o agasalho mais endiabrado de palavras, saltou-me no pescoço do velho com as mãos com tenções de esganá-lo: porém, agora o verás roxo, vermelho e negro com a força que fazia, e o velho a rir-se como um perdido, e a velha sem se lhe dar do que faziam ao marido, porque estes dois velhos tinham sido casados cá neste mundo a velha desenrolava de um samburá pedacitos negros, e um pó branco, e tantos sacou ela que encheram a casa até o teto...

- E tudo isso dentro de um samburá?

- Pois era um samburá do outro mundo, que grande dúvida há nisso? As coisas cá deste vale de lágrimas passam de outro modo; mas vamos andando...

- Olha, disse um baixo, o guia não perde ocasião: parece-me que ele sabe da trampolina do cravo encostando no lazão.

- Fez a velha uma ruma de pó branco, entremeado de uns pedacitos negros, que logo sabereis o que era, fez a ruma enquanto Jaime Cosme apertava o gorgomilo do velho; mas logo que ficou vazio o samburá, abriu este a boca e mandou um sargento à cara do judeu, que se foi de costas no chão, porque a saliva era puro fogo do inferno; e antes que ele tivesse tempo de levantar-se, caíram-lhe em cima os dois, segurando-o por tal forma, que o pobre parecia estar em umas talas; depois a velha pegou de uma cuia, e encheu-a de fubá, que era o tal pó branco da ruma, pondo-lhe em cima um bocado de carne do sertão, que eram os tais pedacitos negros de que vos falei, e abrindo a boca do judeu despejaram-lhe tudo pelas goelas, gritando;

- Tu nos destes de comer, aqui te damos de comer!

E os negros disseram o mesmo, e houve nova contradança; então o velho segurando em Jaime Cosme pelas pernas arrastou-o à roda da sala, que como vos disse tinha alargado prodigiosamente, largando-o perto da ruma, onde começou novamente o banquete...

- E não dissestes que o judeu estava doente no seguinte dia? perguntou o rachador.

- Assim foi.

- Uma indigestão...

- Cautela, Fernão Vitelo! O guia não sabe as Obras de Misericórdia.

- Deixa-o, caminheiro; depois do sucesso da escada tem razão de dizer mil parvoíces: não sabeis que o chão buliu-lhe com os poucos miolos que tinha?

- Respeito do sucesso, não falemos com vocês todos, porque virou-se-vos o juízo.

- Talvez que sim, caminheiro; porém o fim da história? disse Braz do Anjos voltando-se para o guia.

- Para não repetir coisas semelhantes, continuou o goiaba, vou dizer-vos de uma vez, que toda a ruma de fubá e de carne entrou no bucho do judeu; e depois o velho tomou-o pelo gasnate, dando-lhe tão formidável apertão, que o deixou por morto estendido no chão, onde foi encontrado no outro dia todo sujo, e com o pescoço negro e inchado como o

do velhinho; levaram-no para a cama, porém como aquele corpo era de ferro, um mês depois já ele assistia ao trabalho das lavras, e com o relho fustigava sem piedade os negros. Três meses passaram sem novidade para Jaime Cosme, três meses que ele gastou em trabalhos prodigiosos e lucrativos porque tendo comprado por uma bagatela as vertentes de uma serra, que lhe ficava perto de casa, e aquela mesmo por onde o levaram a velha, fez uma coisa que nunca se tinha visto cá nas Minas, um caminho com paredes e abóbada por debaixo do chão, que ele chamava galeria, e que bem lhe pagou o trabalho com a grande cópia de ouro, que achou; um dia de janeiro do ano de... Não me lembro, um dia, que ele contava chegar ao grosso de uma veia, que os trabalhadores seguiam, descuidaram-se das escoras, e veio abaixo um dilúvio de terra e pedras, que matou boa porção de escravos: deram-se logo pressa em desentulhar a galeria, porém quanto mais cavavam, tanta mais terra caía, de sorte que em pouco tempo abriu-se uma cova, que do meio da serra olhava para dentro da mineração, e Jaime Cosme deixando a entrada, estabeleceu escadas e roldanas para descer, servindo-se dela como se para o efeito fora concluída, ficando a porta da galeria para sair o entulho. Dias passados, indo o judeu examinar os trabalhos de manhã cedo, entrou pela galeria, e foi andando até debaixo da Cata; parando aí, como se abaixasse para tomar uma mão cheia de cascalho, sentiu sobre a cabeça um ruído, aquele certo ruído medonho, e levantando-a viu que vinha descendo um corpo aos saltos pelas pedras, deixando ali um braço, acolá uma perna, mais abaixo metade da cabeça, noutra banda as tripas, e o sangue a pingar-lhe na cabeça dele Jaime Cosme... Um sangue tão quente, como azeite fervendo... E o judeu como amarrado naquele lugar, sem poder desviar-se: quando os trabalhadores chegaram foram encontrá-lo em suores com os braços levantados assim a modo de quem quer segurar uma coisa que vem caindo, e com a cara cheia de pregas, sendo ele ainda moço, quando muito teria quarenta anos. Chegaram-se perto dele, e mal que lhe tocaram deu um arranco medonho e caiu redondo guardou a cama alguns dias, e depois foi novamente ver os trabalhos, porque também não tinha outra coisa em que gastar o tempo. Uma tarde foi ele à entrada da Cata...

- Mas, quando passaremos nós por esse lugar feio? perguntou Braz dos Anjos; tanto nos dissestes dele, e ainda lhe não pusemos a vista, como é isso?

- É como mandou Amador Bueno da Veiga, respondeu o guia; sabia eu que iríamos aos Pousos Altos a fazer lá conselho de paz, apesar de lhe chamarem todos de guerra? Eis aí, a nossa marcha de flanco, que levávamos, punha em alguns dias a chusma dos boabas debaixo de nossas espadas: este desvio, esta marcha de dezesseis dias de Guaratinguetá aos Pousos só para dar à língua entre gente...

- Olá! interrompeu o rachador, pois a cabeça de pensamento já perdeu em teu ânimo?! Não eras tu quem a peito descoberto o defendias contra o que eu dizia, e os outros?

- Quando tu falavas sem razão mister era que eu o defendesse; porém depois que Francisco Bueno, e Luis Pedroso me contaram o resultado do conselho de Pousos Altos, fiquei um pouco frio.

- Porém, não vejo eu que o conselho de guerra de Pousos Altos fosse desairoso para aqueles que o tiveram; porque, se nós viemos às Minas, creio bem que não foi para incitar a barbaridade de um Bento do Amaral... Não me olhes tu assim, rachador, pois que lá no capão me ficaram dois tios, um cunhado, e muitos amigos!! Qual de vós depois de ter consentido na entrega das armas de um inimigo lhe havia de fazer fogo, quando ele estava desarmado!!

- Oh! Isso nem se fala a paulistas! clamaram todos.

- Pois bem, Bento do Amaral Coutinho mandado por Manoel Nunes ViAna em socorro destes mesmos boabas, que ali temos encurralados entre aqueles fracas paredes, não contente com livrá-los do justo castigo que de nossas mãos mereciam, levou-se daqui cinco léguas e a tempo que nossos parentes e amigos se divertiam com o exercício da caça deu neles com fúria obrigando-os a recolherem-se a um capão, onde tinham seus alojamentos; investem com a mata, cercando-a, porém uma descarga de clavinhas fez neles bom efeito, deixando por terra um valente negro, e feridas muitas pessoas; os sitiados como eram poucos para mil homens que Bento do Amaral mandava, enviaram no dia seguinte um boletim com bandeira branca pedindo bom quartel e prometendo entregar as armas; e que fizeram os boabas, que fez Bento do Amaral mais certamente? Consentiu no que pediam, e perjuro, depois os teve sem armas, bradou para os seus sectários, “*Matem esses tiranos que tantos males têm causado aos forasteiros!*” E haverá ai por entre nós algum Bento do Amaral Coutinho?! O que é que Amador Bueno fez nos Pousos Altos em conselho de guerra que aí teve? Viemos às Minas buscar meio com que restaurar a opinião perdida, e as fazendas que cá deixamos; ora o conselho assentou que todo o boaba, que rendesse as armas com tão humilde ação satisfazia ao requerido, e que tirar-lhe a vida seria uma tirania, como é que vós outros sem mais razão que acordo vos levantaiis contra vosso coração?

- A coisa não é tão bonita como tu dizes, caminheiro; eu cá sei como as coisas são, e como elas se fazem; cria o corvo que te há de tirar o olho; salva a cobra, que enlaçará teu pescoço...

- Dize de uma vez, guia, deixai ir os boabas sem armas, que eles tornarão com elas!!

- Pois então mandai dizer aos do forte que rendam as armas, e depois acabai-os!...

- E então!? Faz como te fizerem...

- Alto lá! clamaram alguns, isso não... Matar à falsa fé... Prometer e faltar...

- É a mesma coisa...

- Oh! O rachador não é paulista.

- Tão bom como tu!

E o negócio ia acabar em mal; porém o guia impôs silencio continuando a sua história.

- Basta, basta! disse ele com autoridade; deixai as coisas correrem seu termo, que o que for há de soar: se quereis ouvir o resto, calai-vos, porque não sei eu quando teremos tempo de ouvir e contar historias. Tende paciência, se não pudesteis ver a *Cata do morto*, que já fica um pouco longe; a culpa não foi minha, e eu não falo mais na causa... Um dia de tarde foi Jaime Cosme à entrada da Cata, como já vos disse, e mandou tirar uns simples, ou escoras, que seguravam a garganta, vendo como se executavam seus mandados até o fim; e depois que os trabalhadores acabaram, e que já se iam retirando porque se avizinhava a noite, estando ele de costas voltadas para a borda e perto dela, ouviu aquele ruído feio e medonho, e como se desviasse um passo atrás caiu dentro com horroroso fracasso, reboando pelas serras ao longe as maldições e blasfêmias de sua boca... E depois lá em baixo pelas entranhas da terra um grito de morte! No mesmo instante pela entrada da Cata saíram nuvens de fumo negro entremeadas de labaredas de fogo vermelho e azul; e lá dentro ouviu-se uma estropeada tão grande, que os bateiros, que tornavam aos gritos do condenado, fugiram cheios de pavor para bem longe, e nunca mais se chegou pessoa alguma quer à entrada da galeria, quer à da Cata. Assim pagou ele por tudo o que tinha feito, e com usura...

- Que barulho é este lá fora?! disse o rachador, levantando-se.

E com efeito gritos, e tiros, o retinir de espadas, e o estrépito de cavalos se ouvia na rua: e logo entraram dentro das casas, que os paulistas guardavam alguns destes, que deram a certeza de que os boabas tendo saído do forte em sortida, com dezesseis cavalos acometiam as guardas avançadas; tinha o guia mandado abrir por dentro as paredes das casas, dando assim passagem cômoda e segura de umas para outras, e chamando à si alguns dos companheiros voluntários correu a fechar as portas que davam serventia para a rua, repartindo-se depois pelos lugares de mais perigo; enquanto isto se executava, o rachador com sua impetuosa e desacordada valentia, seguido de alguns saiu a campo, tendo como covardia ferir os inimigos em seguro, desprezando por ignorância as ordem de seu superior; iam em sua companhia, não como subordinados Francisco Bueno acompanhado de um filho de poucos anos, que logo ao sair das casas foi ferido por uma bala, de que o pai o repreendeu, tornando-lhe ele que para tão generoso sucesso tinha entrado na peleja, que sustentou até o fim; ia também Luiz Pedroso, valente e ousado, afora outros muitos de que não pudemos colher os nomes. Começava a clarear o dia, e como as sombras escondessem o numero dos boabas, que à cavalo pareciam mais do que com efeito eram, aqueles que haviam saído a lhes fazer rosto conservaram-se na defensiva protegidos pelos tiros dos companheiros, que das janelas molestavam assaz os inimigos; porém logo que distintamente puderam conhecer de seu número carregaram sobre eles, que sem dar costas foram deixando o campo, retirando-se para o largo, onde em todo o dia pelejaram feridamente, pondo a noite fim à contenda com a morte de quase todos os forasteiros, não sem dano dos paulistas.

Recolhidos estes às casas, enviaram um próprio ao general com a relação do acontecido, pedindo munições porque as que haviam trazido por poucas ficavam gastas, escolhendo dentre si a Fernão Vitelo para ir com a mensagem, o qual indo à presença de Amador Bueno, como esperasse louvores e honras para si e os companheiros, ficou bem sentido pela frieza com que foi recebido; acabada a mensagem, conheceu o rachador pelas falas do general, e sua resposta, que estava com ânimo de levantar o cerco, e retirar-se, ou porque a discórdia lavrasse entre os cabos maiores, ou que se temesse dos movimentos que em Vila Rica se faziam de armamentos e levadas de gente com voz de socorrer os forasteiros do Rio das Mortes, e que vista a tenacidade dos cercados pouco fruto daria a continuação do cerco; tornando-se o mensageiro para as casas com tão desanimadora notícia, foi recebido dos companheiros diversamente, achando uns a resolução do general boa, chamando-lhe outros fraqueza, de sorte que se principiara pelos cabos a discórdia, findava pelos soldados, como sempre sucede nestas guerras onde o mandar e obedecer não é um direito, mas uma vontade.

Conhecendo alguns que a diversão nos ânimos podia trazer a ruína ao exército trataram de aplacar estas discórdias, mas como era mister dar um motivo a suas razões, cheias de orgulho e de cegueira inflamaram de tal sorte os que já estavam, e os que por momentos vinham chegando com a notícia da antecedente sortida, que se resolveram a ficar tomando a si o resultado da continuação do cerco; e aquele que mais influído se mostrava era Luiz Pedroso, que com este discurso acabou de resolver os indecisos.

- Está em nossa mãos a vitória, disse ele com arrogante soberba, cobardia será que deixemos o inimigo já prostrado e quase rendido; ausentem-se os companheiros, e caberá maior glória aos poucos que venceremos, e para que assim aconteça, não temos necessidade de seu auxílio, pois que nos tem ensinado a experiência que sem esses que na atalaia ficam poderemos vencer o inimigo porque até agora temos pelejado sós, reduzindo-o ao miserável estado em que se acha; e se nos sustentamos a braços com tantos por que não renderemos

os poucos, que agora existem? Finalmente, se também vós quereis pôr nódoa em vossa fama, deixando cobardes o campo da batalha, ide-vos que não eu; melhor me será ficar aqui morto, do que aparecer com desar de fugitivo em S. Paulo!!

## CAPÍTULO VI

### *Último assalto – Milagroso fim do cerco*

A qual coisa assim rompia os ares em confusão de vozes, que nem se ouviam trombetas, nem grita, nem artilharia, e tudo era ouvido sem distinção do que era, sendo nos ouvidos, e vista de todos um dia do juízo de terror, e espanto.

(*João de Barros. Dec II. I. VI.*)

Miraculum vocamus effectum qui nullas viris sufficientes in natura agnoscit.

Cessada a prática, começou o efeito; porque de tal forma inflamou os espíritos, que sem ordem no obrar, nem expresso mandado arremeteram com o fortim em vozes e alaridos, que os de dentro apesar de lhes conterem a fúria na ponta das espadas e lanças, determinaram de render-se, abalados daquele súbito acometimento, obrando em seus ânimos mais a ocasião, que o esforço: apenas foi sabida dos assaltantes a resolução dos boas, retiraram-se um pouco dos muros, ficando em tréguas, para se ajustarem as capitulações da entrega. Como o general Amador Bueno não mandava o assalto eram tantos com o bastão quantos seguravam a escopeta, porém no ajustar e receber as propostas dos sitiados, que com medrosa pressa ofereciam armas e bagagens, pedindo a vida, que não sabiam defender, aqueles que mais adversos se tinham mostrado por vezes contra os forasteiros, a esses coube aceitar, ou recusar os oferecimentos; assim o rachador podia muito bem ajustar os capítulos, sem medo que sua lassidão comprometesse a cega honra dos paulistas.

Saíram do forte alguns dos forasteiros, que com humildes ademãos vieram ante os soberbos assaltantes; em seu rosto descobria-se a desconfiança, porque ninguém sabia da divisão que lavrava entre os filhos de S. Paulo; e a soberba destes, ocultando a discórdia que ia diminuí-los, colocava-os, em vantajosa posição. Fernão Vitelo e Luiz Pedroso arvorados por si e pelos companheiros em comissários, por tal forma se houveram na capitulação oferecida, que os forasteiros sem nada concluir tornaram ao fortim indignados, porque julgando-se os paulistas já vitoriosos haviam-lhe intimado que se rendessem à descrição; a fome que apertava os cercados mostrou-lhe o sem número de inúteis, que diminuindo as rações ao soldado, muitas vezes lhe impedia também o pelejar; e como nada pudessem para salvar as vidas próprias, lembraram-se das alheias, pedindo salvo conduto para que as mulheres e os meninos pudessem despejar a fortaleza sem risco: mas a generosidade paulista, muitas vezes apregoada, e provada, sofreu nesta ocasião; porque esquecendo-se os cercadores do assento que seu general fizera em Pousos Altos, e fechando olhos, com ferocidade sem igual responderam que tudo quanto saísse às portas da fortaleza

havia de atravessar por entre as lanças e espadas; acompanhando estas desumanas palavras com pelouros e gritos, sem atender às reflexões de alguns prudentes.

Havia na fortaleza uma moça, que apesar de ser boaba tinha por tal forma cativado um paulista, que desde o começo do cerco sem medo dos perigos a que se expunha não faltou uma só noite em falar-lhe de junto da muralha, porque nestes negócios de amor só há um rei, e um reino, e será dificultoso encontrar-se cobardia em namorado; neste dia que para os cercados foi duas vezes de angústia, já pelo caloroso assalto, já pela perda de esperança de salvarem as vidas sequer das mulheres e filhas, a moça trouxe sua parte de aflição, porque se seu amado estava fora dos perigos que corriam os forasteiros no forte, ficava todavia ao alcance de seus pelouros, e demais seu pai, e irmãos e parentes lembravam-lhe, ainda que menos vezes. Começava a declinar o sol, e a noite que para muitos era bem triste e perigosa tinha para a moça mais atrativos que o dia, porque era favorecido pelas sombras que Francisco Penteado podia chegar-se das muralhas; vinha ela como de costume atravessando o terreiro da fortaleza, quando lhe saiu ao encontro Ana Bragança travando-lhe o braço com aspereza:

- Ides, como sempre, lhe disse esta, tratar amores na cortina do norte, e vosso pai em transe de passamento?!... Desde quando falaste com teus irmãos, louca moça? Um e outro precisam de teus cuidados, e tu vens esperar quem não chega porque Francisco Penteado foi ferido esta tarde, e só tem vida para alguns dias... Vai, e de uma carta que atravessada num virote ele atirou agora mesmo para dentro do forte, que no caminho há de encontrar, dirás tu ao capitão o que toca a todos, e guarda-te de acreditar na peçonha adocicada que ela para ti traz, porque além de não ser Francisco Penteado quem a escreveu, o Senhor guarda os muros desta fortaleza, e tu nada mais farias do que perder tua alma, vai!...

A moça, que primeiro ouvira com espanto as palavras de Ana, depois com angústia, abaixou os olhos cheios de lágrimas e foi andando sem reparar no caminho, e nos soldados que tendo ouvido parte das repreensões, acenavam com a cabeça em sinal de aprovação; foi preciso que o acaso lhe embaraçasse nos pés o virote, que trazia a carta para que ela se lembrasse do mandado; e tomando-a sem abri-la, foi, depositá-la nas mãos de Ambrosio Caldeira, correndo para junto de seu pai e de um irmão, que haviam sido feridos, e que poucas horas depois deram sua alma a Deus, deixando-a sem amparo, porque os irmãos que lhe ficavam também careciam dele. Ambrosio Caldeira, tendo lido a carta, que a moça lhe entregara fechada, deu ordem para que lhe trouxessem a portadora; e como a tivesse em sua presença:

- Como houveste às mãos esta carta? lhe perguntou ele.

E a moça relatou quanto passara com Ana Bragança, e como todas as noites, desde que o cerco durava, ia falar de sobre a cortina do muro com o paulista Francisco Penteado, que ela conhecia de muitos anos; e findou em lágrimas e soluços com a narração da morte de seu pai e irmão, lembrando-lhe seu desamparo e o das criancinhas, a quem ela serviria de mãe necessitada.

- Mas dizei-me, lhe tornou Ambrosio Caldeira, nunca vos quis persuadir Francisco Penteado que lhe abrisse a porta falsa do forte, ou que do muro lhe deitasse uma escada?

- Nunca, senhor! Pois julgais que seria possível esquecer-me eu, e ele de que meu pai, irmãos e parentes estavam dentro desta fortaleza?!

- Eu vô-lo pergunto, porque assim o pede ele agora.

- Mandai chamar Ana Bragança que vos dirá ela sem discrepância o que vos tenho dito: nem eu sabia desta carta, que ela me mandou vos trouxesse, nem pessoa alguma de minha ida à cortina do muro, ela que tudo sabe, que tudo vos diga, e acreditai-a.

- Bem; vossa afoiteza no falar, convence-me; ide, que não me esquecerei de vós, nem de vossos pequenos irmãos.

E logo Ambrosio Caldeira chamou a conselho os defensores da fortaleza, que rendidos de fome e trabalho, só pareciam a sombra dos que ali tinham entrado; e sem largos discursos patenteou a todos não só a carta da moça Catarina Madureira, mas outras que no terreiro da fortaleza se haviam encontrado, das quais se colhia que muitos do arraial assaltante não queriam consentir em ajustes, ou tréguas, bem que houvessem alguns mais humanos e prudentes, que se contentassem com a submissão dos cercados: e como o perigo era de todos, a todos deixava que ajuizando o ajudassem. Não houve um só, que ouvidas as palavras do general deixasse de oferecer-se para sair a campo; e como a dilação era perigo por causa da falta de mantimentos, que de muitos dias se sentia, resolveram-se a morrer no campo aberto antes que dentro dos muros, onde não podiam mais defender-se, correndo todos a buscar suas armas. Amanheceu arvorado no mais alto das muralhas um estandarte branco, sem que pessoa alguma da fortaleza soubesse por quem fora ali posto; era sua alvura extrema escurecida por umas quase imperceptíveis gotas de sangue ao parecer fresco, e que chegavam ao número de oitenta, e tinha a haste tão fortemente presa no muro, que os repetidos esforços de muitos que tentaram arrancá-lo, nem sequer o abalaram: o vento que o desenrolava, mostrou-o ao campo inimigo, que com salvas de mosquetaria festejou a vitória, crendo que aquela cor era o sinal da entrega; porém os boabas com seus clarins e mosquetes bem depressa os tiraram do erro saindo pela porta da fortaleza armados e enfurecidos, depois de terem feito um ensaio dentro dos muros, e levados daquele primeiro fogo arremeteram às casas, que serviam aos paulistas de seguro parapeito, donde com pontaria certa e sem risco fizeram tal matança nos forasteiros, que tocaram a recolher porque nenhum fruto tiravam de sua valentia mais do que perderem as vidas sem amor por elas: recolhidos continuaram a peleja com armas de fogo, até que a noite veio pôr termo às fadigas do dia, fadigas do corpo, que as do espírito dia e noite lhes pesavam. Tinha o capitão da fortaleza procurado saber quem arvorara o estandarte, e ninguém podia descobri-lo, nem suspeitas havia de pessoa alguma; estando presente Ana Bragança ao interrogatório que se fazia à sentinela, que nesse lanço de muralha vigiara da noite para o dia, depois que o soldado respondeu às perguntas do general, a mulher tomou a palavra e falando para o auditório disse:

- Aquela bandeira branca, que visteis a tremular sobre os muros da fortaleza é o sinal de paz que Deus tem feito conosco; aquelas manchas vermelhas que a salpicam, e são oitenta, marcam o número de vítimas de nossos muitos pecados... E quem sabe se o Senhor está satisfeito?! Não quereis reconhecer em toda esta guerra o castigo que Deus nos manda por tantos crimes, como os que diariamente se cometem nestas Minas? Que discurso foi o vosso em deixardes tão de junto da fortaleza aquelas casas, onde acoitados os paulistas impedem que vos assomeis ao muro, sem que vos pesquem suas balas? Foi discurso de homens práticos na guerra, ou juízos de Deus? Quando se viu tanta desumanidade entre cristãos, negando-se a vida à mulheres e meninos retidos dentro de um forte?... Grandes são nossos pecados... Olhai, não serão vossas lanças e espadas quem vos livrará da ira do Senhor! Os dias do pecador estão contados, e morrerá; por isso, de fraco amparo vos serão os muros desta fortaleza; saí ao campo amanhã, e em vez dos militares ensaios que usais cá dentro, ponde vossas almas diante do Senhor e dos seus Santos, porque tenho para mim que o termo de nossos males está bem perto!... Saí todos, que bem guardada fica a fortaleza nas mãos *daquele*, que até agora nos tem livrado da última desgraça.

Estas palavras entre misteriosas e consoladoras deram novo alento aos cercados; e como a desesperação não deixasse tomar outro conselho que senão aquele, indiferentes, crédulos e piedosos todos se fixaram na resolução de amanhecer sobre o inimigo, para o que deixando os leitos onde se não encontrava repouso gastaram o restante da noite em exercícios de piedade, confessando-se e comungando todos, ouvindo missa com a primeira luz da alva, armados e prontos para a peleja, que todos desejavam: logo que findaram os ofícios divinos. Ana Bragança tomando de sobre o altar portátil a imagem de S. Antonio que ao lado de um crucifixo estava, seguida de uma multidão de homens, e de mulheres, foi colocá-la sobre a muralha naquela parte que olhava o acampamento inimigo; depois abriram-se de par em par as portas da fortaleza, e os combatentes sem medroso recato, ou louco arrebatamento foram saindo para o lado da vila. E chegando às casas, que tinham servido de trincheira aos inimigos, como do interior não saísse algum som, temendo Ambrosio Caldeira as ciladas que poderiam armar-lhe, ele mesmo com alguns que se lhe ofereceram as entrou, e achou vazias dos paulistas; e passando de umas às outras pelas aberturas que nas paredes estavam praticadas não encontrou viva alma que lho impedisse, tornando-se aos companheiros com o prazer sobre o semblante por tão estranho como inesperado acontecimento; foram todos atravessando as ruas da vila com as mãos nas armas e o pensamento no inimigo, porque a fortuna de se verem livres dos perigos do cerco era tão grande que mal cabia em corações aflitos e cheios de tristeza, passando depois ao morro, onde com atalaia ficara Amador Bueno da Veiga no começo do cerco: aí foi que a alegria os tomou todos porque tudo confirmava a repentina partida dos paulistas, e logo recordando-se toda aquela multidão das misteriosas palavras de Ana, correram ao forte a render graças ao Altíssimo, que por intervenção do milagroso Santo os livrara das mãos terríveis dos paulistas. Entrados que foram dentro da fortaleza, estando todos juntos em meio do terreiro, dois sacerdotes revestidos com suas vestes sacramentais se encaminharam ao lugar onde haviam deixado o Santo, que já aí não estava: e sendo procurada Ana Bragança para que dissesse o que sabia, foi encontrada esta prostrada ante uma imagem de Nossa Senhora, que em milagroso suor mostrava claramente quanta parte havia tomado na arrebatada partida dos inimigos; e logo pela santa mulher foi dito que procurassem o Santo na cortina do muro que olhava para a atalaia, e aí foi encontrado com uma bala engastada no cordão, pelo que se lançaram por terra todos e com hinos e ações de graça reconheceram ao Senhor por seu misericordioso libertador, e levando a imagem de quem por eles havia intercedido em magnífica procissão, e religioso acatamento foram depositá-la em seu antigo lugar ficando, em todos tão viva a fé, que muitos anos depois sem que gravessem no bronze, ou mármore este santo acontecimento, os pais o repetiam aos filhos, que sem incrédula averiguação também o foram eternizando; agora que as luzes do século fizeram de nossa alma, ou querem fazer, um pouco de terra, parece-me, e é certo que vai ela tomando sua consistência e propriedades de insensibilidade, e aspereza; e quando os séculos tiverem galgado por cima da campa desta geração, e talvez da seguinte, se aparecer um desses entes que não tem sua vida ligada às insignificâncias da terra, querendo romancear nossa idade, a poesia há de encontrá-la... Aonde, e em quê? Nas modas que não duram, nas frivolidades, que desaparecem, na incredulidade, que tudo seca, na impiedade e desacato que tudo mancha, na vertiginosa política, que tudo consome, consumindo-se a si própria.

## CAPITULO VII

*Três dias depois*

Fizeram como todos, depois de uma coragem louca, um vergonhoso medo: que mais se havia esperar de bisonhos soldados?

(Castro de Ayres. pág. 77)

No mesmo dia, em que os paulistas deixaram as muralhas do forte, e quando os boabas com folias e tangeres saíam a tomar posse de suas casas abandonadas, chegaram à vila alguns soldados de cavalo que por instantes tomaram de susto a quantos vinham entrando; eram estes de Vila Rica e da do Carmo, espias de um grosso de tropas mandadas em socorro dos cercados, e que logo no seguinte dia começaram de aparecer nas alturas mui lustrosas e cheias de furor para com os filhos de S. Paulo, que esperavam encontrar ainda. Grande foi o descontentamento entre todos na súbita retirada do inimigo, porque os trabalhos do cerco começavam de esquecer a uns, e outros não os haviam provado, assim, o que pouco antes era fortuna, e milagre, agora pesava a todos, tão difícil é de contentar o coração humano! Na madrugada do seguinte dia seguiram do Rio das Mortes pela estrada de S. Paulo os boabas armados, e com forçadas marchas foram acampar sete léguas distante da vila, no mesmo lugar em que o exército paulista passara a noite antecedente; aqui fizeram conselho, e Ambrosio Caldeira foi de aviso que não parassem porque levando os paulistas um dia além deles, não seria possível encontrá-los senão mui distante, e que findas as provisões de boca não achariam outras facilmente, porque teriam cuidado de inutilizar tudo os que iam diante; lembrou também a necessidade em que estavam todos os moradores das Minas, e que uma vitória depois de muitos dias perdidos, valia tanto como uma pronta derrota; que se os paulistas eram valentes e favorecidos na estrada, tinham agora contra si o desar de fugitivos, a desmoralização de desertores, e a ignorância do número daqueles que lhes iam no alcance. Este prudente parecer foi recebido por todos, e desfeito o conselho, recebeu ordem o exército de se por em marcha apesar do escuro e tenebroso da noite; Ambrosio Caldeira para que de seu pensamento ninguém murmurasse, passando à vanguarda, ofereceu-se incógnito para fazer parte do número de espias, ou descobridores, e com seis companheiros bem armados deu-se tão grande pressa que antes de aclarar o dia topou com os fugitivos, que também forçavam o passo: a escuridão, e a chuva, obrigando-os a caminhar lentamente, deu lugar aos espias de se aproximarem tanto, que até se ouviam as vozes dos que caminhavam por último; Ambrosio Caldeira parou, e voltando-se para os companheiros:

- Qual de vós, disse ele, é de tanta resolução que me acompanhe até o meio dos inimigos?

- Eu, disse um dos espias, ainda mancebo.

- Pois tornai vós outros a desandar, continuou Ambrosio, e levai ao chefe a notícia de que os paulistas ficam cinco léguas além da Gramma, e que no passo, em que vão, devem de estar amanhã além da serra da Guarda.

E os dois espias continuaram a seguir o inimigo, até que ficando-lhe já tão perto que os havia de descobrir, Ambrosio Caldeira propôs ao companheiro de se apearem levando os animais adestro; e como pusesse pé em terra, o mancebo fazendo menção de apearse levou

a mão à espada e deu-lhe tão forte golpe, que o lançou por terra sem movimento, e dando de esporas ao cavalo foi encontrar os paulistas, que o receberam como amigo e conhecido, questionando-o em sua passagem rápida através das companhias desordenadas, porque em tão ruins estradas a marcha em forma era impossível.

- Eu já dizia que tinhas deixado a pele no Rio das Mortes, gracejava um.

- Como vai a boaba? perguntou outro em ar de mofa.

E o mancebo respondia a todos sem deter-se, até que aquela multidão começou de parar porque soara o sinal de acampar; voltou-se então para um lado perguntando pela tenda do general.

- Oh ! Senhor Penteado, pois se ainda neste instante paramos, como quereis vós que a tenda do general esteja armada?

- Não vos pergunto se está ela armada, mas onde costuma ficar Amador Bueno!

- Na vanguarda, quando avança; nas últimas filas quando.... Quando retira... Ou foge, porque esta nossa retirada tem cheiro de fuga; bem fizeram alguns que por lá se deixaram....

- Tendes a língua assaz comprida, meu amigo, cuidado que vô-la não espontem!

- Não hão de ser cabeleiros, meu donzel... Molhareis primeiro a espada seca, para tocar na minha!!

- Seca! disse o mancebo cheio de cólera e de orgulho; ora vede...

E arremeteu para o companheiro, a que por certo ferira, se lhe não embaraçasse o passo Amador Bueno, que ouvindo rumor para aquela parte, desconfiado no ânimo de seus soldados acudira prontamente.

- Prendei esses dois homens! bradou o general com voz amarga, para os que estavam de cerca deles; deixamos o Rio das Mortes há três dias, e em todos eles, quer em marcha, quer acampados, sempre brigas, sempre relaxamento na disciplina, sempre vagar na execução de minhas ordens!! Como nos vamos em marcha, não há medo de cárcere? Nós veremos o que decide de vós outros amanhã um conselho de guerra.... Levai-os!....

- General, é preciso para o bem de todos, que eu vos fale já, e sem testemunhos; todos quantos aí vedes vos podem dizer que estas razões em que nos travamos ambos tiveram começo em querer eu saber donde se vos costumava armar a tenda, porque tendo ficado doente no Rio das Mortes.... Não sabia das ordens que tereis dado no modo de acampar.

- Levai-os à minha tenda; disse Amador Bueno, sem que na voz se lhe conhecesse mudança.

- Eu aposto que os manda fuzilar ambos, como aconteceu com o caminheiro; Amador Bueno está bravo conosco, e tão...

- E tão bons atiradores que somos nós outros, guia? Leve-te o diabo, que sempre estas falando sem termos, nem cautela; depois Amador Bueno da Veiga manda-nos meter-te uma dúzia de balas no coração e na cabeça, e aqui estamos nós a tremer diante de ti, sem poder fazer boa pontaria.

- Que trará o Penteado para contar ao general, lá do Rio das Mortes? A estas horas estamos com os boabas perto.

- Eu não creio em semelhante coisa! Pois os boabas sangrados como ficaram, terão vontade de vir ter conosco?!

- Eles sós, não de certo; mas os de Vila Rica, e do Carmo ....

- Isso foram embustes para levantarmos o cerco.

- Ah! Senhor Braz dos Anjos, que não posso responder-lhe porque tenho mulher e filhos... Estava eu na atalaia quando pela primeira vez se falou em levantar o cerco?! Não te lembras dos companheiros na defesa daquelas casas de junto do forte?!...

- Eu também não falo contigo....

- Porém, se fui eu quem veio trazer ao acampamento a certeza de que os moradores das Minas vinham todos sobre nós e em socorro dos boabas, com quem é que tu falas?!

- Mas, tu os viste, guia?

- Eu os vi, como te estou vendo, apesar deste escuro que faz....

- Homem, não sei que te diga; o eles virem é possível... Mas, eu sei cá se vieram?! Não te arrufes comigo porque é meu gênio...

E enquanto Braz dos Anjos desculpava sua incredulidade, os que se tinham apinhado para ouvir o motivo da briga, deixaram os dois altercando, e foram ter com aqueles que haviam conduzido Fernão Vitelo e o moço Penteado à tenda do general. Porém estes sem dar atenção às perguntas que lhes faziam, foram rompendo até de junto dos dois, que em calorosa disputa se esqueciam da sorte dos companheiros.

- Aí temos mais dois para o conselho de amanhã, disse um gracejando; aposto eu que os vindes buscar?

- E dizes a verdade, amigo; Amador Bueno te chama, guia.

- Não gracejeis, Paulo; olhai que o guia costuma dar-lhe uns ataques...

- Não há gracejo nisto que dizemos; porém não sabe o general de alguma que acabas de fazer, se alguma fizestes: grandes coisas vão lá pela tenda, porque todos os oficiais foram chamados, e como pedisse ordem para pôr à vontade as companhias, Amador Bueno respondeu que estivessem sobre armas; de sorte que havemos de ceiar hoje com mosquete no ombro.

- Porém, amigo Paulo Rebello, é só ao guia que o general quer falar?

- Só a ele.

- Tanto pior; porque não há de ser para boa coisa; antes fosse a nós ambos; ou a ti só, Braz dos Anjos.

- Não digo eu isso; vai tu, que tanto te engrandeces dos favores que te faz: eu cá não sou lembrado, o que me deu sempre muito gosto, e hoje muito mais. Porém se for para cometer-te alguma coisa de perigo tens companheiro certo, guia.

E apartaram-se, indo o guia com os irmãos Rebellos à presença de Amador Bueno, que fora da tenda e rodeado pelos outros cabos, interrogava o mancebo.

- Então dizeis vós que o inimigo vem com forçadas marchas sobre nós e que está...

- Precisamente, general, quem o pode saber? Deixei-o na Grama, porém, daqui a esse lugar vão cinco léguas, e ele caminha sempre.

- Se aqui pernoitarmos, amanhã antes de nascer o sol estará conosco; e que força traz?

- Além de dois mil homens, bem armados e resolutos.

E Amador Bueno entrou na tenda seguido pelos oficiais; muitos foram de parecer no conselho, que se esperasse o inimigo; outros que forçassem a marcha, o que não era mui fácil pelas estradas daqueles lugares: porém como era preciso uma resolução pronta e atrevida, o general sem dar seu aviso levantou o conselho, mandando que as tropas se pusessem novamente em marcha; depois fazendo entrar o guia:

- Quantas léguas fazem daqui à serra da Guarda ? perguntou-lhe.

- Quatro léguas pelas minhas contas; três e meia os que por aqui moram; três para...

- Então, como se medem as léguas? disse Amador Bueno com mau modo.

- Senhor, quem vai em animal fresco, faz mais caminho sem cansar, e quem vem de longe...

- Entendo... Porém respondi-me como se por aqui morássemos ao que vos perguntar; se quiséssemos daqui a duas léguas largar a estrada geral, seria fácil abrir uma picada de travessa, que fosse encontrar...

- Ora esperai, general; se não vos desarranja lá vossos cálculos, podeis dizer-me para que largais a estrada?... Não é curiosidade, talvez que algum meio mais seguro...

- Não, a picada há de fazer-se: todavia podes saber porque largamos a estrada; os boabas de Vila Rica vêm sobre nós, e estão a três, ou quatro léguas.

- Olhai, meu general, se não fosse dever do meu officio, não teria o arrojo de vos aconselhar, que também não é um conselho, porém ouvi: quarenta léguas em redondo tudo são matos virgens, e se quereis varar no mato para sair lá diante, isto só há de servir para nos por ombro com os boabas... Ora, se vós quereis que eu diga como nos havemos de pôr em salvo sem trabalho...

- Pois falai!

- Nós vamos em marcha: eu vou passar a frente, e vós ireis comigo também; daqui a légua e quarto pouco mais pouco menos há caminho de fazenda, estreito é verdade, caminho para três homens; a fazenda e serventia fica a três léguas da estrada, portanto ao romper do sol estamos cinco léguas desviado, e sem perigo: mas bem maus olheiros trarão eles se não enxergarem a estrada geral sem pisadas e rastos de nossos passos, estrago que sempre que faz uma multidão....

- E nesse caso seguem-nos,,,

- Ouvi, não trazeis vós perto de trezentos cavalos?

- É verdade.

- Mais de quatrocentos burros de carga?

- É certo.

- Ponde-os leves, e aí tendes uma tropa ligeira, que nos há de cobrir a retirada: porque podem ir almoçar para lá da serra da Guarda, jantar quatro léguas além, e dormir no furado; no dia seguinte fazem oito léguas, quatro de noite, são doze; e eu quero ver se os boabas são capazes de lhe pôr sequer a vista. Agora vamos a nós cá pela fazenda; se por acaso os boabas nos descobrirem, os caminhos são apertados, mas a vantagem, ou desvantagem é de todos; só há uma pequena dificuldade que vencer...

- E qual é? disse Amador Bueno, a quem as idéias do guia tinham agradado.

- A fazenda pertence a um inimigo vosso; e só com espada na mão havemos de atravessar o terreiro; não sabeis vós o que é um fazendeiro no sertão das Minas dentro de suas terras? Assim, ainda que não fora vosso inimigo pessoal, por dois motivos lhe passaríamos por dentro de casa com mão armada.

- Não quero que me digas o seu nome, porque pretendo haver-me com ele de forma, que ninguém descubra o que tu acabas de dizer; monta a cavalo e partamos já.

- Porém, se estou a pé, como quereis que monte.....

- Escolhe um de meus cavalos .

- Estúpido que tenho sido até hoje! disse o guia entre dentes; podendo ter bons cavalos... Se me tenho lembrado há mais tempo.

E partiram ambos, indo Amador Bueno pelo caminho avisando os cabos da resolução tomada, que todos aplaudiam; até que passando na vanguarda foram postar-se à entrada do caminho indicado pelo guia, que a todos quantos passavam recomendava que não quebrassem ramo algum de árvore, que os denunciasse ao inimigo, fazendo seguir pela

estrada geral todos os que conduziam cavalgaduras. Era dos últimos Braz dos Anjos, que como trazia animais na comitiva, devia seguir para diante; mas ao tempo que passava em frente do guia, este saindo-lhe ao encontro:

- Por ali, amigo, lhe disse em tom mofador; temos chamusco ao nascer do sol, ou pela frente, ou pela retaguarda, e tu és dos valentes, e demais prometeste ficar comigo.

- E, senhor goiaba! Pois como foi isso? Tão alto vai senhor, entre fidalgos e cavaleiros.

- Logo falaremos: por agora vai seguindo a companhia.

- Mas, os meus burros, o meu cavalo?

- Não te dê freima, que vão em segurança.

E depois que passaram todos, o guia e Amador Bueno apearam-se e foram seguindo pela vereda.

## CAPÍTULO VIII

### *Uma lembrança de rei*

E entendendo o soberano que ânimos generosos se deixam vencer com qualquer afago, lhes enviou pelo novo governador um retrato seu, que ainda se conserva na casa da câmara, para que entendessem, que visitando-os daquele modo, já que pessoalmente o não podia fazer, tomava os paulistas debaixo de sua real proteção.

(Vida do padre Belchior de Pontes L. 1752.)

Corriam dias de março do ano do Senhor 1710: a vila de S. Paulo, toda galas, e em grandes regozijos, apresentava um espetáculo nunca visto, porque nesta outrora quase Esparta os prazeres e festas era sempre misturadas com sangue, ou lágrimas, e eu vos digo como. Escreveram alguns mal-intencionados, ou ignorantes, que os primeiros povoadores da capitania de S. Paulo foram bandos de salteadores, fugidos de cadeia, e degredados, que a metrópole lançava de si, o que é menos exato, como da historia se vê claramente; e como as próprias mentiras têm algum fim a que se encostem, os tais, por desculparem seu arrojo, quiseram achar na vida aventureira e perigosa, a que os paulistas foram sempre inclinados, a verdade do que diziam, e despejadamente afirmavam; sem que se lembrassem que os descobridores e povoadores da terra da Vera Cruz eram daquela nação aventureira e determinada, que atravessou por desconhecidos mares do extremo oriente ao ocidente, sem mais norte que seu querer e vontade. Esses escritores mui lidos em romances de cavernas, subterrâneos, e florestas só enxergavam roubos nas descobertas, e ignotas viagens dos filhos de S. Paulo através dos misteriosos sertões do Brasil; valha-nos Deus com eles! Se até esta nossa cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro eles desviram, e reviram, quanto mais a capitania de S. Paulo, lá no meio dos matos, que tanto susto põe a ignorantes?! A mania de todos os paulistas, a sua natural inclinação para as empresas arriscadas é conhecida; o trato comercial, e a agricultura amolece, e modifica os costumes bárbaros, e os filhos de S. Paulo não se davam nem a um, nem a outra; a sede de ouro, mal de todo o mundo, quero eu que fosse mui pronunciada nesses homens, que tudo arriscavam, a mesma

alma para obte-lo, mas serão estes fatos motivo bastante para se dizer que os primeiros povoadores de S. Paulo foram hordas de salteadores?!... Grande peso lhes faço eu em quanto digo, e deste não podem eles furtar-se; porque vereis em toda a parte as mulheres e filhos lastimar-se, quando uma guerra leva para longe de si os seus queridos; mas em S. Paulo era um crime, e uma coisa não vista o pranto por aqueles que se iam, antes com arrogâncias indignas do sexo, eram elas que os esforçavam, não a defender a pátria contra estranho inimigo, mas a irem às Minas a derramar o sangue de cristãos e parentes, e tudo por causa do ouro, de sorte que a cobiça deslustrava sem heroísmo, virtude, que poucas vezes assenta bem na mulher. Quando se preparavam as expedições arriscadas de descoberta, era para ver como todas pondo de parte a natural saudade, ferozes e cobiçosas se regozijavam com os esperados frutos de tão árduos trabalhos: na volta, a primeira saudação, e primeiro abraço era saber se haviam achado ouro, diamantes, escravos! Mas ainda assim não eram salteadores, eram quanto quizerem, menos isso. Ora, segundo o que levamos dito, era espetáculo nunca visto, aquele que apresentava a vila de S. Paulo em certo dia de março de 1710; as ruas cheias de flores as janelas de sedas e ricos estôfos da Índia, os homens com suas louçainhas; e sobretudo o ar de contentamento, que transluzia em todos os semblantes, anunciavam alguma coisa de extraordinário: os bairros da vila mais afastados revestiram-se também de alegria, mas despovoando-se, acudiam seus moradores para uma formosa praça, onde parecia haver grande festa, ou o lugar donde partia todo aquele contentamento, porque eram aí os adornos e riquezas maiores; não era só dos populares, nem só dos nobres, ou ricos este ajuntamento, que, em meio dos peões, lá se enxergavam soberbos cavalos com seus arreios de prata, e preciosas manta, ou xairéis de veludo e brocado, com que estes nossos compatriotas são mui desvanecidos, dando-se-lhe pouco de seus trajes contanto que a prata brilhe sobre suas cavalgaduras; era o aperto crescido, e perigoso para os de pé, porque em meio de tanta gente mal podiam bracear os ginetes, que seus donos esporeavam para se mostrarem.

Assim estava toda esta multidão, como que esperando o começar da festa, quando lá num dos ângulos da praça se começou o povo de alvoroçar, abrindo um largo terreiro, em meio do qual um cavaleiro fazia artes de força e destreza em seu cavalo lazão ricamente ajaezado; todos os olhos estavam no cavalo, mais do que no cavaleiro, que com suas calças de belbute azul ferrete, seu coletinho encarnado com botões amarelos, um pequeno chapéu de abas, dava seus ares com toureador, ou capinha; seguro quarto de hora sofreu o pobre cavalo as formidáveis rosetas das chilenas de prata, que o paulista calçava, até que por fim um e outro cansados de folgança se aquietaram apeando-se o cavaleiro para receber as felicitações dos conhecidos, e apaixonados de montarias e gineteações!

- Ninguém dirá, vendo-lhe o fogo, disse um batendo com a mão na anca do cavalo, ninguém dirá que lhe pôs os quartos em cima o guia!

- Por o que? Sou eu algum estrompador de cavalos!

- Que o diga o teu ruço, e o lindo murzelo de Amador Bueno, cujos serviços ninguém mais há de aproveitar; um espaduás-te-lo na ida às Minas, que se não é Braz dos Anjos emprestar este, dono e cavalo por lá ficavam...

- Mas vede lá, amigo rachador, disse o paulista do coletinho encarnado, se não tiro o meu lazão das unhas do guia estava a pé agora, porque o ruço, que ele me prometeu para as cavalladas do Espírito Santo nem sequer chegou à Quaresma... Mas vede lá como este senhor paga os favores que lhe fazem, brigou comigo porque lhe não deixei espaduar o meu lazão como tinha feito ao seu ruço.

- Ora isso são coisas passadas...

- Não é tanto assim, rachador! Quinze dias há que tivemos uma briga forte por causa deste lazão, que ai estás vendo; eu ta conto. Logo que chegamos das Minas, assim em modo de fugida, como tu sabes, tudo andava em aprestos para a nova jornada, e não houve homem que pela idade se escusasse, ou que fosse pesado por velhice, ou verde por falta de anos; assim, eu, e o guia não foi preciso bando, ou diligência para que nos armássemos, já se sabe, a nossa custa, porque nesta guerra de capricho não entram cofres de rei, nem mandados de seu general; mas quando eu menos esperava, entra-me o guia pela porta com aquela lábia...

- Tenha mão, senhor Braz dos Anjos! Não foi com lábias, que você me emprestou o lazão em Guaratinguetá...

- Nem eu digo menos, porém achaste-o doce no andar, e querias ver se o apanhavas outra vez? Nessa não hei de cair eu, meu contador de histórias!...

- Ora vede como passaram as coisas, disse o guia passando adiante de Braz dos Anjos; todos nós estávamos corridos da jornada das Minas, e como se ajuntava gente para a segunda partida, e eu tinha de ir também...

- Já sabemos isso, vamos adiante.

- Fui pedir o lazão, emprestado não, mas em troca de serviços do meu ruço...

- Que não pode com seus ossos... Por que não ias tu nele?

- Todos o sabem; eu sempre faço mais léguas, do que vocês, que vão em marchas de tropa; depois, talvez fosse mister uma marcha forçada, uma descoberta pronta, ou uma...

- Artimanha de guia, de nos levar lá por uma travessia...

- Se eu não fosse, talvez que teus filhos não tivessem pai a esta hora! Tu eras capaz de semelhante, falador de mil demônios!!

- O guia tornou-se de orgulho, depois daquela estranha diabrura!

- Estranha diabrura lhe chamas tu, Braz dos Anjos? Pois, olha, diz Amador Bueno, e outros muitos dos bons e melhores, que se não fora eu havíamos de ter grande perda...

- Porém antes ficar lá nas Minas com duas balas na cabeça, do que vir a esta terra com cara de tolo... E eu que deixei os meus animais em mão de outro para me ir com ele por causa de chamusco... Ouve lá, guia, que chamusco me prometestes tu naquela noite de chuva, quando deixamos a estrada!

- É que eu o esperava, se o não houve que queres que te faça?

- Bem fiz eu, disse o rachador, que não quis saber de caminhos de travessa, e fui seguindo, apesar de não levar animais na comitiva; agora quando nós formos em paz, como manda o senhor rei, tenho minhas tenções de passar pela fazenda do tal boaba...

- Que te não há de tratar como nos tratou a nós, meu amigo.

- E então por que? Guerra com ele, se não quiser paz! Ou serás tu melhor do que eu?

- Não me entendes; quando lhe passamos pelo terreiro haverá um mês, ou dois, éramos muitos e armados, e tu hás de ir só e sem armas.

- Sem armas eu? Um paulista, o rachador?! Tu estás brincando... Pois meteu-se-te nos cascos que me desvaneio muito com esta *visita* do Senhor Rei?

- Pois olha, buliu-me cá no coração esta lembrança do senhor Rei, esta sua determinação! Aquele furor desmedido, que me levou à vingança, secou de todo, e me parece que chegando às Minas dou um abraço no primeiro boaba, que topar...

- Tanto não farei eu, disse Braz dos Anjos, porém já se me acabou boa parte do ódio que me faziam esses homens, só olhando-os.

- Tu, e o guia, sois uma parelha forte... Mas, deixemo-nos de disputas, e vamos ao que serve; então, camaristas e nobres são os que devem ter a honra de figurar na festa; e nós

que tivemos o trabalho na jornada... Porque se não fora ela, cá não vinha o senhor Rei mesmo em...

- Mas, que tens tu com isso, rachador? Não te dá grande abalo a visita, como queres meter-te com a festa?! Deixa-a com o senado, e os nobres...

- É isso, deixa-a conosco, e fica-te de fora em guerra com os boabas, pois que queres ir às Minas armado, contra as determinações do senhor Rei, e de seu governador Antonio de Albuquerque Coelho.

- É outra coisa que não posso tragar! disse o rachador batendo com os punhos fechados; que se mandasse um outro para nos dar este aviso do senhor Rei, bem estava; mas Antonio de Albuquerque...

- E que outro, senão o governador, podia mandar-nos as determinações lá do Reino?!

- Eu to digo; Amador Bueno da Veiga...

- Isso era tratar com levantados, homem! Porque, aqui que ninguém nos ouve, nós, os que fomos às Minas, não podemos em boa conta ter outro nome.

- Que te leve satanás, e mais a língua! Paulista serás tu, por nasceres em S. Paulo; mas filho de Paulista, não! Tu és atravessado por força: olha, bem sabem os de lá do Reino quanto valem, e é por isso que se nos fazem estes mimos, porque vontade de nos mandarem um carrasco, e uma alçada não falta. Ora bem, se quiseram levar-nos às boas, bem faltos de siso são os que lá além mandam, pois que se em Guaratinguetá tão mal tratamos a Antonio de Albuquerque Coelho; se como é de esperar tão grande sentimento houve ele da que chamavam nossa desobediência, como é que há prudência em fazer este homem terceiro entre nós revéis, e as determinações do senhor Rei?! Ou ele se pagará das afrontas que lhe fizemos, e então...

- E então?

- É uma traição vil, que nos fazem!

- Não te dê cuidado, porque Albuquerque Coelho não tem caráter para semelhante; se for como um seu parente, que tratamos nas Minas, fico por ele; demais, nem ele se abalou do Rio para vir trazer-nos este presente do senhor Rei...

- Talvez, que isso seja calculado, guia? Eu cá para mim entendo, que se há crime no que fizemos, é preciso castigo; e ao contrário fazem-nos festas... Tenho meus receios.

- Pois não dissestes, que lá os do Reino sabem o que valem, homem?! Como diabo queres que te entenda, se estás despropositando! Fazem-nos festas, porque lhes não convem nossa raiva; mas que por Antonio de Albuquerque nos queiram atraiçoar, não creio eu em semelhante.

- Antonio de Albuquerque Coelho é um boaba como os outros; onde foi que topastes um que se diga benza-te Deus?

- Nas Minas, rachador! Dois à mingua de um; naquele dia, em que largamos a estrada geral...

- Aí vens tu contar-nos maravilhas dessa jornada de travessa...

- Não quero falar da jornada, mas dos acontecimentos dela, rachador! Ouve, se queres, se não vai-te.

- Anda lá, fala, que se não falas morres de desgosto.

- És um atravessado, já to disse; sempre contarei enquanto não começam as festas lá dentro, porem só porque Braz dos Anjos aqui está...

- Pois ainda tens pensamentos sobre o lazão?

- Braz dos Anjos, disse o guia voltando as costas ao rachador, não te lembras daquela manhã de folganças, tendo-te prometido eu chamusco ao nascer do sol? Pois a primeira causa de toda aquela regalada festa e comezaina fui eu, e depois um boaba...

- Heim, como é lá isso? Tu, e depois um boaba, guia! Pois travaste relações de importância?

- Vai ouvindo; aquele fazendeiro, Braz dos Anjos, sabia eu ser parente de Antonio de Albuquerque Coelho, e demais inimigo de Amador Bueno, por causa de um pleito de pouca monta para pobres, mas que lá os de alto pensamento tem em muita; ora por isso te chamei eu, não só por te conhecer os brios, mas ainda porque te havias oferecido: agora dize tu como nos tratou ele, quando lhe chegamos ao terreiro, Braz dos Anjos...

- Não é preciso, meu amigo, interrompeu o rachador; se vos tratou bem, não foi por ser bom, mas porque tinha medo; assim vamos ao segundo que tu lá encontrastes nas Minas: não me estejas franzindo o sobrolho, porque tu mesmo o dissestes há pouco, quando me lembrei de lhe passar em casa na minha próxima ida às Minas.

- Valham-te mil demônios, que sempre estás a repisar as palavras dos outros!...

- Anda, guia; não faças caso dessas bagatelas: vamos ao outro boaba, ao outro homem que tu encontraste lá na tua jornada de travessa.

- Era um excelente boaba, e o que mais é, bem perto estivemos dele no rio das Mortes; era o comandante do fortim Ambrosio Caldeira...

- O cabeça dos boabas!?

- Não, o seu chefe no Rio das Mortes.

- É o mesmo, que eu quero dizer; um tratante refinado, um boaba de mil demônios... Mas, como fizestes conhecimento com ele?

- Eu to digo; havíamos chegado ao terreiro da fazenda de \*\*\* onde fomos recebidos como de casa, eis senão quando chega uma mulher já velha, que pede falar com o fazendeiro; daí a pouco saíram alguns negros, antes do que, levou o tal boaba da fazenda a conversar com Amador Bueno um bom pedaço: coisa de três horas depois entram outra vez os negros carregando às costas um homem todo coberto de sangue, e desfalecido...

- Ah! Agora me recordo de uma história do Penteadado, que tanta bulha fez; o rapaz estava de fogo em a boa fortuna dessa noite... Mas, tu vistes o homem, guia?

- Falei com ele, e tudo me veio de sua boca...

- Má lugar; adiante.

- Então aquele ferido, que atravessou o terreiro da fazenda, esse tal é o da história do Penteadado?

- Sem tirar, nem pôr; era nosso conhecido porque o encontramos sobre as muralhas do forte... Porém vamos ao caso; esta velha trazia uma boaba, rapariga dos seus dezoito anos, que vinha seguindo o exército até S. Paulo por causa de um ajuste de contas com o Penteadado; encontrou ela no caminho com Ambrosio Caldeira, e como soubesse dessa fazenda deixou a rapariga prestando alguns cuidados ao pobre homem, e botou-se a caminho para vir pedir ao fazendeiro socorro: houve suas dúvidas entre Amador Bueno, e o dono da casa sobre o deixar ir os cativos, mas não só a velha, que eu não quis ver porque tenho minha zanga com mulher, especialmente velhas e boabas... Mas não só a velha, como o fazendeiro tanto disseram que Amador Bueno deixou-se tomar de piedade...

- Isso é moléstia dele.

- Pois sim, teve pena do homem e consentiu em mandá-lo buscar; dando ordem à tropa de se ter em armas, porque o exército dos boabas não vinha longe: começou também a marcha pouco depois à instâncias da velha, e do fazendeiro, dando fortes razões para que

assim o fizéssemos: e o mais é que segundo ouvi ao general, a tal velhinha sabia de todos os caminhos tanto, ou mais do que eu, e depois falava como um doutor, tanto que reduziu o general a casamenteiro...

- Mas, fala-nos do boaba, e deixa a velha.

- A história da velha está junta com a de Ambrosio Caldeira; a de Ambrósio Caldeira com o Penteadado; o Penteadado com a moça...

- Jesus! Onde vais tu com essas filiações?!

- É do caso, Braz dos Anjos; tu não sabes de nada porque fostes marchado; pois ouve, que hás de gostar...

Disponha-se o guia a prosseguir, quando foi interrompido por um sussurro de vozes, e quase toda aquela multidão se voltou de súbito para defronte de uma grande casa, que sobressaía entre todas as da praça; depois houve um reboiço, e confusão espantosa, porque o povo que ficava por detrás dos três paulistas forcejava por caminhar avante, outros empurravam estes em sentido contrário, de sorte que mais de um ficou perigosamente maltratado, sendo um deles Braz dos Anjos, que dispondo-se a montar o lazão, desastadamente lhe pôs este uma pata em cima da sua, que o fez ver estrelas com o sol alto.

- Foi castigo! disse o guia chegando-se do ferido; se eu o tivesse espaduado nas Minas como fiz ao meu ruço, não te havia ele de machucar hoje; porém tu não quisestes... Foi castigo.

E assim falando, procurava ajudar Braz dos Anjos a cavalgar, o que não consentiam ondas do povo, levando-os, e ao lazão diante de si; depois ouviu-se uma voz esganiçada gritar dentre a multidão:

- Arreda! Arreda!! Daí caminho ao senado da câmara!

E o povo foi-se abrindo, deixando uma larga rua por onde seguiram os oficiais do senado da câmara, com suas insígnias e ar respeitável até de junto da grande casa, de que temos falado; depois que entraram, o mais velho de todos depôs sobre uma mesa coberta de veludo carmesim franjado de ouro uma caixa de preciosa madeira lustrosa, com seus embutidos, e fechos também de ouro, a qual tinha mais de comprido que de alto e largo: então se assentaram todos e um homem vestido de preto com sua beca, e bacalhaus, desenrolou um pergaminho, e começou a ler nesta substância:

- Aquilo de que mais se prezam as cidades, e os povos, senhores, é o justo merecimento, em que os tem seus soberanos, e o galardão que lhes faz; a sua gloria, e felicidade está muitas vezes em uma palavra, em uma lembrança bem pequena, que gera largas conseqüências, e produz milhares de benefícios; e nós hoje somos segura prova de quanto acabo de dizer, como em sumário vereis. Fique em silêncio aquela intrepidez, e coragem com que nossos irmãos foram por tantas vezes, em riscos graves de vida, devassar as entranhas desses sertões perigosos; fique de parte a lembrança dos grandes adiantamentos, que tais descobertas trouxeram àquele que nos governa e manda; e por fim não se fale na lealdade tantas vezes manifestada pelos filhos de S. Paulo, lealdade à lei, ao Rei, e à todos! Silêncio sobre quanto valem, que não há mister manifestá-lo com palavras, quando temos uma tão grande prova na honorabilíssima oferta do senhor Rei. Se a longitude das terras tanto demorou nossa justiça, um dia chegou pois, em que fomos ouvidos, e este dia ficará para sempre nos corações de todos os paulistas, desde o mais humilde, até o mais graduado; ficará perpétuo naqueles corações que ontem pulavam com desejos de vingança, hoje mansos e satisfeitos, porque ânimos generosos deixaram-se vencer com o mais leve afago: que virtude de generosidade é aquela que perdoa levíssimas

ofensas? E que direis e pensareis de um homem que todos os dias experimenta um desgosto, todos os dias um insulto, todos os dias uma ferida grave e profunda... E depois com placidez, sem rancor oculto, ou refinada perfídia esquece do fundo da alma tantas injúrias, tantos crimes, tantas injustiças, e isto porque um afago lhe moveu o coração?! Direis também que este homem é generoso?! Pois eu quisera uma outra palavra para nomear este engrandecimento da virtude já que essa outra os tempos a estragaram. Levou-nos a valentia a descobrir as Minas; de lá nos lançaram mal intencionados; a vingança armou nossos braços, e uma palavra de nosso Rei, uma demonstração de seu amor para conosco lançou por terra nossa ira e nossas armas: reunidos neste senado da câmara, nós o povo, o clero e a nobreza vamos assistir ao magnífico ato da elevação da efigie de nosso soberano, que de tão sublime maneira desarmou nossas mãos rebeldes, porque, senhores, com efeito não estava em nossas mãos o direito de nos vingarmos; oferta sua é este retrato de tão excelente príncipe, oferta, que sensibiliza nossos corações, porque dizem em sua linguagem muda: tomo-vos sob minha proteção a vós, que recebestes injustiça em meus ministros! Oferta, que de alguma sorte nos faz corar de pejo porque aquela parede onde vai ser colocado, nua, e deserta, já de há muito o devia ter, para que assistisse às discussões deste senado. Suba pois ao mais alto deste capitólio para que em sua vista se nos acrisole aquele amor e lealdade que lhe temos.

Mal que terminaram estas palavras, o mais velho dos oficiais, e que servia de juiz, tomou a caixa, e de dentro tirou um retrato, que foi emoldurado ricamente segurando-o depois todos para ser colocado na parede fronteira à porta da entrada, o que se executou ao som de muitos instrumentos de música: e ao tempo que o suspendiam, o mesmo homem, que falara chegando-se a uma das janelas, que davam sobre a praça, bradou para o ajuntamento numeroso:

- O muito alto e poderoso senhor Rei...

E o povo prorrompeu em altos vivas, e demonstrações de regozijo, que suspenderam as palavras do secretário da câmara.

- Canalha do inferno! disse o guia estendendo o braço com força na direção da casa do senado; tínhamos um discurso talvez, e aquele que os sabe fazer de estrondo... Mas estes paspalhões começam de berrar, e o homem foi-se para dentro!

- Porém, olha, disse o rachador, aí vêm eles todos.

E com efeito, aqueles que haviam sido convidados para o auto, ou que por direito lhes competia a assistência vieram todos ocupar as janelas da casa; depois todo o povo começou de voltar as costas para aí, e dar atenção a uma formosa cavalgada, que saindo por uma das ruas vinha desembocar na praça, onde todos estavam; e depois de ter dado uma volta inteira à roda, estabeleceram uma corrida de canas coisa muito aplaudida, estimada, e usual por estes tempos em regozijo públicos. E como tivessem findado estas alegrias por assim dizer profanas, saiu o senado da câmara, o clero e nobreza, e seguidos pela multidão foram acabar de solenizar tão faustoso dia por um *Te Deum* que se cantou com magnificência.

Ao tempo que todos saíam da igreja, e Braz dos Anjos mancando, encostado no ombro do guia procurava o lazão, que deixara amarrado, o rachador atropelando por entre o povo agarrou nas abas do gibão do goiaba, e tirando por ele:

- Alto lá, que te não deixo ir assim, meu caro, disse com voz de rebentar ouvidos; o padre disse que de hoje em diante mais ninguém se lembrasse de quanto passou nas Minas, que não era permitido falar em tais acontecimentos... Ora eu que quero saber como foi aquela história do boaba honrado...

- Curou-se, e foi para o Rio da Mortes, respondeu o guia.
- E a velha que o encontrou, e que trazia a rapariga cá para S. Paulo, que...
- Foi com ele.
- E a rapariga...
- Casou com o Penteado.
- Então tudo isso assim seco?...
- Não ouvistes o padre? Não disse ele que se acabou a guerra com o retrato do senhor Rei?
- É verdade, foi uma lembrança de Rei, disse Braz dos Anjos.
- Foi uma lembrança de Rei, repetiu o rachador enterrando o chapéu na cabeça.

***FIM***

## A CRUZ DE PEDRA

### Advertência

Começamos em princípios de 1844 a colecionar uma serie de romances, que pretendíamos publicar sob o título de Romanceiro brasílico cuja dedicatória S. A. I. o Príncipe D. Luiz Conde de Áquila nos fez a graça especial de aceitar; nosso intento realizou-se em parte porque nesse mesmo ano demos à estampa o 1º volume, com o qual fizemos despesas além de nossas forças, de sorte que esmorecemos quanto a semelhante publicação, que por dispendiosa nos era impossível: porém agora, que nas páginas do Ostensor a continuamos, talvez mais proveitosamente, parece-nos justo fazer reimprimir o romance - A cruz de pedra – não só porque temos de fazer-lhe algumas alterações, porque tendo aparecido na ocasião em que a *Revista dos dois mundos* publicava um asnático e atrevido artigo sobre o Brasil, algumas expressões fortes (mas verdadeiras, verdadeiras!) foram mal recebidas talvez por serem proferidas por um estrangeiro; não só por isto o fazemos reimprimir, mas ainda porque a coleção não fique incompleta.

### CAPITULO

#### *A benção da Moribunda*

No dia 13 de junho do ano do Senhor 1749, pelas 11 horas da noite, sentiram alguns dos pacíficos habitantes do pequeno arraial da Passagem o tropear de dois cavalos, que lá de Vila-Rica vinham à rédea solta; sentiram-no, vos digo, porém fez-lhes isso pouco abalo, porque derramando-se o arraial pela encosta da montanha, em cuja fralda serpeia a estrada geral, é o perpassar de cavalos e cavaleiros coisa tão de ordinário, que só a hora, quando muito, poderia fazê-los pensar dois minutos de seguida em quem ia seu caminho: e na verdade, nem uma janela curiosa se abriu enquanto as ferraduras tiniram pela mal calçada ladeira, que vai morrer na ponte lançada sobre o Mata-cavalos, e se o bateiro inda desperto levantara meio corpo de sobre a miserável esteira para enxergar pelas fendas do casebre o que ia na rua, tornara-o deixar cair logo por continuar sua interrompida reza, ou para adormecer profundamente.

Um instante depois, o mesmo ruído se fez sentir, inda menos intensamente; é que galgavam a ladeira de além da ponte, também calçada de pequenos e agudos seixos: porém não é ela muito comprida, e a carreira em que iam encurtando-lhe a extensão, fez desaparecer em breve o rumor de seus passos nesse pedaço de estrada plano e areento que vai terminar nos dois pilares quase arruinados sustendo uma calha de água, e que semelham restos de muro, ou cerca de cidade antiga. Se quedássemos, chegando ali, veríamos-os tornar a descer, desaparecendo entre os arvoredos que neste lugar bordam a estrada; depois, se no-lo permitira a escuridão da noite, assomar lá ao longe no alto do Boqueirão.

Até aqui tenho eu falado a Vms. simplesmente dos cavalos, e não de saber que não caminhavam soltos, alguém os montava; ora pois, ou já por havermos gastado muitas palavras com eles, ou porque pisando a estrada nua não podem mais despertar nossa atenção, deixemo-los para tratar dos cavaleiros, cuja fisionomia, idade e trajar será um mistério até que o dia rompa, o qual, infelizmente para Vms., parece-me estar bem longe.

- Ainda bem que demoraste o correr de teu baio, dizia um dos cavaleiros tomando as rédeas a seu cavalo coberto de espuma; mal me tinha eu sobre este danado chouteiro! Ai, mais cem passos neste andar, e as minhas ancas ficariam como as da tua Farofa, assim em modo de carga mal apertada: por Santo Antonio, cujo é hoje o dia, que alguma levas tu na cabeça, Julião!

- Pois que disse eu?!

- E esta! Disseste o que eu costume dizer à filha do meu vizinho Paulo, quando ela me pergunta quem era meu Pai.

- Mas que dizes tu à filha de teu vizinho Paulo? tornou-lhe o companheiro visivelmente perturbado.

- Nada; pois sei eu cá quem ele era? Há quatro horas que estamos de caminho, porque a última das onze acaba de soar no relógio da Sé de Mariana, há quatro horas pois que estamos de caminho, e tantas há que não abres boca; dor de reiras alague o rancheiro do Córrego, se foi ele quem te pôs essa tristura no coração! Desde que aí falhamos três dias o ano passado, nunca mais te ouvi cantar e praguejar, que assim passa a vida de nós outros; pragas, quando os lotes sobem ou descem a montanha; cantigas, quando de enfiada caminham pela várzea. Olha, deixares tu cargas e bestas em mão de tocadores só para ver folguedos de noite de Santo Antonio é coisa espantosa, e que não creio; aí anda volta de amores, fácil és tu, e requerido das moças: mas, por minha vida, que bem parvo foste em me trazer por guarda-costas! Há em Mariana uma casa, onde o meu cabano parará por força: que diria a Joanhinha do Largo, se soubesse que passei em Mariana sem lhe dizer Adeus?

- Diga o que quiser; tu irás comigo, que assim é preciso, Pedro de Viterbo!

- Ó Senhor Julião de... de....

- De Viterbo também, se assim quiseres.

- Vá que seja; mas, senhor Julião de *Viterbo* emprestado, há neste seu passeio alguma coisa que cheire a perigo?

- Não, Pedro; para ti não: se o há, é só para mim!

- Olhem que bruto! Quando eu digo que vos ides perder lá na cidade, ninguém me quer acreditar; pois não somos ambos órfãos, sózinhos sobre a terra, irmãos como se tivéramos nascido do mesmo ventre? Julgas que por medo, ou para furtar-me ao dever santo de partilhar teus perigos, te inquiria?! É que a minha faca....

- Quem passa bradou uma voz rouca de junto desse espantalho, que ainda hoje levanta aos ares sua cabeça infame, de junto do Pelourinho.

- Somos de paz, amigo! responderam os dois; e em silêncio atravessaram o largo.

Desde que no alto do Boqueirão fizemos conhecimento com os dois Viterbos, ao menos de um não sei eu outro apelido, trouxe-vo-los como que pelo ar até o largo da Cadeia, do Pelourinho, ou do que quiserdes que seja, porque lhe não sei o verdadeiro nome; e agora direi a Vms. que tendo eles torneado a montanha, a cujos pés vai rolando suas águas cor de barro o humilde Mata-cavalos, esbarraram com a começada igreja de S. Pedro; deixando-a à direita, foram descendo a ladeira bem suave, que talvez da igreja tomasse o nome; e isto fizeram-no eles tão insensivelmente, que só deram por si, e nós pelo caminho

que haviam feito, quando a importuna sentinela cortou pelo fio o arrazoado diálogo, que Vms. acabam de ler. É preciso tomarmo-los na extremidade do largo, prontos a descer o resto da ladeira, pedaço diabólico, que, a não poucos tem custado largos dias de cama; felizmente que, sendo pequeno e íngreme, o pobre que aí enrola vai parar logo na rua Direita, onde o bom Custódio da botica o espera com o seu pachorrento e proverbial – *Não há de ser nada!*

Desceram, protegidos pelo reflexo pálido de uma lâmpada suspensa defronte do nicho, creio que de Nossa Senhora, onde todas as noites a devota população de Mariana vem inda agora atroar com os mais edificativos berros os pobres e desgraçados ouvidos de quem lhe fica por perto; chegados que foram ao fim da ladeira sem novidade maior, dobraram o canto à esquerda e ei-los a caminhar lá para a Ponte. Eu quisera dizer a Vms. alguma coisa da Episcopal da província de Minas, porém é noite; aguardarei pelo dia porque não quero que se diga me aproveito das sombras para censurá-la: vamos ao nosso viajantes.

Além da Ponte do lado esquerdo tendes vós um Paço do Senhor; se bem lembro é o do Encontro da Senhora com seu amado Filho; sim, sim, é isso; logo junto, duas casas térreas, e depois mais algumas já sobre a ladeira, e lá em cima a casa do cônego João Paulo; agora, do lado direito, o rancho do Torquato, e mais adiante, a casa de Manoel de... Do diabo, que vale o sobrenome? Em seguida vedes vós essa enfiada de miseráveis casebres, asilo da desgraça? Pois é o que se chama os Moçuns, ou Muçuns, como quiserem, e que deve de ter sido o lugar, donde o antiquíssimo arraial do Carmo começou de estender-se ao largo; é minha opinião, e funda-se no ar de caduquez espalhado por essas paredes, e no estreito e tortuoso das vielas, que não me acomodo em chamar-lhes ruas. Mas, isto é o que se vê hoje, e quem sabe se, há cem anos, assim era? Estou desatinando; todavia, a Ponte, o Paço, algumas das casas, e enfim as ruas, isso tudo lá estava na época em que vai correndo esta minha história, e tanto nos basta para sua perfeita inteligência. Foi pois pela primeira viela, à esquerda, que, escorregando em toda a sorte de imundície subiram os dois cavaleiros, até defronte dessa pequena casa, onde muitos anos depois, um pobre velho devia ser vítima do mais horroroso atentado; pararam aí, e um deles apeando-se vagarosamente deixou nas mãos do companheiro as rédeas de seu cavalo, e continuou a subir; não será preciso dizer a Vms. que, o que subia era Julião de Viterbo? De um lado e de outro, vós o sabeis, e, se não, vo-lo digo, é a ladeira acompanhada de casa até o alto; entrando na chapada, acabam-se as casas e a ladeira; e voltando ainda uma vez à esquerda vedes além uma igreja, ora em ruínas, mas que nesse tempo estava bem alva e consertada: hoje!... Passou por lá o Progresso, e vendo-a feia e velha, vendeu as telhas de seu telhado para cobrir currais de porcos; as pedras, para construir tavernas; as madeiras, tudo, tudo vendeu em leilão entre mofas e algazaras, sem respeito e acatamento por tão santos e venerandos restos... Que infâmia! Já não podeis enxergar nem sequer os restos de uma casinha, que também nessa época existia a uns trinta passos da igreja, como que fugida da povoação para junto da sombra protetora da cruz; sim, sim! Nem podereis enxergar-lhe sequer os restos, porque aí passou um século, e ela era humilde como os que a habitavam; só a esses soberbos palácios é dado perpetuar a memória dos que os edificaram! Porém o Senhor é todo sabedoria, e se essas altas paredes atestam às gerações por vir a grandeza daqueles que as levantaram, também atestarão as lágrimas do órfão e da viúva, com que muitas vezes são argamassados seus cimentos. E a cabana do pobre? É o símbolo do nada desta vida, é a imagem viva do desprezo com que devem ser tratadas as coisas deste mundo, e em que devem ser tidas as grandezas da terra, e se alguma vez um mau passo desvia do caminho

direito o humilde por condição, também o Senhor apaga com a sua morte em desconto da penosa vida que passou cá em baixo, o único sinal muitas vezes de sua existência na terra, ou, quem poderá sabê-lo! Castigando-o talvez dobradamente, porque menos exposto por sua pobreza, com que devia contentar-se, às seduções mundanas, pecou como os grandes, quase sempre pecadores.

Vivia pois, nessa casinha, cujas paredes eram de paus-à-prumo, e o teto coberto de folhas de palmeira, uma pobre mulher já idosa, na maior indignação; nunca o bom Anselmo, Deus lhe tenha a alma lá pelo céu muitos anos sem nós! Nunca o bom padre Anselmo, que em certos dias da semana ia dizer missa na próxima igrejinha, pudera rastrear-lhe o intento com que muito de propósito a velha se sumia no interior da cabana, quando a comprida ponteira amarela de seu bastão vinha arrastando pelas pedras da calçada, porque, sempre o quero dizer a Vms. o reverendo padre, apesar dos seus cinqüenta, havia feito voto e juramento de, salvo caso imprevisto, não se servir e ajudar dele, senão quando tivesse dobrado a idade que o Filho de Deus viveu sobre a terra feito homem, - chanças de velho presunçoso; e todavia, mais de uma vez o bastão passara para debaixo do braço, mas debalde: mais de uma, a pequena moeda, que sua mão sempre depositava na soleira da porta, correrá lá bem para o fundo do bolso, e enquanto negligentes dedos a procuravam, seus olhos revolviam a cabana até onde podiam chegar: evidente era, que, por furtar-se-lhe aos olhos, se escondia a pobre mulher; mas temeria ser reconhecida, ou aborrecia só a presença dos homens? Eis aí o que Anselmo desejava saber. Tanta obstinação, tão completo recolhimento aguçando sua natural curiosidade, resolveram-no, custasse o que custasse, segundo ele dizia, a pôr os olhos sobre esse ente estranho e misterioso, que tanto parecia temer, ou aborrecer o comércio dos vivos; digo dos vivos, porque todas as noites viam um fantasma aproximar-se da igreja, e ficar aí em joelhos horas esquecidas; e a não ser a velha feiticeira, como lhe chamavam seus caritativos vizinhos, só alguma alma do outro mundo poderia ser, que deste custava a crer tivesse alguma tanta resolução para se chegar de tão perto, e por tais horas às lousas frias dos finados: e ninguém tratava de averiguar se com efeito seria a velha feiticeira, se alma padecente; porque o medo punha côbro nos mais valentes, e os fracos nunca pensaram em tal coisa; até o padre não quis levar suas averiguações ao cabo por tais horas da noite, seria prudência, mas parecia medo. Foi portanto a manhã de um belo dia, que Anselmo escolheu para de uma vez ver e saber quem habitava essa casa deserta na aparência: três vezes, em seu trânsito, deixou cair o pesado Breviário; outras tantas, ou mais lhe deram afetuosos e sinceros bons-dias, sem que o seu pedaço de latim fosse estrugir os ouvidos do tendeiro, ou fiadeira de algodão; três, enfim, quem o crera ! Sua mão tirou do bolso da samarra, e aí tornou a depor sem ter servido a fungadeira, espécie de bilro de fazer renda em ponto grande e ôco, cheia de fresco e excelente esturro: é que lá na mente lhe iam mil pensamentos diversos, diversíssimos Em meio de tal agitação saiu-lhe aos olhos a cabana, detrás da ultima casa da ladeira; e à sua vista o reverendo esquecendo-se do voto firmou o bastão e parou:

- Não! disse ele, em tanta obstinação há o que quer que seja de grave e misterioso; e para quê hei de perturbar o repouso dessa mulher com minha impertinente curiosidade! Mas, não sou eu também obrigado a consolar os que sofrem, obrigado a derramar na alma do aflito palavras de consolação e de esperança?! Eia, estou resolvido. E a passos medidos, sempre encostado no bastão, endireitou para a cabana: desta vez não foi com desvios e manhas que ele pretendeu arrancar do interior dessa casa uma palavra que o orientasse, não foi! Era o homem convicto que se aproximava do liminar da porta; a bondade do ato, que ia praticar, estava justificada perante sua consciência, que desdenhava agora os meios tantas

vezes empregados: foi, sim, com toda a segurança e energia do homem que obra em conformidade com o pensamento, que a ponteira de seu bastão se encostou por duas vezes, não de leve, à porta meio fechada do casebre, e só para que o eco vestisse a penúria que aí dentro morava de forma a não pejar os olhos: que resolvido entrar havia ele, mesmo que o não mandassem. Esperou, esperou bom espaço; e depois vendo que ninguém se movia lá dentro, acabou de abrir a porta, e já levantava o pé para penetrar na cabana, quando uma voz débil e queixosa lho atirou ao chão, que o não pousou ele por vontade:

- Pela alma de vossa mãe, não entreis! Vive aqui uma desgraçada, que vos não pode aparecer aos olhos sem morrer de vergonha; ide-vos, e se vos merecem compaixão minha miséria e sofrimentos, chorai-me, e rogai a Deus por uma grande pecadora que sou, ide!

- Deus se compadeça de vós, pobre mulher, disse Anselmo com as lágrimas nos olhos; e não queira ele que vos eu moleste; trazia-vos consolações...

- Consolações para mim sobre a terra?! Há só uma, e essa inda faltam quinze dias para que me venha.

- É estranho! dizia o padre entrando pela deserta igreja; é incompreensível tal procedimento! Veremos depois de findos esses quinze dias; e para não se esquecer, tomou um pedaço de papel, e escreveu: 29 de maio do ano do senhor 1749.

Ora, como Vms. bem podem ver, foi exatamente quinze dias depois deste acontecimento que os nossos cavaleiros pararam em meio da ladeira, pouco mais, pouco menos, às onze horas e um quarto da noite; exatamente quinze dias depois, não sei se digo bem, e até me parece que os meus Viterbos andaram errados na contagem; porque se tomamos ao pé da letra as palavras do Gênesis, as quais são que: - Da tarde e da manhã se fez o dia primeiro -, muito bem posso concluir que o prazo findava no dia quatorze ao meio dia, e não no dia treze à meia noite: porém, seja que eles não admitissem esta minha interpretação, seja que houvesse algum motivo oculto a nós para que ao menos um tanto se apressasse, o certo é que eles aí estavam; ou mais, que um aí estava, e que subia o outro. Como quem pela primeira vez pisava em tal terreno, Julião caminhava vagorosamente; de quando em quando parava, ou para resfolegar, que íngreme e dificultosa é a ladeira, ou para verificar talvez informações que lhe haviam dado; e tocava quase o extremo quando pela quarta vez parou:

- Sim, sim, disse ele entre dentes; três casas de porta e janela, cobertas de sapé; - e apontou para o lado direito: duas em ruína, e depois mais duas a última das quais faz canto; - e apontou para o esquerdo: então, aquele vulto negro lá adiante deve de ser a igreja, e este é o caminho.

Essa mulher tão inacessível aos olhos de Anselmo, tão intratável para com seus vizinhos, vai aparecer a nossos olhos, porque é tempo de a conhecermos; porém sendo parte mui essencial dos romances, não direi modernos, mas dos nimio-gabados, a brilhante, fantástica e deliciosa descrição do magnífico jardim, onde a beldade ouve uma declaração de amor; ou as tapeçarias, os quadros, as sultanas, as ninharias da sala, em que, arrufada, reduz a pequenas partes o bilhetinho cheiroso do amante desgraçado (por dez minutos), como será recebido este meu romance-historia, cujas personagens não têm, sequer um, o título de barão, conde ou marquês, para se fazer recomendado aos vossos olhos? Como será recebido o pobrezinho, cujas descrições nada têm de maravilhoso, tendo muito de verdadeiro? Eu tremo de fazer penetrar Vms. o interior dessa cabana, que de certo não acharão aí coisa que deleite os sentidos! E todavia, é forçoso que assim seja, se quereis continuar a ouvir-me; é preciso que vossos olhos acostumados às grandezas e delícias, que à mãos-cheias vos dão todos os dias, venham pousar-se agora sobre as misérias reais da

vida, e enxergar entre essas quatro paredes fracas e esburacadas o que mais há pelo mundo – miséria e desgraça.

Guiado por informações exatas ao que parece, e com as quais não havia mesmo a possibilidade de errar, Julião chegando ao extremo da ladeira, endireitara seus passos para a casinha solitária; e a tais desoras seria um louco aquele que pretendesse guia para sítios mal-assombrados, qual este era: por isso ninguém viu o mancebo, posto em joelhos coisa de cinco passos afastado da cabana; ninguém o viu levantar-se, e tremendo bater à porta, que, como das outras vezes, e para todos, se conservou muda, muda toda a casa, muda como um sepulcro! Uma segunda e terceira vez batera ele, porém sempre o mesmo silêncio. Que dolorosa idéia não devia passar-lhe na mente, quando, como embravecido bruto, se lançou a essa porta, que feita lascas baqueou por terra! Que terrível certeza lhe troou nos ouvidos esse gemido moribundo saído lá de um canto!! Ai, pobre de ti, se buscavas uma mão querida que te afagasse... Aí dentro há ainda uma alma, sim: porém o corpo, esse escravo submisso, revoltou-se contra ela, tantas foram as privações, os tormentos de toda a sorte que ela lhe impusera: está prestes a quebrar-se o laço incompreensível, que liga a matéria com o espírito; há aí dentro uma vontade que não pode manifestar-se, que por muito poderosa que seja a alma, nada pode sem o corpo.

Mas, eis aí o que é o homem! Uma idéia trazia Julião de Viterbo talvez de bem longe até a porta dessa casa, e esta mesma idéia, modificada é verdade, afastava-o agora dela sem raciocínio, porque não havia tempo para o fazer no espaço que mediou entre o gemido e o salto desmesurado, que ele dera para fora da cabana: vinde vós outros, ideologistas, explicar com vossas teorias a marcha do espírito humano; e vós, filósofos, dizer-me porque essas torrentes de chuva o tornam a trazer ao lugar, que, há um segundo, com tanto horror ele deixara! Baldado empenho seria o vosso, porque vos não crera eu.

Quem poderia calcular o tempo que o mancebo esteve em pé no meio da cabana, com os cabelos hirtos e as mãos apertadas contra o coração, que parecia querer saltar fora de seu peito, ouvindo debater-se com a morte um ente, que talvez lhe fosse bem caro, e ele presa da desesperação, ou do terror, sem poder valer-lhe, sem poder sequer soltar uma palavra? Só Pedro de Viterbo, a quem largas horas de esperar, e copiosa chuva obrigaram a subir a ladeira, e a procurar no movimento um refrigério contra o frio e tédio que o atormentava: uma e muitas vezes passara ele por defronte da cabana; vira a porta aberta, e desconfiara que Julião aí estava; mas não teria sido indiscrição lembrar-lhe que acabavam de soar três horas?

- Esperemos um pouco mais, disse ele; porém o pisar dos cavalos há de segurá-lo de minha paciência, afastemo-nos.

E ainda a última sílaba lhe sussurrava nos lábios, quando o cavalo adestro levantando-se nos pés, furtou-lhe das mãos as rédeas, e abriu na carreira.

- Malditos sejais vós ambos! disse Pedro de Viterbo levantando-se, porque o cabano, ou para imitar o companheiro, ou talvez pela mesma causa, corcoveando o atirara no chão; malditos sejais, continuou ele, que de tão pouco tendes medo! E deu com o pé num embrulho negro, que havia espantado os cavalos: era o chapéu de Julião. Reconhecera-o Pedro, apesar do miserável estado a que o tinha reduzido a chuva; e seu primeiro pensamento foi a possibilidade, mesmo quase a certeza de um assassinato, tão oprimido tinha ele o coração sem saber-lhe a causa:

- Morto talvez ali dentro! dizia ele volteando entre as mãos o chapéu; e a minha faca espetada no esteio do rancho... Maldito esquecimento!

Depois, como se uma idéia súbita o iluminara, chegou-se da cabana, arrancou algumas palhas enxutas, das que a cobriam, e com elas arranjou um facho; tirou o isqueiro, feriu fogo, e penetrou resoluto no interior da cabana.

Que horrorosa e triste cena!! Oh! Quem me dera um pincel de mestre para vos esboçar esse quadro lúgubre! Essas paredes esburacadas e denegridas sustendo um teto, que parece cair a todo o instante; esse chão desigual e imundo; essa mulher deitada sobre uma pouca de palha fétida, e em cujo rosto apenas se divisam alguns sopros de vida; essa dor profunda, espalhada pelo rosto de Julião; o terror e estupefação de Pedro de Viterbo, tudo isso deveria ser de horrenda sublimidade!

A luz do facho diminuía por instantes; e só quando a chama se aproximou aos dedos de Pedro se lembrou ele de procurar à roda de si com que entretê-la; era tarde: extinguindo-se, ela acompanhava o passamento da desgraçada, e subtraía sua última convulsão aos olhos dos dois mancebos:

- Meus filhos... Pedro!... Murmurou uma voz sumida; e esse quase cadáver fazendo um último esforço, como as cinzas que acabavam de inflamar-se, estendeu o braço para abençoar os dois, que ajoelharam; e a flama apagou-se, e o braço caiu: tudo acabado para essa pobre, sofrimentos, e gozos, se os tivera!

## CAPITULO II

### *Curiosidade satisfeita*

Aí tendes a vossos olhos a cidade episcopal da província de Minas Gerais! Aí a tendes deserta e tristonha, apesar do formoso dia que a saúda: parece-vos a preguiçosa, que gastou largas horas da noite nos divertidos saraus? Talvez; porém não é; parece-vos a manufatureira reclusa em suas laboriosas oficinas, a rica e ociosa, que espera entre os cortinados do leito os raios vívidos do sol, que se levanta? Talvez, talvez; mas não é ela nada disso! É a mísera e mesquinha que teme e aborrece o esplendor do dia; é a desgraçada, que se envergonha de mostrar seus andrajos ao forasteiro; ei-la, ei-la deserta como a cidade tomada por assalto, cujos habitantes sumidos no interior das casas temem deixar que escape o menor sinal de vida, observando através das janelas e portas entreabertas o que passa nas ruas; esperai pelo cair da noite, e vereis as ruas entulhadas de esfarrapados capotes; ve-la-eis então animada: porém no meio da escuridão, que nela reina, porque não tem lampiões, nada poderíeis observar, se não fora esta, ou aquela réstia de luz, que saindo de algumas lojas vêm desmaiar-se sobre as pedras da calçada; Deus vos livre de ficardes aí fazendo o inventário de quanto desgraçado passa! Porém isto é de noite, agora, que é dia, ei-la morna e silenciosa. Só aí a nossos pés bem rente, e sobre o lado esquerdo, vereis portas e janelas descerradas, os Muçuns: mas descei com as mãos sobre os olhos! Que se tem de aborrecer-vos, lá mais longe esse morno silêncio que indica o desalento, aqui vos desesperarão os gritos da desgraça; tapai-os para não enxergardes essa mulher na flor dos anos coberta de asquerosas chagas, merecida punição de sua desregrada vida; tapai-os, que são ali quatro crianças nuas, e famintas a chorar, enquanto aquele vadio, que a desgraça lhes deu por pai, deixa correr perdidas as horas do dia, tocando sua viola encostado ao balcão de uma taverna. Vede agora cá para este outro lado aquele bando de mulheres perdidas cercando o pobre tropeiro, que, em más horas para ele! lhes caiu nas mãos... Oh!

Adiante, adiante, que se fôramos uma e uma observando todas essas casas, larga conta de misérias e vergonhas teríamos. E todavia nada mais há que se observe, ou antes, que se preste à observação, senão esse nojento bairro: eis aí a rua Direita de Mariana com cinco ou seis pequenas e mal sortidas lojas; na extremidade do lado direito, a Sé, cuja arquitetura detestável apressa os passos do viajante; depois essa rua que vai correndo à sua ilharga silenciosa e triste como todas; a rua da Olaria; uma pequena praça guarnecida de casas a desabar em terra; algumas dúzias de becos e vielas, condecorados com o pomposo nome de ruas, e vede o que se chama a cidade de Mariana Episcopal da rica província de Minas Gerais.

Não encontrareis em toda ela um edifício, que por sua arquitetura, ou sequer por recordação histórica, vos desperte a atenção; é uma cidade pobre de tudo, de tradições até, que se as teve não existem hoje na memória de seus habitantes.

O palácio do bispo, miserável casa assobradada, servindo de asilo às aves noturnas, porque suas portas e janelas abertas noite e dia dão franca entrada não só a estas, mas ao sol e à chuva que têm arruinado o assoalho, e... Valha-me Deus que tanto custa às vezes dizer a verdade! O palácio do bispo como impropriamente lhe chamam, é uma coisa ruim, muito ruim: algumas salas atravessei eu, que em verdade o exterior desmente, sem que houvesse uma alma viva que mo impedisse, e nas quais por sobre o chão entre montes de poeira encontrei objetos de subido valor, que só o respeito por seus donos que foram, guarda e preserva das mãos de ratoneiros. Uma biblioteca, um oratório com algumas imagens, entre elas um magnífico crucifixo de marfim, muitas curiosidades e riquezas mineralógicas, que, segundo me disseram, pertenceram ao último bispo, aí estavam em 1842 à mercê de quem quisesse roubá-las sem custo; queira o céu que o venerado ancião eleito pastor desse desgarrado rebanho consiga fazê-lo entrar no caminho direito; por mim digo que lhe será dificultosa, e mui árdua a tarefa; só muita força e vigilância juntas à bondade, saber e virtude, qualidades que adornam sua alma, poderão lentamente desarraigá-lo de tantos vícios aqueles que por obrigação deviam ser modelos de virtude... Desgraçada, três e quatro vezes desgraçada cidade!! Mas, íamos deixando por mão os nossos cavaleiros; tornemos à historia fiel.

Como disse a Vms. no começo deste segundo capítulo, o sol aquecia com seus raios vivificantes essa cidade fria e morta na manhã de 15 de junho do ano do senhor 1749; as janelas de uma casinha, que, cá na baixada, escarnecia com suas paredes alvas da imundície de suas vizinhas, de há muito estavam abertas; via-se, quando a brisa da manhã levantava as leves cortinas de cassa, lá dentro um vulto, que a passos lentos media a extensão da sala, folheando um livro: ora pois, este vulto era o padre Anselmo, digo-o já a Vms., porque não quero fazer mistério de uma coisa que talvez já tenha sido adivinhada.

- Com efeito! Que vossa reverendíssima se levantasse cedo como é seu costume, não me admirara eu; porém abrir de par em par portas e janelas com este vento frio da manhã?

- Pois então? De que servira levantar-me cedo, se não devo respirar o ar saudável, a que vós chamais vento frio de manhã? Tende paciência por hoje, disse o padre tomando o chapéu de três bicos e o bastão, tende paciência por hoje, que para outra vez terei cuidado em não deixar que penetre o vento até o vosso quarto.

Ou que Anselmo tivesse horror às discussões feminis de sua velha criada, pois que fora ela quem tão insolitamente viera interromper a leitura do Breviário; ou porque, e é o mais certo, tivesse ele mui de propósito aberto portas e janelas com diferente tenção daquela por ele dita, esperando que o frio acordasse a velha para tomar conta da casa, sem

esperar réplica encaminhou-se para a porta, e saiu. Era o dia 15 de Junho, como já o disse a Vms., dia em que, se não lho haviam prometido, ao menos ele esperava descobrir alguma coisa de tão estranho sucesso, como o que lhe acontecera 15 dias antes; seu andar, ora apressado, ora lento e medido, patenteava ao vivo o estado desinquieto de sua alma. Flutuando em um mar de incertezas chegara ele à porta da cabana para ser testemunha do triste espetáculo que ali dentro passava. Dois moços, um que chora e geme amargamente, outro que sem chorar deixa ver em sua fisionomia os estragos que a dor subida produz numa alma de forte têmpera: um, como o lírio do vale, que ao por do sol a foice do segador ofendeu na haste, inclinada para a terra a mimosa cabeça, espera pelo orvalho da madrugada para se levantar cheio de vida; outro, como o jataí despedaçado pelo raio com a fronte erguida e o tronco firme, porém a seiva não subirá até o último de seus ramos, e cairá por terra. Porém, ainda há aí mais com que se desespere a alma e entristeçam olhos: esse cadáver, que ele reconhece, esse cadáver... A mulher de seu irmão Antonio de Viterbo, o pedreiro, barbaramente assassinado há 18 anos... Oh! Como tudo se aclara, como aparece terrível a luz da verdade! Desapareceu o mistério e explicou-se a obstinação dessa desgraçada em furtar-se-lhe aos olhos.

- *Si justus in terra recípitur, quanto magis peccator? Livor vulneris absterget mala; et plagae secretioribus ventris*, disse o padre Anselmo ajoelhando-se; e repetiu em voz baixa fervorosa súplica, que devia ser ouvida ante o trono do Eterno muito em favor da mísera Clara Julia de Viterbo, porque nela ia o perdão de seu ultrajado esposo. Depois levantou-se, e olhou um e outro dos dois mancebos, como para reconhecer em sua feições qual deles era Pedro, de quem seu irmão lhe havia falado tantas vezes, quando à noite deixando o trabalho vinha matar saudades da mulher e do filhinho, que haviam ficado no arraial da P.\*\*\*, depois que fora chamado a Mariana para consertar a pequena igreja, de que já falamos no capítulo antecedente; porém baldada esperança: um deles, alto e moreno, de olhos e cabelos pretos, era o retrato vivo de seu irmão Antonio; mas o outro, de estatura regular, alvo, com os cabelos louros e olhos azuis, parecia-se muito e muito com Clara Julia; ambos vestidos com jaquetas de pano alvadio, calças de algodão tintas de braúna, e compridas botas de couro amarelado: porém, interrogando-os, ele saberá o que pretende; mas, não seria mais prudente arrancá-los primeiro deste lugar de dores?

- Mancebos, disse ele, apontando o cadáver de Clara Julia, o Senhor chamou sua alma ante si, bendito ele seja em suas determinações; o corpo é da terra, e eu vos quero ajudar no piedoso dever de sepultá-lo: vinde, a minha morada fica perto, aí faremos conduzir esses restos, que tão caros vos devem ser; vinde, meus filhos, o Senhor é justo em seus decretos, não murmurem de sua vontade!

Pedro de Viterbo levantara pausadamente a cabeça às primeiras palavras de Anselmo; escutara-o atento, e depois quando ele acabou de falar:

- Justo em seus decretos! Não murmurar de sua vontade quando me rouba minha mãe no instante em que meus olhos a vêem pela primeira vez?! Homem, tu estavas aí quando ela me chamou seu filho? Tu estavas aí quando sua voz, essa voz que eu ouvia repreender-me, se um mau pensamento me corria na mente; louvar-me, se minha mão dava esmola ao pobre, e socorro ao desvalido; tu estavas aí quando essa voz querida disse: Pedro!... Tu estavas aí?! Viste-me ajoelhar para ouvir minha mãe que falava, porque não foi mister que ela dissesse: Tu, Pedro de Viterbo, o tropeiro, és meu filho; não foi! Sua voz era a voz de minha mãe, disse-mo o coração, e o coração não mente. E queres tu roubar-me seus restos? Não queres que...

- Cala-te, insensato mancebo! disse Anselmo banhado em pranto; sabes tu quantas dores lhe poupou a morte! Sabes que a presença de seu filho seria mais cruel para ela do que as torturas do passamento?! Cala-te, e não blasfemes.

- Homem, eu não te entendo!

- Vem, meu filho; tu saberás, já que assim é preciso, o que melhor fora que nunca soubesses.

- E meu irmão?

- Pois vinde ambos.

Então os dois mancebos ajoelharam-se, e um após outro beijou pela última vez a mão já fria daquela que lhes havia dado a existência, levantaram e saíram; Anselmo lhes indicou cá do alto a casinha, a cuja porta deviam bater, depois fechou a esburacada porta da cabana, e se foi caminho da igreja.

- Já dobraste a missa? disse ele para o sacristão-sineiro, que desde muito o esperava.

- Senhor, sim; porém todos se foram, cansados de esperar: e alguns ouvi eu, que diziam de vossa reverendíssima cobras e lagartos.

- Pois o que diziam?

- Por exemplo, o Antonio da Lavra dizia que vossa reverendíssima, em vez de cuidar dos cristãos, que acudiam prontamente ao toque de missa, ia ouvir e presenciar os diabólicos encantamentos da feiticeira.

- Imbecil e atrevido!

- Pode ser; mas, se ele viu com seus olhos vossa reverendíssima lá dentro?

- Vai-te, que és tão imbecil como ele; dobra segunda vez à missa e por finados.

- Não será a segunda, porém, sim, a quarta, disse o sineiro resmoneando; mas temos um defunto, valha-nos isso: agora não têm esses senhores mais que replicar quando lhes dissermos: - Pela sepultura, acompanhamento, encomendação, missa de defuntos e dobre de sinos, tantas oitavas! Não, que aí está o regulamento do nosso muito reverendíssimo bispo D. Frei Manoel da Cruz, que lhes tirará as dúvidas: quê fez o conde das Galvêas com sua junta de ministros? Quê valeram, há seis anos, as lamentações do governador e capitão general Gomes Freire? É forte a teima deste senhores, intrometerem-se com coisas da santa igreja!

Um instante depois o sino chamava os devotos indagadores da vida alheia, que não vieram, e Anselmo revestido subia ao altar; acabado o sacrifício santo, e enquanto se desrevestia o padre, Ricardo o sineiro atormentava-se por não encontrar ocasião propícia para fazer uma pergunta: porém, vendo que depressa ficaria só, porque Anselmo acabava de cobrir-se com a samarra, antes quis arriscar-se a ser taxado de curioso, e talvez reprendido, do que ficar com a incerteza no coração.

- E então, senhor padre, quando os officios?

Anselmo olhou-o admirado; mas, compreendendo que só o vil interesse motivava semelhante pergunta, e não cuidado pela alma que se havia ido deste mundo, encolheu os ombros, e disse com a maior indiferença:

- Não o sei; porque o não vais perguntar à feiticeira? Dela o poderás saber.

E deixou o pobre diabo, não só desesperado por ver frustrados os cálculos egoístas que estava fazendo, mas também porque tendo sido adivinhados cuspiam-lhos na face de envolta com as novidades que tão officiosamente trouxera. Anselmo transpôs com incrível rapidez o espaço que mediava entre a igreja e o topo da ladeira; e ao passar pela porta da cabana seus olhos se arrasaram de água:

- Desgraçada! O senhor seja misericordioso contigo, disse.

E dispunha-se a descer a ladeira com a mesma pressa, quando uma voz trêmula por velhice e cansaço, veio suspender-lhe os passos.

- Ápage! Que já desesperava de encontrar vossa reverendíssima; fui à casa de...

- Porém, o que me queres tu, Angélica?

- Ai, bem pouco; só, que me digais o que havemos de fazer daqueles dois moços, porque, graças a bondade de vosso coração, não há em casa senão o que parcamente basta para o jantar de dois, e todavia seremos quatro.

- O Senhor vigia sobre nós, e não desampara aqueles que confiam em sua bondade infinita.

- Já eu assim disse a vossos hóspedes quanto ao almoço; queira o céu que eles se contentem com outro tanto para jantar, e então tudo fica bem remediado.

- Angelica, mais carecem eles de repasto para a alma, do que para o corpo.

- Não entendo bem isso.

- Porém entenderás o que te vou dizer; vai de minha parte chamar a amortlhadeira, e toma esta chave para a conduzires àquela...

- Virgem santíssima do Rosário! disse a velha largando no chão a chave, como se estivera em brasa; eu, senhor, entrar ali, em casa da feiticeira?!

- Tu não sabes o que dizes; que perigo há de entrar nessa casa? Tens medo de uma pobre mulher morta?

- Mas, senhor padre...

- Vai; e volta depressa.

Ambos desceram a ladeira silenciosos; um, com a cabeça perturbada por tantos acidentes, cada qual mais triste e terrível; a outra, fazendo-se ver, ora os demônios ajudando a amortlhadeira em seu mister; logo, o cadáver levantando-se para afogá-las a ambas; depois, uma legião de espíritos infernais, que, fazendo esgares e cabriolas, levavam o corpo, que a alma já de há muito lha tinha aposentado no inferno a fértil imaginação de Angelica, fértil como tantas dos passados e chorados séculos. Quando chegavam ao fim da ladeira, Anselmo voltando-se para a velha, disse-lhe:

- O melhor hábito franciscano, que for possível fazer-se, um caixão simples, porém novo, e quatro tocheiros, ouves?

- Eis aí em quê se lhe vão as oitavas, disse a velha entre dentes meneando a cabeça em sinal de desaprovação, e esquecendo as terríveis visões e estranhas sandices, que a tinham acompanhado na descida; fora pronta a reação, mas fácil de explicar-se.

Algumas horas depois, Angelica entrava em casa de Anselmo, e este saindo-lhe ao encontro:

- Então?

- Tudo se fez como vossa reverendíssima ordenou.

- Agora vai pôr-nos o jantar na mesa.

Angelica arregalou uns olhos, que diziam mil coisas enérgicas; e Anselmo com afável semblante repetiu-lhe as mesmas palavras:

- O Senhor vigia sobre nós, e não desampara aqueles que confiam em sua bondade infinita.

Nessa mesma tarde foi enterrado sem pompa, mas com decência, o corpo da desgraçada Clara Julia de Viterbo; e Anselmo, que assistira ao ato, voltando à noite para casa, encontrou os dois mancebos mergulhados em profunda tristeza.

- Meus filhos, lhes disse ele, não será uma imprudência, crueldade mesmo, acabar de rasgar as feridas de vosso coração relatando-vos as desgraças de vossa família?

- Não, oh! Não! disse Pedro; conta-nos tudo o que sabes, bom homem: para que esperar que elas cicatrizem, se tem de verter novamente sangue? A incerteza é um grande tormento; troquemo-la pela verdade, mesmo que mais terrível seja!

- Oh ! Sim, sim, terrível! Chegai-vos para aqui, meus filhos, e antes que principie minha narração, jurai-me que vos amareis sempre como... Como irmãos que sois!!

- Nós o juramos! disseram os dois quase a um tempo.

- O Senhor vos ouça e proteja sempre; ouvi-me, filhos.

### CAPÍTULO III

#### *A família dos dois*

Eu e meu irmão Antonio nascemos de um só parto no dia 25 de março de 1699, não longe da vila da P\*\*\*, onde nosso pai possuía uma pequena porção de terra, de que pobre, mas honradamente se mantinha, e à sua família, que ao Senhor aprouve fosse numerosa; nossos primeiros anos gastamos-lo em ajudar nos rudes trabalhos do agricultor um pai, que nos amava em extremo, e em aliviar com nossas carícias os sofrimentos contínuos de uma mãe, a quem havíamos custado largos anos de dores. O acaso, ou mais a necessidade, fez que eu e meu pai, não podendo vender nos arraiais acerca da vila alguns dos produtos de nossa terra, os levássemos a Vila-Rica, onde nos haviam dito acharíamos para eles facilmente compradores; aí os vendemos com efeito muito além de nossas esperanças e desejos: e de volta para casa, tendo calculado as despesas da viagem, assentamos de comum acordo, que de três em três meses um de nós, ora meu pai, ora eu e meu irmão levaria à Vila-Rica não só o que nos sobrava para vender, mas ainda cargas de outros, que pelos preços da terra no-las entregavam. Foi numa destas viagens que eu fiz conhecimento com o virtuoso e mui sabedor Padre-Mestre J. de S. E., que achando em mim disposições para o estado eclesiástico, ofereceu-se a meu pai para me educar gratuitamente, ao que ele anuiu com dificuldade, porque meu irmão Antonio tendo aprendido o ofício de pedreiro, trabalhava distante, e eu era o seu braço direito; porém qual é o pai que trabalha para si? A fortuna parecia sorrir-se para mim: vai meu filho, disse ele um dia, vai! Tua mãe já não vive, teus irmãos são pequenos, é verdade, mas também tu o eras quando começaste a ajudar-me, eles me ajudarão; vai, e que o Senhor faça de ti tão bom sacerdote, como tens sido bom filho? Partí; e não vos contarei de meus estudos e viagens ao Rio, onde fui tomar ordens, porque nesse tempo não estava ainda ereto o Bispado de Minas Gerais, que, como vós sabeis, de pouco acaba de sê-lo; só vos direi que tendo recebido as de missa, corri a abraçar o meu velho pai, que parece só esperava por mim para deixar a terra e ir juntar-se no céu com aquela que seus olhos não cansaram de chorar: expirou em nossos braços, que meu irmão Antonio voltara para junto dele poucos anos depois de minha partida; expirou com esse sossego que dá uma consciência limpa, oitenta e seis anos de boas obras e trabalho, e satisfeito de ver todos seus filhos criados e no caminho da honra. Alguns anos passei junto de meus irmãos que todos se haviam casado; depois vim fixar minha assistência aqui, onde estou há vinte e dois anos. Pobre sempre, tenho visto com horrores os desmanchos de tantas consciências estragadas e surdas, que sem pejo, ou temor, fazem servir ao demônio da cobiça as mais santas intenções: tenho visto enriquecer todos aqueles que como eu trouxeram para aqui por toda sua fortuna o Breviário e uma velha samarra;

tenho-os visto extorquir o sangue dos pobres, sem se lhes dar por sua almas, a quem não valeram no último dia montes de ouro e punhados de diamantes!? E Deus me é testemunha de que muitas vezes forçado a receber exorbitantes quantias por aquilo que de graça mui bem poderia ter feito, o sono me fugia dos olhos largas horas da noite, cogitando os meios por que tornaria aos pobres o suor do seu rosto, sem que aqueles a quem faziam mal minhas tenções o percebessem; e sempre os achava: ora a viúva que morria de fome; logo, a órfã que não achava casamento por causa de um dote; depois, o obreiro enfermo, ou impossibilitado de trabalhar por lesão; sempre, sempre o Senhor me deparava com quem eu reparasse as injustiças de muitos; e quisera eu ter tantos pecados menos como de vezes o ouro molhado pelas lágrimas de sangue do oprimido tornou a ir de minha mão enxugá-las na daquele que as vertera! Numa dessas ocasiões de insônia, é verdade, mas que sempre valiam um pouco mais, do que o sono terrível do criminoso, numa dessas noites apareceu-me aquela igreja lá do alto esburacada e suja, vergonha daqueles que tantas oitavas pediam aos fregueses por direitos paroquiais, benesses e pés de altar; e disse entre mim: esse dinheiro que aí está é dos pobres; não servirá para desculpa se comigo o gasto a falta de caridade cristã e a cobiça de alguns, que fizeram com que mo dessem; pois bem, chamemos os obreiros pobres para consertar essa pequena igreja, e dobrando-lhes o salário faremos uma restituição.

- É sempre com que vossa reverendíssima desculpa os desperdícios, resmungou a velha criada; sempre restituições, sempre! Nem que tivesse recebido em má parte quanto ouro saiu das minas o ano passado.

- Oxalá que o tivera recebido!

- Havia de gastá-lo com os de fora em um mês, e depois passar muitas semanas à mingua; primeiro nós e depois vós, diz todo o mundo.

Era a tal velha, como Vms. não quererão talvez que eu diga, uma das sementes que deviam produzir este século do *eu*, em que vivemos; moral depravada, que dava bem que fazer ao bom padre Anselmo, quando seu coração bondoso punha na mão dos pobres o que ela mais desejara ver ao canto da arca em sujo saquitel, ou cano de esfarrapada meia. O padre olhara os dois mancebos como para lhes perguntar se partilhavam a opinião de Angélica; porém o rosto de Pedro expressa a ansiedade, com que ele espera, deseja e teme o fim da narração; o de Julião, o aborrecimento da criança, que vê interrompida a história que o distrai: satisfeito de sua muda interrogação, o padre continuou nestes termos:

- Resolvido por mim o conserto, e comprados os materiais, chamei os obreiros mais pobres, que haviam chegado à minha notícia, em cujo número entrou meu irmão Antonio de Viterbo...

- De Viterbo! exclamou Pedro; que dizeis, senhor?

- Antonio de Viterbo, meu irmão e teu pai.

- E onde está ele?

- Acolá! disse Anselmo apontando para o céu; e vendo o mancebo esmorecido deixar cair sobre o peito sua bela cabeça, acrescentou;

- Mas vede como é de suma bondade aquele que tudo rege! No mesmo dia, em que arranca tua mãe aos sofrimentos deste mundo, nesse mesmo...

- Me dá em vós um segundo pai! disse Pedro lançando-se-lhe nos braços.

- Sim, um segundo pai! Eu o serei por dever meu, e porque é vontade do Senhor, pois guiou meus passos; louvemo-lo em suas determinações sempre justas, ainda que muitas vezes à nossa ignorância pareçam o contrário.

E continuou assim:

- Reunidos os materiais e obreiros, demos começo ao conserto da igrejinha, sob a direção de teu pai, que era entendido em seu ofício; progredia a obra sem acidente, e muito a gosto de oficiais e mestres, que eu visitava todas as tardes, não para que minha presença ativasse a obra, mas para regozijar-me com os progressos, que ela fazia, rever-me nessas paredes alvas, e, deixai que o diga, para ouvir esses homens em sua linguagem, filha do coração, chamar-me seu benfeitor; era uma fraqueza, mas quem é esse tão forte que nunca teve um desvio que exprobrar-se? Ia, pois, ouvir esses pobres e animá-los, e à noite acompanhava-me teu pai até aqui, onde ele morou todo o tempo que viveu em Mariana; depois da ceia gastávamos algumas horas em falar de nossa obra, de alguns moços que se distinguiam no trabalho, de tua mãe, e de ti mesmo, que eras bem pequenino e o seu único pensamento. Uma tarde fui encontrá-lo pensativo diante de uma pequena cruz de pedra, obra prima de seu engenho, a qual faltavam inda alguns toques.

- Irmão meu, lhe disse, estás admirando os primores de tua obra?

- Provera a Deus que assim fora! me disse ele levantando a cabeça, e deixando-me ver o rosto pálido e desfigurado; oh! Que se eu pensara nessas talhas não teria o inferno aqui dentro! Lede, irmão, lede essa carta.

E pôs em minha mão um papel machucado, no qual apenas se podiam ler estas palavras: no caminho do Rio te digo eu que vai ela; apressa-te, e por minha alma que apanharemos um e outra.....

- Que uma bala os apanhe! Eu, correr após uma mulher infame que me foge?! Não serei tão insensato.

E logo lançando-se ao papel que eu tinha nas mãos, correu-o pelos olhos, e leu nele coisas que eu não tinha enxergado; depois rasgando-o em mil partes:

- Levaram-no! exclamou o desgraçado! Levaram-no, mas ao fim do mundo os seguirei eu! Mesmo no inferno que se escondam saberei descobri-los, e arrebatá-los meu filho!! Ó, meu pobre filho, que esses miseráveis levam...

E caiu no chão sem movimento: todos se acercaram, e aproveitando-me do seu desmaio, fiz conduzi-lo à casa, onde permaneceu muitos dias em um estado digno de lástima. Mal cobrou a razão não houve forças humanas, que pudessem desvia-lo da estrada do Rio, onde se meteu inda doente, a pé, e sem esperar ao menos que Angélica lhe aprontasse uma pequena mala com roupa. Foi, e antes de chegar à cidade já uma carta minha havia posto em atividade amigos que preveniam as autoridades, e olhavam a estrada de Minas; e de tal sorte se houveram, que por duas vezes os fugitivos lhes estiveram nas mãos: perseguidos por Antonio, e por meus amigos, Clara Julia e seu roubador voltaram sobre os mesmos passos, e desapareceram na vastidão da Província, onde por alguns meses foram baldados os esforços da Polícia para descobri-los; e teu pai com o desespero no coração voltou a Mariana. Passaram muitas semanas, que eu gastei sem proveito em consolá-lo; trabalhava ele, porém as cantilenas que dantes acompanhavam o bater compassado da maceta no cinzel, essas nunca mais se ouviram, nem sequer uma palavra, pela qual eu pudesse apreciar o estado dessa alma despedaçada, se o não conhecesse eu no sumir de suas faces, encovar dos olhos, finar-se! Ai, foi a primeira vez que conheci bem o que era a desgraça, pois que tão perto de mim ela fazia descair lentamente na sepultura meu pobre irmão!! Já tinha perdido a esperança de ver outra vez a alegria sobre seu rosto, e com ela a saúde e a vida, quando uma tarde entrou por essa porta um rapaz, que eu conhecesse em Vila-Rica, escravo de meu protetor e mestre; trazia-me uma carta de Clara Julia, na qual li o arrependimento de uma desgraçada e criminosa esposa, que teme a presença de seu marido justamente indignado, e aborrece a do miserável, que a havia feito despenhar no

abismo: fiz partir logo o mesmo rapaz com direção ao arraial de Santa Luzia, que de lá me vinha a carta de tua mãe, e após ele parti eu na esperança de encontrá-la inda e conduzi-la a Mariana, que esperava eu fazer dela, com ajuda do Senhor, uma boa mãe e uma boa esposa, porque o criminoso que confessa o delito humildemente vai adiantado no arrependimento. Parti, deixando Angélica instruída do motivo que me levava fora da cidade; e por muita pressa que me desse na viagem, quando cheguei a Santa Luzia já aí encontrei teu pai, que tendo sabido por Angélica o motivo de minha viagem, caminhará noite e dia.

- Para o que tu vinhas, irmão, ambos chegamos tarde, me disse ele com uma tranqüilidade horrorosa; porém eu não perderei os meus passos.

- E não sabes para onde ela se foi?

- Perguntá-lo a quem? A ele! Sim, sim; esta noite o farei, e por minha alma que de sua boca ninguém saberá uma só palavra desta nossa conversação!

E tirando de uma bainha de prata larga e pontiaguda faca, ria como um louco, mas um riso que me fazia gelar de susto; tive medo de seu aspecto feroz e ameaçador! Parecia-me vê-lo já com as mãos tintas em sangue, preso como assassino. E... Oh! Meu Deus! Foi um dia terrível: roguei-o de joelhos por amor de seu filho, pela alma de nosso pai, de nossa mãe, que nos viam do céu... Ah! Surdo e implacável repeliu-me, e continuou na tenção feia que se havia proposto! Só me restava um meio, e era proteger esse miserável para salvar meu irmão de cometer um crime; empreguei-o, e nunca se verificou tão horrendamente como logo verás, esse rifão na verdade ímpio, e é que – quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. – Nada tínhamos que fazer em Santa Luzia, porque de tua mãe não ficara rasto, e de seu sedutor o apaguei eu de tal sorte, que teu pai cansado de buscá-lo inutilmente, consentiu em partir comigo para Mariana: chegado aí, entregou-se com uma sorte de furor aos trabalhos, que muitas e repetidas vezes era mister arrancá-lo à viva força de sobre a pedra. Primores de arte saíram de suas mãos, magníficas obras que o tempo não saberá dizer foram começadas ao som de pungentes gemidos, e que as rendilhou seu cinzel amolecidas com lágrimas!

- É o que ficará de mim sobre a terra, dizia ele, varrendo tristemente as lascas de pedra, que escondiam as flores de um vaso, os lavrados da pirâmide, ou as asas de um querubim; meu filho nem saberá o nome de seu pai, que esses malvados terão o cuidado de ocultar-lho, e nada mais tenho que ateste minha existência aos futuros neste vale de misérias e dores.

Desde aquele fatal e triste dia, em que teu pai recebera a desastrosa carta, ficara-lá para um canto imperfeita e coberta de terra a pequena cruz, que nessa época seu cinzel tirava de um pedaço de bruta pedra; mão invisível lha descobriu, e olhos de quem por aí passava ficavam presos dessas sutis rendilhas; porém mudos não ousavam sequer pedir que fosse tirada essa maravilha do lugar onde estava exposta às injúrias do tempo e do acaso; um dia teu pai a enxergou também, e quando eu esperava um acesso de furor, com voz triste:

- É preciso acabá-la, me disse; servirá para minha sepultura, se tu o consentes, irmão meu.

Havia tanta melancolia, tanta dor, tanta resignação nestas poucas palavras, que minha voz presa na garganta não pode responder-lhe; havia mais o pressentimento, esse grito do coração, que muitas vezes não cremos, e que raras mente. Foi continuada a obra da primorosa cruz com o mesmo afinco e fervor que as demais, que suas mãos haviam feito; e já contávamos o dia em que seria acabada, quando na tarde de uma sexta-feira, entre as seis e sete horas, um tiro de pistola chamou lá para a banda da encosta oficiais e serventes, que

recolhiam as ferramentas, e que viram pela estrada de cima ir-se um cavaleiro a largo trote caminho da Passagem: todos se admiraram de o não ter visto passar junto da igreja, porque, se viera pela ladeira, não havia outro caminho trilhado que senão este, e se vinha lá das partes de Vila-Rica, porque tornava sobre os mesmos passos? Correram ao lugar onde teu pai trabalhava retirado, e acharam-no quase de joelhos, com a cabeça encostada a um dos braços da cruz, morto... Pobre irmão!

- E quem foi ele!? disse Pedro levando a mão ao cano da bota, e levantando-se; quem foi esse, que matou meu pai?!!

- De que te servira conhecê-lo, e saber o seu nome? O Senhor se encarregará de castigar o criminoso.

- Oh! Não, não! Por essa cruz, que o sangue de meu pai tingiu, juro que o assassino vil e covarde morrerá má morte às minhas mãos!!

- Tu, matares meu pai! disse Julião levantando-se também, e travando com força do braço de seu irmão; não te lembras que tem ele um filho, que atravessará seu corpo diante de tua faca, e o saberá defender contra o mundo inteiro!?

Era o que Anselmo havia previsto antes de começar a narração; o ódio dos dois irmãos devia nascer no mesmo instante, em que Pedro soubesse quem tinha sido o assassino de seu pai; ódio que talvez as admoestações do bom velho não poderiam arrancar do coração do implacável Viterbo: por isso calara ele um nome odioso mesmo a seus ouvidos, e calara inda certas circunstâncias, que poderiam revelá-lo. Os olhos de Pedro de Viterbo perderam todavia a expressão feroz que as últimas palavras do tio e do irmão haviam produzido; sua testa desenrugou-se; dir-se-ia que algum espírito bem-aventurado se lembrara dele chamando-o à razão: mas, ah! Como se enganara quem assim pensasse! Essa revolução súbita era o resultado de um mau pensamento; o assassino de Antonio de Virtebo tinha sido o roubador de sua mulher, e era o pai de Julião; mas, quem era ele? Como se chamava, e onde vivia? Uma pergunta abriria os olhos do imprudente mancebo, que com seu arrebatamento denunciara metade do segredo; sua ameaça fecharia sem remissão a boca do tio; era preciso fingir que se resignava, e esperar do tempo, ou do acaso, um nome, uma indicação, que o levasse defronte desse homem, que sem piedade lhe roubara mãe e pai. Foi portanto com voz branda e hipócrita, que ele se dirigiu ao bom padre Anselmo:

- E a cruz, essa última obra saída das mãos de meu desgraçado pai?

- Na parede da igreja do lado do Evangelho, e rente de sua sepultura a acharás, meu filho.

- E não poderá haver modo com que essa cruz me pertença? Eu a quero, será minha herança querida!!

E ele falava do fundo do coração agora; suas lágrimas não eram mentirosas.

- Pois bem, tu a terás, disse Anselmo; porém lembra-te que pondo-a em tuas mãos me jurarás sobre ela de renunciar e esquecer o primeiro juramento que por ela fizeste, juramento que o Senhor não pode ter recebido!

O mancebo tremeu; sua mão direita foi lentamente até sobre o coração, que disse lá dentro: - Não, eu não posso fazer o que me pedes! - Depois deixou-se cair numa cadeira com as mãos diante dos olhos, como para que não se pudesse ler neles o que o coração dissera. Anselmo e Julião, enganados pela aparente tranqüilidade de Pedro, e temerosos de que a menor palavra que aventurassem despertaria o vulcão dormente, permaneciam silenciosos, e contragosto da feminil curiosidade de Angélica, que estranha e simples

ouvinte desejava saber o resto da história, se resto havia; ou senão que lhe fossem explicadas certas circunstâncias, que haviam ficado algum tanto em escuro.

- Mas como foi que vieram estes moços a Mariana, disse ela, em procura de sua mãe, se eles a não conheciam, se não sabiam até de sua existência neste mundo?

- A pergunta é natural, disse Pedro de Viterbo com ansiedade; porém creio que não haverá quem possa responder-vos, boa mulher, porque eu não o sei.

E olhou de revés para o irmão, como para fazer com que ele falasse.

- Poderei eu fazê-lo, disse o inexperto mancebo apanhado miseravelmente no laço, que a curiosidade da velha e a astúcia de Pedro lhe armara.

- Pois contai-nos isso: vossa reverendíssima não quererá sabe-lo? continuou Angélica, vendo o padre abanar com a cabeça olhando a furto para seu sobrinho Pedro.

- A noite vai adiantada, e estes moços precisam de descanso, Angélica; vai mostrar-lhes seus quartos.

Julião e Pedro levantaram-se, e um e outro apertando a mão de Anselmo, seguiram a velha, que sustendo à custo um magno candeeiro de latão, do qual por correntes pendiam baldes, tesouras, apagadores, e inúmeras outras peças de ignorado uso, abriu caminho dando tremendos pontapés num pobre gato, que a seu modo a afagava roçando-se por o timão de baeta cor de rosa, debruado de tafetá azul ferrete, ordinário traje das mulheres do país por tempos de frio.

Alguns dias depois, tendo saído Pedro e Anselmo, a velha aproveitou a ausência dos dois para se informar plenamente de tudo quanto a prudência do bom velho ocultára com a súbita despedida dos dois mancebos.

- Meu Deus, deve ser bem triste não ter conhecido sua mãe! Pois não fostes vós criado a seus peitos, senhor Julião?

- Senhora sim.

- Mas como a não conhecestes?

- Eu era bem pequeno quando ela me enviou para meu pai.

- Ah! Ela vos enviou para vosso pai! Ora dizei-me, se vos apraz, como foi isso.

- Tinha eu apenas um ano, quando minha mãe deixando arrebatadamente o arraial de Santa Luzia, me enviou para a fazenda de S. C., onde meu pai se havia refugiado desde que perseguidos por Antonio de Viterbo junto do Rio de Janeiro tornaram a entrar na Província; logo que meu pai foi ciente de tão estranha e furtiva partida, correu ao arraial, onde, em lugar daquela que procurava, encontrou seu inimigo, em cujas mãos teria deixado a vida, se não fora vosso amo, que ele não conhecia como irmão de Antonio de Viterbo. Deixando apressurado Santa Luzia, não tivera tempo de informar-se do caminho, que minha mãe tomara; porém sabendo que ela nascera em C. A, para aí se dirigiu, depois de me haver tomado em caminho: poucos dias havia que com efeito ela aí passara, mas só tinha falhado o tempo preciso para recomendar à clemência de uma velha tia seu filho Pedro, de idade de três anos, em cuja companhia fiquei eu, pagando meu pai largamente as despesas que pudessem ser feitas com a minha criação. Muitos meses vagou meu pai, sem que o mais leve indício o esperançasse; até que enfim uma Dona, que ele conhecera na Vila da P\*\*\* lhe afiançou que no último dia de sua partida encontrara minha mãe em Vila Rica, e ela ia apenas cinco jornadas de tropa desviado; mau e cansado era o cavalo, que meu pai montava, já vinha descendo a noite quando recebeu tal notícia, mas no outro dia ao sol posto descia o Itacolomi, e meia hora depois procurava toda a Vila, sem que a mais estreita viela escapasse à sua indagação. Três dias e três noites gastou meu pai sem proveito, e na manhã do quarto desesperado, e sem atentar no que fazia, largou o cavalo caminho de

MariAna; chegando à Passagem, receoso de ser conhecido logo, entrando na cidade pelo alto de S. Pedro, e sabendo que Antonio de Viterbo trabalhava na igreja do morro, tomou o caminho de cima, e pelas 11 horas do dia, deixando no mato seu cavalo travado, aproximou-se das obras sem ter sido sentido por nenhum dos trabalhadores: passar em frente da igreja era expor-se a perder o fruto de sua temeridade, por isso deixou ele o caminho trilhado à direita, e abriu picada pela encosta até o rio, e tornando a subir lá bem longe, ganhou o meio da ladeira, e entrou em Mariana: foram inúteis suas passadas, que minha mãe não estava aí. Ao descair do sol, voltando pelo mesmo caminho para onde havia deixado seu cavalo, viu meu pai um dos obreiros, que distante da igreja trabalhava debaixo de um coberto; aproximou-se dele com tenção de perguntar-lhe por Antonio de Viterbo, e saber, conversa travada, se a mulher vivia em sua companhia: qual não seria sua estupefação reconhecendo no obreiro o mesmo Antonio de Viterbo, por quem foi também reconhecido?! Seus dias estavam à mercê de seu inimigo, que avançando para ele...

- Aleive, mentira, filho do assassino! disse Pedro abrindo estrepitosamente a porta; tu queres desculpar o covarde e infame, não? Pois bem, dize-me como se explicará esse tiro, que fere o provocador pelas costas e à queima-roupa? Como é que vinte pessoas, por mim interrogadas, mentem afirmando que meu pai foi encontrado morto junto de sua obra, sem que se visse rasto de sangue, que mostrasse ter ele sido ferido sequer a quatro passos de distância?! Julião de Vilasboas, que agora te sei eu o sobrenome, Julião, teu pai é um cão refece, que abusou vilmente da confiança de um amigo! Teu pai é um infame traidor, que para levar a cabo seus malvados intentos não teve pejo de pôr nas orelhas do mundo um segredo, que a inocência de uma criança lhe revelara!! Enfim, teu pai é um covarde assassino, que rojando pelas ervas esperou oito horas o instante de fazer fogo sobre um homem descuidado e sem armas!!!... Oh! Vileza por vileza, traição por traição, assassínio por assassínio lhe pagarei eu! Jurei-o por esta cruz, que não sairá diante de meus olhos.

No limiar da porta, pálido e com as mãos violentamente apertadas contra o peito, Anselmo aguardava o instante em que sua voz pudesse dominar a de Pedro, e vendo-o pousar a cruz sobre uma mesa, e prestes a recomeçar:

- Pedro! lhe disse ele com essa inflexão que o ponto de exclamação mal exprime, nesse tom que só pode tomar voz de pai, ou de juiz; e o mancebo, que um segundo antes arrostaria com o mais sanhudo tigre, que não saberia empalidecer na presença do maior perigo, fechou os olhos para não enxergar o carregado, mas venerando rosto do ancião.

- Que foi que me prometeste, Pedro? continuou Anselmo depois de larga pausa.

- Tudo quanto tenho cumprido, tudo quanto hei de cumprir, porque minha boca não mentirá, tio meu!

- Não, Pedro; tua calma era fingida, e eis a primeira falta; tu sonhas vingança e alimentas ódio...

- Contra ele? interrompeu vivamente o mancebo, apontando seu irmão; não, oh! Não! Prometi-vos amá-lo sempre, assim farei; minha desesperação despejou contra ele palavras injuriosas, que me arrependo de haver dito; porém, Deus me defenda! Se alguém se atravessar diante do assassino de meu pai...

- Que horrível pensamento!

- Tio meu, o Senhor não há de permitir que eu molhe minhas mãos de sangue de um irmão.

Anselmo ajoelhou-se e rezou: não era voz, nem poder de homem quem poderia chamar à razão esse pobre moço, que em sua cega ignorância se arbitrava em juiz e executor de sua mesma vingança, e que humilhando-se um instante antes em presença do

tio por haver injuriado o irmão, deixava agora sem tremer de horror passar em sua mente as mais terríveis e sanguinárias idéias a respeito dele mesmo: quanto é digna de compaixão a desgraçada, orgulhosa e ignorante mocidade!

No outro dia de madrugada partiram os dois mancebos de Mariana; ambos dormindo no mesmo rancho, comendo à mesma mesa, percorrendo alapar a mesma estrada; porém seus olhos não se encontraram mais, até que no rancho de C.\*\*\*, retomando a tropa Julião adiantou duas jornadas por separar-se de Pedro de Viterbo, que conhecendo-lhe a intenção falhou também dois dias, metendo-se destarte um intervalo de dez léguas, ou pouco mais, entre um e outro. Julião de Vilasboas, tirando quanto lhe foi possível, chegou em breves dias ao Porto da Estrela, onde vendeu as cargas que levava, e sem ir à Cidade, carregando a tropa de sal voltou à Província: Pedro, tendo vendido os dois lotes que trazia encostados à tropa de seu irmão, desapareceu aos olhos de todos; e três, ou quatro anos depois, Anselmo e Angélica choravam sobre seu cadáver, horrorosamente mutilado por um Paulista em uma pendência por causa de amores, cerca de duas léguas e meia além de Mariana.

#### CAPITULO IV

Hão de permitir-me Vms. que eu transponha um espaço de 18 anos, em que nada ocorreu de notável mais do que o casamento de Julião, e a sentida morte do reverendo padre Anselmo de Viterbo; e que, sem ter feito previamente conhecidas as novas personagens, que vão entrar nesta minha mui verídica história, comece este quarto capítulo um pouco à moderna, ex-abrupto.

A algumas léguas de Barbacena havia noutro tempo, e talvez que inda hoje, uma rica fazenda, que em extensão de terras e quantidade de escravos não tinha segunda em toda a vastíssima Província de Minas; pertencia a um velho avarento, que morrendo à fome no meio da abundância, deixara-a, não se sabe com que fundamentos, a um certo João de Vilasboas, que Vms., com sua impaciência e pretensões de adivinhos, quererão fazer pai de Julião, sendo que o não era, e apenas um parente mui alongado, e tão alongado estava dele na época, em que vamos, que se metia a eternidade entre um e outro: havia nesta fazenda uma soberba casa, construída com mau gosto, é verdade, porém solidamente, não só pelas preciosas madeiras que haviam empregado, como por serem suas paredes de cal e pedra, coisa muito rara naqueles tempos. Na tarde de um dos dias de Agosto de ano de 1767, em uma das mais espaçosas, bem que sombrias salas desta casa, estavam reunidas quatro pessoas todas ocupadas, e desta sorte: junto de uma janela, que dava sobre formoso e extenso pomar, uma linda menina de até quatorze anos bordava no canto de alvo e finíssimo lenço um ramalhete de flores; lendo perto dela, uma senhora, que apesar da extrema palidez que lhe cobria o rosto, e de algumas rugas, talvez prematuras, bem mostrava ter sido bela; finalmente, à roda de uma mesa de pau preto, cujos pés torneados á guisa de parafuso de Arquimedes indicavam um século pelo menos de idade, dois homens profundamente recolhidos, e que só davam sinais de vida quando de espaço a espaço uma folha de papel rugindo sob seus dedos descaía da direita para a esquerda, acompanhando-a igual movimento de cabeça; folha de papel amarelada, coberta de garatujas, que naqueles tempos se chamavam letras, e que dão hoje que suar aos paleógrafos: se as fisionomias dos dois fossem um pouco mais recomendáveis, qualquer os teria tomado por apreciadores de

antigualhas, julgando que os tais pergaminhos seriam valiosos palimpsestos, e que de tão aturada atenção resultaria um trecho inédito do eloqüente Cícero; mas, qual? Bem sabiam eles que a Niobe das nações se distendera por sobre os sete montes a um brado do pupilo de Faustulo e daqueles que o precederam! E se alguém lhes tivera falado no bisavô materno do fundador de Roma, julgando eles que havia troca do - r -, lançariam o pescoço pela janela para observar o terreiro, onde grunhiam suas esperanças. Ora bem, eis aí os lugares, e as pessoas; agora é tempo que eu comece, porque o que vai dito não é mais do que uma indicação, e indicação que destruiu minha advertência, pois que não faltará por aí quem diga, e sem me fazer injustiça, que exórdio, e o que vai acima escrito, são uma e mesma cousa, e que por tanto o exabrupto ficou no tinteiro; remendemos pelo diálogo.

- Nada! A força arreda-se com a força; para que chicanas de justiça, perda de tempo e de dinheiro? A força arreda-se com a força, tenho dito!!

E as duas senhoras voltaram-se espontaneamente, deixando cair uma o livro, outra o bordado; o mais moço dos dois homens saltou na cadeira como se lhe tivessem aplicado agudo beliscão, e cravou espantados olhos naquele que acabava de falar: depois todos três olharam com angústia para os papéis espalhados no chão pela mão raivosa do velho, e seguindo-o com a vista até a porta por onde se fora, olharam-se entre si dizendo com lastimosa voz um após outro;

- Não há mais esperança!

Profundo silêncio sucedeu à cena que acabo de descrever; e que mais resta ao homem sem esperança senão o mudo sofrimento? O homem que ficara, levantou-se, juntou os papéis, e depois de ter olhado com tristeza para as duas senhoras, deixou também a sala.

- Minha pobre Camila! disse enfim a mais velha das duas, abrindo os braços, onde se precipitou a outra, é preciso esquecê-lo, que o rancor de teu avô, tanto tempo encoberto, rebentou, e não haverá contê-lo.

- Pois não hei de casar com *ele*, minha querida mãe?

- E que havemos de fazer, se teu avô não quiser?

- Mas, papá...

- Oh! Primeiro é ele filho, e tem que obedecer; que feia lição te daria, se esquecesse que o era?! Aprende com ele a respeitar como decretos naturais as vontades de um pai, mas descansa no amor de tua mãe: eu farei tudo por conciliar teu avô com o pai de Eduardo; porém se surdo às minhas súplicas não quiser um ou outro ceder esses palmos de terra, que nada valem, fazendo assim nossa desgraça, é preciso esquecerdes Eduardo, não o ver mais, e resignar-te.

- Ó, minha mãe, como não o ver mais!?

- Fugindo-lhe, minha pobre Camila, fugindo-lhe! Iremos para o Rio, onde eu mais quero que tu estejas; queres tu ir? Esta solidão faz mal à tua alma sensível.

A moça escondeu o rosto inundado de lágrimas no seio de sua mãe, que grande força havia mister para poder conter as suas; e assim abraçadas estiveram largo tempo, até que veio transitória calma. Em uma das ruas do pomar ia neste tempo calorosa contestação entre os dois que haviam abandonado a sala.

- Por minha alma! Não se dirá que veio um fidalgo lá da cidade pôr o freio no velho Vilasboas! Vai, se duvidas do que te digo, vai enxergar com teus próprios olhos como os marcos avançam todos os dias por nossas terras, sem que ao menos haja a precaução de tapar os buracos, que eles ocuparam o dia antes; enquanto o filho com suas palavras espiritadas nos entretinha nas compridas noites, o velhaco do pai furtava-me braças de terreno: e eu deixando-me roubar só para condescender com teus escrúpulos?!

- Porém, meu pai, o nosso vizinho só está em sua fazenda há três meses, e por isso...  
 - Que estás aí dizendo! Que tem que esteja há só três meses? Prova isso contra ele, porque se em tão pouco me roubou mais de cento e quarenta braças de terra, quantas se me não irão em um ano?

- Mas, eu só queria dizer que o filho não era...  
 - O filho? É tão bom como o pai; não me enganam esses casacas.  
 - Todavia, talvez façamos bem mal se lhe fecharmos agora nossa porta.  
 - Que queres dizer com isso!? Acaso precisas tu de suas oitavas? Pois olha, eu não preciso; e como é minha porta que fecho, não dou satisfações a ninguém.

- Fazei como vos aprouver; mas como também eu sou pai, e dói-me no fundo do coração os sofrimentos de minha filha, peço-vos que não leveis a mal mandá-la eu para o Rio...

- Para lá a casares com esse donzel, não?  
 - E faria um mau casamento, meu pai?  
 - Ora, Julião, tu és um insensato; pois não te lembra que me pediu sua mão o ano passado meu compadre Francisco?

- Bem me lembro; e lembro-me ainda mais, que ele tinha nessa época quarenta e sete anos, e Camila apenas tem quinze.

- E não te lembras que possuía então setenta mil cruzados, e que deve ter hoje talvez noventa?

- Lembro-me de tudo; porém minha filha não casará com um velho, não quero a sua desgraça.

André de Vilasboas franziu o sobrolho, e depois de meditar:

- Também eu a não quero, disse; mas tem ele um filho, rapaz sacudido, e que fez seus estudos no Rio, com quem a casaremos, ficando assim minha palavra desobrigada em parte.

Julião de Vilasboas, o nosso antigo conhecido, parou, olhando cheio de admiração para seu pai; e na verdade havia motivo para tal, era a primeira vez que o teimoso velho abandonava uma resolução tomada: é porque, vendo ele a impossibilidade de obrar á viva força, tomara o expediente de transigir com o filho; cruel e vingativo, só pensava em que a neta não casasse com o moço Eduardo. Continuaram a conversar em coisas diferentes, e depois Julião tomou o caminho de casa, e entrou na sala. As duas senhoras procuraram ler em seus olhos as novas que lhes trazia; porém, iludindo sua muda interrogação, aproveitou um instante favorável para fazer um sinal a Henriqueta, sua mulher, de segui-lo fora da sala.

- O que disse teu pai, Julião?

- Está furioso, porque os marcos avançam todos os dias por nossas terras.

- Porém a respeito de Camila e de Eduardo?

- Pois querias que eu lhe falasse em semelhante coisa? Levado de meu amor por nossa filha, deixei escapar algumas palavras, que lhe deram a entender, não nossos intentos, mas a inclinação de Camila...

- E que disse ele?

- Que nos aprontássemos para vê-la casar com esse dissoluto Francisco do Vale, filho.

- Meu Deus!

- E que havemos de fazer, minha Henriqueta?

- Sair desta casa, onde há treze anos eu sofro em silêncio os maus tratos de teu pai! Fugir, para não vermos nossa desgraçada filha vítima triste de uma louca vingança!! E ser pobre toda a vida, mas feliz, porque a felicidade não consiste nos montes de ouro que teu pai ajunta: seus sonhos são terríveis, sua vida é passada em horrorosos tormentos; de que servem pois as riquezas?!

- Pois bem, Henriqueta, sairemos! Porém deixa que tente ainda um último esforço; quero ver esse homem, rogar-lhe que desista de tão loucas pretensões, convencê-lo mesmo de que é manifestamente um roubo que ele nos faz.

- Não, meu querido Julião, deixa isso comigo: Eduardo, que há tantos dias não aparece, e que julgamos estar doente, foi hoje visto no caminho da Vila, e talvez logo por aí venha; por ele mandarei um recado a seu pai para nos encontrarmos domingo próximo por ocasião da missa: se eu não tiver bom resultado, irás tu então falar.

- Mas talvez já seja tarde.

- Pois é possível fazer-se em quatro dias um casamento sem...

- Não é disso que falo; é dos marcos, que meu pai resolveu quebrar.

- Entendo: manda selar o meu cavalo, e levá-lo adestro até a cerca de cima, e vem para me conduzires lá.

- Porém, é quase noite, minha Henriqueta.

- Oh! Quando se trata da salvação de minha filha, quando se trata de sua felicidade, é sempre dia para mim! Não tenhas susto, meu querido; quem pode fazer mal a uma pobre mulher? Depois, o Senhor me acompanha, porque é santa minha missão.

Alguns minutos depois, Henriqueta e Julião atravessavam o terreiro, e em menos de uma hora, seguida de um pajem, chegava ela à casa do pai de Eduardo.

- A tais desoras por aqui, senhora?! dizia um mancebo de cerca de dezoito anos, ajudando-a descavalgar; quem vos traz tão açodada?

- O desejo de falar com vosso pai, se é possível, senhor Eduardo.

- Abancai-vos, senhora; eu vou em cata dele, que não deve de estar por mui longe.

- Esperai; se lhe disserdes meu nome, talvez não queira falar.

- Senhora, fazeis-nos tanta honra com vossa visita, que creio isso impossível.

- Pois ide.

O moço inclinou-se, e saiu, voltando logo em companhia de seu pai. Henriqueta, que esperava encontrar um homem grosseiro e brutal, segundo o que tinha ouvido contar dos hábitos meio selvagens de seu vizinho, ficou maravilhada de ver a polidez com que a recebiam; e ficara completamente sossegada, se o crestado rosto do pai de Eduardo, seus olhos fundos, desinquietos e perscrutadores, sua lividez e extrema magreza, e sobretudo a voz, que parecia um dobre por finados, não lhe deixassem inda um resto de prevenção contra esse homem, com quem pela primeira vez falava.

- Senhora, desde muito eu desejo conhecer-vos; pobres e ricos apregoam vossas virtudes, e meu filho, a quem com razões poderosas proibi vossa casa desde que soube que a freqüentava, me têm feito de vós os maiores elogios; porém se o acaso, talvez, vos não trouxera aqui, de certo um de nós morreria sem ter visto o outro: um abismo existe entre nossas famílias, não me interrogueis sobre meu proceder, porque me forçaríeis a desgostar-vos, não podendo responder-vos.

- Vossas palavras assustam-me, sem compreendê-las! Não é o acaso quem me traz por tais horas à vossa casa; porém se vós me proibis de interrogar-vos sobre vosso proceder, nada tenho que dizer-vos, porque ainda que trouxesse tenções de rogar-vos, não as tenho de vos fazer vãos queixumes.

- Eu vos compreendo, senhora; sou talvez mais feliz penetrando vossos desenhos, sem que penetreis os meus: mas, dizei-me, é o receio de verdes diminuir o patrimônio de vossa filha, que vos traz aqui?

- Não, senhor! É o receio de ver rebentar entre vós e meu sogro uma guerra de morte, que separará nossas famílias, quando eu esperava que se reunissem por nossos filhos; é bem estranho que seja eu quem venha, por assim dizer, oferecer-vos a mão de minha filha para vosso filho; todavia, senhor, o que não fará uma mãe para salvar aquilo que mais ama sobre a terra?!

- Tudo, senhora! Mas o que não deve fazer um filho por seu pai?!

- Porém, eu me lisonjeava de pensar que o vosso encontraria em minha filha uma esposa digna de sê-lo por sua fortuna, e sua educação.

- Bastava-lhe só a condição de ser vossa filha, para que em minha ambição de pai não desejasse para Eduardo melhor e mais digna esposa: porém.... Não atendestes em que vos disse havia um abismo entre nossas famílias?!

- Ouvi que o disseste; e creio que esse abismo desapareceria no mesmo instante em que fosse por vós abandonada essa pretensão, permiti que o diga, louca e mesquinha!

- Acreditais pois que é o interesse de algumas braças de terra quem me leva a entrar por vossa propriedade sem respeitar o direito?

- Não posso deixar de crê-lo.

- Fazeis bem, é isso.

- Então permaneceis inflexível? Deixais que seja sacrificada minha inocente filha ao rancor de meu sogro, ou que, para salvá-la, seja preciso que seu pai, eu e ela mesma mendiguemos um pão, ou que obtenha-o o suor de nosso rosto?!

- Não vos entendo, senhora?

- Eu me explico.

E Henriqueta relatou palavra por palavra tudo quanto sabia da conversação, que seu marido tivera com o pai nesse mesmo dia; e quando chegou à proposta de casamento, Eduardo, que não deixava perder uma só palavra de toda a conversação, inda que estivesse à respeitosa distância, levantou-se pálido, e deu um passo adiante da cadeira em que estava sentado; porém, acostumado por seu pai a não se misturar numa conversação, onde não era interrogado, e ainda mais habituado a não falar diante dele sem sua expressa licença, conteve-se, e tornou a cair na cadeira, esperando com ansiedade o termo, e uma palavra de seu pai, que lhe desse a vida e a felicidade, ou os tormentos e a morte; porque o triste moço amava, amava como se ama uma só vez na vida, com toda a força de uma alma virgem.

Henriqueta parou; e Pedro de Viterbo... Meu Deus! Escapou-me... Vá! Sabem pois Vms., por um descuido meu, quem era o pai de Eduardo. Pedro de Viterbo, sem gastar sequer um segundo em meditar no que diria, com voz pesada e solene:

- Porém esse casamento não se fará, disse; tenho em minhas mãos o poder de destruí-lo, e destruir quantos projetos tentar o assaz...

- Oh! O céu vos abençoará!

- O céu abençoar-me! disse Pedro, desvairado; não, não!... Eu ouço todos os dias uma voz queixosa, que não sei se me pede vingança, se me diz que perdoe... Tremo ao descarregar o golpe, e será preciso uma nova injúria, um novo crime, para que meu braço fira! Porém, senhora, Eduardo não pode ser esposo de vossa filha; não sou eu quem o impede, é a sorte: a vós mesma talvez um dia horrorize semelhante pensamento! Não me interrogueis, que não posso responder-vos. Ide, vossa filha não casará com esse homem que lhe destinam, se assim vos apraz.

Henriqueta, aterrada mais pelos gestos, que pelas palavras de Pedro de Viterbo, só entendera bem que sua filha não seria entregue ao miserável, que a cólera de um velho, insensato e cruel, escolhera para instrumento de sua vingança; e levantando-se para sair:

- Senhora, desculpai-me, se vos não acompanho, disse Pedro; meu filho vos servirá de guarda.

É muito natural que Vms. me façam uma observação, e vem a ser que, tendo eu enterrado no fim do capítulo antecedente o filho do pedreiro Antonio de Viterbo, venha ele aparecer agora, não gordo e bem conservado, é verdade: a observação é justa, e direi a Vms. que, se pertencera à escola ultra-romântica, me escapara pela tangente, dizendo com toda a gravidade que era a alma do filho mais velho de Clara Julia; porém, como não tenho a honra de pertencer-lhe, e faço mais as vezes de historiador, que as de romancista, apesar do título desta minha composição, ou mais coordenação de fatos, eis aqui a verdade: o cadáver mutilado, que Anselmo sepultara com piedosas lágrimas, era de um certo condutor de gado, que, segundo conta a tradição, muito se parecia com Pedro de Viterbo; e eu, para não alterar os fatos, não tais quais ocorreram, mas tais quais foram relatados, mais quis deixar Vms. inscientes da verdade do acontecido, do que, antecipando-me, deixar no silêncio este acontecimento um pouco extraordinário.

Henriqueta e Eduardo, é de crer que chegassem sem acidente a suas casas, e, se o houve, bem como se durante a viagem fizeram algumas reflexões acerca da ininteligível linguagem de Pedro, tal coisa não chegou à minha notícia, e por isso não passará também à de Vms. Eduardo, entrando em casa, achou o pai no mesmo lugar em que o havia deixado; sua fisionomia sempre impassível e glacial tinha tomado uma expressão ainda mais horrorosa, que de ordinário, e nem o ruído das passadas de seu filho, nem a costumada saudação da noite o retiraram de seu meditar profundo: de espaço a espaço, palavras soltas e sem nexos saíam dos lábios trêmulos e ressecados:

- Não! disse ele por fim levantando-se; eu não o consentirei hoje, eles o não consentirão talvez amanhã; quem sabe se mesmo esta noite o instante tanto tempo esperado... Vamos!

E saiu, sem ter reparado no filho, que junto dele tremia de pavor; saiu, como era seu costume, só, embrulhado em poncho de escura cor, sob o qual se escondia mortífera arma de fogo, como ninguém ainda tinha visto; era uma pistola de seis canos, que, mediante diabólico artifício, apresentava seis ouvidos diferentes a um só cão, rodando bipartida junto do gatilho.

Alta noite voltou à casa; e Eduardo, que não pudera conciliar o sono, ouviu-o ainda muito tempo passear a largos passos por seu quarto; depois tudo ficou em silêncio. No outro dia de manhã cedo Pedro entrou no quarto de seu filho, que, vestido e calçado como na véspera, adormecera sobre uma cadeira; tinha pendente ao pescoço, porém apertada na mão direita, uma miniatura, que representava uma criança de três para quatro anos, sentada nos joelhos de um homem, cujo rosto era tapado pelos dedos do mancebo.

- Desgraçadas vítimas do rancor de dois insensatos! disse Pedro, afastando-se até à porta; ó terrível juramento que me fazes esquecer o filho para vingar meu pai!! E esse monstro, que só porque julga ferir-me, não duvida sacrificar sua própria neta?! Ah! Que se ele soubera contra quem se dirige sua vingança... Miserável, eu vou destruir teus infames projetos!

E logo, cavalgando soberba mula, deixou a fazenda, seguindo em direção a Barbacena; quase pelo meio dia desmontava à porta de uma casa de humilde aparência,

habitação do usurário Francisco do Vale, digno compadre e particular amigo do velho André de Vilasboas.

- Quem sois vós? disse o dono da casa, cobrindo com as mãos alguns castelos de meias dobras, e espantando da sem-cerimônia de Pedro, que, sem se fazer anunciar, havia entrado.

- Sou um homem, que nunca vistes, e cujo nome conheceis muito bem; chamam-me Pedro Anselmo.

- Ó, senhor! E como vos não conheci antes de me dizerdes vosso nome! A probidade, que transluz em vosso rosto, a bondade de vosso coração expressa em vossas palavras, ah! desculpai-me!

E Pedro de Viterbo sorria despeitoso a cada palavra mentirosa do abjeto adulator, que, não à ele, mas à sua fortuna, fazia tão lisonjeiro acolhimento.

- Vós sabeis que todos os meus negócios são feitos em mui poucas palavras...

- Haja vista ao arranjo que fizemos há sete anos; apenas vos disse em minha carta de... Não me lembro; apenas vos disse quanto me aprazia pela minha boa fazenda da Roqueira, sem regatear, me enviastes em boa moeda seu importe.

- Bem, muito bem; estimo que vos lembre que não gasto cumprimentos quando se trata de negócios; todavia não venho propor-vos hoje uma venda, nem tampouco uma compra.

- Então, senhor, o que será? disse o velho usurário, açucarando a voz como o miar do gato, que sente cheiro das viandas.

- Apenas uma garantia condicional de certa dívida.

O velho arregalou os pequenos olhos.

- Não vos posso entender!

- Eis a explicação: não tendes em vossas mãos um crédito, ou diferentes créditos, no valor de quatorze mil cruzados, os quais são assinados por André de Vilasboas?

- É verdade.

- Pois essa dívida está perdida; ele não tem por onde vo-los pague.

- E a sua fazenda?

- Não lhe pertence, é minha.

- Vós a comprastes, senhor Pedro Anselmo?!

- É verdade, porém não a ele; comprei o direito de persegui-lo como um falsário, ou como herdeiro de um falsário, que por meio de um testamento...

- Oh! Isto é horroroso! disse Francisco do Vale, apertando as mãos na cabeça; estou perdido, quatorze mil cruzados!

- Nem vós ficareis perdido, se os não receberdes; nem os perdereis, se me quiserdes ouvir por um pouco.

- Falai, senhor! disse o velho, pondo uma mão em cada joelho, e estendendo o pescoço; falai, eu vos estou ouvindo, vedes?

- Haveis um filho de vinte e tantos anos, não é assim?

- Senhor sim, o meu Francisco.

- Prometo, se o casardes com a neta de vosso devedor, esperar quatro anos para que vos seja paga essa dívida.

- Que dizeis, senhor! É esse tratante de meu compadre quem vos manda?

- Eu não venho a mandados de ninguém; e, que viesse, seria isso indiferente: vede se vos convém minha proposta.

- Nunca! Seria vestir a camisa para a tirar logo, e a pele com ela!

- Então não vos convém?

- Não, não! Antes perder os quatorze mil cruzados; mas, senhor Pedro Anselmo porque não esperais sequer dois anos?

- E porque não aceitais vós minhas condições, e esperarei, não dois, porém quatro?

- Porque nisso me vai grande prejuízo!

- Eis a razão porque não espero eu; porém nada farei este mês, que vos deixo para refletirdes, e enquanto não falais com vosso compadre, que de certo virá propor-vos o casamento de sua neta com vosso filho; pode ser que ele seja mais feliz em sua negociação do que eu fui; e, em tal caso, não dareis palavra antes de avisar-me

- Eu dar palavra? Que ele venha para cá!

- Atendei; é preciso que meu nome não seja proferido que nada respire de quanto acabo de dizer-vos: o interesse é vosso.

- Isso me custará bastante; porém vós o mandais, obedecerei.

E ambos se despediram; um com o desespero no coração; outro, satisfeito de sua lembrança em pedir o que não desejava, mas desconfiado, porque temia que em sua ira e vileza não fosse divulgar o usurário um segredo, de que pretendia fazer terrível uso contra seu inimigo.

## CAPITULO V

*Quem com ferro mata, com ferro morre.*

Antes que a viração da tarde tivesse apagado da estrada as pegadas da cavalgadura de Pedro, uma outra mula, coxeando por sobre elas, ia caminho da fazenda de André de Vilasboas: Francisco do Vale não pudera jantar com a terrível idéia de se lhe irem quatorze mil cruzados ao vento: queria falar, que o silêncio deixando-o consigo mesmo despedaçava sua alma; mas falar com quem? Todos o aborreciam, e se ele tivera a loucura de proferir uma só palavra que o traísse, o riso e escárnio seriam a paga de sua imprudência. A noite sobretudo, a pavorosa e carregada noite fazia-o gelar de susto; como lhe seria possível fechar as pálpebras sem ir visitar um desvão do telhado, onde, ente farapos e cacos,, havia um cofre não pequeno cheio deloiras; como lhe seria possível adormecer, olhando-as e lembrando-se das irmãs que andavam em tão grande perigo? Por isso mandara ele selar e enfrear o faminto animal, que má sorte lhe pusera nas mãos, na esperança de, com manhas e artificios, apanhar alguma coisa: idéias de casamento nem lhe vinham à mente, e quando ao entrar da porta foi saudado pelos involuntários gritos das duas senhoras, e pelo carrancudo cenho de Julião, o desgraçado quase deixa a vida, lembrando-se de Pedro Anselmo, e conjecturando que tão má recepção só provinha de ser ele também, como credor um inimigo dos Vilasboas.

- Vim tarde! disse ele com desalento.

- Sempre chegais a boas horas, senhor, respondeu Henriqueta, tomando como pergunta e num sentido, o que só era exclamação, e em outro muito afastado.

- Onde está ele?

- Falais de meu pai!? disse bruscamente Julião.

- Dele mesmo.

- Vigiando a plantação da Cortada, para onde se foi esta manhã ao nascer do sol.

- Pois que! Ele inda planta?

- Então? Julgais que seja tarde, ou cedo?

- Eu... Eu julgo que é tempo próprio; porém que novidades haveis vós de maior?

- Uma mui grande, disse André entrando; e é vossa não esperada visita.

Os dois velhos olharam-se admirados; Francisco do Vale por ver a impossibilidade com que um homem completamente arruinado se apresentava em frente de seu credor; André de Vilasboas, por ser aquela uma das poucas vezes que seu compadre lhe fazia a particular e distinta honra de atravessar a soleira de sua porta, apesar de muitos e antigos convites.

- Em verdade que vos deve causar espanto minha visita; mas quando lhe souberdes a causa... Quero dizer, quando tivermos falado em particular sobre nossos negócios, sobre certos negócios...

- Ai, pois vos chegariam à noticia minhas intenções?

- Eu não sei de nada: porém quais são as vossas intenções?

As duas senhoras deixaram a sala; e Julião, que presenciara o desassossego de sua mulher e filha, apesar de conhecer a necessidade de acompanhá-las, ficou bem resolvido a impedir por qualquer forma que fosse a desarrazoada pretensão do velho; porque, presunçoso como somos nós todos de penetrar o pensamento de nossos semelhantes, julgava descobrir na visita de Francisco do Vale alguma coisa que se assemelhava à recordação de antigo pedido, e de antiga promessa: ficou, e já elaborava na mente afogueada um eloqüente, mordaz e amargo ajuntamento de razões que Vms. teriam por certo folgado de ouvir, se a sorte não deixara inédito *ad omnia*, quando uma quarta personagem entrando na sala veio abreviar a resposta de André de Vilasboas acendendo-lhe no coração a raiva e o desejo de vingança.

- São minhas intenções, disse ele carregando as palavras, são minhas intenções casar minha neta com vosso filho.

Eduardo, com a mão estendida para apertar a de Julião; Francisco do Vale, puxando os canos das botas, que se haviam encolhido; Julião de Vilasboas, que não tivera tempo de acabar o sorriso com que acolhia a saudação do mancebo; o mesmo André, que esperava menos admiração em seu compadre, e em seu filho, ficaram todos como se uma granada tivera rebentado em meio deles, tolhidos, estuporados, se Vms. consentem que o diga: depois, como se os estilhaços zunissem ainda sinistros a seus ouvidos, cada qual foi voltando devagar o rosto, para observar o estrago, quero dizer, a impressão que tão poucas palavras haviam produzido; e assim ficariam largo tempo, se dentre eles, aqueles, cujos pensamentos não podiam sofrer diversão por aturado tempo, não tivesse quebrado o pesado silêncio.

- Porém, meu compadre, isso é impossível.

- Impossível! E por que? Casou-se já vosso filho?

- Ainda não.

- Ah! Eu vos entendo; porém a vossa idade... Julguei que o tempo vos havia feito mudar de tenção.

- Sim, sim, meu compadre; já não penso em semelhante coisa.

- E então?

- E então! Pois hei de consentir que meu filho case com vossa neta? Ele achará um casamento rico, porque é herdeiro de cem mil cruzados; e se casar pobre não me entrará as portas!

- E minha neta?

- Vossa neta? É uma bela menina, muito bem educada, e nada mais: não falemos em casamento.

- Não! Isso é um insulto; vós me dareis razão de tudo quanto acabais de dizer!

E ia voltar-se para seu filho com tenção de o mandar sair da sala, a tempo que ele, tomando o braço de Eduardo, a deixava.

- Ora eis-nos a sós; podeis dizer-me agora porque recusais a mão de minha neta; podeis explicar-me essas palavras misteriosas e atrevidas, e dar-me conta desse grande negócio, que vos traz aqui.

- Em duas palavras, meu compadre; vós me deveis quatorze mil cruzados e eu preciso muito, e muito de dinheiro.

- É só isso que vos traz?

- E julgais que é pouca coisa?

- Sois um homem vil!

- Antes isso, que rematado louco.

- Dentro em dois meses, senhor meu compadre, metade dessa quantia estará em vossas mãos, e o resto quando nós pudermos.

- Dois meses! É impossível; antes desse prazo... Quem sabe? Talvez amanhã, talvez depois... Não! É impossível!

- Então havei-os por justiça.

- Oh! Vós sois um malvado! Quereis arrastar-me em vossa ruína? *Ele* viria contestar meu direito, e que ficará para pagar-me?

- Viria quem?!

- Nada de sobressaltos e imposturas, vós estais perdido, e perdido sem remédio; esta fazenda não vos pertence, e um testamento falso...

- Calai-vos!!

- E os meus quatorze mil cruzados? disse o velho com energia, pondo-se em pé; quero-os hoje, ouvis?!

Palidez mortal cobria o enrugado rosto de André de Vilasboas; seu corpo tremia como o do homem que sofre maleitas.

- Um mês !? disse ele, acompanhando as palavras com suplicante gesto.

- Não!

- Oito dias sequer!?

- Hoje, hoje!

O velho usurário conhecera quanto a revelação do segredo, que lhe haviam confiado, atemorizara seu devedor; conhecera sua posição, e por isso opunha uma resistência tão continuada às rogativas de André, que vendo-o inflexível e resoluto a aproveitar-se da força que lhe dera sua perturbação:

- E onde estão os créditos? disse, persuadido que teria ao menos um dia de espera.

- Aqui os trago comigo.

André levantou-se, e saiu; tornou logo com um embrulho na mão, que entregou ao seu credor, recebendo em troca os créditos; e enquanto os reduzia a pequenas partículas, o compadre contava e recontava a soma:

- Sem lhe faltar um ceutil, disse por fim, abaixando a cabeça em sinal de assentimento ao que sua boca acabava de repetir, ou de agradecimento, ou do que Vms. quiserem; e meteu o dinheiro na algibeira: agora estou à vossa disposição, continuou ele; falemos do que quiserdes, meu compadre, de casamento mesmo.

- Eu vos desejo boa viagem, disse André com um sorriso de escárnio; e depois que ele saiu:

- Miserável, eu te fecharei a boca! Há segredos que sabidos dão a morte, porque só um cadáver pode conservá-los; e não sou eu tão louco que ponha a fortuna e a vida na contingência de uma palavra, de um gesto.

E chegando-se junto da porta:

- Marcos! Segue ele o caminho largo?

- Senhor, não; disse um escravo negro aparecendo.

- Então, o atalho

- Senhor, não: vai pela cerca de cima, caminho da Roqueira.

- Pela cerca de cima! Oh! Eu descubro agora as razões porque o meu vizinho vai entrando por minhas terras!! Eles querem ver-me pleitear, querem ver meus títulos em mãos de outro, em mãos da justiça... Marcos! O meu cavalo arreado. Não, tu não irás contar que viste tremer André de Vilasboas! Não irás confirmar suspeitas, e tramar de novo.

E percorria a largos passos o terreiro, enquanto o escravo aparelhava o cavalo; montando, em breve o perderam dos olhos Henriqueta e Julião, que por dentro das janelas observavam sua impaciência, e horrenda catadura.

- Meu Deus! Onde irá ele? disse Henriqueta, apontando o caminho por onde desaparecera o velho; é o trilho da Roqueira, ó Julião, os marcos!

- Seja seu desígnio qual for, eu chegarei tarde para estorvá-lo; não há animal selado...

- O meu, senhor, interrompeu Eduardo; montai-o, e dai ordem para que selem outro, que irei em vossas pisadas.

Julião partiu, e após ele Eduardo.

Francisco do Vale, calculando que não teria tempo de chegar à Vila com dia, e lembrando-se que lhe seria mister fazer segunda viagem para informar a seu conhecido Pedro Anselmo do acontecido, como haviam consertado, resolvera passar a noite em casa deste, porque poupava assim as ferraduras do animal, e livrava-se de algum encontro importuno; por isso deixara ele a estrada geral e ordinária, tampouco seguira um atalho que ele mui bem conhecia, e tomara por dentro da fazenda de seu compadre o caminho da cerca de cima, que tinha sido por ele mesmo aberto com permissão de André, em tempos mais benignos: já ele ia a bom pedaço desviado, quando um negro que o seguia a pé o advertiu de que um homem à desfilada se aproximava deles; sem voltar-se, Francisco do Vale perguntou ao escravo que trajos trazia o cavaleiro.

- Gibão preto, brancas são as pantalonas, e o chapéu desabado; monta um ruço pombo calçado, e...

- Santo nome de Jesus! Que terrível idéia! interrompeu Francisco; podes tu conhecer se é velho, ou moço!

- Velho deve de ser, que brancas tem ele as barbas, meu senhor.

E ainda o negro não tinha acabado, já os acicates de prata feriam sem piedade os ilhais da besta, que, pagando-lhe naquele hora terrível os maus tratamentos que recebera em muitos anos, nem sequer mudava de passo, entregando-o destarte nas mãos de seu inimigo, e fazendo-lhe sentir ao menos a necessidade de conservar em bom estado o traste de que temos de nos servir, quando a caridade não nos move. Quantos santos e santas haviam por igrejas da Vila todos foram lembrados; ricas ofertas, festas e romarias se prometeram; mas a besta coxeava vagarosa, e o cavalo fazia desaparecer o espaço debaixo de seus pés.

- Eu não posso fugir-lhe, disse Francisco, tendo as rédeas; então, que o Senhor se lembre de nossas almas, ou eu, ou ele.

E voltou-se para trás, firmando-se nos estribos, e desabrochando a capa dos coldres: o negro, vendo-o fazer tais preparativos, levou a mão à cintura, onde presa no cós das calças vinha a companheira.

- Que fazes tu, monjolo? Quem sabe se esse homem vem com más tenções demandar-nos? E se as trouxer, eu sou para ele; proibo-te sair desse lugar, aconteça o que acontecer, a menos que não seja para salvar a vida fugindo, ouves?

- Senhor sim, disse o escravo, atirando ao chão um pau, em que vinha enfiado um truxel, e desprendendo do pescoço um baldezinho de prata, que serve para em viagem beber água dos córregos, objecto indispensável aos viajantes abastados, porque os pobres, ou se servem de uma cuia, ou fazem como Diógenes, depois de ter quebrado a escudela.

- Mandais o vosso ruço como o pudera fazer melhor cavalheiro dos contornos, disse Francisco do Vale, afetando um sorriso; porém, meu compadre, não fazeis bem andar repassando cavalos; isso já não é para os da nossa idade.

- Eu faço o que quero, respondeu André com arrogância, esbarrando o cavalo; e tanto, que vos venho tomar conta de terdes atravessado toda a minha fazenda, deixando a estrada.

- Vós fazeis o que quereis, e eu faço o que me parece; por isso não quero dizer-vos porque tomei este caminho, e não outro.

- Tem conta com a língua, miserável! Olha que estamos sós, e que pisas e minhas terras.

Francisco do Vale olhou para o lugar onde seu escravo havia ficado, e achou-o vazio; olhou à cerca, e depois disse:

- Estais enganado em parte, meu compadre; estamos sós é verdade: porém esses marcos estão de vosso lado, e esta terra que piso...

- Já não me pertence, dom senhor! Mas inda não há um mês que ela era minha, dom ladrão! Onde ias tu? Para casa desse velhaco de meu vizinho contar-lhe que empalideci quando me falaste em testamento falso? Não chegarás lá, velho! Compõe tua alma com Deus, porque com os homens não tens mais que tratar.

- André, o demônio te alucina! Queres o dinheiro, que há pouco me deste? Aí o tens, porém não cometas um crime!

- O dinheiro... Sim, eu o quero, porque não é meu, e tenho de entregá-lo a seu dono; mas também quero o teu segredo, e tu falarás, porque és vil e sem fé! Trata de tua alma.

- Inda uma vez, André!

- Não queres?! disse o velho Vilasboas, arremessando o cavalo; então vai esperar-me no inferno, morre como um cão!

- Não dês um passo avante, não caminhes! Ou irás tu primeiro dar contas.

André parou um instante: a luta era desigual; a pistola engatilhada parecia escarnecer da bem calçada faca, que sua mão apertava.

- Não! disse ele depois de breve pausa, e estendendo o pescoço com ar de quem escuta: alguém se aproxima... Um de nós ficará aqui.

E trigou o cavalo: porém o Senhor dirigia talvez o braço fraco e trêmulo do velho Francisco, e uma bala foi atravessar o peito do sanguinário André de Vilasboas, que, largando a faca, dobrou-se sobre o arção da sela. O cavalo, espantado pelo estrondo do tiro, e não sentindo mão que o governasse, empinou-se, e atirou de encontro a um dos marcos o cavaleiro, que, ou com as dores da ferida, ou com as da alma, abraçou-se fortemente nele,

alagando-o de sangue. No mesmo instante apareceu Julião; seus olhos descobrem o pai em tão desgraçado e piedoso estado; e, mais veloz que o pensamento, salta do cavalo, e corre a socorrê-lo.

- Justiça de Deus! clama ele, recuando espavorido; esta cruz aqui... Cobrindo com seu sangue as nódoas daquele que sua mão derramou!

André, ouvindo as palavras do filho, firmou-se nos joelhos e desprende os braços; porém seu rosto contraiu-se horrivelmente, os joelhos fraquejaram, e tornou a cair, para não se levantar mais, sobre a pequena cruz que servia de marco. A chegada de Eduardo restituiu o exercício às faculdades do semimorto. Julião de Vilasboas, que, tomando sobre os ombros o cadáver de seu pai, dirigiu-se tristemente para casa, onde o esperava a aflição de sua mulher e filha: lágrimas não fingidas e de profundo sentimento derramaram as duas senhoras à vista do medonho e triste espetáculo; lágrimas não fingidas, que só dos maus e sem alma vai o rancor além da campa: que coração tão de ferro não chora sobre seu inimigo morto? Quanto mais que André o não era delas. Eduardo, depois de ter prestado a seus amigos os serviços que requeria a amizade, foi apressado dar conta ao pai do estranho caso de que tinha sido quase testemunha.

- Mataram-no! disse Pedro de Viterbo com espanto, ouvindo a narração do filho.

- Junto daquela pequena cruz de pedra, que vós colocastes na dianteira dos marcos, e que de marco servia; abraçado com essa cruz morreu ele, deixando-a vermelha de sangue.

- *O Senhor se encarregará de castigar o criminoso*; disseste tu, bom Anselmo; e a tua predição verificou-se: seja ele louvado porque minhas mãos não se tingiram de sangue!

E ajoelhou-se. Eduardo, que muitas vezes havia perdido a paciência, tentando perceber as exclamações e reticências de seu pai, sem nunca poder penetrá-las, ajoelhou-se também, e rezou a Deus por ele, pois que o julgava alienado; rezou também pelo morto, unido-se assim o perdão do pai às súplicas do inocente filho, em comum benefício de André de Vilasboas, que, além dos seus, não teria muitos que por ele intercedessem. Pedro levantou-se, e vendo o filho também de joelhos, as lágrimas lhe chegaram aos olhos:

- Eduardo, disse ele com voz comovida, que fazes tu de joelhos?

- Rezo por vós, meu pai; rezo também por esse desgraçado que mataram.

- Fazes bem.

E tendo-se levantado o mancebo, fez-lhe sinal para sentar-se junto dele, e disse-lhe:

- Se tivessem matado teu pai, tu o que farias?

- Choraria sua perda como a maior que o homem pode sofrer sobre a terra.

- Porém eu quero dizer, se o tivessem assassinado?

- Havia de perseguir o assassino perante as leis até o levar ao cadafalso!

- E se não tivesses provas para convencê-los na presença dos juizes, tendo tu certeza de que ele fora o assassino?

- Esperaria que o tempo as patenteasse.

- Mas se nunca as pudesses obter, disse Pedro, levantando-se; se cada vez mais se cobrisse de escuridão o acontecimento, porque a memória dos homens é fraca para conservar injúrias que sofreram os outros, para reter crimes que não cometeram, e dos cometidos mesmo, o que farias tu, Eduardo?!

- Entregaria o criminoso à justiça de Deus, porque essa não há mister de provas ministradas por língua de homem, essa não se ilude!

Pedro sentou-se, cobrindo com as mãos o alterado rosto, e depois de larga pausa:

- Se por fim o assassino caísse debaixo da espada vingadora da justiça divina, apagando com seu sangue as manchas do que sua mão cruenta vertera...

- Teria rezado por ele! interrompeu vivamente o mancebo; porque é horroroso só o pensar que um homem poderia desejar vingar-se sobre o corpo e alma de seu inimigo!

- O Senhor fala por tua boca, meu filho; teu pai, que por tantos anos alimentou idéias tão contrárias às tuas, acaba de praticar a última.

E contou ao mancebo tudo quanto hei relatado a Vms., em parte dos passados, e presente capítulos.

## CONCLUSÃO

A justiça apoderou-se do velho Francisco do Vale, que com suas declarações teria coberto de infâmia a família dos Vilasboas, se Julião e Pedro de Viterbo, reconciliados por seus filhos, cujo casamento assentaram concluir findo que fosse o fato, não tivessem prevenido tal conseqüência, declarando um, que não seria parte, o outro, informando quanto sabia relativamente à morte de André: foi pois lançada sentença de absolvição, declarando-se mui expressamente que matara em defesa da própria vida. – Porém, se os juízes absolveram para com a sociedade, não puderam absolvê-lo perante sua consciência; os remorsos de haver tirado a vida a um seu semelhante perderam-lhe a razão, e morreu dentro em um ano, deixando sua fortuna em mãos do filho, que em breves dias desperdiçou quanto o pai juntara com usuras, porque - o que mal se ganhou, mal se despende.

Pedro de Viterbo, que, pela experiência, filha tardia do tempo e das desgraças, conhecera quanto vale o sossego da alma, e querendo apagar uma vida inteira de maus pensamentos, queimou na presença de seu irmão, depois de lhos haver lido todos os papéis que lhe davam direito de proceder contra os herdeiros de João de Vilasboas, que por um testamento falso se havia apoderado das riquezas de seu amo, cujo nome chegou até mim; queimou-os, depois de ter assegurado, por uma escritura de desistência e dotação, a posse perpétua e direito à noiva de seu filho e sua sobrinha; queimou-os, porque havia lido não sei em que livro, - que as boas ações são coroas de flores, que antecipadamente lançamos sobre o lugar de nossa sepultura -: e, dando-se à prática da virtude, conseguiu ser feliz, e fazer felizes, não só os filhos, mas ainda o irmão, associando-o a seus atos de beneficência, pois que - é a pratica da virtude o meio mais eficaz de restituir a calma aos corações que sofrem.

Enfim, para que tudo Vms. saibam, dir-lhes-ei que foi construída no lugar do tremendo castigo, e de maneira que ficasse em frente da porta e a uns vinte passos distante a memorável cruz, uma ermida com a invocação de Nossa Senhora dos Perdões, onde, nos dias aniversários da morte de Antonio de Viterbo e André de Vilasboas, vinham as duas famílias orar a Deus pelo descanso de suas almas.

FIM

## OS JESUÍTAS NA AMÉRICA

### PARTE PRIMEIRA

#### PROVÍNCIA DO TUCUMAN

#### CAPÍTULO I

*Três cartas*  
1584

Uma torrente passa; mas uma nódoa de azeite, por pequena que seja no princípio, ganha pouco a pouco, estende-se, penetra todo o pano, chega a todo ele, e acaba por fazer uma mancha enorme, sólida, indelével... Tal foi o pensamento de Ignacio de Loyola ao elaborar a Regra da celeberrima Companhia de Jesus: hoje que o jesuitismo agita algumas das principais Cortes da Europa, e que parece com disposições de visitar outra vez a Sua América, nós vamos empreender um grande trabalho, que servirá de muito; sobre documentos autênticos vamos escrever a história da Companhia, desde que seu estabelecimento na América começou a caminhar para o grande fim. Escolhemos o romance, para que todos nos leiam, para que

Saibam todos o mal que toca a todos!

Havia 85 anos passados desde que o bacharel mestre Johan, físico e cirurgião de *El-Rei* de Portugal, lhe escrevera de Vera Cruz no primeiro de Maio notícias poucas de grandes causas, e *esto a causa de lo navio ser mucho pequeno, e mui carregado, que non havia lugar para cosa ninguna*; havia 85 anos, e neste mesmo dia primeiro de Maio, um filho seu, privado e secretário do Bispo de Tucuman D. Francisco Victoria, escrevia, não para Lisboa, mas para esta mesma terra de Vera Cruz; não entre os balanços de um navio, mas dentro de uma casa, de um palácio, se quereis, recostado sobre uma papeleira de pau preto com embutidos de metal amarelo; não espontaneamente, e em serviço de seu soberano, mas cedendo a influências, que podiam mais do que a vontade do simples secretário Sancho de Stalla. Era extensa a carta que ele transcrevia em latim, do espanhol em que a cópia estava escrita; a pena corria com rapidez sobre o pergaminho, e o trabalho parecia estar quase no fim, quando uma porta se entreabriu, aparecendo uma cabeça horrenda na abertura: Sancho voltou-se vagarosamente para o lado onde se fizera o rumor, e, deparando com a estranha figura, resmungou uns monossilabos, franzido levemente as sobrancelhas, e o monstro desapareceu, continuando o secretário a escritura, porém com mais vagar; acabada a carta, fechou-a, e pôs-lhe no sobrescrito em português: - Para o R. P. José de Anchieta, Provincial da Companhia nas terras de Vera Cruz - ; depois ia levantar-se, quando novamente se abriu a porta, e um velho de severa fisionomia, trajando roupas talares, entrou para a sala; era o Bispo de Tucuman.

D. Francisco Victoria, sem responder à profunda reverência de Sancho, olhou fixamente para o secretário sem falar-lhe; este, levantou braço direito, e depois de se inclinar o outra vez, leu o sobrescrito da carta, que acabava de escrever; o Bispo continuou a olhá-lo, ou mais, a interrogá-lo mudamente: Sancho de Stalla voltou-se para a papelreira, tomou uma outra carta, cujo sobrescrito era em espanhol, e leu: - Para o R. P. João Atienza, Provincial da Companhia no Peru - ; D. Francisco deu-lhe as costas, e saiu.

- Tu falarás algum dia até que rebentes, e sem proveito!! disse o secretário mal que se fechou a porta; mantens este silêncio com todos quantos te cercam por cálculo, mas o resultado há de ser contra ti.

E voltou-se para fechar a papelreira, que se havia enterrado pela espessura da parede, ficando em seu lugar uma passagem para escuro corredor; em pé, bem no meio do vão, estava um homem de pele bronzeada com manchas de tinta vermelha, imóvel como uma estátua, feio como um demônio; tinha de redor da cintura brilhante urupemba, com todas as cores do Iris, e os cabelos amarrados com arte no alto da cabeça, saindo-lhe do meio um ramalhete de juncos cheirosos; porém seus enfeites não podiam diminuir o disforme das feições.

Sancho não deu mostras de espanto com a súbita aparição do índio, ao contrário foi este quem se espantou de ver pela primeira vez de sua vida as faces do secretário da mesma cor das manchas com que tingira sua pele; escapou-lhe por entre os dentes um som áspero, e apontando para uma das penas da urupemba encostou depois a mão no disforme rosto.

- Todos aqui falam com as mãos e os olhos, Coveré? Onde está teu irmão, que não veio, em teu lugar, e mais teu filho?

- Cangri, Catoxá embra ya javain.

- Coveré, tu não sabes falar a língua dos *Santos Padres*?! disse Sancho espumando de raiva.

- Tom.

Sancho ficou olhando para o índio um instante, depois foi pouco e pouco ficando calmo, lembrando-se talvez de que muitas vezes lhe tinha recomendado, expressamente proibido de falar nem responder a qualquer pessoa senão na língua dos seus; e logo, como para destruir a impressão de suas palavras, levantou a túnica de durante preto, estreita e curta, tirou do bolso de umas cuecas, que por baixo trazia, pequena moeda de cobre, e pô-la na do índio, fazendo-lhe sinal com a mão para que tomasse um chapéu redondo de abas largas, que estava em cima de um bofete perto da abertura de segredo; depois chegou à papelreira que tinha corrido para longe de seu lugar, sentou-se, e escreveu o que se segue: “Chegou, como V. S. já deve saber, ontem por noite a carta de Roma; o que ela diz não sei eu, porém deve de ser terminante, porque esta manhã me foram entregues duas cópias para transcrever em latim; são duas cartas, uma para o Provincial no Peru, João Atienza, que deve ser o primeiro que nos ajude; a outra, para o Provincial nas terras de Vera Cruz, José de Anchieta, de quem pouco esperamos, não só por ser tão longe, como porque índios tem por lá para a catequese, e não sei se nos enviará Padres, como tanto há mister nosso intento: de Lopo Bintano, e de Ayres Boldega, ficamos seguros, porque metade por devoção, metade por interesse, vão meter-se no caminho, e breve chegarão a seu destino estas duas missivas, que muito convém não seja lidas tarde, porque de Espanha chegam todos os dias missionários Bentos, e Carmelitas, nas mãos dos quais muitos desejos vejo em D. Francisco Victoria de entregar as missões, e eu tenho para mim que mais tarde serão eles os únicos tropeços ao estabelecimento da Companhia; devoção como a nossa, sem fins ocultos, não há razões plausíveis de desviá-los do ministério. De D. Jeronymo Luis de Cabrera tive

largas informações, como é preciso que tenhamos, e o vosso negócio está pior do que para vossa consolação o fazeis; e quanto às razões que ponderais sobre o escândalo de seu viver, que por ser o de um cavaleiro e grande senhor tanto mal faz no ânimo e parecer de todos, nele vão minhas esperanças, porque alguma coisa é preciso dizer para Castela e Aragão, e aqui mesmo; sabeis a privança que lhe dá o Bispo, e lutar descobertamente com ambos, é perigoso; esperemos que cheguem irmãos que nos ajudem, com muitos faremos muito, com poucos, bastante, e sós, quase nada: a paciência é tão forte como a força. Mandai-me Lopo Bintano e Ayres Boldega, porque estas cartas já estão assinadas por D. Francisco Victoria, ou por mim, que vale o mesmo, e outras ficam para serem enviadas pelos três índios Matarãs, que o Bispo tem ao seu serviço; Coveré, Cangri e Catoxá irão queimá-las nos matos entre seus parentes, e as nossas chegarão ao seu destino.”

Depois de acabar esta carta, Sancho de Stalla pôs-lhe no sobrescrito – D. João Ramirez de Velasco, Governador de Tucuman - ; e metendo-a com ligeireza na manga da roupeta, juntou as duas outras, entregou-as ao índio, que foi colocar-se por detrás da papeleira para fazê-la entrar outra vez em seu lugar; o secretário tomou o chapéu da mão de Coveré, esperou que ele acabasse de fechar a fingida porta, e o foi acompanhando pelo estreito corredor, que ia acabar numa escada de caracol, por onde vagarosamente desceram até uma grande e magnífica sala, onde o Bispo costumava fazer assistência; Coveré parou aí, Sancho atravessou de um lado a outro, e saiu por outra porta.

## CAPITULO II

### *Uma visita*

Apenas o secretário Sancho de Stalla desapareceu no canto de uma rua próxima ao palácio de D. Francisco Victoria, dois índios, carregando uma espécie de palanquim cuidadosamente fechado, pararam à entrada de uma portinha, praticada no muro da cerca ou jardim, dependência do palácio, que se abriu prontamente, fechando-se ao mesmo tempo os dois batentes da grande porta; o palanquim atravessou a cerca com lentidão, e entrou debaixo de uma formosa escada, onde um pincel mestre fizera esquecer a riqueza dos mármore e as maravilhas da escultura: os índios pararam, e, com sua costumada indolência, ou por expressa recomendação, sentaram-se ambos, voltando negligentemente as costas para o palanquim, cujas cortinas de damasco branco franjado de verde se entreabriram, e logo uma mulher de peregrina beleza, vestida com magnificência e gosto, saltou ligeira sobre o pavimento tossalato da arcaria, e desapareceu como uma sombra nas dobras ondeantes e vastas de um reposteiro de cassa da Índia, que não merecia tal nome. Cangri e Catoxá, os dois índios, que haviam carregado o palanquim e pareciam indiferentes e cansados gostarem o descanso, levantaram a cabeça, logo que as dobras do reposteiro quedaram, olhando um para o outro; o mais moço dos dois sorriu-se, e disse vagaroso para o companheiro, apontando o lugar por onde entrara a mulher:

-Cunha omenda mani Albaré-guaçú-payete.\*)

Catoxá, o mais velho, encolheu os ombros e levantou-se; os beiços tremeram-lhe levemente, e o grito sonoro do Aracuã retiniu tão perfeito, que ninguém diria sair tal som de

\* Significa por frase – mulher casada com o Bispo -; literalmente teria uma outra tradução.

peito humano; lá mui longe, ouviu-se o mesmo som duas vezes, os dois índios olharam-se mutuamente com sinais de incerteza; porém, alguns instantes depois, o grito saiu dentre uma moita de limoeiros floridos, e logo ouviu-se junto das grades da arcada: Cangri estendeu o pescoço, fazendo sinal ao companheiro de se reter, porque um rumor leve, como de pisadas vagarosas, se fez sentir do lado do palácio; mas, como houvessem cessado, os dois índios imitaram outra vez o canto alternadamente, e Coveré levantou a cabeça por detrás de um vaso gigantesco de louça branca e azul, que ficava junto da primeira coluna da arcaria: começou então um diálogo entre os três, diálogo mudo, só de gestos e movimentos, mas perceptível, enérgico, ou mavioso, segundo era mister. Durou esta cena interessante alguns minutos, depois Coveré desapareceu na espessura balsâmica das árvores do jardim-pomar, sendo acompanhado pelos olhos de Catoxá e Cangri, que, apesar de o não verem distintamente, acompanhavam seu andar por entre os arbusto que se dobravam à direita e à esquerda para lhe darem passagem, recebendo seu último adeus lá do longe, a que responderam com os suaves e delicados gorjeios do Jacamim, que, respondendo à despedida de Coveré, faziam-lhe ao mesmo tempo saber que só estariam separados até à noite; e logo os dois que ficavam, tomando-se pelas mãos, executaram uma dança brutal e difícil, cerimônia praticada por sua tribo da horda dos Tavens, quando mudava de habitação, e que teve fim com a extenuação de suas forças, sentando-se ambos com as pernas encolhidas um defronte do outro.

Enquanto os dois selvagens rendiam livre culto a seus costumes, um homem corpulento, de feições carregadas e cor morena, tendo-se aproximado da entrada da galeria com mostras de percorrê-la, ao vê-los, recuou desconcertado escontra o palácio, enterrando nos olhos o chapéu de abas com pluma pendente, rebuçando-se no manto, que apenas lhe chegava aos joelhos, deixando à vista a bainha de sua espada longa e direita; assim esteve irresoluto alguns instantes, até que os índios acabaram sua dança, e então, com o chapéu nos dentes, atravessou pelo jardim, de rasto como a serpente, toda a extensão da galeria, parando na outra extremidade, encoberto pelo último arco, ao qual correspondia uma porta do edifício: tendo descansado um pouco, tirou seu chapéu e arremessou-o contra essa porta, que se abriu, espreitando ao mesmo tempo os dois índios, para ver se o ruído os havia despertado da espécie de sonolência em que haviam caído; depois atirou com a capa, mas Catoxá e Cangri ficaram quietos, e o homem, passando ligeiramente a perna por cima de uma grade de ferro que se prendia de coluna a coluna, passou rápido, com o rosto voltado para os dois, que se não moveram, e entrou no palácio, dando com o pé na capa, que ficara de junto da soleira, e impedia fechar-se a porta, o que ele fez com estranho recato, ficando em completa escuridão. Depois, como pessoa que sabia todos os cantos da casa, foi direito a uma janela, e abriu-a, alumando uma vasta sala forrada de escarlate, guarnecida com altas cadeiras com assentos e encostos de couro preto lavrado, ferradas com tachões amarelos; porém, no mesmo instante em que a sala foi esclarecida, ouviu-se uma voz esganiçada, e logo depois apareceu uma velha:

- Senhor João de Urquisa, que estais fazendo? disse ela para o homem em bom espanhol; se não vos lembra a ordem do senhor Bispo, melhor é que fosseis para vosso aposento.

- Pois que ordens foram as do Senhor Bispo? disse João de Urquisa mordomo de S. Exa.

- Fechai esta janela!... Não sabeis que tem gente aquela sala de espera, e que alguém que passe na galeria pode... Ora, senhor mordomo, não se faça inocente!

- Sim, é verdade... Naquela sala de espera? Ah! Senhora Romana de Valência, tinha-me esquecido...

E fechou prontamente a janela, seguindo a senhora Romana até a cozinha, onde a velha começou outra vez seu ofício de ralhadeira, dando lugar ao mordomo de retirar-se para seu quarto, sem ser acompanhado pela Argos; porém, o aparecimento da velha na sala escarlate, suas palavras, a existência de uma pessoa na sala de espera, tantas precauções que se tomavam por sua causa, tudo isto deu na curiosidade do mordomo, que, se movesse a língua, nada saberia; portanto, em vez de tomar para o lanço oriental do edifício, onde tinha seu aposento, sumiu-se lá por uns corredores, que mais ninguém lhe pôs a vista em cima, até que a visita do Bispo saiu como havia entrado, coberta com seu véu preto de renda, pela portinha do jardim para as ruas da cidade, onde vagou todo o resto do dia o palanquim sem rumo certo. Havia uma hora que sol o tinha desaparecido; a noite estava escura e cálida, e o palanquim caminhava sempre de um lado para outro, ora parecia que seu dono ia para o campo chegando até os arrabaldes, mas logo retrocedia, entranhando-se outra vez pelo mais estreito das vielas; começaram a dar oito horas na Catedral, a tempo que o palanquim desembocava de la grande Cale na praça que lhe fica no extremo; os dois índios, suando, mal podiam dar passada, e, por entreter um resto de alento, enganavam o corpo com suas cantigas ásperas e tristes, quando receberam ordem de parar em meio da praça, onde, apesar do escuro, se divisava dois homens rebuçados; a senhora deixou o palanquim, foi direita a eles, e sem parar, levando-os consigo, foi atravessando o largo, seguida por um terceiro, que de perto lhe repisava as passadas, até que chegando ao palácio de D. João Ramirez de Velasco, entraram todos três, ficando em meio da rua João de Urquisa, estupefato e aterrado, olhando para as janelas do palácio, que pouco e pouco se foram alumando.

- A filha do Governador!... disse ele depois de largo meditar; que horroroso trama!

### CAPÍTULO III

#### *A ceia do Bispo*

Era costume rígido, e de muito tempo estabelecido, fechar-se a grande porta do palácio logo que a última badalada das oito horas soava na Catedral, costume iludido sempre pelos beatíssimos servos de D. Francisco Vitória, que, ocupados todo o dia em preencher os deveres de seu cargo, rezando constantemente, destinavam a noite para fumar cigarrilhos no canto das ruas da cidade, onde algum namorado descantava ao som do violino, ou no meio das praças para assistirem a algum jogo de punhaladas de medida, punhaladas de plegada, de meio ferro, até cabo, segundo o gosto dos jogadores; costume iludido sempre, e por todos, menos pelo secretário Sancho de Stalla, a quem S. Exa. conferia a honrosíssima tarefa de o acompanhar duas horas em seu oratório, que se gastavam em rezar o Breviário, retirando-se ambos para uma sala próxima, onde lhes serviam o mate, que mudamente se tomava: porém, esta noite foi para todo o palácio um desarranjo estupendo, porque todos os criados, sem excetuar João de Urquisa, estavam de portas a dentro, e o infalível secretário na rua, apesar das oito que longe iam, do Breviário e do mate, da porta, que se devia fechar, apesar de tudo Sancho de Stalla passeava; na cozinha, primeiro lugar das discussões numa casa de família, tratavam três pessoas de adivinhar qual o motivo poderoso, que poderoso devia ser, que retinha a tais horas o companheiro de S. Exa. na reza e na ceia; um moço do quarto queria a todo o pano, e com

razões de peso, que Sancho de Stalla, tendo ido passear ao campo, porque fora visto fora da cidade, o tivesse apanhado a noite em caminho, e que, havendo apenas cinco meses que estava na terra, se perdesse, a que se opunha com observações de seringa a Clysterium de palácio, autorizada pelos cincoenta janeiros, metade dos quais gastara em ativo serviço às ordens do Bispo de Tucuman D. Francisco Victoria, já na Europa, já na América, e que só pretendia largá-lo quando o levassem de pés para diante, caminho dos sete palmos; porém a cozinheira, essa amarrou a boca dos dois com duas palavras.

- Que estão vocês aí dizendo, mal pensado, ou adivinhado? Querem saber por que ele não vem, e por que não veio? continuou ela, tirando do fogo uma caçarola de sofrível calibre, donde saía uma fumarada cheirosíssima e apetitosa; querem vocês sabê-lo? Pois aqui o tem dentro desta caçoila... Um coelho ensopado com nabos, molho de mostarda, e...

- Ora, tia Caxumba, isso é mangar conosco! disse o moço, rindo-se como um galego que era, rir descompassado, estridente, retumbante.

- É como lho digo, retrucou a Caxumba, vendo que a Clysterium pegava da seringa para se retirar da cozinha; é como lho digo, e ouça-me até o fim para ver se tenho razão; cheguem-se para aqui, enquanto vou acabando de consertar esta afugentação do senhor secretário, que tem carradas de razão de assim fazer.

E os dois foram-se chegando para a cozinheira, ou para o cheiro do guisado, que na verdade atraía as pedras brutas, quanto mais narizes de criados, e de criadas da seringa...

- Pois sim, senhores; um coelho afogado com nabos...

- Mas, tia Caxumba, queremos saber por que o senhor Sancho foge de um coelho, e de um coelho em suas bem aventuradas mãos, que fica de a gente correr para ele, mesmo por cima de brasas, ou espetos... Ó tia Caxumba, o senhor Bispo come-lhe o rabo e a cabeça?

- É mesmo por isto que o *senhor* dá o cavaco, disse a cozinheira, remexendo o quitute; mas voltando ao senhor Sancho, é deste coelho que ele foge, porque é sexta feira, dia magro para todos...

- Menos para senhor Bispo... acudiu o moço com um suspiro saído das entranhas.

- Menos para ele, porque tem sua dispensa vinda de Roma, disse a Clysterium com acento *doutoral*; coisa santa, porque lhe esteve o Santo Padre com as mãos por cima.

- Ora aqui têm vocês porque foge o senhor Sancho da ceia de hoje; assim foi com o jantar da sexta feira passada em que ele jejuou a pão e água... É uma boa alma!

- É uma boa alma!! disse moço; se vocês soubessem quanto ele faz por aí?! Sem falar do regimento de pobres que ele sustenta e veste, haveis de ficar admiradas de como ele descobre a desgraça por essa cidade; esmolas como ele as faz, ninguém as sabe fazer, e senão perguntai-o a qualquer.

- É uma pomba sem fel o senhor Sancho, e ninguém o sabe melhor do que eu, porque ando sempre *atrás do senhor Bispo*, e ouço quanto ele diz bem de seu servo privado.

- Falar o senhor Bispo é uma grandeza; falar bem de alguma pessoa, é muitíssimo, senhora Clysterium.

- Pois assim acontece, meu rapaz; e vê lá quanto ganha um bom servo em o ser; muitos anos de serviço numa casa é uma boa recomendação...

- Lá por isso não, tia Clysterium, porque o senhor Sancho está aqui de ontem....

- O senhor Bispo acabou sua reza, disse João de Urquisa, aparecendo na porta da cozinha.

A tia Caxumba e a Clysterium ficaram aterradas com as palavras do mordomo; a primeira, porque esperava dar de cear ao Excelentíssimo só às dez horas da noite, como era costume; a segunda, fazendo tenção de rezar três coroas antes de entrar *em serviço ativo*, calculava o tempo que devia gastar no cozinhar das malvas, encher a seringa, ou seringas, e que depois do exercício o sono viria tomá-la, apesar da devoção: os elogios foram-se trocando em apóstrofes mais ou menos violentas contra o secretário, que tudo desarranjava com sua tardança, e só tiveram fim quando os serventes levaram o fumegante coelho para a mesa do Bispo: meia hora depois, todo o palácio era desordem e confusão; os moços de estrebaria arreavam mulas entre pragas e exclamações de aflição; hortelões e jardineiros percorriam a cerca em todos os sentido com archotes que um noroeste agudíssimo e frio apagava de contínuo; moços de quarto e varredores entulhavam as escadas, mandando uns aos outros para maior brevidade, ou atraso, tudo gritava e corria sem ordem, menos três pessoas, que pareciam fora desta cena de espanto, sendo que era esta mesma cena quem os entorpecia, e estas três pessoas eram João de Urquisa, a Clysterium, e tia Caxumba: vamos dizer aos leitores o motivo de tão estranho proceder.

Coisa de vinte minutos depois de que o afugentador de Sancho de Stalla saíra fumegando das mãos da cozinheira direitinho para a mesa do Excelentíssimo, ouviram-se três pancadas fortes no portão do palácio, que foram repetidas muitas vezes quase sem intervalo; era o secretário alagado em sangue, a expirar com duas punhaladas formidáveis e de mão-mestra, porque tinham procurado lugar seguro; conduziam-no três homens em uma padiola de forma triangular improvisada; e eis aqui o motivo porque todos os servos de D. Francisco Vitória corriam e gritavam por acudir a seu criado privado, e agora saberemos a causa da inação dos três outros servos: a cozinheira, que padecia horivelmente de nervos, quando ouviu as pancadas na grande porta, julgou que era a Rev. Exa., que tendo encontrado mal afogado seu coelho com nabos, imitava piedosamente sobre o soalho de sua sala de jantar as maneiras e modos com que devia a tia Caxumba despejar no outro dia seu lugar de junto do fogão episcopal; a Clysterium, essa vinham-lhe mil pensamentos mortificantes ao espírito, nascidos de um mortificante pensamento – algum aperto do senhor Bispo! – e deste nasciam estes outros: - a seringa não tinha estopa que bastasse para algumas horas de moto continuo; as malvas eram poucas ao fogo dentro do púcaro de barro; as coroas, e era o que menos lhe lembrava, essas não havia volta, deviam ficar para o outro dia; - enfim, estas duas tinham motivos poderosos para justificar a isolação em que estavam em meio de tanto barulho; e João de Urquisa? Oh! Esse era quem menos tinha: o mordomo de S. Ex. era o caridoso mortal que tinha servido o pacífico, caritativo Sancho de Stalla, com as duas punhaladas de meio ferro, que lhe faziam verter abundante sangue por duas feridas junto da primeira costela do lado esquerdo.

## CAPITULO IV

### *Sancho de Stalla*

Espanha e Portugal, cem anos depois do descobrimento da América, mal conheciam o tesouro precioso, que o gênio descobrira, assegurado pelo extravagante – *Decretum et Indultum Alexandri sexti, super Expeditione in Barbaros novi orbis, quos Indos vocant*; não sei se era a longitude e falta de notícias, se menosprêzo pelos cento e oitenta graus de extensão territorial, que a penada de tinta de um homem repartira a cada uma das duas

nações; o que é certo e certíssimo, é que Fernando e Isabel de Espanha, D. Manoel, de Portugal, olhavam para o Novo Mundo como curiosidade científica, sem contudo serem científicos, e que seus sucessores o consideravam ainda pior, despejando-lhe as imundícies, que sujavam suas cidades, vilas e aldeias: porém, se os reis liam do *Decretum et Indultum* de Alexandre 6º, só aquela parte que destruía razões e agravos, permitindo a um saborear o rico sayuate que lhe trouxera de Calecut Vasco da Gama, aos outros tratar negócios domésticos, houve quem a lesse toda, especialmente o - *...insulis et terris jam repertis aurum, aromata, et aliae quam plurimae res pretiosae diversi generis et diversae qualitatis reperiuntur* -, e que, sem entrar na distribuição e repartimento amigável *dos quatro*, tomasse para si *aquilo que fosse possível segurar-se...* A Companhia de Jesus, que nesse tempo ainda não era compacta e sólida, por ter em seu seio homens que não eram jesuítas, apesar da roupeta; a Companhia de Jesus em Roma, que não era a mesma espalhada por toda a Europa, cabeça presa ao corpo, sim, mas a um corpo com cujos movimentos ela não contava muito; esta associação monstruosa leu a Bula de Alexandre 6º, e viu quanto seria favorável para seus intentos missionar nessas terras longínquas, cuja existência a estupidez negava e combatia; estupidez e maldade, porque entrava cálculo na guerra que se fizera ao ilustre genovês em Florença, Espanha e Portugal, e guerra feita por frades, que decidiam teologicamente os pontos difíceis ou questionáveis de qualquer ciência exata. Não sei eu decidir se a Companhia de Jesus teria descoberto já a forma segura e pronta de obter quanto lhe era mister no Vaticano, porque dos acidentes jesuíticos só mais tarde experimentaram a força Archinto, Passionei, e Innocencio 13º; mas o certo é que apesar da guerra de alguns Cardeais, ela foi recomendada aos soberanos de Portugal e Espanha, para lavrar as incultas vinhas do Senhor, nas terras e ilhas novamente descobertas que os bárbaros habitavam, isto por insinuação do seu fundador, que ocultava a todos os membros seu fim, se é que já o tinha assentado: espalhar esta maçonaria infernal, cobrir a vastidão da terra destas aranhas peçonhentas, tornar a associação poderosa pelo número, era tudo quanto viam os mais astutos; porém havia alguma coisa que não era para todos saberem, havia o pensamento de um que se executava, e seria executado vagorosamente noite e dia, ao longe e ao perto, por todos, quer professos quer simplesmente filiados, homens de todas as nações, que perderiam sua nacionalidade pertencendo à Ordem; de todos as condições, entes de ambos os sexos, de todas as idades, que seriam jesuítas e mais nada; e todavia esta palavra não designava os membros da associação, e sim o espírito da associação.

Em 1549 chegaram ao Brasil seis jesuítas governados pelo Vice-Provincial Manoel da Nóbrega, aportando à Bahia de todos os Santos em princípios de Abril, e logo em pouco tempo, com ajuda de novos sócios, tomaram posse das Capitânicas do Espírito Santo, Pernambuco, e Porto Seguro; quase ao mesmo tempo chegaram ao Peru outros, mas, não sei por que singular acaso, seu estabelecimento nas possessões de Espanha foi vagaroso, porque, sendo em 1553 desmembrada a Província de Portugal da do Brasil, pelo espantoso crescimento em que ia a Companhia nas terras de Vera Cruz, criava-se mais tarde e sem precisão a Província do Peru, e desta época até 1584 em que vamos eram muito poucos os lugares, onde tinham Colégios, ao passo que no Brasil em povoados dificilmente deixariam de encontrar-se estes corvos de agouro e descarada rapina; porém de Roma olhava-se para o México, o Chile, o Tucuman, com vista tão aguda e penetrante, como para o Rio de Janeiro e S. Vicente; pelas *Anuas* do Peru e da Bahia fazia-se um mapa fantástico, designando-se, não os lugares, mas a possibilidade de um estabelecimento jesuítico; então recomendava o Rei a seus governadores, mandava o Papa a seus bispos, ou ministros executivos das extravagâncias muitas vezes intoleráveis da Cúria, a Companhia a seu professos e filiados,

e o mais ardente zelo e diligência coroavam as maquinações tenebrosas, que precediam quase sempre os *arranjos jesuíticos*, porque se a Companhia era rica em *homens laboriosos* mesmo em princípios de sua fundação, era muito pobre de dinheiro; e, fundar um Colégio, transportar homens de um lugar a outro por largas distâncias, mantê-los e vesti-los, não era coisa fácil, apesar dos ofícios, que muitos possuíam; assim quando a um aceno de Roma distante se moviam de algum lugar para outro, lá iam encontrar quem os abrigasse, indo pôr por obra o traço de um mestre, ou concluí-la, mestre, espião, sondador, velhaco refinado e astuto, que os precedia muitas vezes semanas, meses, e até anos: Sancho de Stalla era no Tucuman o mestre. Poucos meses de estada ao serviço do Bispo D. Francisco Victoria fora tempo bastante para contrair mil relações e conhecimentos com as pessoas mais abalizadas e nobres que freqüentavam seu amo; entre estas, cativara a atenção particular de D. Jeronymo Luiz de Cabrera, que, sem ter residência fixa no Tucuman, vivia na cidade muitos meses, homem dos mais nobres e virtuosos, que pisaram as possessões espanholas da América, fidalgo generoso, cheio de brio e valentia, condições que se não davam no abjeto secretário, mas que ele sabia fingir ótimamente para assegurar-se da opinião de tão conceituado cavaleiro; a roupeta escura e estreita era-lhe embaraço para brandir a espada e vestir a cota, mas ânimo sobrava-lhe; em pontos de honra era tão estrito, que se duvidava de sua fé cristã, de sua devoção, de seu zelo apostólico, para não deixar uma ofensa sem castigo; mas em suas iras nunca o *golpe da graça* fora levado à garganta do inimigo abatido, de sorte que Sancho de Stalla era na ponta da língua mentirosa um complexo de virtudes, e D. Jeronymo, fascinado pela arte diabólica do sócio, fizera dele tal conceito, e tinha-o em tal conta, que os elogios que lhe prodigalizava seriam bastantes para estabelecer a reputação do enviado da Companhia para com todos; e o jesuíta, sem desprezar as vantagens que daí lhe provinham, não perdoava ocasião de firmá-la: porém que reputação tinha Sancho de Stalla, que conceito se fazia dele?! Os pobres, que recebiam suas esmolas, bendiziam sua liberalidade; para com os ricos era beato e piedoso, generoso e valente, sábio sem arrogância, nobre e humilde, poderoso e terrível, astuto, enredador, cruel, vingativo, era tudo, e tudo com efeito era! Sábio, granjeara a estima de D. Francisco Victoria, que o tomou ao seu serviço; valente, generoso e altivo, a deferência de D. Jeronymo Luiz de Cabrera, que lhe comunicou seus projetos, e o tratou como amigo; astuto, poderoso e terrível, o medroso respeito, amizade fingida e profundo ódio de D. João Ramirez de Velasco; enfim, cada uma de suas fingidas virtudes, cada um de seus vícios representava uma pessoa, um indivíduo, que tinha semelhante e correspondente em um outro indivíduo, que o sócio descobrira, enganara, e prendera à sua vontade na meada de seus tenebrosos projetos.

## CAPITULO V

### *Projetos*

Os trabalhos do Sócio Padre Sancho de Stalla em sua comissão especial ao Tucuman iam tão adiantados, e prometiam tal fruto, que se contava em Roma com mais um estabelecimento jesuítico como coisa assentada; porém o secretário de D. Francisco Victoria não estava satisfeito com as pequenas dificuldades que seu talento havia desfeito sem custo; e tendo assegurado e concluído em dois meses apenas o que lhe fora incumbido por seus superiores especiosamente, meteu mãos de outros trabalhos, que, por mais difíceis

e complicados, punham em ação contínua as diversas e encontradas faculdades deste homem perigoso, e era então quando ele vivia. De suas relações íntimas com o cavaleiro D. Jeronymo Luiz de Cabrera colheu largas e circunstanciadas informações sobre importantes negócios relativos ao governo de Espanha, e dele mesmo soube as tenções em que andava de fundar uma cidade, para o que esperava certos despachos, que a influência jesuítica do governador do Tucuman D. João Ramirez de Velasco lhe embargava, sem que ele o soubesse; porque havia entre este Associado e o cavaleiro D. Jeronymo antigos ódios de família e certas diferenças desconhecidas, que tinham feito com que estes revivessem: destas diferenças ocultas murmuravam algumas pessoas incertamente, dizendo uns que provinham da inveja, outros lhe davam mais tenebrosa causa, derivando dela a súbita morte da mulher de D. João Ramires; porém o Padre Sancho que trouxera de Roma a carta de comunicação de privilégios para o governador, não ignorava o motivo destas diferenças, e obrigado a servir ao Associado pelos deveres da Ordem, e sabendo que os interesses desta estavam primeiro que quaisquer outros, tentou a conciliação aparente ou profunda dos dois, porque da fundação de Córdoba provinha largo ensejo para a realização de espantoso projeto, e nas riquezas e poder de D. Jeronymo tinha o jesuíta um protetor e móvel grandioso: difícil era a tarefa, mas por isso mesmo desejada, e sua execução tenazmente prosseguida.

Amar uma mulher jovem e formosa, nobre e rica, virtuosa e prendada, é o maior de todos os tormentos; o seu amor, a maior de todas as desgraças: mas as mulheres foram sempre, são e hão de ser amadas, quer sejam ricas e formosas, quer pobres e feias, porque o senhor as pôs como Oásis neste deserto da vida; porém, nós outros os viajantes desta secura da existência, quantas vezes, procurando o refrigério da consolação que a benéfica mão do Criador depositou nestas nepentes, quantas vezes, em lugar da sombra das palmeiras, encontramos um remoinhar de milhões e milhões de répteis, Oásis mentiroso e terrível que destrói nossas esperanças e nos atira na desesperação?! Ora pois, alguns há que levam a desconfiança destes enganos mui longe do número destes, que eu chamarei misantropos *in partibus*, era o cavaleiro D. Jeronymo Luiz de Cabrera, ou que as pecadoras filhas de Eva criminosa lhe houvessem ossificado o coração, ou porque, evaporados os gazes inflamáveis da mocidade, a ambição ou o raciocínio os tivessem substituído: era com esta perigosa enfermidade no mancebo, simples indisposição de homem, e estado normal de velho, que o Sócio ia lutar, tendo para auxiliá-lo a mulher mais bela das Espanhas, a Espanhola mais ardente das colônias tropicais, o demônio mais terrível e perigoso que nesse tempo existia sobre a terra com formas femininas, e que se chamava Hermosa Mancilla Ramirez de Velasco e Gaio, filha do governador do Tucuman D. João Ramirez de Velasco. Sua mãe, parenta do cavaleiro D. Jeronymo, em grau remoto, a quem ela queria como a filho, por suas raras e estimáveis qualidades, acendera imprudentemente no coração da jovem Hermosa uma dessas paixões que se não apagam com simples palavras, porque, tendo começado pelo inocente amor da criança, acabam pela exaltação fantástica, pelo culto sagrado que uma filha tributa ao ente que sua mãe louva todos os dias e em todas as horas, na solidão do templo pedindo ao Senhor a realização de seu desejo; no arruído das festas, elevando-o sobre quantos se apresentam, ente amado por força, necessidade e direito, porque nesses tempos de *barbaridade* o coração de uma jovem era uma mola que o pai e a mãe dobravam a seu sabor, tempos que, graças a Deus, não hão de voltar, porque a *civilização* está conosco. Hermosa Mancilla ouvia com religioso silêncio a narração perigosa das encantadoras proezas de seu alongado parente, que sempre acabava com estas palavras:

- E um dia será ele teu esposo!

Então seus quinze anos começavam a fantasiar maravilhas, e seu amor pelo cavaleiro, que ela nunca vira, aumentava-se todos os dias; e D. Jeronymo Luiz de Cabrera perdia, à frente dos selvagens da Europa, na conquista do Novo Mundo, a sensibilidade do coração, acostumando-se a toda a sorte de crueldade, que um erro tornava virtudes: a destruição do Império dos Incas e a derrota dos Araucanos deixaram-no livre um pouco; acabava de fazer trinta e cinco anos, e a Espanha tinha-se lembrado de seu valor, de sua nobreza e de seus talentos; sua ambição achou em quê entreter-se além dos campos de batalha, e o cavaleiro chegou ao Tucuman quando menos aí o esperavam, porque as obrigações de seu cargo chamavam-no a outro lugar. D. João Ramirez de Velasco recebeu o parente de sua esposa com a maior urbanidade e agasalho possível, vendo no casamento de sua filha o termo, ou remédio de uma demanda ruinosa, que sustentava contra alguns parentes de D. Jeronymo e de Ulva Mancilla sua esposa; Hermosa, que seus amorosos sonhos dotara com todas as perfeições aquele por quem vivia desde muito, ficou encantada e satisfeita, por ver que em seu fantástico retrato faltavam muitas graças que o original possuía; enfim, Ulva Mancilla, que lhe servira de mãe e o educara, via depois de largos anos de ausência D. Jeronymo, que por dois títulos lhe merecia o amor de filho. Quanto a este, além do afeto filial que tributou àquela que cuidara tão desveladamente de sua infância, mais fez para que o aborrecessem do que o estimassem, pronunciando-se tão positiva e abertamente contra o casamento, que Ulva renunciou a intenção de falar-lhe; só D. João Ramirez e sua filha esperaram movê-lo: aquele, por ser esta sua única salvação, e o naufrago não larga a tábua em que suas mãos prenderam a esperança da vida; e Hermosa, ou fiada em seus atrativos, ou porque era inocente e crédula: dias e semanas passaram, e o cavaleiro, mui ocupado com graves negócios, poucas visitas fez ao governador e à sua família, até que lhe chegou a notícia triste e sentida da repentina morte de Ulva Mancilla, que o gênio terrível de seu esposo e o desgosto de não poder realizar seu desejo levaram ao túmulo. Foi profundo o sentimento de D. Jeronymo, que, ignorando a causa principal da morte de sua mãe, como ele com razão lhe chamava, tomou tal ódio e aborrecimento ao governador, que muitos davam como algoz de sua desgraçada esposa, e não sem algum fundamento, que não tornou mais à sua casa.

Estavam as coisas neste estado, quando chegou ao Tucuman o Padre Sancho de Stalla, trazendo consigo apontamentos sobre as principais circunstâncias favoráveis ou adversas a cada família rica ou poderosa que residisse no lugar onde sua comissão o levava; nenhuma indicação dizia respeito a D. Jeronymo Luiz de Cabrera, mas o sócio por Comunicação de Privilégios, ouvindo falar o Padre Sancho da situação perigosa de sua demanda, deu-lhe conta das intenções que tinha sobre o cavaleiro, pedindo-lhe socorro em tão difícil empresa: o estabelecimento da Companhia estava primeiro, mas logo que o jesuíta teve seguro o resultado de sua missão, meteu mãos à obra, começando por apoderar-se do ânimo do cavaleiro, o que conseguiu facilmente; porém, dobrá-lo a seus intentos, conciliando-o com D. João Ramirez de Velasco pelo casamento de sua filha, nunca o pode, porque tinha contra si o ódio do cavaleiro pelo governador, e sua aversão ao matrimônio. Todavia, o jesuíta nesta negociação de interesse parcial não arriscou uma só palavra que pudesse dar a conhecer a D. Jeronymo que era Hermosa Mancilla aquela esposa que devia fazer sua felicidade; nunca o nome de D. João Ramirez de Velasco lhe saíra dos lábios, porque suas maquinações iam mui longe, e mui bem urdidas; e quando na noite do último de Abril enviara um Próprio a quatro léguas de distância levar ao governador a notícia de que chegara o correio de Roma, também esse Próprio tinha ordem de dizer-lhe que no dia

próximo devia ser tentado o primeiro ensaio sobre o *negócio* que lhe dizia respeito, e este ensaio era um encontro de D. Jeronymo com Hermosa Mancilla, em casa do Bispo D. Francisco Victoria, encontro que não teve lugar por causa da pontuda faca do gardunho Urquisa.

## CAPITULO VI

### *Los Hermanos*

A paixão de Hermosa Mancilla pelo cavaleiro D. Jeronymo, em vez de arrefecer com a morte de Ulva, tinha tomado um caráter violento e medonho: a jovem tornou-se mulher feita pela desesperação; fez de sua formosura uma terrível arma com que feria muitos para dar morte a um só; impôs com a nobreza aos que lhe ficavam perto na ordem social; seduziu com a riqueza aos pequenos para instrumentos; iludiu os crédulos que lhe supunham virtude, vencendo até os indiferentes com suas prendas raras, que fingida modéstia realçavam, de sorte que tudo quanto a natureza lhe concedera pródiga para enfeites, uma só paixão estragara com uma só e grande desgraça. Seu amor próprio esperou dias e semanas pelo cavaleiro, que não veio; sua soberba deu-lhe esperanças nos altivos discursos de fâmulos e dependentes; sua vaidade faria alongar projetos talvez razoáveis, nascer circunstâncias favoráveis, ou adversas, que deviam complicar o drama, que chamaremos amor progressivo de uma moça: porém uma palavra, um homem destruiu tudo: e todavia este homem, sem dar-lhe com os tormentos de sua alma, trabalhava em seu favor por cálculo.

Uma noite calmosa, mas bela, Hermosa Mancilla, passeando numa rua do jardim de palácio, ouviu falar em voz baixa, alguns passos longe de si; parou, escondendo-se por detrás de um tecido de jasmims, e a poucos instantes viu passar dois homens rebuçados, que discutiam um objeto de muito interesse para ela, seu casamento com D. Jeronymo Luiz de Cabrera; estes dois homens eram seu pai, e o Sócio Padre Sancho de Stalla: D. João Ramirez ponderava ao jesuíta as vantagens que o casamento de sua filha lhe traria, vantagens que sua lógica em medroso desespero fazia reverter também em benefício da *Sociedade*, porque a sentença que lhe arrancasse os bens destruiria sua nobreza, consideração e cargo, e não havia certeza de que um novo governador do Tucuman quisesse aceitar a *Carta* da Companhia. No instante em que passaram em frente da latada de jasmims, Sancho de Stalla, que em particular falava ao governador como a subalerno que era, disse-lhe sem preâmbulos que, se o casamento se não pudesse concluir sem comprometimentos de maiores interesses, não se concluiria, apesar da paixão louca de Hermosa; ajuntou-lhe razões que por certo satisfizeram ao con-sócio, e que, não tendo sido entendidas, nem mesmo ouvidas pela moça, não puderam fazer destruir o ódio que as primeiras palavras tinham feito nascer; ódio implacável, porque toda a desesperação de Hermosa se revestiu de uma forma; a ingratidão de D. Jeronymo para com sua mãe, o sentimento de sua morte, os desdêns do amante, a frialdade e aspereza de seu pai, tudo se converteu no ódio que ela, com a leviandade que é própria às de seu sexo, em um segundo votou para sempre ao ente que com tanta indiferença dispunha de seus desejos, de sua vontade, de seu coração, e do que ela menos caso fazia, de sua mão e de sua fé de esposa; já ela não amava o cavaleiro, não o amava como costuma amar uma alma virgem, era uma espécie de vingança que lhe entretinha o pensamento, era aquele dom e essência feminino

que não sofre que desprezem sua formosura; porém, com as palavras do Sócio, parece que seu coração, batendo pela primeira vez ao ouvir o nome do amante, não lhe cabia no peito, era um ente estranho, um homem que atrevidamente queria colocar-se entre si e aquele que de novo começava a amar. Esta diversão escureceu a insensibilidade do cavaleiro; fez ainda mais, achou causas, criou impossíveis, estendeu dificuldades que desculpavam sua ausência, e até certo ponto demonstraram a impossibilidade de ter manifestado claramente seu amor; não poderia ser que um oculto inimigo o desviasse de seus olhos? O silêncio da noite e a suavidade dos perfumes acabaram a obra; sua cabeça escandecceu-se, e ela sonhou largo tempo embalada pela branda aragem, porém uma nuvem negra como o manto da noturna e odiosa personagem, cujas palavras a tinham ferido profundamente, veio antepor-se à lua e destruir seus pensamentos agradáveis, substituindo-os por outros muito diferentes: Hermosa deixou o tronco do jasmineiro em que se havia encostado, tomando lentamente o caminho do palácio, onde ela esperava encontrar todos mergulhados em profundo sono, porque no relógio da Catedral acabava de soar a última badalada das doze da noite. Sua admiração foi grande ao ver que em quase todos os aposentos havia luzes, menos na grande sala, o que provava não ser tão estranho acontecimento motivado por visitas, e, ao atravessar um comprido corredor que levava ao seu quarto de dormir, sentiu que se falava em projetos de próxima viagem: Francisco Ternero, criado particular do governador, dava ordens aos moços da cavalaria para terem prontos dois cavalos ao amanhecer, um selado para homem, outro para senhora: Hermosa entrou na saleta.

- De quem recebestes semelhante ordem? disse ela com altivez para o servo.

- Do senhor governador, vosso pai, respondeu Francisco Ternero, fazendo uma cortesia humilde; partirá esta madrugada para o campo, segundo é sua tenção, e vós ireis em sua companhia, as malas estão prontas.

Hermosa franziu levemente a testa, e sua cabeça meneou-se pausadamente duas ou três vezes.

- Para o campo, não é? Para a nossa agradável quinta do Candil?!

- Adivinhasteis, senhorita; mas o senhor governador vai, segundo é sua tenção, ainda mais longe; os índios não querem trabalhar no Candil, e fugiram cinco léguas pelo mato: porém falemos de aprestos, as malas estão fechadas, onde quereis levar vossas jóias? Havemos de ter lá muitas visitas, e apesar do luto...

Hermosa saiu sem responder-lhe, e entrou em seu quarto: a tez morena da espanhola tinha tomado uma cor vermelho-roxa, seus olhos pretos e brilhantes pareciam dardejar chamas na escuridão em que seu aposento estava, e a que ela não deu atenção: levantou devagar uma janela e debruçou-se, para que a frescura da noite lhe mitigasse a efervescência sangüínea que a tornava louca. Pouco e pouco se foi aquietando todo o palácio; ouviram-se duas horas; e Hermosa, debruçada na janela, esperava sem dormir a hora da partida; um assobio agudo e perlongado estrugiu no silêncio da noite, e a pouco espaço, um outro, como em resposta, se fez ouvir; uma sombra rápida saiu dentre o arvoredo que bordava o muro do jardim, e veio parar defronte da janela, onde, protegida pela escuridão, Hermosa se conservou sem ser vista nem sentida; depois ouviu-se ranger levemente uma porta, e outra sombra se aproximou desta. A janela, sem ser rasgada ao rés do chão, era contudo bastante baixa para se poder ouvir quanto se dizia, apesar de não falarem em alta voz os dois entes misteriosos.

- Maestro, toda la noche hemos estado trabajando; disse o que saiu do palácio, e que, pelo metal da voz, Hermosa reconheceu ser Francisco Ternero.

- Yo tambien, lhe respondeu com voz rouquenha o que de fora viera; y sin haber cogido nada; três noites hay que vengo a buscar fruto, e non lo hallo.

- Esta es buena, os digo maestro.

- Entonces, hermano mio, D. Juan Ramirez?...

Francisco Ternero, antes de responder olhou de roda de si, e, reparando em que a janela tinha ficado aberta, afastou-se uns poucos de passos, de sorte que Hermosa não pode ouvir sua resposta, e, como os dois tivessem entrado num maciço de árvores, antes que a lembrança do perigo viesse acomete-la, saltou ligeira sobre o parapeito, e daí, escorregando-se pela parede com as mãos seguras na janela, caiu no jardim, sem ter feito o mais leve ruído; depois, com a mesma resolução e segurança, seguiu as pisadas de Ternero e seu amigo. Passada meia hora, este último, subindo ao alto do muro da quinta ajudado por Francisco Ternero, desceu daí para a rua por uma escada de corda, voltando o companheiro para palácio; mas, antes de chegar à soleira da porta, uma mão o reteve pelas abas do gibão de saragoça alvadia.

- Como se chama este homem com quem acabas de falar? disse Hermosa Mancilla, com acento firme e resolutivo, retendo sempre o criado, cuja estupefação tornara como idiota; fala, continuou ela, como se chama este homem?

- José Gusano, respondeu o criado entre dentes.

- Mestre da Confraria dos irmãos gardunhos, de que tu fazes parte, e as duas rameiras que me servem de criadas, não?

Francisco Ternero, que ia tornando a si do estupor em que estava, demorou-se um pouco antes de responder; depois, com grande pasmo de Hermosa, que supunha tê-lo aterrado, disse com imperturbável sangue frio:

- De que Confraria falais vós, senhorita? Que rameiras são essas que em palácio moram?!

- Gardunho, replicou a filha do governador, ouve-me, e toma sentido; tu conheces o cavaleiro D. Jeronymo Luiz de Cabrera?

- Como a cruz do meu rosário bento, e que todos os dias rezo.

- Eu o amo!

- E fazeis bem com isso, que é um guapo cabalero.

- Há um homem que não o entende assim...

- O senhor governador vosso pai?

- Não, o secretario do Bispo D. Francisco Victoria.

- Ah! Um padre, senhorita!

- Francisco Ternero, eu não vou amanhã para a nossa quinta do Candil, não quero ir!

- Mas...

- São as minhas jóias de que tu vais falar? Amanhã as vou levar a José Gusano, eu mesma, escusa ele de me esperar em La Sierra dos Anchos.

- Porém as ordens do senhor governador vosso pai?!

- Não quero ir!!

- Ah! Os cavalos também estão mancos.

- E se meu pai te mandar aprontar a liteira?

- Quebrou-se-lhe um dos varais esta noite.

- Bem; Pepita me conduzirá à casa de José Gusano.

- Á casa do Maestro? Pois não, senhorita; mas tende conta!

## CAPITULO VII

*Amigos e inimigos*

No amanhecer do seguinte dia partiu o governador para as suas terras do Candil, deixando a filha doente, porque Francisco Ternero, querendo afastar de si qualquer responsabilidade ou suspeita, obrigara Hermosa Mancilla a mentir em seu lugar; uma criada de palácio devia avisar o chefe da Gardunha de quanto ocorrera depois da conferência do jardim, para que ficasse sem efeito a *espera* em La Sierra dos Anchos, e mais fazê-lo ciente da resolução da filha de D. João Ramirez de Velasco, que pretendia falar-lhe nesse mesmo dia. José Gusano e mais cinco companheiros, montados em soberbos cavalos, pararam pela volta das três horas da tarde em frente de um alpendre meio arruinado, dependência da estalagem *Espuerta Llena*, de que era dona Rosalia del Tarso, viúva de um capitão de navios assado muito patrioticamente por seus companheiros de pirataria, como talvez tenhamos ocasião de fazer ver aos leitores; já de há muito aí o aguardava uma moça alta e delicada, que pela riqueza de seus vestidos bem mostrava ser rica, e por seus modos altivos, nobre; quanto à sua formosura, nenhum dos hospedados na estalagem poderia dizer coisa certa, porque o espesso véu de renda preta de sua mantilha tão impenetravelmente lhe cobria o rosto, que até seria duvidoso que pudesse ver através dele, se não dera fé prontamente de quantas pessoas entravam, falando depois ao ouvido de uma rapariga que lhe ficava perto; esta moça, como Vms. bem sabem, era a filha de D. João Ramirez de Velasco, e a rapariga, sua criada Pepita.

Apenas os seis gardunhos se apearam, Rosália del Tarso correu à porta, fazendo sinal a José Gusano de entrar no alpendre; e logo voltando-se para dentro disse para um rapaz que servia os hóspedes:

- Pablo, seis cavaleros que vem de La Sierra dos Anchos; ide pensar seus cavalos.

Pepita levantou-se apertando braço de Hermosa, e ambas saíram da estalagem:

- José Gusano chegou, senhorita; ei-lo acolá no alpendre que vos espera; falai-lhe, que eu farei por entreter seus companheiros, para que não vos espreitem, e qualquer palavra vos descubra.

E dirigindo-se para o terreiro, foi encontrar-se com os cinco gardunhos, que se mostraram muito alegres com vê-la.

- Então, é alguma irmã que nos trazes? perguntou um deles, de alcunha Paxarillo.

- Pode ser muito bem.

- Pepa, e será tão bonita como tu? disse um outro.

- Só me confesso de joelhos, senhor Mesonero; e agora me vedes em pé.

- Sempre arrepiada conosco! disse Paxarillo rindo-se; deixemos João de Urquisa, que lhe abrandará o ânimo, e vamos ter com a senhora Rosalia del Tarso, que tem sempre o riso na boca...

- Daqueles que lhe pedem de beber e têm dinheiro; acrescentou Mesonero, empurrando escontra a estalagem os companheiros.

João de Urquisa era um colosso de sete pés de altura, moreno, barba até os olhos, que eram pretos e brilhantes como dois carvões, nariz comprido, mas proporcional, testa espaçosa, musculoso e valente, era uma beleza hercúlea, de que são muito apaixonadas as moças de Espanha; e Pepita, apesar de ser uma simples criada, contudo tinha nas veias sangue espanhol, por isso tinha escolhido o mordomo de S. Exa. o Bispo do Tucuman para amante, até que ele se dignasse ser seu marido, o que mui poucas vezes lhe lembrava,

digamo-lo de passagem; ora, não só o desejo de ser útil à sua ama, impedindo que a curiosidade de algum dos gardunhos a descobrisse, como também o interesse de trocar duas palavras com o seu querido, tinham-lhe feito nascer o pensamento de deixar só com o Mestre Hermosa Mancilla, e vir para o terreiro mui lépida e sacudida, o que não foi mui de gosto para o senhor João de Urquiza, segundo se lhe podia ver no carregado semblante.

- Que tens tu? perguntou Pepita meio assustada.

- Coisa nenhuma, e eis aí todo o meu mal; respondeu secamente o gardunho.

- Oh! Tens o meu coração, a minha vida e alma! disse gamenha a espanhola; talvez que se foras um rico cavaleiro te amara menos, meu amigo.

- Que vieste fazer ao Ponto, quando tinhas certeza de não encontrar o Mestre, e em dúvida se me encontrarias a mim?!

- Certeza de encontrar o Mestre tinha eu, porque o mandei chamar por Stella; não a encontraste?!

- Encontrei, e então?

- Muito bem, mais nada.

- Grande deve ser o negócio! disse gardunho incrédulamente; a filha do governador doente, e tu por aqui; não fazes falta em casa, tu e Stella fora? Grande negócio!

- Grande na verdade, disse Pepita, olhando para o alpendre.

- Quem é aquela mulher?

- O seu nome não to digo, mas posso dizer-te que vem fazer uma encomenda ao Mestre.

E, como todos dois olhassem para o mesmo lugar, repararam em que José Gusano, em vez de falar com Hermosa, tinha ido primeiro acariciar um alentado cão de fila, que, vendo seu dono parado sem ir ter com ele, mordida raivosa a corrente que o retinha preso ao muro de estalagem; o Mestre, depois de afagar *Prueba*, dirigiu-se lentamente outra vez para o telheiro, onde se assentou com a maior soberba, indicando à filha do governador para assento um cesto de erva, assento na verdade mole e fresco ao mesmo tempo. Pepa mordida os beiços com despeito, vendo o mau e grosseiro modo por que o Mestre recebia sua ama.

- Conheceis-me? perguntou Hermosa Mancilla para o gardunho, sem querer sentar-se.

- Não, respondeu o altivo José Gusano.

- Pouco importa; mas sabeis ao que venho?

- Haveis de dizer-mo, se quiserdes.

- Em poucas palavras; quero que me livreis de um homem.

- Isso será caro, senhorita.

- Vede este anel, quanto julgais que vale em consciência?

- Em consciência não sei, porque é medida e peso que não usamos; porém talvez se possa sangrar esse homem, se lhe juntardes depois, vede que é só depois, mais alguma coisa; o vosso nome, e o do homem?

- O meu nome?! disse Hermosa, que julgava piamente não sabê-lo o Mestre.

- Um nome qualquer, pouco importa; chamai-vos Ulva, que é a santa de que hoje reza a Santa Madre Igreja; o nome do homem?

Hermosa ficou muda; nome de sua mãe na boca deste bandido, quando ela vinha fazer-lhe tão sanguinário pedido, era um terrível e medonho brinco do acaso, ou uma admoestação do céu; de sua fronte caía suor em bagas frias como gelo, tremiam-lhe as pernas, e ela arrependia-se da resolução perigosa e feia que havia tomado.

- Esqueceu-vos o nome do homem? disse o gardunho com mostras de enfado.

-Sancho de Stalla, disse com voz firme Hermosa, passando com espantosa volubilidade da piedade à ira, do arrependimento ao crime.

José Gusano ficou olhando um pouco de tempo para Hermosa espantado; porque, tendo sabido por Stella de como lhe queria falar a filha do governador, que ele esperava em La Sierra dos Anchos, conforme tinha tratado com Francisco Ternero, não julgara este acertado comunicar a rameira o negócio de Hermosa, visto que ela desejava expô-lo verbalmente ao chefe.

- Aqui tendes o vosso anel, senhorita, disse o gardunho levantando-se para sair; dou-vos um conselho: não encomendeis a outro a morte desse homem, porque ninguém haverá que a faça; todos os meus lhe são devedores de *mil gracias*, e eu mesmo não consentirei que lhe toquem em um cabelo.

- Então é vosso amigo? disse com desprezo Hermosa.

- E dos mais nobres senhores de todas as Espanhas; quereis que me explique? Pois ouvi, continuou José Gusano com um sorriso sarcástico, são seus amigos o Bispo D. Francisco Victoria: de quem recebemos indulgências por sua intercessão; o governador D. João Ramirez de Velasco, que pode mandar lançar por terra uma força em dois segundos, assim como pode mandar levantá-la.

Hermosa deixou o pardieiro encolerizada; Pepa correu a ter com ela, deixando João de Urquisa rendido, tantos tinham sido os afagos, tantos os protestos.

- Que fazeis, senhora! Não vedes que vos podem conhecer? Não levanteis o véu...

- E que tem que me conheçam?! disse Hermosa Mancilla ardendo em raiva; será preciso talvez afrontar cara a cara esse miserável, a quem os gardunhos temem!

João de Urquisa, que não deixava perder uma só palavra da conversação, apesar de conservar-se a respeitosa distância, João de Urquisa deu um salto ao ouvir as últimas palavras de Hermosa Mancilla; e, sem se lembrar que poderia ser mal recebido por essa dama que ele via tão indignada contra a Confraria, chegou-se ao pé das duas, e tirando respeitosamente o chapéu de largas abas, disse em própria defesa, com natural soberba, e para se engrandecer aos olhos da namorada:

- Senhorita, não conheceis todos os irmãos gardunhos.

- Nem preciso, respondeu a filha do governador com desprezo.

- Todavia vós precisais de alguma coisa, continuou o gardunho, pondo o chapéu na cabeça meio zangado; e se os conhecesseis todos, pode ser...

- Pois se vosso chefe, que vos tem a todos por si, não se atreve, como é que um só...

- Falai, senhorita!

- Dizei-lhe a que viestes, interveio Pepita; eu o conheço, e vos afianço de que, se ele o não quiser ou puder fazer, guardará segredo.

- Falai, senhorita, falai! repetiu com maior soberba João de Urquisa.

- Quereis livrar-me do secretário do Bispo do Tucuman...

- O Padre Sancho de Stalla? interrompeu vivamente o gardunho.

- Ele mesmo.

- Não tereis que dever-me senão a brevidade; o negócio é meu: esse miserável também vos fez mal, senhorita? perguntou carregado João de Urquisa; deixai-o comigo, que se tem amigos na Confraria, também tem inimigos.

Hermosa tirou do dedo o mesmo anel que oferecera a José Gusano, e deu ao gardunho, dizendo-lhe:

- Não é paga, é uma lembrança do que vos peço.

- Descansai; nem todos os gardunhos temem o secretário do Bispo, ou são seus amigos; também há um gardunho que o aborrece, e será sempre seu inimigo!

## CAPITULO VIII

### *Cumprimento de palavra*

A estalagem - Espuerta Llena -, vazia quase toda a manhã, começava a encher-se de fregueses, e por tal forma, que a senhora Rosalia del Tarso, Pablo e outros serventes, mal podiam servi-los, não só porque na verdade muitos eram, mas ainda porque sendo pela maior parte gardunhos e rameiras, e outros que tais e semelhantes, seus pedidos faziam-nos tão desensofrida e atrevidamente, que boa parte do tempo gastava-se em sujas palavradadas, e horríveis blasfêmias, o que na verdade muito contribuía para afastar de semelhante espelunca qualquer viajante honrado que seguia a estrada; muitas e repetidas vezes das nojentas falas passavam a vias de fato, e as paredes e soalho da - Espuerta Llena -, manchadas de vermelho e arranhadas, eram indício, não só do copo de vinho que voara à cara de um conviva da diurna orgia, mas também do sangue que pontuda faca fizera verter de amplíssima ferida; em outras ocasiões também as coisas não iam a tão feio ponto, e então um chicote de almocreve afagava as nédias costas de alguma muchacha rebelde, ou duas furiosas matronas que se esgadanhavam, mordiam e arrelavam, conforme é costume entre o sexo amável, em suas iras e brigas: enfim, mais ou menos trágico, sempre havia desaguisado entre os hóspedes da senhora Rosalia del Tarso, muda e impassível testemunha de todos. Porém há casos em que a pessoa mais indiferente se revolta contra seus mais calculados e prudentes hábitos, e assim acontece com a dona da estalagem ao presenciar a funesta consequência dessa antiquíssima e nunca conciliada inimizade que existe, e há de existir sempre entre dois animais da criação, que parece não terem estado tão juntos como deviam estar dentro da Arca de Noé; foi o caso como vou contá-lo em mui poucas palavras. Tinha a senhora Rosalia del Tarso um alentado bichano a quem queria como às meninas de seus olhos, e que passava as manhãs estendido ao soalheiro, as tardes e noites por entre as pernas dos fregueses; acontece que soltando-se *Prueba*, o companheiro de José Gusano, se desmandassem por causa de um osso, e que por fim de contas ficasse o fila com menos um de seus pequenos e brilhantes olhos, o que sofreu mal seu dono, pagando ao vitorioso gato com tão alentado coice que o virou de pernas ao ar, morto e bem morto, apesar do beneficio que a natureza concedeu aos da sua espécie, que lhe não valeram sete fôlegos diante de tão formidável patada: um grito doloroso chamou a atenção dos hóspedes para junto da miserável vítima, que esperneava no meio do assoalho, enquanto *Prueba* grunhia junto de José Gusano, furioso por ver em tal estado seu companheiro de emboscadas; depois a senhora Rosalia del Tarso, em vez de cair desmaiada, como faria uma *sentimental* de nossos dias, pegou com heróico esforço pelo rabo do bichano, e fazendo-o descrever uma perfeita circunferência á roda de si, mandou-o encontrar a crestada frontaria do Maestro de la Garduna, que, não esperando tão grande atrevimento de uma mulher, ficou um instante imóvel, petrificado; e logo, procurando com ligeiro movimento a faca presa do largo cinto de couro, de um salto caiu sobre a imprudente estalajadeira, e a teria feito pedaços, se o resto dos fregueses lha não tirassem das mãos escorrendo sangue por duas feridas, uma no peito, outra em um braço, que a força e destreza da senhora Rosalia não pudera evitar, tão

repentino fora o ataque. Todos os assistentes se misturaram na sarrabulhada, menos um alentado moreno, que sem mover-se da cabeceira de uma mesa, presenciou toda a cena atento e calado, até o instante em que José Gusano se atirou com a faca em punho sobre a dona da estalagem:

- Oh! disse ele mal que a faca do gardunho atravessou o peito de Rosalia, foi esse braço e esse ferro quem te enterrou o marido; se te fizer o mesmo pouco se perde.

Porém, no meio da algazarra que se fazia a este tempo, ninguém ouviu as palavras de João de Urquisa; e quando pouco e pouco se foi serenando a tempestade, o Mordomo do Bispo de Tucuman levantou-se, atravessou vagaroso os grupos que entulhavam a sala, e foi desprender o cavalo, em que se dispunha a montar, quando uma mão o reteve pela curta capa que lhe pendia de um só ombro.

- Esperai, senhor cabalero, lhe disse Pablo desinquieto; minha ama vos quer falar em segredo; ide à roda da cerca, e esperai-me no Capão dos Matarãs, onde vos irei tomar logo que tiver ordem de fazê-lo.

João de Urquisa saltou lesto sobre o cavalo, e trigou em direitura a cidade, sem tenção, ao que parecia, de executar a ordem que lhe fora dada; porém a uns trezentos passos da Espuerta Llena entrou no mato, e desapareceu na escuridão; algumas horas depois Pablo veio ter com ele no lugar aprazado, e com extrema cautela introduziu-o num quarto baixo, onde sobre uma camilha estava Rosalia del Tarso pálida e moribunda: depois de um instante de silêncio, em que o semblante do gardunho não manifestou a mais pequena alteração de medo ou compaixão, a mulher acenou-lhe com a mão para que se chegasse, e, como abrisse a boca para falar, uma golfada de sangue embargou-lhe a voz e ela caiu de costas sobre a camilha, fazendo horríveis contorções.

- Ele tem a mão segura; disse o gardunho em voz bastante inteligível e carregada, sem dar-se-lhe do efeito de suas palavras.

- Bem segura! disse Rosalia fazendo um violento esforço; e guarda-te, que talvez em pouco tu mesmo o sintas...

João de Urquisa olhou com avidez para o cinturão, e depois, vendo a comprida faca que aí se atravessava, levantou os ombros com indiferença, e esperou.

- Não recebestes hoje um anel de uma mulher coberta com um véu?

- É verdade.

- Como paga de um aviamento...

- Não; como lembrança de o executar com mais presteza: a tenção é minha.

Rosalia arregalou os olhos como quem não entendia as palavras, nem o sentido; e como o gardunho não fizesse caso de sua muda interrogação, prosseguiu:

- Pois o *homem* já sabe tudo; José Gusano, a quem ele esperava aqui, contou-lhe a encomenda que acabavam de fazer-lhe, e o Padre querendo ver se podia reconhecer a mulher, viu entregar-te o anel...

- E concluiu que eu tinha aceitado a encomenda?

Rosalia del Tarso acenou com a cabeça em modo afirmativo.

- E que me quereis vós a mim?

- Dizer-te que o Padre Sancho amanhã por noite sairá da casa de campo de D. Jeronymo Luiz de Cabrera.....

- E também vós tendes contas com o Padre?

- Não...

- Então, é só pelo gosto de vos encontrardes com um conhecido no caminho do inferno amanhã, se lá chegardes?

A vingativa espanhola não fez caso da horrível apóstrofe do gardunho; mas por uma espécie de saboroso requinte de maldade disse com verdadeiro acento infernal:

- O Padre Sancho é a vida de José Gusano, é o braço que lhe derruba a forca... Que lhe abre a porta do cárcere... Morra pois o miserável na morte do Padre Sancho!...

- É só isso o que tendes a dizer-me?

- Ouve mais, disse à fúria, jorrando o sangue que lhe saía pela boca até o teto do quarto; ouve!... O teu chefe recebeu ordem de quem amanhã não há de poder dar mais nenhuma, recebeu ordem de aviar-te... João de Urquisa! Quanto queres tu por fazer a esse miserável o que farás a quem lhe deu a ordem?!...

O gardunho desconfiado e altivo fitou os olhos na desgraçada, e disse lá consigo: quem sabe se não mentes?

- Se for como acabais de dizer, em lugar de meio ferro que lhe dera por livrar-me da sua tenção danada, e salvar a vida, dar-lhe-ei minha faca até o cabo, em agradecimento do vosso aviso... Mas se ele não vier para mim não conteis que eu lhe pague o que vos fez... Havia contas antigas entre vós ambos! E não me compete averiguar qual de vós mais deve.

João de Urquisa saiu sem voltar-se, que se o fizera, veria a desgraçada levantar-se nos joelhos como por um poder sobrenatural, juntar as mãos levantadas para o céu, e cair sem vida...

No dia seguinte por noite, Urquisa foi esperar Sancho de Stalla junto do palácio de D. Jeronymo Luiz de Cabrera, e nós sabemos já que fez como se lhe havia ordenado; sendo para notar que era a primeira vez de sua vida que lhe acontecia ferir duas vezes: sempre a primeira escusara a segunda.

## PARTE SEGUNDA

### PROVÍNCIA DO PERU

#### CAPITULO I

*La Ciudad de los Reys.*

1585.

Frederico Lumnio, e Rutilo Bençonio disseram que a Companhia de Jesus fora profetizada por Isaias; porém esqueceram-se de nos dizer qual devia ser *a terra desgraçada simbolo de asas, que ficava além dos rios*<sup>2</sup>; *aquela que deveria ser esmagada quando o estandarte fosse plantado no alto dos montes, e soasse a trombeta*<sup>3</sup>; esqueceram-se de aclarar as palavras misteriosas do Profeta com uma única palavra - América! Esse *Povo arrancado e despedaçado, essa gente que estava esperando, esperando, e foi pisada aos pés*<sup>4</sup>: quem seria senão a povoação primitiva do Novo Mundo?! A *Sião do Santo Israel* (Roma Jesuítica) *viu, e encheu-se de espanto, seu coração dilatou-se fora de si mesmo*<sup>5</sup>;

<sup>2</sup> Isaias, cap. XVIII, verso 1°.

<sup>3</sup> Idem, idem, verso 3°.

<sup>4</sup> Idem, idem, verso 7°.

<sup>5</sup> Idem, cap.LX, verso 5°.

porém as tributárias Median e Efa, Sabbá, Cedar e Nabaioth deviam trocar seus nomes em Peru, México, Uruguai, Paraguai e Terra de Vera Cruz, para que os Justos da Sião tomassem posse do que era seu, herdassem a terra para sempre. As minas do Peru, as riquezas da Sabbá bíblica prometidas pelo Profeta à Companhia, inundavam a Espanha de cobiça, porque não fora possível ocultar aos aventureiros a realização da profecia; o Anjo do Apocalipse, que tinha los pés semelhantes a colunas de fuego<sup>6</sup>, havia desaparecido de sobre a terra e de sobre o mar, nos últimos dias de 1556, depois de ter gritado em alta voz, como um leão quando ruge; seu rugido tinha sido repetido por cinco ecos, e não por sete trovões, como em S. João o Apóstolo no capítulo décimo, e estes cinco ecos tinham nome Francisco Chavier, Afonso Salmedou, Rodrigues de Azevedo, Jaques Laynez e Pedro Fevre: antes de extinguir-se o fogo vindo de Deus<sup>7</sup>, já eram tantos os ecos que podiam repetir a voz do Mestre Ignácio, que se o tentassem ensurdeciam meio mundo; mas, como dissemos algures, eram sons sem harmonia, porque não era de todos conhecido o segredo da Ordem. No ano de 1585 em que vamos, já a indiática Rimac Malca, aquela cidade que surgira do nada à voz poderosa do sanguinário Pizarro construída ao clarão do incêndio de Pachacamac, La Ciudad de los Reys, ou Lima, tinha sofrido mil vexames de intrigas jesuíticas; no Concílio Provincial de 1567, presidido por D. Fr. Jeronimo de Loaisa, trataram-se muitas coisas alheias à disciplina, discutiram-se absurdos; porém no de 1582, que presidiu S. Thoribio de Mongroviejo, nesse as roupetas sofreram tão aberta oposição do Santo Arcebispo, que lhe votaram entranhável ódio: João Atienza, Provincial da Companhia, de tal maneira se houve com sacrílegos embustes entre os Franciscos e Carmelitas, que o Concílio como que suspendeu suas sessões; porém como isto, por ser em anos anteriores à nossa historia, não pode ser por nós averiguado, deixamo-lo para tratar da guerra de ciência, que por esta época Lima presenciou entre os Jesuítas, Franciscos e Carmelitas, bem semelhante à que presentemente a França e a Suíça presenciavam.

A sorte dos Doutores Francisco Marin, e Antonio Marin, de SoldeVila, de Francisco Zapata, de Guilherme Posteli, a quem não valeu a proteção de Francisco I de França e de Margarida de Navarra para ser preso em Veneza, remetido para Roma, onde morreu na prisão com as pernas quebradas, de Francisco Mancilla, de Antonio Gomes, de Miguel Nobrega, de André Monteiro e de muitos outros, a sorte destes Jesuítas iludidos pelo Anjo do Apocalipse, e seus chegados, devia por certo fazer calar a consciência dos outros, e torná-los na mão de seus superiores como *uno cuerpo muerto que no tiene querer, ni entender, como uno pequeno Crucifixo, que se dexa baluer de una parte a otra sin dificultad alguna*; porém a mentira é tão amarga na boca do homem não réprobo; renegar a consciência, coisa tão difícil ao brio; deixar de raciocinar, coisa tão impossível ao ente dotado desta faculdade, que não sei mesmo como era possível desfazerem esses corvos negros o que a mão de Deus fizera, se uma ou outra vez não saíssem abortados os monstruosos e horrendos projetos de tais homens; era preciso que a natureza imperasse muitas vezes, para não renegarmos nossas crenças; e assim, se a desgraça de Posteli, de Marin, de Mancilla e Gomes fazia emudecer milhões, alguns havia que ou abertamente deixavam a Ordem, e isto em perigo para a vida, ou se conservavam nela abjurando-lhe os fins, seguindo a estrada da honra, e desempenhando o magistério segundo a letra do Evangelho, e o espírito. Destes tais era Francisco Angelo, Irmão Professo em três votos, homem douto, a quem João Atienza confiara uma cadeira de latinidade; seus desvelos para

<sup>6</sup> São palavras do Concílio Terraconense.

<sup>7</sup> O Ignis a Deo Illatus, anagrama de Ignacio de Loyola.

com os discípulos valeram-lhe mil elogios do Reitor do Colégio del Príncipe, elogios que originaram sua desgraça, e a guerra entre os Franciscos, e Jesuítas: a indiferença ou negação do Irmão Angelo na aliciação do espírito de seus educandos foi motivo para que o Provincial o removesse do encargo, e os Franciscos, ou por interesse próprio, ou por justo ressentimento de tal injustiça, começaram a desacreditar o novo professor João Villegas, e deste passaram a Affonso Barsena, que ensinava teologia, sem perdoar ao Provincial, e a outros, que por se vingarem espalharam também mil verdades, e mil embustes, de sorte que sem a intervenção do Arcebispo, que em suas Pastorais recomendou aos pais de família o sossego, devoção, saber e virtudes de alguns Carmelitas, que a esse tempo pregavam no Peru, as disputas não teriam derivação, calando-se os Franciscos em sua meia vingança, e os Jesuítas com medo de se comprometerem abertamente com o Prelado. Estavam neste estado aparente de calma, quando chegaram do Tucuman os dois filiados Lopo Bintano e Ayres Boldega com uma carta do Bispo, ou antes de seu Secretário Sancho de Stalla, para o Provincial João Atiensa; esta carta era pouco mais ou menos como se segue:

“ Pax Christi. Assim que esta chegar vossas mãos, e sem perder tempo em consultas de quaisquer interesses, fareis partir com os portadores desta, ou sós, como for de mais brevidade, aqueles irmãos que puder dispensar o trabalho de maior monta desses colégios e casas professas; de Roma chegou ontem uma ordem para o Bispo desta Diocese D. Francisco Victoria, e em cumprimento desta ordem ele vos escreve, de sorte que os que vierem, a seu chamado vêm, fazei-os certos disso. Escolhei para mandardes, que sejam perfeitos, ao menos que tenham as qualidades para isso; se os que vierem, não forem provados, venham menos, se provados, quantos puderem vir; aqui não há quem cultive a vinha do Senhor, e maus obreiros nada fazem: dai-vos pressa, que toda a diligência que puserdes nisto é pouca. Desta terra inculta, no dia 1º de Maio do ano 1584. – Minimus Societatis Jesu. - Sancho de Stalla.”

Esta carta vinha rarear a fileira dos combatentes, mas por outro lado era uma providência, pois que havia um motivo justificado de fazer sair da Província os três Jesuítas Affonso Barsena, Francisco Angelo e João Villegas, para que quando fosse possível aplicar um remédio violento ao mal que fazia à Associação a teima dos Franciscos, e a bondade dos Carmelitas, não pudessem tão facilmente atinar com a causa e origem; depois, mesmo que precisos fossem, outros não podiam ser dispensados, estes foram portanto os designados para acompanhar os portadores da missiva: aprestos foram poucos, que não tinham bagagem os cinco Jesuítas, e dois dias depois já eles estavam bem longe de la Ciudad de Los Reys, da indiática Rimac Malca, onde talvez não tornariam seus pés. O sol descaía rapidamente, e parecia meio submerso nas ondas calmas do Oceano; Francisco Angelo encostado à amurada do navio admirava o espetáculo sublime que tinha ante seus olhos; Barsena e Villegas conversavam entre si encostados à bitácula; de repente Angelo voltou-se para ver quem lhe tinha amigavelmente tocado no ombro:

- Conheceis vós o irmão Sancho de Stalla, secretário do Bispo de Tucuman? disseram os dois Jesuítas que conversavam, e que tinham vindo distrair com sua pergunta quem não pensava por certo em coisa terrenhas.

- Não, meus irmãos; disse Francisco Angelo com voz cheia de amargura, e quase repreensão.

- Nem sabeis mesmo em que ordem o temos na Companhia? perguntou Barsena.

A tempo que o Jesuíta abria a boca para responder negativamente, uma voz esganiçada cortou-lhe a palavra com estas:

- No devo hacer cuenta si mi superior es el mayor, o midiano, o el menor, mas tenir toda mi devocion a la obediencia, por estar em lugar de Dios nuestro Senor, porque a destinguir esto se pierde la fuerça de la obediencia.

Os dois voltaram-se às primeiras palavras altivos e arrogantes, mas foram pouco e pouco abaixando a cabeça, e depois que o insólito interruptor acabou, cada um tomou para seu lado com os braços cruzados sobre o peito, repetindo as mesmas palavras em modo de penitência; só ficou no lugar de Francisco Angelo quem por ele respondera aos dois sócios, - Ayres Boldega.

(continua)